IN ILLO TEMPORE

IN ILLO TEMPORE

DO AUCTOR

Os Meus Amores (contos e balladas). — 3ª. Edição muito augmentada. — Livraria Aillaud & Cⁱᵃ. — Paris-Lisboa. — 1901. — 1 vol. in-18º de 423 pag.

TRADUCÇÕES

Mis Amores (Cuentosy baladas), traducción de portugués por RAFAEL ALTAMIRA. — Ilustraciones de *Luis Sampedro*. — Barcelona. — Juan Gili, librero. — 223, Cortes, 223. — XDCCCXCIX. — Com uma « Advertencia preliminar » do traductor.

Mes Amours (Contes et ballades), traduction du portugais, par ALBERT SAVINE. — (Com prefacio do traductor). — No prélo.

TRINDADE COELHO

In illo Tempore

Estudantes, lentes e futricas

DESENHOS DE

ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES

LIVRARIA AILLAUD & C^{ia}

PARIS-LISBOA

1902

Como não chorará las memorias de *in illo tempore!*

CAMÕES — *Carta I.*

A

ALFREDO DA CUNHA

A FESTA DAS LATAS



COIMBRA

A FESTA DAS LATAS

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, andava lá tambem a estudar Direito um rapaz chamado Passaro. Elle não se chamava Passaro. *Passaro,* pozemos-lhe nós, porque além de ser alegre como um pintasilgo, e vivo como um pardal, — usava o cabello não sei de que modo, que parecia que lhe punha duas azas atraz das orelhas, e que a cabeça lhe ia a voar!

Elle não se zangava que lhe chamassem Passaro, e até gostava : — e como alcunha que se ponha em Coimbra, péga como se fôsse visgo, — desde o Camões que era lá em Coimbra o *Trinca-fortes,* até ao fallecido Alves da Fonseca, chamado o *Chato José do Cão,* por andar sempre com um cão atraz d'elle e ter um nariz muito chato, ou ao outro a quem por ter só *metade* do bigode pegaram a chamar *Gode,* e ainda a outro o *Sete Fallinhas,* por se desfazer em fifias quando fallava, — ninguem lhe chamava d'outra ma-

neira : — « Ó *Passaro,* isto ! » — « Ó *Passaro,* aquillo ! »

A pontos que o rapaz addicionou a alcunha ao appellido, como fizeram outros (o Pirré, por exemplo, a quem chamavam assim por ser pequenino e que passou depois a assignar-se *Pirrait*) ; — e não contente em addicionar a alcunha ao appellido, arranjou não sei que firma ao lado do nome, que era um passaro d'azas abertas — a levantar vôo!



Trajes da Universidade
Um lente de capello e borla

Para a troça, era o que se chamava um vivo demonio! Piada que elle atirasse a um pobre caloiro, fazia o effeito d'uma ventosa : repuxava logo á cara do triste quanto sangue tinha no corpo ! E como lhe não falhava nunca a inspiração, e tinha ôlho para adivinhar um *pelludo,* era o terror dos novatos e dos caloiros, e não havia ninguem que se batesse com elle — á Porta-Ferrea, nos Geraes, na rua ou em qualquer café !

Onde chegasse o *Passaro* era pois risota pegada ; e

como a graça d'elle era communicativa, e ateava á roda as gargalhadas de todos, novato que lhe cahisse deante ficava-lhe nas mãos em carne viva! Mas como era um *artista* na chalaça e muito bom rapaz, a chalaça nunca lhe sahia pesada, ao contrario do que se dava com outros; — e por isso todos lhe queriam bem, incluindo até as proprias *victimas!* Depois, era uma graça natural, essa graça do *Passaro,* e parece que lhe espirrava dos olhos, dos gestos, das feições, — e tinha uma voz que era um regalo ouvil-a! Só encavacou uma vez em toda a sua vida! Foi quando um novato que elle troçava, no meio d'uma roda que lhe fazia côro, lhe disse assim com a voz a tremer:

— « Ora ainda bem! Ao menos o senhor sempre tem graça! »

Entupiu e foi-se embora! Nunca lhe passára pela cabeça que tinha graça!

Nas assembleias geraes, então, fazia as delicias da Academia! Em vendo acalorada a discussão, d'aquellas discussões que se armavam no Theatro Academico, cheias de vento e de fogo de palha, ou mettia um áparte que fazia rir todo o mundo e entupia ás vezes o orador, ou pedia a palavra *para um requerimento.* E mesmo que não fôsse « para um requerimento », a ordem da inscripção alterava-se logo para elle ter a palavra — porque a Academia, em peso, erguia-se nos bicos dos pés:

— Falle o *Passaro!*

— Tem a palavra o *Passaro!*

— Caluda, que vae fallar o *Passaro!*

Na assembleia geral para se tratar do centenario de Pombal, lembro-me que pediu a palavra quando os estudantes de Theologia, acaudilhados pelo Silvano da *Ordem,* e de rixa velha, faziam á má cara obstruccionismo, para impedir a ideia de ir avante.

— Tem a palavra o sr. Pinto *Passaro!* — diz do palco o presidente.

Discurso do *Passaro:*

— « Eu é só para isto, sr. Presidente: para propôr um Padre-Nosso com uma Ave-Maria... por alma do Senhor Marquez de Pombal! »

Nas aulas era o demonio com elle! Bilhete que escrevesse, em prosa ou em verso, levando em cima o « *Passe* » do estylo, ou « *Leia e passe* », era uma cocega pelas bancadas; — e á tona das cabeças baixas, dos rapazes que se perdiam de riso, só afflorava então a cabeça do Passaro, muito serio, fitando o lente que preleccionava...

...Ora foi na aula do Chaves, nem mais nem menos, que o Passaro, rasgando uma folha em branco da Novissima Reforma Judiciaria, fez no 4º anno o programma das latas, o célebre programma das latas que é hoje rarissimo, e uma das peças classicas da bohemia de Coimbra, — tão afamado como o *Palito Metrico!* Apanhado, o programma foi impresso; e impresso, não houve ninguem que o não comprasse no dia seguinte á Porta-Ferrea, por um vintem, — pois

que de mais a mais tinha opportunidade : as aulas de Direito fechavam-se n'esse dia, e á noite, como era da tradição, a rapaziada tinha de sahir pelas ruas de Coimbra, — n'aquella extraordinaria inferneira chamada a *festa das latas,* em que cada um, incluindo os novatos que n'esse dia ficam *emancipados* e já podem sahir de noite sem protecção, arrasta atraz de si as latas que póde ir juntando durante o anno, ou as que comprou na « feira das latas » aos garotos, que vendem uma banheira velha por um pataco, e tres cantaros de « folha » por um vintem!

Essa é a tremenda noite de Coimbra, em que ninguem prega ôlho, — troça aos estudantes das outras faculdades, que ainda teem aulas no dia seguinte, — e que uma vez obrigou a fugir não sei que inglez *touriste,* que berrava, de mala na mão, a correr para o caminho de ferro :

— « Doidos! Doidos! Doidos varridos! »

Mas eis aqui o tal programma das latas, copiado do exemplar puído que ainda conservo, e que não daria por dinheiro nenhum :

AUX LATES, CITOYENS!

(EPISTOLA AD JURISTAS)

EU, D. CHINFRIM BANZÉ, *por graça da rapaziada amiga e de Sua Mágestade Imperial a Arruaça, Inspector da Troça, Chanceller-mór do Pagode, Cavalleiro professo da nobilissima ordem da Bolsa Vasia, Grã-Cruz da Piada-fina e do vinho do Pancada,*

Socio de merito e effectivo de varias associações de Prego e Dependura, tanto nacionaes como estrangeiras, condecorado com medalha de ouro das campanhas do Cannelão e Córte-de-Cabello, Admirador lamecha encartado do sopeirame da alta e Director syndico em chefe da patagruelica festividade das Latas, etc., etc., etc.

Considerando que deve ser para nós de supremo, supino e desenfreado jubilo o glorioso dia de 20 de Maio, consagrado a ser o fecho, o ponto final, da nossa ardua peregrinação atravez dos livros e dos Geraes, podendo alfim descançar no oasis suavissimo das ferias;

Considerando que para nós emmudeceram os sons horrisono-agudos da Cabra, essa furia metallica que a mão grifenha do demonio arrancou do mais profundo das profundas do inferno para nossa constante tortura;

Considerando que foi subjugada... por este anno, essa hydra de cem cabeças e 15 paginas, idolo querido do Pacheco (1), espectro implacavel que nos persegue, phylloxera que nos suga a saude e a bolsa com sangrias de sete tostões mensaes, — e que estamos emancipados da tutela dos massudos alfarrabios dos praxistas;

Considerando que na genése funicular-properica da humanidade e na evolução historico-calaica dos

(1) O Pacheco era um cego muito gordo, dono d'uma lithographia da Rua das Cozinhas, onde se imprimiam as *sebentas.*

tempos, esta festividade teve sempre da parte dos nossos antepassados, o preito respeitoso do barulho, enthusiasmo e camoecas — soberba trilogia que synthetisa todo o viver academico;

Considerando que o mirifico instrumento estridulo, o latophone, é o titulo irrefragavel do direito de precedencia de troça que segundo a mais apurada orientação moderna positiva pertence unicamente aos juristas que são, sem offensa, a flôr, a nata e a creme da juventude que suspira pelos louros viridentes de Minerva;

Considerando que deve ser elevado á dupla categoria de instituição social e de instrumento de supplicio, o citado invento, por ser o mais adequado meio de transmissão do gaudio juridico-juvenil ao tympano apopletico-febril dos que labutam eternamente agrilhoados ao X e ao polynomio, e dos que estudam as qualidades soporiferas, distillantes e causticas do chá de tilia e do sinapismo Rigollot;

Attendendo ao que me foi representado, e ouvido o Conselho Supremo, hei por bem determinar o seguinte :

Que no domingo 21 á noite, se reunam no Largo da Feira todas as corporações, altos dignitarios, o povo da Academia, admittido á solemnidade, ornados das respectivas insignias e vestidos a capricho pela tesoura magico-diamantina do Paixão (1) para formar o

(1) O Paixão era um alfaiate de bigode e pêra, muito regenerador, que havia na Rua Larga, perto da Universidade, e

prestito latophonico, que percorrerá as ruas do estylo, e que será organisado do seguinte theor, feitio, fórma e geito :

Abrirão a marcha quatro batedores, montados em jumentos ajaezados com luxo na fórma prescripta nas Ordenações do Reino; em seguida um arauto, empunhando uma bandeira vermelha, tendo no centro uma enorme esphera branca com o distico : « *ad majorem ponti gloriam.* »

E logo a philarmonica dos charameleiros e flautistas (1) da Academia, atroando os ares com a phantasia marcial estrepitosa, sobre motivos do Fado-corrido, do maestro Reinação.

Em segundo logar, uma bandeira negra coberta de crepes com a legenda :

> Ai adeus acabaram-se os dias
> Que ditoso vivi a teu lado...

guiando o carro allegorico da Sebenta, em figura de mulher desgrenhada e suja.

Um grupo orpheonico entoará o responsorio : *sic transit imperium Sebentarum !*

---

que embirrava de morte que lhe pedissem o *diamante :* — « O' Paixão dá cá o diamante! » Quando ouvia isto perdia a cabeça!

(1) Chamam-se *flautistas*, os estudantes que não são *ursos*. *Ursos* são os classificados — com *distincção*, *accessit*, *premio*, ou *partido*. O flautista passa nos actos *Nemine discrepante*, — e ainda com o seu R, isto é, *simpliciter*.

Em terceiro logar, os personagens reaes da Bohemia e da Pandega Pacata, cercados d'um troço de briosos, dedilhando maviosas guitarras, e, em seguida, o corpo cerrado, compacto, dos alabardeiros de Sua Magestade Imperial a Arruaça, sobraçando mócas e arrastando latophones monumentaes, atroadores.

Em quarto logar, o carro symbolico da Cábula, vestida de escarlate, fazendo figas ao Estudo e á Applicação em fórma de esqueletos mirrados; no primeiro plano, á direita, as figuras graves, meditativas, carrancudas do Codigo Civil, do Processo, da Novissima Reforma, algemados e guardados á vista por um grupo de caceteiros; e no segundo plano, á esquerda, chorando o seu vergonhoso ostracismo, os vultos legendarios de Correia Telles, Pêgas e Lobão, empunhando poeirentos in-folios.

O prestito será esclarecido pela luz candente-resinosa dos archotes; nas arcadas atmosphericas reboarão gritos sediciosos, vermelhos — VIVA O PONTO! — ABAIXO OS LIVROS! — e na lucidez estrellada do azul ceruleo-indefinido curvetearão em danças macabras, doidas, os arabescos luminosos dos foguetes (estylo fino).

O prestito, depois de serpentear pelas ruas da cidade, bem como quando uma descommunal bicha solitaria, reverterá ao ponto de partida e dispersará ao rufar de vibrantes tambores, flautas e oboés.

Por essa occasião subirá ás regiões da lua um balão de bojo hydropico, tendo em caracteres graúdos o distico — SIC ITUR AD FERIAS!

Determino, por ultimo, que seja obrigatoria a carraspana e que fique revogada a legislação em contrario.

Pelo que, mando a todos os Juristas que est virem, que tenham entendido e queiram executar tão inteiramente como n'elle se conteem as disposições d'este pseudo-humoristico programma, sob pena de serem havidos, para todos os effeitos, réus confessos de semsaboria e mau gosto.

Dada no Olympo, na vespera do glorioso dia 21 de Maio do anno 1882.

Logar do sello grande das armas latoidaceas. — D. Chinfrim-Banzé — *(com rubrica e guarda)* (1).

---

(1) Inteiramente gizado nos mesmos moldes, este programma que tambem tem graça:

AOS JURISTAS

IRMÃOS DA CONFRARIA DAS LATADAS

A respeito da procissão das Latas no dia 27 de Maio de 1887

Eu Estrondo Algazarra Borracheira,
Com grau de *bacharel* na « Bella Orgia »
Mestre da philarmonica « Zé-P'reira »
Lente effectivo de cabulogia,
E *Reitor* da irmandade das Latadas : —
— P'ra maior esplendor da procissão
Mando que este anno sejam observadas
As regras que em seguida escriptas vão :

Em primeiro logar a Academia
Ceará mais cedinho n'este dia.

De modo que na Feira ás nove em ponto
Tudo esteja disposto, armado e prompto.

Quando houver *povileu* sufficiente
Parte o prestito logo em-continente.

As ruas que percorre no trajecto
Vão em prosa no fundo do prospecto.

E tudo muito serio, sem desordem,
Ha-de então desfilar por esta ordem:

— Vae na frente, com certo intervallo,
O gran'Jayme (1) montado n'um cavallo,

E uma audaz guarnição pretoriana
Com broqueis de cortiça e armas de cana.

Depois alguns irmãos com barretinas
Vão tocando canudos e buzinas.

Em seguida haverá, de papelão
Um 'standarte com certa inscripção.

Dos lados marcharão os guarda-costas
Com as mócas direitas e bem postas.

(Se appar'cer pela rua algum *caloiro*
Cortar-lhe-hão o gentil cabello loiro).

Vae um pallio depois, de lençóes feito,
Levado por pessoas de respeito;

(1) Era o Jayme guitarrista, um de Niza, que tocava guitarra na perfeição.

E debaixo um ratão de mitra e becca
Empunhando com geito uma caneca.

O regio prégador do primeiro anno
Vae prégando um sermão a S. Magâno :

Leva ao lado o Chaguitas (1) ou o Fogaça (2)
A tocar-lhe ao ouvido uma cabaça.

Vão tambem com o traje dos anginhos
Os novatos mais bellos e tenrinhos.

Um conduz uma táboa velha ao peito
Como emblema das aulas de Direito.

Mais atraz como symb'lo da *sebenta*
Leva um outro uma chave ferrugenta.

P'ra levar a tesoura do Paixão (3)
Vae um anjo maior : vae o Simão.

O *Papá* e a *Mamã*, muito abraçados,
Vão fallando dos *seus* amor's passados.

— Segue então toda a musica *Zé-P'reira*
Disposta tal e qual d'esta maneira :

Um musico no centro a tocar bombo
C'uma c'roa e um manto regio ao lombo.

Em redor mais alguns de capacetes
Com tambor's, cornetins e clarinetes.

---

(1) Mario Pinheiro Chagas, agora advogado em Lisboa.
(2) Antonio Fogaça, o poeta das *Orações do Amor*, que falleceu sendo estudante...
(3) O célebre alfaiate da rua Larga, regenerador, de bigode e pêra e grande fallador..

(Tambem n'este logar tem cabimento
O chocalho ou qualquer outro instrumento.)

Outros d'opas ou habitos de frades
Com matracas de varias qualidades.

E da musica para complemento
Vae de latas no couce um regimento.

Itinerario — Feira dos Estudantes, rua dos Penedos, Castello, ruas da Trindade, S. João, das Covas, Correio, Portagem, Calçada, Sophia, Terreiro da Herva, ruas Direita, da Louça, dos Sapateiros, Praça Velha, Arco d'Almedina, ruas das Fangas, Correio, dos Coutinhos, da Esperança, Couraça dos Apostolos, Bêcco das Flôres, Rua da Mathematica e Feira dos Estudantes.

O Reitor — *Estrondo Algazarra Borracheira.*



Tesoira de es[illegible]onar — Colhér-palmatoria — Barretina

RESURREXIT NON EST HIC!



COIMBRA — PONTE E CONVENTOS DE S. FRANCISCO E Sta CLARA

RESURREXIT NON EST HIC!

In illo tempore — no tempo em que João de Deus andava em Coimbra, havia na Lusa-Athenas, que é terra de mulheres bonitas, duas senhoras muito formosas, que eram irmãs, — uma chamada Rachel e a outra Candida. A Rachel, principalmente, diz que era uma divindade; e a mocidade da Academia, sobretudo os poetas, bebiam os ares por ella! Não era branca nem morena: tinha uma côr de bronze, de uma suavidade encantadora, nariz grego, e então uns olhos extraordinarios, avelludados, muito brilhantes e pestanudos, que eram a perdição da rapaziada! Os pretendentes eram assim — aos cardumes... E cabeça de rapaz sobre a qual esses olhos admiraveis pousassem por um instante, mesmo casualmente, era cabeça perdida; porque entrava logo de andar á roda, como se fôsse uma ventoínha, e o menos que lhe aconteoia era rebentar n'uma catadupa de versos — que nem sempre, diga-se a verdade, eram condignos da inspiradora...

Ora o João de Deus pertencia á ala dos namorados d'essa divindade, se bem que nunca lhe fallasse; e tanto que a magestosa Rachel ficou sendo para elle uma especie de Musa, como para o Camões a Catharina, para o Dante a Beatriz, a Laura para o Petrarcha, para Miguel Angelo Victoria Colonna, etc., etc. Fez-lhe muitos versos, e aquella poesia A VIDA que a não ha mais linda em todo o mundo; e fez-lhe depois, quando ella morreu, aquella elegia que tem o seu nome — RACHEL — uma das melhores coisas que o genio humano tem produzido, e que João de Deus, por signal, improvisou n'uma toirada, alheio, vário, absorto, estranho ao mais formidavel chinfrim que se tem desencadeado n'uma praça de toiros! Soubera a noticia da morte quando ia para lá; chegou e amodorrou-se a um canto: e quando se deu fé que a praça de toiros tinha desabado, revolvida, debaixo para cima, pelo furacão da rapaziada, foi dar com elle o João Vilhena, o seu fiel Achates, no mesmo logar onde o deixára, e que por milagre tinha escapado! Pegou-lhe por um braço e levou-o d'alli, como se estivesse doido ou a dormir...



Trajes da Universidade
O Secretario

— Anda, João! Vamos...

Não vira nada; não ouvira coisa nenhuma; desabára a praça e elle a sonhar! Mas depois, chegado a casa, dictou d'um jacto a soberba elegia, que o João Vilhena, absorto deante de tal maravilha, escreveu sem o perturbar, com os olhos vidrados de lagrimas...

Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, lirio esquecido
Do orvalho do céo!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher, sou irmão teu.
. . . .

Até ao fim!

Ora mas até me parece que foi por causa d'essa mulher, da sublime e divina Rachel, que João de Deus nunca atremou com a vida de Coimbra, levando a formar-se dez annos, — « tantos quantos durou o cerco de Troya », como elle dizia!

Segundo a melhor versão, que era ainda a d'elle, João de Deus chegou de Messines a Coimbra em Março de 1849. Não levava exame nenhum, porque só tinha aprendido Latim com um padre do Algarve, e não sabia mais nada! Mas passado um mez, eil-o que faz no lyceu de Coimbra o seu exame de instrucção primaria onde lhe perguntaram o Padre-Nosso, e na primeira epocha de exames, não está lá com meias medidas: — faz d'uma assentada os preparatorios todos, e em Outubro entra para a Universidade

— Tu que andas aqui a fazer, ó João? — perguntou-lhe o rapaz. — Perdeste alguma coisa?

— Perdi o anno. Ando a vêr se o encontro — respondeu-lhe o João.

O outro offereceu-se :

— Homem, se tu queres eu digo a meu tio que te abone as faltas, quando se reunir a congregação!

— Como queiras. O anno foi o que sabes. O Rodrigo (era o Rodrigo da Fonseca, então ministro do reino) até mandou dizer para a Universidade que não apertassem nos actos este anno, — e eu assim talvez passasse! Mas o diabo são as faltas!

— Deixa! Eu fallo a meu tio.

Mas as coisas complicaram-se! Aquelle visconde, que regia Direito Commercial, não exigia dos rapazes grande applicação, mas queria-os muito sérios dentro da aula, ou ao menos que fingissem de serios...

Por desgraça, um dos discipulos do visconde, um Folhadella do Porto, era um cábula como não havia segundo! Não estudava palavra, nem estava com ceremonias : entrava com o bedel quando o bedel ia marcar as faltas, e sahia logo atraz do bedel! Isto todos os dias, infallivelmente, sem falhar um! O visconde fazia vista grossa; mas lá por dentro, azoava com a historia, e tinha-a ferrada de não deixar ir o rapaz a acto, no fim do anno!

Chega-se, pois, o dia da congregação, e começa-se a discutir no douto synhedrio se o Folhadella havia-de ir a acto ou não havia-de ir.

Diz o visconde :

— Não vae ! Esse estudante não tem frequencia na minha aula !

Objecção do dr. Ruas, que protegia o rapaz :

— Isso, collega, não quer dizer nada ! Póde o rapaz fazer bom acto !

Mas o visconde, na sua :

— Não vae ! Voto contra !

E votou contra, — e o Folhadella ficou excluido.

Mas chega-se á vez do João de Deus...

— Esse estudante — acudiu logo o visconde — tem 43 faltas, é verdade, mas é intelligente e ha-de fazer bom acto.

Voz do Ruas, que estava picado :

— Opponho-me! Quarenta e tres faltas : perdeu o anno !

— Mas... — ia a insistir o visconde.

— Não ha *mas* nem meio *mas !* — objectou o outro

muito casmurro. — Quarenta e tres faltas : perdeu o anno !

E prompto ! Lá perdeu o anno o João de Deus, por causa do teimoso do Ruas ! (1) Mas embezerrou e

(1) Este Ruas é o mesmo a quem o João Lobo de Moura fez esta quadra :

No cerebro de mestre Ruas
Nem sombra de ideia medra :
Não é, porém, de admirar
Pois que as *ruas* são de pedra!

E o João de Deus, esse alludiu a elle nos seguintes versos, feitos contra um lente chamado D. Frederico que tinha a mania de não dar feriados, ainda que lh'os pedissem, para não soffrer descontos nos vencimentos : — (cada feriado, 16 tostões !)

O nosso Ruas
Inda não é tão roaz como parece,
Porque se compadece
Cá da rapaziada postulante;
Mas o tratante
Do Frederico
Quer só feder de rico
Juntando aos 16 tostões, aos trinta,
Inda que nos engane, inda que minta!

E a outro lente, o Nuno, que se poz a provar uma vez a existencia de Deus, tambem o João fez esta quadra :

Ora a provar que ha Deus, Nuno, isso é teima !
Pois ha alguma ovelha no rebanho
Que não saiba que só a mão suprema
Creava um animal d'esse tamanho !

Ainda o outro lente, o dr. Hora, que ficou muito atrapalhado, elle e a sua pouca sciencia, com um edital ou ordem da

não foi para Messines! Embrulhado no balandrau, deixou-se ficar por Coimbra durante as férias, á matroca.

...Até que no fim das férias, eil-o outra vez na Universidade, repetindo o 4º anno, e em junho seguinte deram-lhe o grau!

— *Quid petis?*

— *Gradum bachalauri.*

E lá trepou o João de Deus ao pulpito da presidencia, ajoelhou-se, poz as mãos, e o doutor de capello — que era o Ruas! — encaixou-lhe a borla pela cabeça abaixo, dizendo-lhe como é da praxe:

— *Auctoritate qua fungor, ego confero tibi gradum*

Reitoria, que obrigava os lentes a preleccionar uma hora, quando elle, coitado, só tinha corda para meia, e era fraco tambem do corpo; mas que metteu os pés pelas mãos para explicar aos rapazes que não obstante a ordem do Reitor continuaria a preleccionar só meia hora, e depois chamaria á lição, e depois preleccionaria outra meia hora, — a esse fez João de Deus os seguintes versos, commentando a *arenga* do homem:

Diz que é fraco e que só ora
Como outr' ora, meia hora?!
Hom' essa! essa agora!
Elle não diz que só ora
Meia hora;
O que elle diz é que ora
Como outr' ora, meia hora,
Depois chama, depois ora
Meia hora, e faz uma hora

bachalauri, in nomine Patris, et Filii et Spiritus-Sancti. Amen.

E o João de Deus, de cabeção de padre á roda do pescoço, calção e meias pretas debaixo da capa e batina esfrangalhadas :

— *Deinde restat mihi agere gratias per tot tantisque beneficiis erga me colactis...* — ou como quem diz : « muito obrigado por tantos favores ! »

Bem ! Mas estava emfim bacharel o João de Deus ! Ora quem chegava a bacharel tambem se formava : mas este argumento, que para outro qualquer seria decisivo para o fazer andar para deante mais um anno, a elle deu-lhe para o contrario !

— Agora, meu pae, é que é tolice voltar para Coimbra ! Cá estou eu bacharel, e se me não fórmo é porque não quero, e ninguem dirá que é porque não posso !

O pae ainda lhe objectou :

— Pois agora é que é, homem ! Por mais um anno não te vale a pena não ter as cartas !

Ora, as cartas ! Mettia-lhe nojo isso das cartas ! Para que diabo queria elle isso ? — Ora ! (1)

(1) Do proprio capello, e dos *doutores de capello,* fazia elle o seguinte juizo :

E sem mais quê nem p'ra quê, deixa-se ficar em casa... — quatro annos!

O pae já lhe não vinha com a cantiga: — « Então, João, isto não te aborrece? » Deixava-o!

Mas uma irmã que tinha e que inda é viva, essa é que taes escarceus armava lá em casa, que o pobre João, corrido, pegou em si e abalou para Coimbra!

Mas para se formar?! Isso sim! Para tudo, menos para isso! E assim o disse, logo que chegou a Coimbra, ao seu intimo Manuel Vianna:

— Eu formar-me, ó Manuel? Deus me livre!

Mas o Manuel Vianna larga-lhe esta:

Toca a capello, vou vêl-o
E vejo de toda a côr
Não doutores de capello,
Mas capellos de doutor.

As côres dos capellos são estas: — *branco*, Theologia; *vermelho*, Direito; *amarello*, Medicina; *azul*, Philosophia; e *azul-e-branco*, Mathematica. D'antes ainda havia o capello *verde*, que era da faculdade de canones (Direito Canonico); e isto faz-me lembrar aquelle livro de um classificado, sahido ha pouco, que tratando exclusivamente da *Emphyteuse*, e portanto do *fôro* ou *canon*, que é prestação que o foreiro paga ao senhorio, diz assim a pag. 75, nota: — « Era tal a importancia do estudo do Direito Emphyteutico outr' ora, que na nossa Universidade existiu por muito tempo a faculdade chamada de « *Canones* ».

Parece inventado, mas é o que lá está!

— Pois, amigo, se te fórmas, fórmo-me! Se te não fórmas, não me fórmo tambem!

— O quê?! — perguntou-lhe aterrado o João de Deus.

E o outro, seccamente;

— Isto!

— Bem, pois então arranja lá *isso!*

Isso era a matricula! Matriculou-se o Manuel Vianna, e matriculou tambem o João de Deus, — e eil-o alfim no 5º anno!

Mas estudar é que nem palavra, e os lentes bem o sabiam, porque o não chamavam! Uma vez o Barjona, que regia *Direito Penal*, ainda lhe disse á porta da aula:

— Ó João, vê lá quando queres que te chame...

— Deixa! Eu te direi (Tinham sido condiscipulos).

Mas como nunca lh'o disse, nunca o chamou!

Até que *post tot tantosque labores,* o João de Deus viu-se um dia bacharel-formado — como eu e como toda a gente!

Era no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e cincoenta e nove!

Optimo! Mas agora é que vem a historia! Em certo anno, morava o João de Deus na Couraça dos Apostolos, com o João Vilhena que andava em Direito, um Correia, theologo do Alemtejo, grande bebedor que já morreu, e uma criada velha e viuva, a Jacintha, a quem chamavam, por ser muito viva e desembaraçada — *Madame Electricidade* (1).

Ora defronte do João de Deus, á entrada do Bêcco das Flôres (2), onde todas as manhãs appareciam no

(1) D'esta *republica* do João de Deus fazia tambem parte um brazileiro chamado Olinta, que era p'los modos um grande bohemio, que tudo o que tinha mettia-o no *prégo,* fôsse por que dinheiro fôsse! Foi a este Olinta que João de Deus fez o seguinte soneto, que parece do Bocage!

— Baldo ao naipe o novato Lucio Olinta
Bem quer matricular-se, mas que monta?
Se aquella bola de cabeça tonta
Em estando ao jogo está na sua quinta!

— « Raspe-me essas palhetas, vá, Jacintha,
(Diz elle á moça). Veja se se apromptа,
E empenhe o que ahi ha. Lance-lhe a conta :
Metade do valor, e o juro a trinta. »

Jacintha leva a trouxa a uma alma santa...
Expõe-lhe o caso... E como quem se esquenta
Responde-lhe o agiota : — « Enrole a manta,

Não me convém a menos de sessenta.
É isto que lhe digo, e se se espanta
Faça-lhe a conta bem : perco quarenta. »

(2) Este Bêcco das Flôres faz-me lembrar agora uma alcunha que o José Maria Rodrigues, hoje lente de Theologia e reitor do lyceu de Lisboa, poz a um rapaz do Minho chamado Souza,

chão *boninas* novas, como chamava o Camillo a certas indecencias que por alli se faziam, — morava então o Sanches da Gama, que era ainda estudante. Era já o *bon vivant* que sempre foi : beiço sensual, ventre que tinha suas parecenças com o de Falstaff, um namorador de primeira ordem, e um comedor então de primeirissima! Poetava. Foi elle que fez a lettra para o *Hymno Academico,* em competencia briosa com outro estudante, um Zuzarte, cuja lettra foi regeitada pelo auctor da musica, o célebre Medeiros que toda a vida se matriculou no 2º anno por gostar muito da capa e batina e não se dar mal com a Chimica, tendo inventado tambem, nas Mathematicas, uma trisecção do angulo muito patusca! O Me-

---

muito cascudo, que tem agora *açougue* nos Arcos, porque os dos Arcos chamam « açougue » ao escriptorio dos advogados, e o Souza formou-se em Direito, e é agora advogado nos Arcos.

Morava o minhoto no Bêcco das Flôres, ainda era caloiro; e depois de jantar, todas as tardes, costumava apparecer pela *republica* do José Maria Rodrigues, que era então na rua da Mathematica; e o José Maria, que por dizer alguma coisa lhe perguntava sempre : « Então? que ha de novo lá pelo Bêcco? » — entrou a notar que a pergunta afinava o caloiro, porque o caloiro envergonhava-se de morar n'um Bêcco, e queria por força que dissessem *Rua!* Não foi preciso mais nada : o José Maria nunca mais lhe tornou a chamar senão *Zé do Bêcco,* e atraz d'elle os outros todos, — e a alcunha pegou!

Ainda me lembro que uma vez, foi dar á *republica* do José Maria, por engano, um queijo muito bom que era para o dr. Eduardo Nunes, ao tempo lente de Theologia e agora arcebispo de Evora; e que o queijo, condemnado a ser comido por se ter ido metter n'uma casa alheia, foi saboreado tambem pelo Zé do Bêcco — mas este *debaixo de um chapeu de chuva!*

O José Maria tivera artes de convencer o caloiro de que o queijo, *para saber bem* — (principalmente um queijo d'aquelles!) — era assim que se devia comer, — como se fôsse na rua e chovesse a potes:

deiros, que tocava rabeca na perfeição, preferiu a lettra do Sanches da Gama, por parte de cunhados que já então eram; — mas depois, era de ouvir o Zuzarte, muito caustico, dizer a todos que não entendia *aquillo :*

— Vejam vocês :

Do trabalho sedento na lide
Doce esp'rança nos vem afagar

E commentava :

— Que diabo quer dizer *sedento?!* — E virava a pergunta pelo fôrro : *Sedento,* que diabo quer dizer?!

E embirrava tambem com o segundo verso, por o Sanches lhe ter comido um *e* na palavra *esperança,* acrescentando que lhe não comêra todas as lettras — porque em summa esperanças eram esperanças, e só chouriços realidades!

No mais da lettra desfazia tambem o Zuzarte, muito picado!

Poetava, pois, tambem, o Sanches da Gama; e mettera-se-lhe na cabeça, porque poetava, render pelos productos do estro a beldade da divina Rachel! Era a inspiradora d'aquelle Falstaff, essa mulher etherea! Das relações da familia, ia muito lá a casa, o Sanches da Gama, principalmente ás vesperas de feriado. Mas gostava, para as intermittencias, de arranjar o seu pé de por lá apparecer um dia por outro. Arranjou-

lhe um album, por conseguinte; e offerecido o album á formosa Rachel, eil-o de porta em porta a colher da academia lettrada — versos, musica, desenhos, qualquer coisa; e cada coisa que arranjava, eram duas visitas : uma quando ia levar o album, outra quando ia outra vez por elle para o levar a outros!

Estava como queria!...

Até que deixou o album, uma vez, em casa do João de Deus, para o João de Deus escrever n'elle tambem! Mas como o João não era para pressas, e o Sanches queria aquelle *pé* para ir vêr a Rachel, não se passava uma hora que se lhe não pozesse a gritar lá da janella :

— Ó João?! então esse album?!

— Deixa! — dizia-lhe o João de Deus.

Mas o outro é que o não deixava, — e dia e noite era a mesma perlenda :

— Ó João! Então vem o album, ou não vem?!

Até que tanto moeu, tanto massou, que o João de Deus disse-lhe uma vez :

— Olha! Vem por elle!

Foi logo, de tres escanchadas!

— Mas isto não está acabado! exclamou o San-

ches, mirando no album o esboço d'um Christo. — Está bonito, mas falta acabál-o!

— *A cavallo* o Christo! — calemburisou o João de Deus admirado de que o outro não percebesse que era de um esboço que se tratava, e de mais nada... — Leva-o, anda! Isso que ahi está é o que é!

Mas passados dias, usufruido em tres ou quatro visitas á linda Rachel o esboço do Christo morto, eis que o Sanches da Gama volta com o album ao João de Deus, e depõe-lh'o em cima da cama :

— É p'ra o acabares, ó João! Aqui te fica! Mas vê lá agora se ainda o demoras...

— Não! Deixa.

Mas ainda o Sanches da Gama não tinha atravessado a rua, já o João de Deus o chamava de cima :

— Ouves? Pódes vir, que está prompto.

— Prompto o quê?!

— O desenho. Então que ha-de ser?!

Atravessa outra vez a rua o Sanches da Gama, sobe as escadas do João de Deus, e entra-lhe no quarto.

— Toma; leva!

Abre o album na folha do desenho o Sanches da

Gama, e fica attonito! Em vez do esboço do Christo, que o João de Deus apagára com uma borracha, leu o seguinte ao fundo da pagina, — e que é a legenda do santo sepulcro, que diz que o Christo já não está alli... *porque resuscitou :*

RESURREXIT NON EST HIC



O SARAIVA DAS FORÇAS



COIMBRA — ESTRADA DA BEIRA

O SARAIVA DAS FORÇAS

In illo tempore — no tempo em que eu fui para Coimbra, andava já lá a estudar Direito, ou pelo menos a frequentál-o, um rapaz do Minho chamado Saraiva, que era uma verdadeira celebridade! O Saraiva era mostrado aos novatos como se fôsse um phenomeno, ou algum ente sobrenatural:

— Olha! Lá vae o Saraiva!

— Que Saraiva?!...

— Um que tem muita força! O estudante de mais força que anda em Coimbra!

— Oh!!!

E vinham logo as façanhas umas atraz das outras, e já o demonio do Saraiva cheirava a lenda, como o Hercules da Mythologia!

De mais a mais, como passava o tempo a inventar pirraças, e, depois de as inventar, a pôl-as em practica, no fim do anno tinha já o costume de ficar reprovado, ou então de não ir a acto; e por isso nem elle se lembrava já — tão longe isso ia! — de quando tinha entrado para a Universidade!



Trajes da Universidade
O guarda-mór

Andava ainda no 1º anno, mas era como se andasse no 4º ou no 5º, porque já protegia! Ao lado d'elle ou adeante d'elle, os novatos entravam a Porta-Ferrea tão seguros e afoitos como se levassem na cabeça a pasta d'um quintannista; e nas vesperas de feriado, de noite, protegia-os aos 5 e aos 6 ao mesmo tempo, e não havia *troupe* que o desacatasse!

— Estão protegidos! — dizia Saraiva intrepidamente.

E lá passava com a caravana pelo meio da *troupe*, como um leão que mettesse um rebanho por uma alcateia, de proposito para arreliar os lobos!

Como tinha muito d'estas generosidades, era querido de todos; e não constava, afinal, que lhe désse a valentia para peores façanhas, — nem em Braga, onde levára os preparatorios á má cara, e passára já por valentão, nem em Coimbra!

De mais a mais, não alardeava forças nem contava proezas; e até quando se mettia a proteger sem lhe competir, fazia-o porque se suppunha com *auctoridade,* e não por ostentação. Lá o andar no 1º anno não o impedia de ter já no 2º, regendo cadeira como lentes, sujeitos que haviam sido no 1º seus condiscipulos, — e isso, entendia elle, alguns fóros lhe havia-de dar!

E se lh'os não dava, tomava-os elle!!

Além d'isso, era muito alegre. Ás vezes estava a gente em casa a estudar, alta noite, e de repente, quando menos se esperava, sentia na rua uma gargalhada, como se fôsse um gallo a cucuritar! Era o Saraiva que andava a fazer das suas, e que rematava alguma pirraça com essas casquinadas em falsete, muito agudas, que eram só d'elle e de mais ninguem!

Como além de valente era muito agil, saltava d'um pulo á altura d'uma janella, fincava uma das mãos no parapeito, aguentava-se a peso muito firme, e com a outra abria a vidraça; — depois, trepava e escoava-se lá para dentro, muito subtil, e d'ahi a bocado lá surdia outra vez á porta da rua, trazendo debaixo do braço, como os outros os livros da aula, algum tonél cheio de vinho, e nas mãos, se calhava, o que topava na despensa: — presuntos, a meada dos chouriços, o

restea d'alhos e de cebolas, e ás vezes, se os de casa andavam por fóra, o bragal e a roupa das camas!

Uma vez deu-lhe na cabeça para levar da rua da Trindade, onde eu morava, quanto calçado apanhou á mão ás portas dos quartos, p'la madrugada; e encanastrada a *sapataria,* foi-se com aquillo tudo para a Rua Larga, a formar em quadrado, á roda do monumento a Camões, o seu grande regimento de *solipedes,* como elle dizia, — commandado, heroicamente, por um par de botas á Frederico, armado das competentes esporas!

Pela manhã, está claro, cada um teve de ir descalço á Rua Larga, p'lo calçado que lhe pertencia! Mas como estava tudo fóra da ordem, uma bota aqui, outra em cascos de rolha, aqui um sapato e outro não se sabia aonde, o Saraiva, que morava perto, não despegava de buzinar da varanda n'uma trompa de caça, arremedando a trombeta final, e fazendo, como elle dizia, — *o ensaio geral do dia de juizo!*

Outra vez, na sala de bilhar do Club Academico fallavam os rapazes de valentias, e o Saraiva não dizia palavra... Senão quando, os dois que jogavam no bilhar *monstro,* um bilharão que lá havia do tamanho d'uma fragata, começaram, por desfastio, a debicar com elle: — « que qualquer dos Punas (dois pretalhões muito valentes que lá havia, filhos d'um régulo, o João e o Vicente) o amarfanhava só com um sopapo! »

O Saraiva largou uma risadinha das suas, e encolheu os hombros.

— Não?! — desafiavam-no os dois. — Pois aposta-se!

— Aposta-se o quê! — fez o Saraiva com desprezo. — E emquanto o diabo esfrega um ôlho, mette-se de joelhos debaixo do bilhar; levanta-o a peso com o costado; equilibra-o; e diz lá de baixo com toda a frescata:

— Joguem, seus grandes asnos!

Mas outra vez estava tambem no Club Academico, quando se ouve na rua o estrupido de dois cavallos, que pararam de repente defronte da porta.

— Ó Saraiva! — gritam ao mesmo tempo os dois cavalleiros, um dos quaes era o *Cara-Fatal,* um caloirão como umas casas, com grandes prosapias de valentão, e que de um coice que apanhára em pequeno tinha na cara um costurão enorme que lh'a arregoava d'alto a baixo, — e o outro um rapaz tambem pimpão, chamado Louza, que era repetente de Mathematica.

Correram uns poucos ás janellas do Club.

— O Saraiva! — desafiaram elles. — Se está ahi que salte p'ra cá!

Foi logo uma ovação estrondosa, — e correram uns poucos a chamar o Saraiva, e a perguntar-lhe se não acceitava o repto.

Chega o Saraiva á janella com toda a frescata, e diz assim a rir-se para os dois:

— Olhae que se lá vou, vocês amargam-nas...

Apuparam-no! — « Que se queria alguma coisa, que sahisse! — Era agora! »

O Saraiva ainda se riu mais.

— Ai os diabos! Mas vocês fallam serio, ou isso é a brincar?

— A serio! — gritaram os dois do meio da rua. — Cá fóra é que se tiram as chibanças!

— Ai é?! Então esperem lá vocês!

Mas palavras não eram ditas, como se lhe afuzilasse dos olhos algum corisco, e o corisco espantasse n'um repente os dois cavallos — ah, pernas! — largam ambos n'uma carreira desapoderada, e tomam para os lados da rua dos Estudos; da rua dos Estudos sobre o Museu; do Museu, á esquerda, por alli abaixo, — nem os dois sabiam p'ra onde!

Dá a fugir detraz d'elles o Saraiva; prevê-lhes o itinerario; corta por atalhos para lhes sahir á frente; e ao fundo da Couraça dos Apostolos, ao pé do Arco do Collegio Novo, agarra pelo freio o cavallo do Louza; prega com o rapaz no meio do chão; d'um pulo salta para o selim: e mais veloz do que um pampa, larga a correr no encalço do outro que tomára para os lados da Baixa! Corta a Baixa como um relampago, e quando lobriga o *Cara-Fatal,* já o vê a atravessar a ponte, mais rapido do que uma lebre...

— Ah! cão!

Entesta para esse lado cada vez mais rapido, e como o *Cara-Fatal,* passado o Mondego, lhe tomasse á direita sobre o Almégue, vae-lhe no encalço como se fôra um galgo, e ás duas por tres — zás! — fila pelo rabo o cavallo do outro, que já não ha esporas que o façam voar, e presto, sem se desmontar, agarra pela gola o *Cara-Fatal,* e cosendo ao d'elle o seu cavallo, e tomando-lhes as redeas d'um safanão, saca da tesoira de pontas aguçadas, e alli mesmo, á luz do sol, deante do panorama attonito de Coimbra — *zec! zec! zec!* — rapa, de tres tesoiradas, o cabello ao *Cara-Fatal!*

Ora com uma pertinacia d'estas, o Saraiva está de vêr que sempre se formou, e tomava até capello se quizesse! Mas não quiz. Formado, foi para a terra, advogar. E uma vez que eu viajava no Minho, vi á beira d'uma estrada, sobre milharaes espigados, um poste com uma taboleta, e na taboleta este letreiro — com uma mãozinha a apontar para o norte:

AQUI ADVOGA-SE

Explicou-me o cocheiro, que além atraz d'uns cómoros ficava o escriptorio do « sr. dr. Saraiva » — advogado!

— E elle ganha as questões? — perguntei eu.

— Todas! As partes contrarias tomam-lhe medo!

Ora mas o caso que tenho para contar ainda é outro, e foi tambem em Coimbra, n'uma festa da Rainha Santa. Para vêr melhor a procissão, o Saraiva entendeu por bem trepar para cima d'um carro, e pôr-se de pé no tejadilho, a um canto do largo de Sansão; — como via tudo muito bem, lobrigou um typo qualquer, meio laponio, que estava em baixo de chapeu na cabeça.

— Pschiu! Ó seu lapão! Tire lá o penante d'esse toutiço! — ordenou-lhe o Saraiva de cima do carro.

O outro foi como se não ouvisse, e torna o Saraiva do tejadilho:

— Já lhe disse que tire o chapeu, ó seu urso!

Mas o *urso* respondeu-lhe torto, e carregou mais o penante pela cabeça abaixo.

— Ai sim?! — diz-lhe o Saraiva. — Pois então logo fallaremos!

Mas o tal, que era repontão, poz os braços em aza e desafiou-o — de chapeu ás tres pancadas:

— É já, se quer!

O Saraiva não se fez rogado. Desceu-se com muito bons modos e do seu vagar; chegou-se ao patègo muito pausado; e disse-lhe assim:

— Vá lá adeante. E escolha o sitio.

O patêgo foi o que quiz ouvir. Abre caminho pelo povileu; toma apressado por umas ruelas esconsas; e o Saraiva, sempre muito serio, lá vae atraz do laponio. Mas já aborrecido da caminhada, eis que depara com um policia não sei aonde, e segurando o patêgo por um braço, a pontos que lhe cahiu de joelhos, vira-se para o policia e diz-lhe assim, já o patêgo estando de mãos postas:

— Olhe este urso, ó 33! Mas leve-m'o lá p'r' o Chelindró, ande, que quer por força que lhe parta a cara!

Outra vez, na aula do Pitta, já no quinto anno, foi chamado á lição e estava em branco! Tratava-se dos deveres dos Parochos, em Direito Ecclesiastico Portuguez; e porque não sabia nem patavina, desata n'uma grande berrata contra os padres do Minho — dizendo que tinham todos amazias!

O Pitta, que tambem era padre, começou a doer-se com a descomponenda; e como o Saraiva tinha um irmão que era abbade no Minho, interrompe-o para lhe lembrar o irmão — « que era um sacerdote muito exemplar (diz o Pitta) como elle, Saraiva, devia saber... »

Réplica do Saraiva, que tinha medo de se vêr obrigado a « entrar na materia », e não queria largar o « nariz de cera »:

— Sim senhor! sim senhor! Tudo isso é muito bonito, mas a cantiga não a fiz eu:

Não ha amor como o primeiro
Nem lenha como a de azinho.

Nem filhos como os de padre
Que chamam ao pae padrinho! (1)

---

(1) Este Pitta, que ainda é hoje lente do 5º anno, tinha muito o costume de estar sempre a vêr as horas, provavelmente porque lhe pesava a carga. Mas uma vez, no meu 5º anno, passou uns dias sem tirar o relogio; e como isso fôsse caso notavel, o Alfredo da Cunha fez-lhe estes versos, que passaram na aula de mão em mão :

Dão-se alviçaras, e boas,
A quem descubra porque é
Que já as horas o Pitta
No seu relogio não vê :
Dizem muitos, e eu não nego
Nem o vou tambem jurar,
Que o relogio poz no *prégo*,
E que o Pitta anda a apitar.

Mas uma vez que elle o *trouxe á corda*, isto é, não o chamou á lição durante muito tempo, e o mesmo, e ao mesmo tempo lhe fez o Lopes Praça que regia Practica do Processo, o Alfredo da Cunha desabafou assim — perante os que estranhavam vêl-o tão magro, de ter de estudar para as duas cadeiras :

Perguntaes-me como passo?!
Eu passo como uma passa
Massada a martello e masso
— Ou melhor a Pitta e Praça!,

E outra vez, que receava ser chamado a uma lição massadora, sahiu-se com esta versalhada de rimas difficeis — em *aça, eça, iça, oça* e *uça:*

A Santo Antonio da Praça
Fiz eu hoje uma promessa,
De lhe rezar uma missa,
Ou de lhe dar uma cóça
Em mortal escaramuça,
Se, ou a serio, ou por chalaça,

Lhe désse lá na cabeça,
Cheia de leis e justiça,
Chamar-me hoje a esta troça
Que a minha paciencia aguça.

Ao Lopes Praça, que preleccionava sem despegar com os olhos fechados, e parecia um fio d'azeite, muito molle, sobre uma resma de mataborrão, fez esta quadra o Francisco Bastos, um bohemio, que era brazileiro e já morreu :

O Lopes Praça a fallar
Em Direito, sem sabor,
Parece um sino a dobrar
Por alma d'um massador!



Companheiro de vigilias...

LOPES OU BETTENCOURT?



COIMBRA — O CHOUPAL

LOPES OU BETTENCOURT?

In illo tempore — n'um tempo que já vae muito longe, havia lá em Coimbra uma *republica* de trasmontanos, tudo rapaziada alegre . — o padre José Luiz Alves Feijó, que foi depois bispo de Bragança; os dois Guerras, de Freixo de Espada á Cinta : o Manuel e o Francisco; o Gomes Lages, que era tambem de Freixo ; o Bernardo Teixeira Leite Velho, de Mogadouro, que foi advogado para o Brazil, e lá está ainda, e que era um pandego de marca ; e então o José Bernardino Teixeira de Abreu, que morreu, com perto de 80 annos, a advogar em Mogadouro

Como eram de muito longe, e n'aquelle tempo só se viajava em cima d'um macho, — uma bella manhã largava a caravana para Coimbra, ficando a familia a chorar de saudades!

— « Adeus! adeus! Tomae cuidado por esses ca-

minhos! Vêde lá agora se vos metteis em perigos! — Adeus! adeus! bem encaminhados! »

Mas como os alforges iam atacados de merenda, e os bolsos recheados de pintos, seguia entre gargalhadas a caravana — emquanto os lenços das mães ficavam a acenar lá das varandas, e os das irmãs, e os das primas :



Trajes da Universidade
O continuo

— « Até p'r'o anno! Até p'r'o anno! »

Chegados a Coimbra, depois d'uma semana de peripecias, e ás vezes mais (1), arranchavam na mesma casa; e a vida seguia em commum por esse anno fóra até que vinham as férias grandes, e lá iam elles outra vez de longada, por montes e valles, sem merenda e quasi sem pintos — para o remanso dos « patrios lares! »

---

(1) Estas peripecias são o objecto do *Palito Metrico*, — em Latim macarronico! Lá diz o *Argumentum* : — « Describitur jornata cujusdam Calouri venientis ad Coimbram,

Mas em Coimbra, p'los modos, os rapazes comiam mal: caro e mal cozinhado! O José Bernardino, sobretudo, que foi sempre de bons petiscos, não aturava aquellas criadas, e muito menos os *gaspachos* que lhe serviam; e deliberou, por isso, levar da terra um cozinheiro! Feita a proposta aos mais companheiros, e acceita por todos, lá vae um dia atraz da malta, arvorado em cozinheiro da *troupe,* o bom do Bernardino Lopes — ainda rapaz, mas muito *pelludo!*

Ora n'aquelle tempo, e ainda no meu, uma *republica* não era só de quem lá morava dentro. Mais ou menos, era de todos, e a toda a hora! Basta dizer que a porta de uma *republica* nunca por lá se fechou de dia ou de noite; nem lá dentro as portas dos quartos; nem

---

et inde regressus ad suum casalem » — e principia assim:

> Forté ad Coimbram venit de monte Novatus,
> Ut matriculetur. Nomen, si rité recordor,
> Jan-Fernandes erat. Patres misere, suorum
> Ut post formatus Doctor foret honra parentum.
> Partitur é patris casa, valedicit amiguis;
> Et buscat stradam, nostram quœ guiat ad urbem.
> Cumque ignota videt, passat quacumque, bisonhus
> Omnia miratur; montes, et flumina pasmat.
> Seque Arrieiro virans, perguntat; at ille
> Contat inauditas, illum empulhando, patranhas,
> Encaixat quandoque petas, quandoque sucrem
> Monstrat, ut hic mediam mandet venire canadam.

Este arrieiro que embrulha o caloiro com patranhas, é o tal que em certo ponto da jornada faz apear do macho o pobrediabo, e lhe diz, escarranchando-se na albarda muito regalado:

> Nos quoque gens sumus, et quoque cavalgare sabemus!

dentro dos quartos os bahús; nem dentro dos bahús os mealheiros, se os havia! Aquella, de mais a mais, era um modelo de franqueza, por ser de trasmontanos authenticos! Chamavam da rua ou batiam á escada?

— « Entre, quem é! »

E se estavam á mesa, o cumprimento era logo este :

— « Sente-se e coma! »

Tal e qual como na *provincia!*

Ora o cozinheiro, está claro, era o Bernardino! E como em breve corresse pregão de que p'ra petiscos não havia segundo, ás duas por tres era uma romaria lá p'ra casa, porque lhe queriam todos vêr a cara — e tirar-lhe a *prova* ás habilidades!

Mas como tinha uma cara chapada de patêgo, e de mais a mais era desconfiado, o verdadeiro *petisco* sahiu-se elle!

Fervia a troça!

Uma vez diz-lhe um assim :

— Tu como te chamas?

— Bernardino Lopes, um seu criado.

— Ora, *Lopes!* Isso póde lá ser?! Isso nunca foi

nome de gente! É preciso mudar esse nome, ouviste?! — acudiu o outro, e os mais com elle.

— Mas já meu pae era Lopes, — allegou o rapaz com muito má sombra.

— Peor! — tornaram em côro os outros todos.

— E meu avô, p'los modos...

— Peor! Peor! — tornou o côro.

— E meus tios, que tambem se chamam Lopes! dizia o Bernardino já a remorder-se.

— Mau! — diz-lhe então um. — Mas teu pae que barba tinha?

— Nenhuma. Barba rapada.

— E teus tios?

— Um, barba toda e outro suissas.

— Ora ahi tens! Pois vae lá tu agora rapar os queixos, e ao mesmo tempo deixar barbas, ou suissas, se és capaz! Póde lá ser?! Pois com o nome é a mesma coisa : cada qual é o nome que tem!

E tanto porfiaram, tanto teimaram, que o rapaz condescendeu, e ficou a chamar-se... Bettencourt! (*Bettencourt* não lembra ao diabo!)

E começaram logo as experiencias :

— Ó Lopes!

O rapaz... — moita!

— Lopes!

Moita...

— Ó Bettencourt!

— Meu senhor!

Prompto! Estava na conta!...

Mas d'alli por deante, ninguem passava á porta que não chamasse da rua :

— Ó Lopes!

E se o Lopes, apanhado de surpreza, respondia á chamada, eram logo da rua os improperios :

— Ó animal! Então és Lopes ou és Bettencourt?!

E se pelo contrario respondia á chrisma, ainda os da rua se não calavam :

— Ó animal! Então és Bettencourt ou és Lopes?!

De modo que entrou o rapaz a afinar com o caso, e a dar, como lá se diz, um *cascarrão!*

Ao pé do Theatro de D. Luiz, houve depois um burro que bastava que lhe batessem na aldrava da

porta para zurrar como se estivesse damnado; — e o Bernardino, esse bastava tambem que lhe batessem á porta para ir logo tudo da janella abaixo: calhaus de que se munira, os ladrilhos do fogão, os ossos, as colhéres, as chocolateiras, e até uma vez a panella do caldo!

Acabou-se! Não estava mais na mão do rapaz! E tão furioso ficou d'outra vez, que metteu a fatiota n'um lenço grande, enfiou o lenço n'um grande pau, e foi sentar-se á porta da rua — esperando que « os amos » voltassem das aulas.

— Tu aqui?!

— P'ra saber se querem alguma coisa, porque hoje mesmo abalo p'r'a terra!

— Tu?!

— Sim senhor! É de caminho!

— Bem, sobe! Vamos a contas.

— A mim bonda-me um pinto.

— Pois bem, sobe.

Subiu o Bernardino, atraz dos amos a fungarem de riso.

— Mas tu então não te afazes? — ainda lhe perguntou o *bolsa,* que era o Feijó.

— Não é não me avezar. Mas é que eu... *(hesitação, e depois desesperado)* ou bem que sou Lopes, ou que sou Bettencourt!

Fez-lhe o Feijó um sermão e missa cantada, acolytado pelos outros todos : — « que se não importasse; que se risse; que deixasse lá os rapazes; que até eram todos muito amigos d'elle; que não désse sorte e já o largavam! » — Logo que não dês sorte, verás que te largam! — insistiu o futuro bispo.

Teimou, o Bernardino; objectou; recalcitrou! Mas por fim resolveu-se a ficar — com a promessa de *esfolar um* :

— Oh se esfolo! E quero p'r' aqui um pinto, que é p'ra mercar uma navalha!

— Homem! Vê lá o que vaes fazer! Isso agora é muito serio! Se te has-de ir p'r' ahi metter em trabalhos, o melhor então é ires-te embora! — disseram-lhe todos.

Mas o Bernardino, limpando os olhos á trouxa do fato, desafogou a sua grande mágoa :

— É que não ha maior desgraça, meus amos, do que não saber a gente como é que se chama!

— Ó bruto! — inda lhe disse o Bernardo Teixeira. — És Bettencourt, grande animal! Pois que dúvida tem que és Bettencourt?!

Bom, ficou! Lá o foram accommodando como pode-

ram, e caso é que d'ahi a mezes já estava outro : — chamassem-lhe Lopes ou Bettencourt, p'ra elle era a mesma coisa! Já se não importava!

Ora mas o Bernardino era o rei dos criados! Além de muito bom cozinheiro, era fiel como um cão, e « amigo dos amos p'r' a vida e p'r'a morte », — como elle dizia.

Não sabia ler nem escrever. Mas todas as noites, depois da ceia, apresentava-se no quarto do *bolsa* a dar as contas, e dava-as sempre por um papel — como se tivesse alli deante, escripto com todas as lettras, o rol das despezas:

— Uma gallinha — dizia elle — um cruzado.

Ia-se a vêr e tinha no papel uma gallinha muito mal pintada; e logo adeante, n'umas garatujas que só elle entendia (mas que tinham sempre um valor certo) a quantia que tinha custado! O vinho era uma *garrafa;* o azeite uma *azeiteira;* as batatas não sei o quê; e a carne... dois grandes chifres!

Tudo assim!

Fez-se, pois, muito estimado, o Bernardino; e os rapazes, quando iam a férias, levavam-no sempre na companhia d'elles — e já na terra lhe chamavam o *Doutor,* porque de mais a mais apparecia sempre muito bem andainado, com os fatos usados, as botas, e até os chapeus altos de toda a *troupe!* Depois, déra-lhe para *bem fallante,* e estava sempre a metter patranhas!

— *Ó doutor!* conta lá aquella que vos aconteceu na serra do Marão, quando de noite vos sahiram os lobos!

O *doutor* não se fazia rogado; e pela historia adeante, ia mettendo a torto e a direito quantos palavrões arrevesados apanhára a dente durante o anno, muito amolgados e estropeados!

Mas este bom do Bernardino deu por ultimo n'um grande borracho! Hora vaga que apanhasse, lá ia elle para o Luiz Thomé, que era um taberneiro que havia aos *Arcos,* e vinha de lá sempre a cahir!

Os amos ralhavam-lhe; fazia-lhe practicas o futuro bispo, — mas era o mesmo que nada! Uma vez chegou a dizer ao Bernardo Teixeira, a cahir de torto :

— O sr. não se fórma em Direito?! Pois eu cá fórmo-me em *Torto!*

Passaram a guardar-lhe as soldadas, á cautela, deixando-o sem vintem! Mas tão bom freguez tinha sido do Luiz Thomé, que o Luiz Thomé entrou a dar-lhe de graça todo o vinho, porque o Bernardino era a *alegria* da taberna; e frequentadores havia que já não entravam — se não estava lá dentro o bom do rapaz :

— Está por cá o *Bettencourt?* Se não está, então vou-me embora!

A ultima borracheira, a *da formatura,* essa então foi de *caixão á cova!* Tão cerrada, que tiveram de o levar em braços para a *republica,* e no dia seguinte,

ainda tonto, lá abalou com os amos para Tras-os-Montes — todos *formados!...*

Mas na terra, coitado, veiu-lhe a nostalgia de Coimbra! E para que a nostalgia o não afogasse, afogava-a elle a toda hora — despejando-lhe em cima quartilhos de vinho!

Quasi não fez mais nada senão beber, e morreu velho e de borracho! Mas ainda á hora da morte, como lhe perguntassem — *Que é logica?* — respondeu, já meio morto, lembrando-se ainda do Luiz Thomé :

É o direito natural,
O do certo, certo é,
Quem quizer beber de balde
Vá á taberna do Thomé.



Pãosinho de Coimbra

POETAS BALNEARES



COIMBRA — SANTO ANTONIO DOS OLIVAES

POETAS BALNEARES

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, já os rapazes que frequentavam a Universidade costumavam passar na Figueira, á volta das férias grandes, os primeiros quinze dias do mez d'Outubro.

Iam a Coimbra á matricula geral, que é logo no principio do mez; e depois, uns de barco, outros na mala-posta, lá seguiam todos para aquella praia, á espera que se abrissem as aulas.

A Figueira tinha suas vantagens sobre as outras praias. Além de ficar perto de Coimbra, e ser muito animada, era uma optima estação de acclimação, para os que tinham de ir, como nós, invernar á Lusa-Athenas! Alli se encontrava já o verdadeiro *futrica;* alli se viam outra vez as caras dos lentes; alli se defrontava já com bedeis e verdiaes; alli, finalmente, começavam as tricanas o seu *réu-réu :*

— Um vintemzinho, sr. doutor? Dá um vintemzinho p'ra café?

A bem dizer, portanto, aquillo era já Coimbra! Ou cheirava tanto a Coimbra, que é como se fôsse!



Trajes da Universidade
O bedel

Como traziamos todos dinheirinho fresco, eram 15 dias regaladissimos! Ia-se para o melhor Hotel, que era então o do Reis, á borda do rio; passavam-se os dias nos cafés; ia-se á caça ou á pesca uma vez por outra; namorava-se á grande de dia e de noite; faziam-se burricadas monstros até Buarcos; lá vinha ás vezes o seu pic-nic; botava-se *chronica* em algum jornal (1); — e de manhã, na praia, era uma arruaça por aquellas barracas!

Á noite — Club!

Ora no Club, por esse tempo, ainda havia a mania

(1) Lembro-me que a minha primeira *chronica* foi escripta na Figueira para o *Diario Illustrado;* e que fiquei muito espan-

das recitações! O romantismo já tinha passado de moda, é verdade; mas lá apparecia sempre um retardatario — poeta balnear á caça de noiva — que alimentava o fogo sagrado das commoções, recitando com voz desgrenhada — voz de commover sogras! — os versos mais desgrenhados!

Fervia a troça nas salas contiguas, é claro, emquanto as velhas choramigavam; e no fim, uma commissão de estudantes ia felicitar o « bardo » pelo seu « triumpho », — gabando-lhe muito a versalhada!

— Bravo, sim senhor! — Isso é que é estro!

As senhoras gostavam muito d'aquillo, e as meninas, principalmente as casadouras; mas uma vez, como as meninas fisgassem a troça, encheram-se de animo não sei quantas, e vieram, por pirraça, ter comnosco para que recitassemos!

Cada um desculpou-se; alguns largaram a fugir; — não sei como, umas poucas agarraram-se a mim!

— Ha-de recitar! ha-de recitar!

---

tado quando tive uma carta do Pedro Correia, que era o director, a offerecer-me o jornal, que até hoje não deixou de me visitar um unico dia, — e a pedir-me com uma grande bondade, e com palavras que eu não merecia, que continuasse! Usei e abusei da condescendencia do Pedro Correia, que eu conheci mais tarde e era o melhor e o mais gentil dos homens : de Coimbra escrevi no *Illustrado* as *Chronicas de Coimbra*, e ainda do Alemtejo, depois, as *Cartas Alemtejanas*.

— Mas, minhas senhoras, nunca fiz versos... Não sei... Não sou poeta...

— Ora não fez! — Ora não sabe! — Ora não é poeta! — Ha-de recitar! — Ha-de recitar!

Pensando que me largariam, desculpei-me que só sabia... a *Morte de D. João!*

Mas ellas exultaram :

— A *Morte de D. João!* — Pois ha-de ser a *Morte de D. João!*

— Oh, minhas senhoras, mas... (Eu queria-lhes dizer que era forte!)

— Não ha *mas!* Temos ouvido que é muito bonita, essa *Morte de D. João!* É do Soares de Passos, não é?

— Sim, muito bonita... É do Junqueiro... Mas... quero dizer... porém... — E desfechava-lhes as adversativas, a vêr se me percebiam : Mas... porém... todavia...

Qual?! Estava filado!

Sem saber como, achei-me no varandim da orchestra, ao lado de um rabecão enorme! Eu suava! — « E agora? Esta só p'los demonios! » — Já o director de sala, em casaca e gravata branca, batia as tres palmas fatidicas : — « Um cavalheiro que vae recitar ! » — as senhoras assumiam, risonhas, um ar de galan-

teria e benevolencia, emquanto, ao pé da porta, os homens cerravam grupo, com alguns tacos irrompendo do meio d'elles, dos que vinham a correr de jogar o bilhar. — Silencio... — Eu arredava, delicado, o rabecão... — Lá dentro, n'uma sala afastada, ouviam-se, carambolando, as vozes dos parceiros :

— ... « Manuel! Não durmas! Duas á preta! »

Os da porta reclamavam silencio lá para dentro :

— Schiu!...

Agora, outros accorriam de todos os lados, percebendo que se ia recitar : — « Quem é? quem é? »

Silencio...

Limpando as lunetas, lembrava-me aquelle verso do *D. João :* — « Fechavam-se tremendo as petalas da alma. » — A minha alma era uma sensitiva que fechava as petalas ! — « Esta só p'lo diabo! » — Entretanto, fincando sobre o nariz os meus dois vidros, tomei folego, e proferi, quasi melifluo, carinhoso e compassivo, aquelles versos da *Babylonia :*

> ... E exposta sobre a rua
> Agonisa chorando a creancinha nua!

... Era bonito! era lyrico! sahiu bem!... Attentas, as mulheres miravam-me. — Prosegui. Mas d'ahi a instantes, mal rompo na apostrophe:

. . . . Oh, miseravel gente,
A alma da mulher, sacrario resplendente...

e começo, por alli abaixo, a despenhar-me, enrolado aos alexandrinos, os alexandrinos enrolados a mim, como serpentes, pregando sem querer um grande murro no rabecão — *Pum!* — vejo os leques começarem a abrir-se, como flôres de pudicicia, no ambiente illuminado, e logo a agitarem-se febris, emquanto, n'um hausto, enfio a toda a velocidade, silvando, por aquella charneca de vocativos :

Devassos, histriões, inuteis, pretorianos,
Ventres que resumis os Césares romanos...

e o resto, por alli fóra : — « levitas do milhão... graves bezerros d'oiro... espiritos servis... espiritos de lama... Falstaff, Satanaz, Tartufo, Sganarello... consciencia preta... silenos de casaca e Borgias de roupeta... » — vendo já n'essa altura, de pé e bufando, uma velha — atordoada quando aos echos attonitos da sala vibrei, convulso, a terrivel injuncção :

Vamos! despi o frak, a mascara, a batina,
Mostrae, desapertae a estupidez suina,
Ponde-vos á vontade!

Foi como quem as enxota, com um tagante, para a saleta acanhada do *Toilette!* Ouvia-as vociferar! Algumas, benzendo-se como sob uma trovoada bravia, imprecavam! Mas eu, espicaçado, sentia dentro em mim as coleras de Jupiter! — « Hup! vamos! fulminemos o rebanho! » — E furioso, enraivado, apo-

calyptico, desfechava-lhes o resto á queima-roupa, como quem despede, n'uma convulsão, balas, ortigas, calhaus :

A vida é uma farçada!
Por conseguinte é rir...
. . . . a vossa bocca impura.
. . . . Tripudiae, sandeus!
. . . .
Vendei a opinião como vendeis as filhas:
Quem dá mais? quem dá mais? É pôl-as em leilão!

Fogem as casadouras, rebocadas, atraz das mães afflictas! — Sigo! Prosigo :

. . . . **brutos, sem b maiusculo!**

Corridos, desarvoram os conselheiros, fumegando, emquanto eu, apostrophando-os, lhes grito, voltado, para elles, — soberbo de ironia feroz :

A vossa consciencia! Ella que noite e dia
Se anda a espojar ahi na lama dos monturos,
Ella que tinge a face e põe o corpo a juros,
Ella a corar — a vil!

Á porta, os estudantes riem como uns perdidos! Tremem, arripiados, os poetas balneares! Vejo no ar, em pellica branca, as mãos do director de sala, desvairadas, — emquanto eu, sem me importar, ameaço as cadeiras desertas :

Hei-de-vos arrancar a mascara postiça,
Ligar-vos com grilhões ao potro da justiça,
Expor-vos á ignominia!

E para um criado, hirto, embasbacado, como quem lhe pede coisas :

> Dae-me versos febris, agudos como espadas,
> Dae-me energia, amor, estrellas, enthusiasmos,
> Dae-me um jorro de luz e um jorro de sarcasmos
> Com listrões de sangue! Oh, dae-me tudo isto!

... parecendo-me que o criado, um gallego, me respondia em gallego, safando-se ás gargalhadas :

— *No hay!*

E foi já e apenas para o rabecão — hyperbolico e desmesurado no vasto salão deserto! — que recitei os versos finaes :

> Ó minha lyra. . . . .
> . . . .
> Ó minha pobre lyra! hei-de arrancar-te as cordas
> E unindo-as n'esta mão vibrál-as e torcêl-as...

... Mas n'um fragor, róla p'las escadas do corêto, não sei como, o rabecão! Ouço cheliques no *Toilette*, gargalhadas na sala de espera, a voz do director, desgrenhada, no meio d'um côro de imprecações! Gane um poeta lyrico. Prosigo, ribombando, no vasto salão desolado; e agora, lá ao fundo, na superficie attonita d'um espelho, apenas dou com a minha figura offegante — « Agarra! Cérca! Tem mão! » — mettendo em gestos ferozes os ultimos versos convulsos :

Prender uma grilheta á vossa vil memoria
E mandar-vos depois para as galés da Historia
Onde de nada vale a infamia e o dinheiro...

... rematando, como quem n'uma jaula de bronze aferrólha leões de fogo :

O carcere é de bronze e Deus é o carcereiro!



Praia da Figueira

O ORPHEON ACADEMICO



COIMBRA — O RIO VELHO NO CHOUPAL

O ORPHEON ACADEMICO

In illo tempore — no tempo do João Arroyo, organisou elle com a rapaziada lá de Coimbra o célebre *Orpheon Academico!* A gente póde esquecer-se de que o João Arroyo já foi ministro, e creio mesmo que semelhante coisa não passará pela ideia aos filhos dos seus orpheonistas de outr'ora, a menos que em dia de finados não visitem... o *Diario do Governo!* Mas do que nunca mais ninguem se esquece, o que todos, nascidos e por nascer, que prezem esta coisa apparentemente mais futil do que a politica mas que na essencia lhe é mil vezes superior, chamada a Arte, hão-de ter sempre bem presente ao espirito, é que foi elle o fundador do primeiro Orpheon que existiu em Portugal, graças, simplesmente, ao seu extraordinario temperamento de artista, — que a politica, desgraçadamente, desnorteou!

Aos 12 annos, o João Arroyo já compunha musica — melodias, sonatas, *berceuses,* rondós, hymnos

coraes, romanzas, peças para piano e canto, e fizera *La fiancée d'Abydos,* uma opera em dois actos; — mas passando para Coimbra, nem já acabou a opera *Martim Vaz,* e apenas, nas suas horas vagas de *classificado,* fez em cinco annos o seguinte: 10 *Romances* para piano; *Rita; Morceau* de concerto; os córos da *Morena;* as *Flôres sobre um tumulo;* o *Canto da federação academica,* e outros; o *Camões;* a Cantata *Ignez de Castro;* um quarteto para piano; e emfim, para a recita dos quintannistas do seu anno, a musica da opereta!



Trajes da Universidade
O archeiro

E em vez de tomar capello — já que na sua vida essa fatalidade estava escripta! — e de partir logo para a Allemanha, ou para a Italia, d'onde viria, decerto, um grande compositor, e porventura um extraordinario executante, o Arroyo não fez isso: pegou em si e foi para S. Bento — e um bello dia appareceu ministro!

...Ministro!

Ora o *Orpheon Academico* fundou-o João Arroyo em 29 de Outubro de 1880; e com tal gana lhe pegou, que d'ahi a quarenta dias, em 7 de Dezembro, apresentava em publico os seus 64 rapazes, cantando como uns rouxinoes! E para que se não dissesse mal da sua *troupe,* ou que só cantava coisas faceis, móe-se e móe a paciencia dos rapazes, n'aquelle palco do Theatro Academico, mas põe-os a cantar musica de Wagner, que ninguem, até então, tinha ainda ouvido em Portugal! Em Fevereiro, já o Orpheon cantava a grande marcha do *Tannhauser,* com a orchestra regida por João Arroyo, a acompanhál-o!

Chegam em Maio as estrondosas festas a Camões, e ahi temos nós no grande parque da Universidade, arrebatando quantos o ouviram, o Orpheon! Foi uma ovação como não vi outra; e o João Arroyo, de batina e empunhando a batuta, andou em charola mais de duas horas, levado pela rapaziada como n'um tufão!

Os rapazes cantavam a secco, dirigidos por elle, canções populares lindissimas, do Minho, do Douro, do Alemtejo e da Beira — *Ó Anna só tu és Anna; Toma limão verde: Canção da Louzã;* outras canções e outras coisas, — e o Arroyo, além d'isso, regia maravilhosamente, com mestria de fazer inveja a grandes maestros, o seu grupo de executantes : uma orchestra de 250 *figuras,* — nada menos!

Foi um delirio!

Fazia furor, o *Orpheon!* De Outubro de 81 a Março de 82, a ala dos cantadores ia crescendo: — eram já 80! João Arroyo foi-lhe successivamente ensinando

mais coisas lindas: a *Morena,* de Guerra Junqueiro, com musica encantadora feita por elle; *Flôres sobre um tumulo,* de Guilherme Braga, musica de Arroyo tambem; o *Rataplan* dos *Huguenotes;* a *Tyroleza;* um soneto de João de Deus; o *Canto da federação,* tambem d'elle; etc., etc.

Isto, como disse, de 81 a 82. Mas a ultima exhibição publica do Orpheon fôra a 21 de Maio de 81 — porque depois começaram os enguiços: primeiro, foram as eleições do Club (1), vencidas pelo partido adverso; depois, n'uma *matinée* que estava marcada para o parque da Universidade, a chuva que se despenhou a potes; depois, as bexigas do Arroyo, que o não deixaram ir a Lisboa com os rapazes, ás festas pombalinas; depois, uma recahida que o impediu de os levar ao Porto, a um concerto de caridade a favor de uma escola; depois, nova doença, que o não deixou festejar o *ponto* por aquella fórma, como se tinha combinado... — o demonio!

O Arroyo chorou de desespero, coisa que lhe não aconteceu, decerto, quando largou a pasta de ministro!...

(1) Estas eleições do Club eram o diabo! e o que tinham de peor, é que constituiam um curso práctico de *chicana* eleitoral, que applicado depois na vida real deu o que se sabe! Um visinho tive eu, grande *influente,* que no dia da eleição recebeu logo de manhã um telegramma do pae, dizendo-lhe que a mãe tinha morrido; e partindo para a terra no primeiro comboyo, chegou lá e encontrou muito fresca a « auctora de seus dias » e o pae muito admirado do tal telegramma — que não passava de uma grande peta, para desviarem o *influente* das eleições! Como esta, aos centos!

E dava-lhe com certeza um ataque de furia, se não tem a sorte de levar emfim os rapazes a um concerto, que foi, se bem me recordo, no *Gremio de Coimbra*. Mas ahi, espichou de vez o *Orpheon!* Morreu!

No entanto, o reportorio d'esse ultimo anno era já esta belleza: — *Avè Maria,* de José Arroyo, pelo orpheon e orgão; *Chant de Noël,* de Adam, pelo orpheon e orgão; *Côro de caçadores do Freychutz,* de Weber, orchestra e côro; *Marcha do Tannhauser,* de Wagner, orchestra e córos; *Canções,* a secco, de João Arroyo: do *Minho,* do *Douro,* do *Alemtejo* e da *Beira; Hymno academico,* a orchestra e córos; o *Côro nupcial da opera Bianca de Mauleon,* de José Arroyo, pela orchestra e pelos córos; finalmente, a orchestra e córos, o *Remember* de João Arroyo!

O Arroyo, está claro, é que recrutava a rapaziada. Onde soubesse que havia um rapaz com boa voz, lá estava o João Arroyo, muito solicito, a caçá-lo para o Orpheon! Depois, mettia-se com toda a malta no grande palco do Theatro Academico, accendia duas velasitas, e a *festa* começava! D'alli a um quarto de hora, o Arroyo suava em bica por todos os póros, estava rouco de tanto gritar, — mas os rapazes iam entrando no compasso, e desvelando, cada vez mais, o gosto e a afinação!

E elle, com a batuta em cima dos tampos do orgão, ferrando no chão sapatadas valentes, tudo era gritar se desafinavam:

— Arre! Não é isso! Outra vez ao principio!

E depois de trautear, furioso, para os ensinar, intimava n'um golpe de batuta:

— Á uma!...

... Ora uma vez estava eu na lithographia do Marco da Feira, á espera da *sebenta,* quando entra por alli dentro o Arroyo, que ia tambem p'la d'elle. Eu estava alegre como de costume, e trauteava, com o meu vozeirão de baixo profundo, não sei que coisa. Quando me diz de lá o João Arroyo:

— Ó Trindade! Você ha-de entrar p'r' a musica!

— Qual musica?!

— O *Orpheon.*

— Eu?!!!

— Sim! Essa voz aproveita-se.

— Pois está ao seu dispôr.

— Á noite?

— Bom. Á noite.

— No palco do Academico.

— Bem, lá vou (E cá para mim e para os meus botões: — « Ai Arroyo! que nem tu sabes no que te

metteste! »)— A minha voz não prestava para nada, e tenho um ouvido como uma pedra!

Chego, pois, ao ensaio á hora marcada, e que era pouco depois do toque da Cabra, — e manda-me dar o Arroyo não sei que nota. Dei a nota, que era *das minhas*, e que sahiu por signal uma belleza!

— Bom! Vá você p'r'além!

Mandou-me p'r' os *baixos!*

Começa d'alli a bocado o ensaio dos *baixos*, e entro eu a dizer com os mais, — mas os mais entram-se todos a rir!...

— De que demonio se riem vocês?!

Reparo, e o Arroyo ria-se tambem! Ahi começo eu a fazer-me zangado!

— Cantam vocês melhor, talvez?! Canta melhor cá a sua *tropa?!...* Homem! uma voz que nem um trovão?! — e atirei um urro aos outros *baixos*, que atordoou a casa até aos alicerces!

O Arroyo veiu para mim, a rir:

— Ó Trindade!...

— Que é?! — repontei, a fingir, plantado agora no meio do palco.

— Nada... *(E põe-se a afagar-me o* ***botão da*** *batina.)* — É que você e o porco...

— ?!...

— ... só teem tres notas!



BALTHAZAR, O LETHARGICO!



COIMBRA — UNIVERSIDADE — SALA DOS CAPELLOS

BALTHAZAR, O LETHARGICO!

In illo tempore — no tempo do Alfredo da Cunha, tinhamos nós lá em Coimbra um condiscipulo de Benavente, chamado Balthazar Adriano de Freitas e Brito. Chamavamos-lhe o « *Menino Jesus* do curso » porque nos appareceu no 1º anno um fedelhote, e formou-se não tendo ainda na cara signaes de barba! Era além d'isso muito branquinho, muito córadinho, muito tenrinho e um quasi nada loiro, e andava sempre com a sua capa e batina muito escovadas, e a risquinha do cabello muito bem feita! Na récita do quinto anno fez até um papel de menina — e era um mimo vêl-o de saias!

Nos primeiros tempos, é de crer que Balthazar se lisonjeasse muito de se vêr assim creançola, e já na Universidade! De mais a mais, aconteceu algumas vezes gosar o privilegio de atravessar a Porta-Ferrea, quando era novato, não debaixo da pasta protectora

d'um quintannista, para se livrar dos canelões — mas sim ao collo d'um quintannista, como se fôsse um bébé de mamma! (1) Mas quando um dia se apanhou formado, entrou com elle a nostalgia de Coimbra, por se sentir fedelho e já Bacharel! O seu regalo seria brincar; mas o destino chamava-o agora para Benavente — a dar conselhos no seu escriptorio! — (O Balthazar a dar conselhos...)

---

(1) No meu tempo, ainda a praxe de não passar novato algum á Porta-Ferrea sem ir protegido era absoluta, e livrasse-se alguem de a transgredir, quer tentando entrar sem levar em cima da cabeça a pasta de um quintannista, quer offendendo um protegido! Ao primeiro davam-lhe cabo das cannelas com *cannelões;* ao segundo, o quintannista protector podia, impunemente, esfarrapar-lhe na cara a pasta e os livros, porque o transgressor nem se atrevia a tugir, e se se atrevesse esmigalhavam-no!

Barca chamam em Coimbra ao quintannista que passa muitos novatos á Porta-Ferrea :

— La vem *a barca!*

No meu tempo, tambem era necessaria protecção de quintannista para passar a porta que communica a Via-Latina com os Geraes.

Dentro da Universidade, e portanto nos Geraes e mesmo no parque, a troça era só de palavras, — e para essa não havia protecções! Eu fui um martyr, porque me embirraram com uma medalha que trazia na cadeia do relogio, o que fez com que nunca mais na minha vida usasse medalha! *Padre-Nossos,* obrigaram-me a rezar mais de mil, por quantas intenções patuscas elles se lembravam!

Vá de explicação, pois que este livro ainda ha-de ser o compendio de uma cadeira de *Coimbralogia* que é indispensavel crear nos lyceus: — a protecção á Porta-Ferrea e á entrada dos Geraes era exclusiva dos quintannistas : privilegio da pasta; — a protecção pela cidade, de noite, era dos quartannistas e dos quintannistas, indistinctamente. Bastava esta voz, mesmo a distancia — *Está protegido!* — para que uma *troupe* largasse o caloiro ou o novato. Era voz que vinha do céo!

Por isso entrou de olhar para Coimbra como quem olha para uma linda gaiola que não havia remedio senão deixar — trocando-a pelo mau tempo *lá de fóra!*... E então percorria a cidade de dia e de noite, estranho, desvairado, como se a alma do rei Lear habitasse no seu peito de adolescente! E chorava, coitado! Punha-se a mirar um choupo á borda do rio, e o choupo era para elle um cypreste! Parecia que se lhe suicidára no Mondego, atirando-se da ponte abaixo, a linda fada da sua Alegria! Coitadinho do Balthazar!

Mas n'esses momentos era fugir d'elle! Se apanhava um condiscipulo, filava-se e dizia-lhe threnos : — a sua mocidade tão cedo extincta; a debilidade da sua sciencia para as altas questões do fôro; a debilidade da sua paciencia para as massadas; a incerteza do futuro... — « o Futuro! »

Mettia-lhe medo — o futuro — como um grande fardo de mil arrobas póde metter medo a uma creança! Pobrezinho do Balthazar!

Ora mas uma noite, quem havia-de elle apanhar para lhe aparar as lagrimas? O Alfredo da Cunha! Eram condiscipulos : estavam na mesma situação, afinal! E depois, o Alfredo da Cunha, além de ser dos seus intimos, era poeta, e portanto saberia consolál-o... Começou, pois, a *via sacra!* Atrelado ao Balthazar, o Alfredo da Cunha deixou-se ir por todas as ruas da Alta, ouvindo a lamuria do amigo. Da Alta desceram á Baixa; embrenharam-se n'aquelle labyrintho das ruas; deixaram-se andar, perdidos, por onde os pés

os quizeram levar! Quando se viram no Caes, defronte do areal do Mondego, pozeram-se a rememorar os passeios em barco; as caldeiradas na Lapa dos Poetas; a fallar na lenda de Ignez; na lenda da Rainha Santa; — na belleza singular d'aquella paizagem!



Trajes da Universidade
O quintannista Alfredo da Cunha

— Como isto é lindo, ó Alfredo!...

Mas aqui, já o Alfredo da Cunha se ia sentindo muito massado, e propunha « irem-se chegando ...» O Balthazar fazia que não ouvia, ou não ouvia realmente, e seguia pela estrada da Beira, levando a reboque o Alfredo da Cunha! E lamuriava, e lamuriava sem despegar, no meio do silencio das coisas, e do silencio... do companheiro! Dera uma hora na torre da Universidade; haviam já batido as duas; iam a dar as tres... — Deram as tres quando estavam cá em baixo, no principio da ladeira do Seminario!

— E se nos fôssemos chegando?! — arriscou-se a dizer o Alfredo da Cunha.

— Que linda! que linda noite! — respondia poe-

tico o Balthazar. — Onde haverá noites assim, ó Alfredo?!...

E subida a enorme rampa, em vez de seguir para a frente, direito ao Jardim Botanico,— o Balthazar embóca á direita para a azinhaga, e segue para o Penedo da Saudade!



Trajes da Universidade
O quintannista Trindade Coelho

Ahi, chorou, — ao lado do Alfredo da Cunha quasi a dormir!

— Isto faz-te mal, homem! É melhor irmos-nos embora! — dizia o Alfredo.

Mas qual?! O Balthazar não despegou d'alli senão quando a aurora já raiava — « porque era tempo de irem seguindo... para o Penedo da Meditação » — d'ahi a mais d'uma legua!

— Não posso! — desculpava-se o Alfredo. — Ámanhã, queres? De mais a mais, olha, já andam a apagar os candieiros!

Ia rogar de mãos postas o Balthazar :



Frade do refeitorio dos Cruzios

(Coimbra — Convento de Sta Cruz)

— Homem!...

Mas o Alfredo para o consolar :

— Ao Penedo da Meditação vamos á tarde. Queres?! Vemos de lá o pôr do sol!

O Balthazar calou-se. Mas d'alli a bocado, quando já estavam perto do Seminario, murmurou como quem applaude :

— ...Sim! O pôr do sol!... No Penedo da Meditação o pôr do sol!...

E como principiassem, logo adeante, as grades do Jardim Botanico, o Balthazar parou — « para fallar ao echo »...

— « Adeus! » — gritou elle.

Responde-lhe o echo, n'uma voz que vinha do Infinito ·

— ... « Adeus! »

E para não falhar a tradição, o Alfredo ainda fez das fraquezas forças, e disse n'um clamor aquelles dois versos :

« As armas e os barões assignalados
Que da occidental praia lusitana... »

E o echo repetiu, d'alli a segundos

... « As armas e os barões assignalados
Que da occidental praia lusitana... »

O Balthazar ainda ficou mais triste! Com a voz a tremer de lagrimas, repetiu :

— « Adeus! »

E o echo a tremer de lagrimas — como se chorasse n'elle a alma de Coimbra — respondeu de lá ao Balthazar :

— ... « Adeus! »

Cuidando que o distrahia, quando passavam defronte da *arvore do Ponto* o Alfredo da Cunha disse aquelles versos da sua lavra :

Que alegria!
Temos ponto!
Que em folia
Vão sem conto
Pelo ar
Mil foguetes
A estalar!
Tu não mettes
Medo já
A ninguem,
Cabra má!
Inda bem!
A alegria
E a folia
Que não faltem!
Bombas saltem
Pelo ar,
A estalar,
Sem ter conto!
Que alegria,
Que folia,
Temos ponto!

Mas se mal estava peor ficou, o Balthazar!

— Oh, sim, o *ponto!* E agora para sempre! Para sempre!...

Debaixo do S. Sebastião dos Arcos, ainda voltou ao Balthazar a gana de se ir d'alli a Cellas; de Cellas a Santo Antonio dos Olivaes; de Santo Antonio dos Olivaes até ao Penedo da Meditação! Mas o Alfredo tornou a lembrar que não prestava, visto de lá, o nascer do sol :

— Homem! á tarde!...

Condescendeu o Balthazar, aniquilado; e quando chegaram ao Castello, diz-lhe o Alfredo a cahir de somno, — morto por se vêr livre do *caustico :*

— Bem! Adeus! Vou p'ra casa!

— ...Acompanho-te! — desfechou-lhe ainda o Balthazar.

Seguiram os dois, calados : Feira dos Estudantes; Arco do Bispo; rua do Loureiro — onde morava o Alfredo da Cunha...

— Uff! — respirou o Alfredo alliviado!

Deram-se um abraço á porta de casa; — despediram-se :

— Adeus.

— Adeus!!

... Mas o Balthazar a virar costas, e o Alfredo, escada acima, a improvisar já este soneto — parodia ao *Alma minha gentil que te partiste,* do Camões :

Lethargico doutor que te safaste,
Deixando-me em socego finalmente,
Massa todos e tudo em Benavente
E viva eu sempre longe, grande traste !

Se lá, por entre os bois que tu creaste,
Coimbra um dia te acudir á mente,
Não te esqueças jámais d'esta valente
Massada sem egual que me pregaste !

E se vir que nem póde amedrontar-te
Aquelle odio que a ti se me arreigou
De tantas horas ter que supportar-te,

Eu pedirei a Deus que te *formou*
Que tão tarde eu só torne a lobrigar-te,
Quão tarde dos meus olhos te levou !



Pasta de Quintannista e monoculo...

D. FELICIDADE



COIMBRA — JARDIM BOTANICO

D. FELICIDADE

In illo tempore — no tempo em que Anthero de Quental andava em Coimbra, dissolvida a célebre *Sociedade do Raio* pela demissão do reitor Basilio Alberto (visto que a *Sociedade do Raio,* de que era pontifice maximo o Anthero, não tinha outro fim senão demittil-o) dissolvida a *Sociedade do Raio,* como ia dizendo, lembraram-se alguns, os mais esturrados, de fundar uma maçonaria.

Dito e feito! A maçonaria não tinha nenhum fim especial, quanto mais urgente; mas os rapazes, tinham « tomado a embocadura » áquelle pagode de conspiradores, e resolveram muitos continuál-o!

Entre os que resolveram continuar o pagode das sessões secretas, dizem-me que Anthero e varios outros, entre os quaes Anselmo d'Andrade, alugaram uma casa no bairro de Cellas, onde seria installada a loja maçonica; — e alugada a casa como se fôsse

para a mais honesta *republica* de estudantes que amassem viver n'um arrabalde, livres do bulicio da Lusa-Athenas, ahi começam elles, de noite, a carrear com a *mobilia symbolica* para a tal casa!

Ora acontecia que defronte da tal casa, morava um barbeiro linguarudo, como são em geral todos os barbeiros; — e apurado isso por tres ex-membros do *Raio,* que não tinham sido de opinião de que sobre as ruinas victoriosas d'aquella *Sociedade* outra se fundasse, maçonica ou não, ahi resolvem os tres intrigar a nova loja com o barbeiro, dizendo-lhe d'ella cobras e lagartos!

Os tres eram o Eduardo Segurado, que foi governador civil de Lisboa e é agora juiz do Supremo Tribunal Administrativo; o visconde d'Alemquer, que se chamava então D. Thomaz de Noronha; e João Eduardo Lobo de Moura, agora juiz na Relação dos Açores.

Taes coisas disseram os tres ao barbeiro de Cellas, que o barbeiro fez uma bulha de sete lições em todo o bairro e seus arrabaldes; e uma bella noite, Cellas levanta-se em peso e resolve investir com a Maçonaria!

Viram o bom e o bonito os taes da *loja;* e o menos que lhes aconteceu foi estarem encurralados toda a noite dentro de casa, e arvorarem de madrugada com os trastes ás costas! Tiveram de « abater as columnas », como se diz em linguagem maçonica, e ainda por cima correram para a cidade de madrugada, com os trastes todos da chafarica!

Ficou, pois, devoluta a casa de Cellas; — e como era alegre e bem situada, lembraram-se os estudantes de uma *republica,* installada no Marco da Feira, esquina da rua dos Loyos, no 2º andar de uma casa onde morou e morreu, nos baixos, o célebre alfaiate conhecido pelo nome de *Sá dá cá o ôlho,* lembraram-se os estudantes da tal republica, digo, de arrendar a excommungada casa!

Excommungada, digo eu, porque o menos que o barbeiro dizia d'ella era que lá dentro se profanavam todas as noites as sagradas particulas, e que os mações alvejavam a tiros um crucifixo!

....

Mas arrendada a casa lá se instalaram os taes da *republica* — e instalados e reunidos na primeira noite á volta da mesa, para a ceia, não tardou que lhes entrasse pela porta dentro uma mulherzinha, — a qual mulherzinha, portadora de um rico pires de marmelada, lhes disse assim:

— « A sr.ª D. Felicidade, que manda aos senhores muitos cumprimentos, e este piresinho de marmelada para a sobremesa. »

A sr.ª D. Felicidade era visinha de paredes-meias; — mas essa visinha de paredes-meias, apuradas as contas logo alli, não passava de uma carcassa velhota, que tinha sido freira em Aveiro, no convento de Jesus, e que em cheiro de freira alli vivia, no meio da gente de Cellas!

Agradeceram os rapazes á portadora, é claro, e por ella mandaram este recado a D. Felicidade :

— « Que estava entregue ; que lhe ficavam todos muito obrigados, e que pessoalmente lhe agradeceriam a sua attenção. »

... Mas agradecer, como?! Sahe a criada e ficam todos a pensar no problema, que, por se tratar de pessoa *quasi ecclesiastica*, se afigurou a todos d'alta etiqueta ! E digo *quasi ecclesiastica*, porque D. Felicidade era freira sem voto, *meia-freira*, — e inclusivamente podia... casar !

O caso era achar com quem !...

... Mas pelos modos, como se viu depois, ella bem sabia que podia casar, — e até procurava achar com quem ! A marmelada era a isca !

Deitadas as contas á *fortuna* da *republica*, achavam-se ao todo com um pinto redondo, ou fôssem 480 réis, que convieram que não chegavam para nada : — e a ideia de comprarem em Coimbra alguma coisa, e de fazerem presente d'ella a D. Felicidade, foi por isso posta de parte !

Mas emfim, era preciso agradecer á visinha ; — e por ser *pessoa de qualidade*, resolveram, por galanteio, agradecer-lhe em verso !

Dito e feito ! Cada commensal daria um verso ! Começa de lá o Antonio d'Azevedo Castello-Branco :

Esto pires de marmelada,

E retruca o Francisco d'Azevedo Castello-Branco, que foi advogado, e é agora proprietario em Portalegre:

Signal da vossa affeição,

Continúa o Lobo de Moura:

Foi-nos grato ao paladar

E fecha a quadra o Porto Migueis, que já morreu:

E mais ainda ao coração.

Bravo! mas uma quadra era pouco! Vá segunda! Sahiu menos inspirada, porque emfim o idolo não era de arrebatar, mas sahiu assim: torna o Antonio d'Azevedo:

Alma terna e bem formada

Prosegue o outro Azevedo:

Como a vossa, anjo do céo,

(Ella era Felicidade Ermelinda *do Céo:* o « anjo » era favor...) E continúa o Lobo de Moura:

Por pouco que de si mostre,

(Este achava pouco um pires de marmelada...) Fecha de lá o Porto Migueis:

A si logo outra prendeu!

Bastava! Mas quem havia-de agora levar as quadras?! Resolveram que as levaria o Antonio d'Azevedo Castello-Branco, que tinha um ar de Manfredo, grande gaforina, quasi imberbe, e olhar e olheiras romanticas!

Depôz os versos o Antonio d'Azevedo em cima do pires da ex-marmelada, e ahi vae elle, romanticamente, rufar nos vidros da meiga visinha...

... A qual meiga visinha, que elle via pela primeira vez e ainda era mais velha do que todos pensavam, e desdentada, não tardou a apparecer á janella — dando-se ares de virgem, o que ao tempo não era favor, mas pudibunda, o que era algum...

E como assomasse atraz da ama a cara da criada, e o Antonio d'Azevedo apresentasse o pires e dentro do pires o bilhetinho, D. Felicidade recebeu o pires — e escondeu o papelinho furtivamente...

Ora as Musas teem feito muitos milagres ; mas d'esta vez não fizeram nenhum! Porque se as boas relações entre as *potencias visinhas* estavam no animo de D. Felicidade, por uma razão de amor embora serodio, no animo dos rapazes estavam ellas tambem, mas ahi por uma razão... de guloseima! O que elles queriam era marmelada! E aquillo, bem tratadinho, podia continuar, — e convinha, por esse motivo, alimentar o *fogo sagrado!*

Fiel a esta *ordem de principios,* que eram, sem excepção, os da communidade, o Antonio d'Azevedo chegou a levar de noite horas seguidas, a gargarejar

em verso com D. Felicidade, — com os mais, escondidos, a morderem as mãos para não rebentarem de riso. Dizia assim o Antonio d'Azevedo, em toada romantica, para D. Felicidade em seu *balcão:*

Ando a cumprir o meu fadario,
Como rato em armario!

E logo a seguir:

Deus com ninguem se mette,
Mas cavaqueia com Garrett?

Não sei quê, não sei quê...

... estava em cima d'um penedo
E depois veiu o Azevedo.

E ella muito enlevada, a ouvir a *cantata,* — e o Antonio d'Azevedo sem despegar:

Deus está coberto d'arminhos
Debaixo d'uma arvore de passarinhos!

E os outros a morderem as mãos e os dedos, para não estalarem ás gargalhadas; — e o Antonio d'Azevedo na lenga-lenga!

E o criado, o Antonio, tambem á coca!

Veiu a saber-se depois que este criado da republica, o Antonio, namorava tambem D. Felicidade!

O Antonio era casado com a criada, que se chamava Maria, e era o homem mais preguiçoso e cala-

ceiro que Deus ao mundo deitou! Dizia-lhe ás vezes o Lobo de Moura, grande fumador:

— Ó Antonio, vae-me alli comprar cigarros.

Respondia o Antonio, puxando pelos d'elle:

— Ó sr. Moura! antes quero dar-lhe dos meus do que ir comprar-lh'os!

— Ó Antonio, põe lá o jantar na mesa.

O Antonio:

— Ó Maria, põe lá na mesa o jantar dos senhores.

Era d'este feitio; — e com este feitio foi aproveitado... pela politica! Nem podia deixar de ser! O Azevedo de Portalegre foi encontrál-o, annos depois, em Condeixa, n'umas eleições muito renhidas que lá houve com o duque d'Avila, depois da *janeirinha,* — arvorado em *guarda-costas* do candidato, que era o Quaresma!

— Ó Antonio! Tu feito valentão?! — disse-lhe espantado o Azevedo.

— Que lhe quer, sr. doutor?! Dão-me seis tostões, e isto é a fingir!

Pois sabidas as contas, até o Antonio arrastava a aza a D. Felicidade!

Aquillo dava para todos!

Ao proprio Antonio d'Azevedo, essa *paixão* pela D. Felicidade não o impedia de cortejar tambem outra visinha, a *Princeza dos Loureiros,* tambem romantica, — e a essa tocava-lhe flauta debaixo da varanda! O Francisco d'Azevedo dava um tiro com um pistolão (era o signal); o Antonio d'Azevedo embocava a flauta, soprando-lhe com tal gana que faria andar á vela uma esquadra, — e momentos depois, ao piano, a *Princeza dos Loureiros,* lá dentro, dedilhava com sentimento coisas romanticas... Uma delicia!

Mas vamos lá indo com a historia da outra, que o melhor ainda está para vir! Quiz Deus ou o demonio, que D. Felicidade acordasse um dia com muitas saudades do seu convento, e principalmente de certa amiga que lá tinha, chamada Balbina! E prevendo que não podia mandar á querida Balbina coisa mais tocante que uns doces versinhos, lembrou-se de pedir aos rapazes a versalhada, — e, « podendo ser, que fôsse uma decima! »

Não havia fugir á incumbencia, porque lhes podia fugir a marmelada; — e resolveram, portanto, fazer a decima! Mas puxada e repuxada com alma a cordoveia do estro. a decima não sahia!

Até que o Benjamim da Chamusca, que fôra o portador da incumbencia e estava *a ares* lá na *republica,* tira-se dos seus cuidados e faz a decima, — elle só! A difficuldade estava em que o demonio da estrophe era obrigada a certos topicos, fornecidos pela visinha; e désse por onde désse, tinha de dizer que no collo da tal Balbina se reclinava outr'ora, todas as tardes, D. Felicidade, — e que d'esses tempos (ai!)

tinha saudades! Sahe-se com esta o Benjamim, — e impinge-a á dama:

Depois que deixei o convento,
Meu desejado retiro,
Dia e noite suspiro
Em ti pondo o pensamento!
Já não tenho teu alento
Que ameigava a triste sina
Que me deu o duro fado!
Sobre teu peito adorado
Minha fronte se não reclina,
Longe de ti, cara Balbina!

Mas o demonio foi aquella palavra « fado » no setimo verso! Pareceu *exquisita* ao pudor de D. Felicidade, — e quiçá realista! Escandalisou-se!

Os outros, que já receavam a concorrencia do Benjamim, e temiam que quando elle voltasse para a sua *republica* os pasteis de D. Felicidade seguissem atraz d'elle, entraram todos a dar razão á visinha, — e a dizer com ella:

— Que sim! que « fado » não era palavra que se escrevesse! De mais a mais, n'uns versos para uma senhora! E para uma senhora em convento! — Credo!

E confidenciavam a D. Felicidade:

— Mas se elle é um estroina!

— É?!

— E um devasso!

— Ih!!

... Olharam á roda, não fôssem ouvil-os:

— Já bateu no pae!

— Oh!!

Benzeu-se tres vezes D. Felicidade, e elles ainda lhe largaram esta:

— Foi dos que roubaram as pratas do convento de Lorvão...

— Uh!!! — exclamou ella arrenegando-o!

Ficou prompta a D. Felicidade! Rasgou os versos — e « d'alli arrumou! »

Ora mas a fama da marmelada, mais dos pasteis, circulou em Coimbra pela rapaziada! A propria casa de Cellas tinha lenda, e espalhára-se, não sei como, que até lá havia um boi nas aguas-furtadas, e houve quem jurasse que lhe vira a cabeça, á janella! Esse boi, de mais a mais, tinha uma particularidade muito interessante: fornecia de bifes a *republica*, e nunca se acabava! Tirava-se-lhe um bife com uma faca afiada; curava-se a *ferida* muito bem curada; e o boi, de perfeita saude, ia dando bifes e não se acabava!

Os pasteis, que não a lenda, levaram a Cellas Anthero de Quental. Tambem queria pasteis! Mas como quer que D. Felicidade andasse então em crise de nervos, — porque « sonhára com um rapaz » muito atre-

vido », dizia ella depois ao dr. Lourenço, lente de medicina, consultando-o se andaria gravida! — esquecera-se de todo dos seus visinhos, e a respeito de pasteis, ou de marmelada, ou de quéques, nem o cheiro!

Até que se lembra o Francisco de Azevedo de arranjar uma caixa com flôres e de a enviar a D. Felicidade com uma quadra implorativa, — e que teve como resposta, é claro, avultada dóse de marmelada, com que se lambeu Anthero e os mais tambem:

Minha alma penhorada
Por tantos favores
Remette essas flôres
A quem dá marmelada.



Manjar branco e arrufadas

A NIVELEIDA



COIMBRA — CERCA DO CONVENTO DE Sta CRUZ — O JOGO DA BOLA

A NIVELEIDA

In illo tempore — quando morreu em Lisboa o rei D. Fernando, alguns rapazes de Coimbra lembraram-se de ir á capital em commissão, a representar a Academia nos funeraes regios! Ora precisamente n'esse anno, começavam a grassar pela rapaziada, lá em Coimbra, as bexigas doidas da politica, e as bexigas atacavam de preferencia os quartannistas — que são bachareis... em flôr!

Como os feriadinhos estavam certos, e isso é que importava, a Academia nem sequer pensou em mandar *japonezes* aos funeraes! (1) Mas sempre houve tres que quizeram ir : — o Antonio Lagoaça, agora conde

---

(1) Isto de « estarem certos os feriadinhos », faz-me lembrar agora uma coisa que aconteceu com o *César Pensador*, que n'uma assembleia geral, no Theatro Academico, principiou um *discurso* da seguinte maneira :

— « Eu estava alli em baixo quando me disseram : Ó César,



In illo tempor[illegible] [illegible]ssem-
Coimbra lembro[illegible] [illegible]o, foi e
a representar [illegible]
precisamente [illegible]
espaxinda, lá se [illegible]
fifica, e as le[illegible]
lannistas — qu[illegible]

Como os le[illegible]
importava, a le[illegible]
japonezes as [illegible]
que quizeram [illegible]

---

(1) Isto de «es[illegible]
agora uma [illegible]
n'uma assemblé[illegible]
discurso da se[illegible]
— «Eu estava [illegible]

de Lagoaça e par do reino; o Duarte Praia, agora Marquez da Praia; e então o Antonio Alte, que andou pelo Brazil uns poucos d'annos, secretario de legação : — todos tres lisboetas da gemma!

Por meio de bilhetinhos passados na aula, os tres lá arranjaram no Theatro Academico uma especie de assembleia a que chamaram *geral,* mas que não passou, em verdade, de *particularissima;* deram-se por nomeados para representar a Academia nos funeraes; e quando a *briosa* soube da historia, já iam todos caminho de Lisboa, muito satisfeitos!

Ora a *pirraça* poderia talvez passar, feita por outros! Mas feita por aquelles tres, era imperdoavel! Pertenciam todos á primeira ala dos *polainudos,* chamados assim porque faziam da polaina um *chic,* e acho que uma fidalguia, — e os *polainudos,* embora bons rapazes como aquelles tres, eram, como collectividade, quasi odiados!

---

vamos pedir um feriado? E eu disse : Se é para pedir um feriado vamos lá! »

Interrupção de todos os lados do theatro, n'um alarido :

— Bravo! Bravo! Apoiado! Mais alto : suba á cadeira!

O César subiu á cadeira e começou outra vez :

— « Eu estava alli em baixo quando me disseram : Ó César, vamos pedir um feriado? E eu disse : Se é para pedir um camaferiado vamos lá! »

— Bravo! Bravissimo! Apoiadissimo! Mais alto : suba a um rote! D'um camarote!

E lá vae o César para um camarote, e começa outra vez :

— « Eu estava ali em baixo quando me disseram : Ó César, vamos pedir um feriado? E eu disse : Se é para pedir um feriado vamos lá! »

Aquelles bem o sabiam; e bem sabiam, tambem, que especie de diploma levavam na mala, a acreditál-os como enviados da Academia...

Por isso, e prevendo tempestade na sua ausencia, entenderam-se antes de partir com o Antonio Cabral, que andava então no 5.º anno e tinha a sua influencia na rapaziada, — e pediram-lhe que se estalasse tempestade na ausencia d'elles, fizesse por a amainar.

Prometteu o Antonio Cabral o que lhe pediam, — e os tres lá partiram emfim para Lisboa, *representantes* da Academia!

Mas a tempestade não tardou a desencadear-se, e desencadeou-se furiosamente! Um *Aviso* pegado nas portas do Club Academico chamava a Academia, *offendida nos seus brios*, a uma assembleia geral, com o fim de protestar contra os « usurpadores »!

Andou o Antonio Cabral em bolandas, para ter mão no chinfrim imminente; mas vendo que não conseguia nada, aggregou a si o Waldeck (um condiscipulo d'elle a quem chamavam Waldeck porque na aula de Direito Romano tratára uma vez por *senhor* o auctor do antediluviano compendio, chamando-lhe ceremoniosamente « sr. Waldeck ») e foi postar-se á entrada do Club com intuitos de arengar aos revoltosos, e levál-os, se tanto fôsse preciso, a murro secco!

Mas vendo os dois que a onda engrossava, e que não havia meio de impedir a arruaça, variaram de tactica: foram-se ter com o *Saraiva das forças;* mette-

ram-lhe no bolso a chave do theatro, como quem a depõe n'um baluarte invencivel ou a confia ás mãos de Sansão; e desatam a apregoar que « não havia chave », — que não podia haver assembleia, porque a chave do theatro desapparecêra!

Mas ergueu-se logo uma Babel de improperios :

— Arromba-se o theatro!

— Mettem-se as portas dentro!

— Deita-se fogo se fôr preciso!

— Entra-se pelo telhado!

— O theatro é nosso!

— A Academia é soberana!

Um inferno de um milhão de demonios!

N'isto, e como a desafiar a tempestade, o *Saraiva das forças* lembra-se de assomar a uma janella do Club, — e diz no seu estylo conciso, e na sua vozinha de flautim :

— « Está aqui a chave — olhem! — mas não a levam! »

E como o Waldeck e o Antonio Cabral dessem *apoiados* ao Saraiva : — « Bravo! Apoiado! Muitissimo bem! » — logo duas duzias de revoltosos se dispozeram a arrombar a porta!

— Vamos a isto, com mil raios!

Mas o Antonio Cabral, que era sujeito de expedientes, vae-se ter logo com o Saraiva, e diz-lhe que o melhor era abrirem a porta!

— Isso é que não abro! — teimou o outro.

— Homem! — explicava o Antonio Cabral. — Deixam-se entrar, e faz-se depois lá dentro *obstruccionismo!* Nem chegam sequer a eleger a mesa! É melhor assim! Olha que os diabos arrombam a porta!

— E eu arrombo-os a elles!

Mas convencido o Saraiva de que durante a assembleia podia pregar tres murros na presidencia, foi e abriu a porta :

— Entrem, suas cavalgaduras!

Foi uma onda! Dois minutos depois o theatro estava litteralmente cheio — plateia, frizas, camarotes, o palco! — e accesos todos os bicos do gaz, alguns com uma chamma de palmo! Ouviu-se logo uma voz nervosa :

— Proponho para presidente da assembleia o sr. padre Manuel Nogueira!

Vozes :

— Quem?!

Gritos de toda a banda :

— Quem?!

— Quem?!

— O sr. padre Nogueira!

Approvado por acclamação, — com uma roda de palmas ainda por cima!

Mas diz o Cabral da friza onde estava, aos berros :

— Rejeito! Rejeito! Proponho o sr. João Bernardo Xavier de Moraes Cabral!

Levanta-se um alarido medonho :

— E o Waldeck!

— Fóra o Waldeck!

— Não se quer cá o Waldeck!

— Fóra!

— Fóra!

E já no palco, o padre Nogueira, agora conego no Algarve, agitava furiosamente a campainha da presidencia, e propunha os secretarios — acceites immediatamente por acclamação, com outra roda de palmas a coroar a proposta!

Gritavam de todos os lados :

— Ordem! Ordem! Desaffrontem a mesa!

— Desaffrontem a mesa! Ordem!

— Ordem! Ordem!

Mil vozes pediram a palavra ao mesmo tempo; mas o João Mendes de Magalhães Ramalho, que a não tinha pedido, á força de pulmões consegue metter na arruaça este *discurso* — « em nome, dizia elle, do Conselho da Academia Dramatica » :

— O theatro, meus senhores, está cedido pelo Conselho da Academia Dramatica aos quintannistas, para ensaiarem a sua peça. Pergunto ao sr. Saraiva, que é do Conselho, se isto tem algum geito?!

— Fóra! Fóra!

— Ordem! Fóra! Fóra! Ordem!

Mas acode á puxada o Saraiva das forças! Trepa á ribalta, a correr e com a capa dependurada d'um hombro, e, a esganiçar-se, grita que tem razão o sr. João Mendes, — e convida a Academia, « por conseguinte », a evacuar o theatro! (1)

(1) Lembro-me que foi n'este discurso que o Saraiva metteu o seguinte *conceito* : — « A Academia deve obrar sem sujar a capa! »

— Qual « por conseguinte »! Fóra! Fóra! Não sahimos! A Academia é soberana!

— O theatro não é dos quintannistas!

— O theatro é da Academia!

— Fóra!

— Fóra! — Não sahimos!

Ouviu-se ainda a voz do Saraiva, que acabava o *discurso :*

— ... Quando não, corro tudo a pontapés!

— Fóra! Fóra!

— Se tem força, vá para a alfandega!

— D'aqui ninguem arreda!

— Fóra! Fóra!

E já os vinte primeiros oradores começavam furiosos o seu discurso : — « Sr. presidente! Isto é infame! » — quando de repente — zás! — fica tudo ás escuras, porque o Antonio Cabral apagára o gaz! Um charivari medonho ia atirando a terra com o theatro, como se estoirassem na sala mil granadas, ou rabiassem alli dentro os diabos todos!

Não se fez a assembleia, é claro : — não pôde ser! Mas combinados logo os revoltosos, resolveram ir

effectuál-a n'outra parte, e reuniram-se, passados dias, n'um theatrelho de futricas que havia ao pé da rua da Trindade, no edificio do tribunal velho, — mas á porta fechada, por cautéla...

Ahi então foi arengar á vontade! Mas picados pelo incidente do Theatro Academico, os oradores esqueceram-se quasi dos *polainudos*, e pozeram-se a declamar e a barafustar sobre o que elles chamavam o *nivel* da Academia, declarando todos que estava baixissimo, — e que era preciso, désse por onde désse, levantál-o!

Era preciso LEVANTAR o *nivel!*

Pegam os outros na palavra, — e era *nivel* por todas as fórmas e feitios, e até pintado pelas paredes das casas! E de noite, era aquella *scie* infernal dos embuçados, debaixo das janellas dos revoltosos :

— Ó Sá Fernandes! dá cá o nivel!

— Ó Pires de Lima! dá cá o nivel!

— Ó Lomelino! dá cá o nivel!

Um charivari pegado todas as noites!

Vae senão quando, lembra-se o Antonio Cabral de engendrar um poema, para matar a questão com a arma da troça; — e na aula do Pitta, emquanto o lente preleccionava, sahe-lhe d'um jacto *A Niveleida*, no molde, já se vê, dos immortaes *Lusiadas :*

A NIVELEIDA

(POEMA ÉPICO)

I

Os Caires (1) e os Levys (2) assignalados
Que são cá da briosa o ornamento,
Os Claros (3) e os Fernandes (4) desgraçados
Que são muito mais finos que um jumento,
Os Pir's de Lima (5) e outros mal-creados
Que ergueram na Trindade um vão lamento,
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte

II

Cessem do sabio Motta (6) e Lomelino (7)
As asneiras incriveis que disseram;
Cale-se da cebola e do pepino
A fama das saladas que fizeram;
Que eu canto o nivel alto, o nivel fino
Que elles alevantar tanto quizeram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outra asneira mais alta se alevanta.

---

(1) É o João de Caires, agora advogado em Lisboa.
(2) É o Levy Marques da Costa, idem.
(3) É o Antonio Claro, que foi da revolta do Porto.
(4) É o José Maria de Sá Fernandes, de Vallega, actualmente juiz municipal em Sabrosa.
(5) É o Eduardo Augusto Pires de Lima, agora advogado no Porto e lente do Instituto Industrial.
(6) É o Motta Gomes, que tambem está em Lisboa.
(7) É o Lomelino de Freitas, ilheu, que advoga em Lisboa.

III

Estavas, ó briosa, em bom socego,
Da sebenta colhendo o doce fruito,
N'aquelle estado tolo, bruto e cego,
Que os R R não deixam durar muito;
Na immunda princeza do Mondego
Que agora vae d'aguas pouco enxuito,
Ensinando ás sopeiras e serventes
O que tinhas aprendido co'os teus lentes.

IV

Mas eis que de repente uma figura
Te apparece no ar robusta e valida:
Era o nivel d'altissima estatura,
De gordura suina e pêra esqualida,
Egual ao Lomelino na postura,
Na sciencia tambem e na côr pallida;
E o nivel que era baixo e sem cabellos,
É alto agora — os dentes amarellos.

V

P'ra pôl-o n'esta altura orou Nogueira,
O padre de figura um tanto unctuosa,
Botou o Sá Fernandes basta asneira,
E disse o João de Caires que a briosa
Tinha o nivel em baixa verdadeira:
— Eleväl-o era coisa muito honrosa!
N'isto o Pires levanta-se iracundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

VI

« Eu só com os meus livros e com esta
(E dizendo isto arranca uma queixada
D'uma burra que fôra em vida honesta)
« Defenderei a ideia alevantada,

« Contra a qual o bom senso ahi protesta.
« A quintannista gente é desalmada!
« Pois vencerei esses meus adversarios
« E os que a ideia tal forem contrarios! »

VII

Assim orou da plebe o tal tribuno,
Em tudo atroz rival do grão Ribeiro; (1)
Depois, o Motta Gomes importuno
Furioso se amostrou e cavalleiro;
Do quarto anno o tal distincto alumno,
Que em tudo é feroz republiqueiro,
Orou por largo tempo na Trindade
Do nivel demonstrando a baixidade.

---

(1) O Ribeiro era um pobre velho, rival do Rosalino, e auctor d'um livro phantastico chamado *Allegorias!* A prosa d'elle tinha um estribilho constante — *Opio!* — e era crivada de pontos de admiração. Exemplo d'uma *Allegoria* do Ribeiro: — « Opio!! Ha figueiras!!! Opio!!!! » — Era uma figura originalissima, este Ribeiro; e chamei-lhe *pobre,* mas elle era riquissimo, e um grande unhas de fome: não emprestava 5 réis a ninguem, e para apanhar uma vez *um cão,* foi preciso um plano completo de estrategia, que levou uma semana a discutir, mas que deu resultado! A Academia fazia-lhe repetidas apotheoses, de noite, em marchas *aux flambeaux,* e o Ribeiro era levado ao collo pelas ruas de Coimbra, com a sua capinha azul sem mangas, e recitava *allegorias* no meio das acclamações freneticas dos rapazes! Tinha uma barba muito branca, umas calças de xadrez branco e preto, e quando andava, todo elle se saracoteava, n'um grande ar de importancia olympica! (V. pag. 384.)

O Rosalino, esse ainda é vivo, e parece S. Pedro, — e só elle merecia um poema em oitava rima, que o cantasse, e á *Luz da Razão*, e ao *Diabo fechado na minha gaveta* e ás centenas de opusculos que tem publicado! Independencia mais ferrenha e

VIII

Oh! que não sei de nojo como o conte!
Que tendo elles o nivel levantado,
A troça, que cresceu de monte a monte,
Pôz o nivel no seu antigo estado!,
Do Caires inclinou-se logo a fronte,
E tendo o amigo Claro alli ao lado,
Não ficou homem, não, mas mudo e quedo
E junto d'um penedo outro penedo.

IX

As tricanas da Alta a sorte escura
Do fiasco, chorando, memoraram;
E, por lembrança eterna, coisa dura
Ao Caires infeliz logo offertaram:

---

maior honestidade de homem, litteraria e pessoal, nunca se viu nem se ha-de vêr, — e como tivesse andado no Pateo a estudar Geometria, uma vez não sabia a lição, e metteu dispensa... em verso heroico:

Como incommodado estado tenho
Dispensa a V.ª Sr.ª pedir venho.

E por não a pedir por vezes,
Peço-a por dois ou tres mezes.

E assignava tambem em verso:

Péga Pegão Pega Peguito
Rosalino Candido de Sampaio e Brito.

Diz-lhe o lente que era o Manso Preto:

— Por um anno, se quizer!

Réplica do Rosalino, ainda em verso:

Isso mesmo é o que se requer!

E elle, chamando ingrata á patria impura,
Os ossos não lhe dá. N'isto ficaram
O nivel e os discursos estudados
Dos sabios oradores alevantados!!!

FIM

Pois sim! Foi deitar polvora no lume! Não se ficou sem resposta o Antonio Cabral, e levou-a logo no mesmo metro! Em folheto de 8 paginas, sem capa, rezava assim a tremenda réplica, que supponho do Angelo Ferreira, agora magistrado na Africa, e que era tambem dos taes do *nivel:*

A BÔLHA

(Resposta á Niveleida, ao Espectaculo (1) *e ao Nivel Academico* (2), *tres semsaborias distinctas e nenhuma de geito)*

Por ***

Assim o querem assim o teem:

Os grandes paspalhões assignalados,
Que nas reuniões da Academia
Foram solemnemente apepinados
Por sua telha ou sua *fidalguia,*

(1) Este *Espectaculo* não passou... d'um cartaz! Irá reproduzido no fim do capitulo. Menos o final...

(2) O *Nivel Academico* era uma folha lithographada de 4 paginas, com versos e caricaturas, entre estas a do Padre Nogueira, do Jayme Guitarrista, do *Zé Macaco,* e de varios polainudos: Duarte Praia, (hoje marquez da Praia); Antonio Lagoaça (hoje Conde de Lagoaça); Antonio Horta (Alte) etc.! Tambem vae adeante *fac-simile.*

Que na guerra das móças esforçados
Mais do que a força humana permittia
No Theatro Academico asnearam
Tolices de que todos se espantaram;

E tambem as façanhas gloriosas
Dos Cabraes e Waldecks e quejandos,
Que á noite, com as vozes mais fanhosas
Andam o *nivel* a pedir em bandos;
E as diabolicas furias deliciosas
De certos quintannistas memorandos,
Cantando espalharei por toda a parte:
Ha-de-se rir o mundo até que farte.

Ó musa da ironia e da arruaça,
Que tens excepcionaes o gesto e o peito,
Vira-te para mim e põe-te a geito
De inspirar um poema de chalaça;
Quero um poema esplendido, perfeito,
Que vos celebre e que subir vos faça,
N'um pulo só, da gloria á mór altura,
Cavalleiros da mais triste figura!

Haviam sido ha pouco apepinados
Os meus heroes, que andavam murmurando
Que na Trindade ou para aquelles lados
Se estava contra elles conspirando,
Quando uma noite andando endiabrados
Pela Feira sobre isto conversando,
Uma móca que os ares escurece
Sobre as suas cabeças apparece.

Viu-se o Waldeck! Vinha carregado
Com a móca que pôz a todos medo.
« Ai rapazes! bradou, venho estafado
Qual se trouxesse ás costas um rochedo!
Deixae-me descançar só um bocado.
Para depois contar-vos um segredo. »
E diziam os outros: « Co'esta móca
'Stamos seguros, pois ninguem nos toca. »

Apruma-se o Waldeck, e falla: « Amigos,
É preciso não ir esmorecendo!
Querem matar-nos! Sim! Ficae sabendo
Que fundaram os nossos inimigos
A *Associação do Nivel*, pretendendo
A cada passo abrirem-nos perigos.
Mas nós, como resposta aos da Trindade,
Vamos fundar outra sociedade! »

— « Bravo, Waldeck! Bravo! » Elle responde:
— « Obrigado, rapazes! (1) Impossivel
É deixar de luctar! Nunca se esconde
A gente como nós, que é invencivel!
Formemos já e não importa aonde
A nossa sociedade: *O Grande Nivel!* »
— « Viva o Waldeck! Viva! » E elle iracundo
Ameaça a terra, o céo, o mar e o mundo!

Diz o Cabral então: « Por mim gostei!
Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Que para derrubar os da Trindade
Sem grande custo eu inda poderei.
E agora precisamos vêr quem ha-de
Ser d'essa associação o presidente
Que ha-de mandar matar aquella gente. »

Berra logo o Waldeck: « Ó rapaziada,
Para servir-vos braço ás mócas feito
E para o nivel tenho a bôlha usada!
Só me fallece de ser de vós acceito.
O tal logar dará muita massada,
Mas eu, por vosso amigo, não rejeito:
Mesmo porque eu já sei d'esta incumbencia:
Já tive d'uma vez a presidencia. »

---

(1) Este « obrigado, rapazes! » é piada: era a fórmula com que o Ribeiro das *Allegorias* agradecia as ovações...



Fac-simile do « Nivel Academico » (1ª. pag.)

(O Padre Nogueira — a Academia)

— « Alto lá! » grita fulo o Paes Cabral.
Na bocca deves ir pôr uma rolha.
Já foste presidente! É falso tal!
A nossa gente que um de nós escolha!
Mas ella, para não proceder mal,
Deve escolher quem tenha maior bôlha. »
E cheio de vaidade continúa:
— « A minha bôlha inda é maior que a tua! »

Engalfinham-se os dois! Ferve o sopapo! (1)
Cada um se bate co'o furor d'um touro!
Cada batina já é um farrapo,
Mas a nenhum a lucta traz desdouro.
Por fim diz o Waldeck: « Ah! que eu destapo! »
E mata o outro co'um *tremendo estouro*
E digam lá qual é mais excellente:
Se ser um rei, se ser um presidente!

As filhas da Varina (2) a morte escura
De tão prestante cidadão choraram;
Mas os rapazes, cheios de bravura,
Para o Waldeck logo começaram:
— « Tu só sabes fazer triste figura! »
Então de presidente o rejeitaram.
Depois, puxando a braza p'rá sardinha,
Cada um dizia: « A maior bôlha é a minha! »

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos ramelosos,
O Waldeck saudoso ia pensando:
« Lá vae a presidencia! Adeus, meus gosos! »

---

(1) Reminiscencia d'aquelle verso do *Palito Metrico*:

Fervebant coques, bofetatæque sonabant.

(2) Estas « filhas da Varina » moravam com a *mãe* no Terceiro da Herva, um pouco para cá da Anna dos Ossos, que tambem tinha *filhas*.



Fac-simile do « Nivel Academico » (2ª pag.)

E o Bessa, o das barbinhas, agitando
Os braços entre a turba dos furiosos,
Poisque tambem poleiro pretendia,
A'quella gente doida assim dizia :

— « Sou uma bruta fera, cuja mente
Natura fez vazia de nascença :
E por essa razão o presidente
Deveis fazer de mim e sem detença. »

Mas — decepção! — aquella rude gente
Dá-lhe só, do discurso em recompensa,
Não o logar pedido, mas um cone,
— Um pastelinho á moda de Cambrone!

E o Alte de monoculo assestado
Arrogante olha a turba e então blasona:
— « Bôlha decerto não se ha encontrado
Maior que a minha — que até é *bolhona!*
Vós todos sois bem reles ao meu lado! »
Querem-lhe desandar uma tapona.
Diz o pedante: « Gente bruta e pôdre!
A minha bôlha inda é maior que um ôdre! »

Mais ia por deante o bruto horrendo
Só proferindo asneiras, quando o Alçada
Lhe perguntou: « Que vales, estupendo
E estupido censor? Que vales? Nada!
Tu mereces um pontapé tremendo
Ou, em vez d'este, só a gargalhada! »
E o Alçada com este furor tanto
Aos vivos medo e aos mortos faz espanto.

Quer ser o presidente. Arenga um pouco
Mais de tempo, aos pulinhos, e: « Termino! »
Apparece a fallar já muito rouco
O soberbo pateta Guilhermino! (1)
O céos! Diz coisas que só diz um louco,
E por nenhuma cousa ter de fino
Quer presidir á nova associação!
Pregaram-lhe em resposta um cannelão.

(1) Guilhermino Augusto de Moraes Madureira Lobo Leite de Castro Sotto-Mayor e Crespo! Um nome de medico, maior que uma *solitaria!*



Fac-simile do « Nivel Academico » (3ª pag.)

(Figuras: — Academia, Antonio Horta (Alte), Duarte Praia (marquez da Praia), Antonio Lagoaça (Conde de Lagoaça), José Macaco, Jayme Guitarrista, Rodrigues Braga (o Braguinha); etc.)

Gracioso e correcto no espartilho
Apparece a fallar o Christiano (1).
Quer tambem presidir este casquilho;
Mas fazem-no fugir, porque d'um cano
Sahira á meia-noite o peralvilho
Cheio de esterco e tresandava a guano.
E queria fallar, mas vinha sujo,
Pela mesma razão, o Araujo (2).

Levaram-no d'alli a biqueirada,
Emquanto lhe diziam : « Aqui morres! »
Elle gritava em voz esganiçada:
« Acóde e corre, Aguião (3), que se não corres
A livrar-me já já d'esta pancada
Póde ser que não aches quem soccorres. »
Mas o Aguião : « Espera, tem paciencia!
Primeiro quero ter a presidencia. »

Muitos outros, querendo libertar-se
D'este ponto, diziam : « Vae depressa! »
Elle serio, porém, sem importar-se :
— « Minha bôlha é maior do que a cabeça! »
Os outros pretendentes a escamar-se :
— « Vae depressa! » — « Não vou! » Então começa
Lucta a bofètes, á mócada, aos murros
E a couces de fazer inveja a burros!

Terrivel lucta se travou no bando!
Cada couce é peor do que um pelouro!
Mas tudo muda n'um momento, quando
O Waldeck, a vingar-se do desdouro,
Seu enorme *canhão* descarregando,
A todos mata co'um furioso estouro!
Quem tem uma arma assim oh! idolatre-a
Soberbo estouro que salvaste a patria!

(1) O actor Christiano, que se formou em Direito e se fez *actor!* com a Lucinda Simões.
(2) Este era o Julio d'Araujo ou o *Araujo da naifa*, politicão agora em terras de Bragança!
(3) Está agora delegado não sei aonde.

THEATRO DE D. LUIZ

Companhia equestre do actor-auctor

LAMBE-LINO

BENEFICIO DA ACADEMIA

HOJE, 17, ENTRE AS 10 E AS 11

A Magica-Bufa em 13 actos, 1/2 prologo e 3 epilogos, ornada de transformações e visualidades

O NIVEL

PERSONAGENS

O Nivel.	MÓ-TAGOMES
Padre Pedro.	MANUEL NOGUEIRA
A Bôlha	M. LOMELINO
Um de 1820	GRANDE IDEIA
Um pharmaceutico.	SÁ D'OVAR
Um pires de louça das Caldas. . .	LIMA
Um gago	E. CLARO
NN.	SÓ-MAGRO... (1)

Niveladores, Bôlhas, cavallos, burros, etc., etc.

A acção passa-se... etc. (o resto fica no tinteiro!)

(1) Os nomes dos *actores* correspondem, respectivamente, aos seguintes : **Motta Gomes**; Padre Pedro **Manuel Nogueira**; Lomelino de Freitas; Leite Braga; José Maria de Sá Fernandes; **Pires de Lima**; Antonio Claro; e **Magrassó**, de **Fronteira**.

O « LUSITANO »

E

O « ANDA A RODA »



COIMBRA — UNIVERSIDADE — A PORTA-FERREA

O « LUSITANO »

E

O « ANDA A RODA »

In illo tempore — Ainda no tempo do nivel, e ainda por causa do nivel, appareceram em Coimbra outros versos, mas esses, agora, sahidos do Olympo litterario! Quem diz Olympo litterario, diz *Café Lusitano,* um café que havia quasi defronte da Havaneza, pegado á ourivesaria do Abilio, e que era do José Lucio, um da vida airada, que já morreu, e que tinha uma voz de barytono muito applaudida, que até se fez ouvir no Theatro Academico!

No Lusitano é que os janotas da Academia se juntavam. Era alli o quartel-general dos *polainudos,* que

se ficavam até deshoras á roda das mesas de marmore, beberricando e palrando, emquanto os « servos da gleba », que recolhiam ao toque da *Cabra,* digeriam nas suas republicas a sebenta, alumiados pelo candieiro amarelio de tres bicos, de gloriosa memoria!



Monumento a Camões

Ao lado dos litteratos de mais elevada cotação, como o Luiz de Magalhães, o Antonio Feijó, o Rodrigues Braga, o Carlos Lobo d'Avila, o Queiroz Ribeiro, o Alfredo Paçô Vieira, o Pedro Gaivão, o Eduardo de Araujo, o Manuel Gayo, reuniam-se outros que se diziam tambem litteratos, mas que ainda hoje se conservam ineditos, — excepto o José Botelho que fez por junto uns versos memorandos com o titulo de *Eterno Feminino.* que foi tudo quanto em cinco annos de connubio parturejou a sua Musa, e isso, diz-se, porque a sua Musa lhe foi *infiel.* E reuniam-se tambem alli, por *chic,* os aristocratas e aspirantes a aristocratas, os ricos e os que fingiam de ricos — e, em geral, os alfacinhas! Muitos d'elles eram *conhecidos* do Bólson, um usurario que morava na Calçada e que tambem tem chronica; andavam de trem, que alugavam no Natividade da Sophia; e quando iam actrizes a Coimbra, ceavam todos lampreia no Paço

do Conde, em grande pagode, servidos pelo José Macaco! (1)

Está claro que a *plebs* da Academia embirrava com o Lusitano — e os do Lusitano davam-se ares de *vida á parte* embirrando tambem com a Academia, e muitos d'elles até se vestiam á futrica depois das aulas, calçavam luvas côr de palha, e punham monoculo! Mas as hostilidades eram vivas, sobretudo, entre a facção litteraria do Lusitano, especialmente por banda dos ineditos com o José Botelho á frente, e a facção litteraria que se juntava mais abaixo, ao pé do Sansão, no interior da mercearia do *Anda a roda!*

D'esta faziam parte os bohemios da Academia, presididos pelo Solano d'Abreu. Ao cahir da tarde, eram rentes n'essas duas salinhas interiores do *Anda a roda,* a beber cerveja e a comer bacalhau cru, além do Solano, que era o primeiro que chegava porque tinha na visinhança um dos seus numerosos namoros,

---

(1) Este José Macaco é o *José Macaque* da Rattazzi no *Portugal à vol d'oiseau.* Desopila aquella passagem de Camillo, na tareia que pregou á princeza : -- « Tendo esta dama (escreve Camillo) escripto lisonjeiras coisas da gentileza e bonito feitio dos homens portuguezes, exceptuou caprichosamente um criado do Hotel Mondego, o *José Macaque.* Diz que elle tem uma *fealdade socratica.* Eu não affirmo que José Macaco seja um galan com o perfil de Bathylo de Samos nem os tres quartos do Cupido de Corregio. Anacreonte decerto lhe não toucaria as loiras madeixas de pampanos e rosas de Teos, nem me persuado que Sodoma ardesse por causa d'elle ou de mim. Assim mesmo, sem algum motivo estranho á esthetica, a princeza Maria Letizia, indisposta com José Macaco, não lhe perpetuaria no seu livro, como em um bronze de Esopo, a fealdade. Devia de haver

Antonio Fogaça, que ainda então era caloiro, Santos Mello, Pinto da Rocha, Forbes Costa, Bernardo Lucas, Silva Cordeiro, Francisco Bastos, Costa Macedo, Costa Santos, Eduardo Valle, Bernardino Zagallo, Carlos Braga, Silvestre Falcão, Braulio Caldas, Eugenio de Castro, eu e outros.

Com tendencias para o grupo do Lusitano, divagava, mas sem nunca se irmanar de todo, Luiz Osorio. Com tendencias para o *Anda a roda,* mas emfim não se chegando muito, porque já então era a *prudencia em pessoa,* embora fôsse por dentro um bohemio de marca, — o Alfredo da Cunha!

Não tinha sabios, a malta do *Anda a roda,* a não ser o Silva Cordeiro. Tinha-os, porém, a do Lusitano, e chamavam-se — João Arroyo, Pinto de Mesquita, Azevedo e Silva, João Pinto Rodrigues dos Santos, Diniz da Motta e Aristides da Motta, Henriques da Silva, Manuel Ramos e não sei quem mais, todos pelo

---

uma causal psychica para injuria tão desproporcionada com as culpas arguidas ao José Macaco. Sua alteza não o baldeava á zombaria dos seculos porvindouros pelo delicto de lhe não servir « *mayonnaise de lagosta* » *à la gelée,* nem « *mexilhões* » *à la provençale.* Indaguei, por intermedio d'um meu amigo em Coimbra, quaes as causas ingentes dos odios assanhados pela Discordia ignivora, como diria Homero, entre Macaco e Princeza. Tentaria elle como o hediondo Thersites da *Iliada* arrancar com suspiros absorventes os olhos meigos da nova Pantasiléa? Trato de averiguar. Se a resposta não vier a tempo, dar-se-ha em appendice supplementar. »

Não a deu, mas é de crer que a recebesse. Tambem eu, que sei o motivo da desavença, me fecho com o curioso segredo — cuja revelação, de resto, faria muita honra a José Macaco...

ultimo figurino — positivistas — menos o Manuel Ramos que tinha já então *philosophia propria*... (1)

Os bohemios do *Anda a roda*, esses ainda deram de

(1) Ora sabio-sabio, no meu tempo, o José Maria Rodrigues, que não me lembro se parou alguma vez á porta do *Anda a roda*, mas que com certeza não pôz nunca os pés no *Lusitano*, porque era um minhoto dos quatro costados, e um sabio... sem fumo! Creio até que foi por lhe parecer mais fumo do que outra coisa o *positivismo* que o Garcia impingia no 3º anno, que o « José Maria », como nós lhe chamavamos, *desertou* de Direito onde era premiado, para Theologia onde o foi sempre tambem, e onde tomou capello.

Ainda estudante, bateu-se elle com Camillo na célebre polemica *Bolas e Bullas;* e Camillo, que imaginava a principio que tinha de se haver com um *classificadote*, d'estes que teem muita sciencia de indice e de lombada, e mais nada, disse-me depois que o José Maria « era um consummado sabio, e o unico, de todos os seus adversarios, que lhe deu que fazer, e de quem se lembrava com vivas saudades. »

A Camillo contei eu então o motivo por que o José Maria lhe não replicara ao ultimo folheto, e o escarceu com que me veio uma vez, na Via Latina, — furioso com elle e com o Chardron!

Fôra o caso que o José Maria enviara de Coimbra para o Porto, ao Chardron, o manuscripto de um dos seus folhetos; e tendo rectificado no dia seguinte um lapso qualquer e mandado ao editor a rectificação, — o Chardron, que logo que recebia os originaes do José Maria tirava uma copia a toda a pressa e a enviava a Camillo para S. Miguel de Seide, d'essa vez não lhe mandou copia da rectificação, e Camillo, apanhado o lapso no manuscripto, zurziu-o na resposta ás mãos ambas, como elle costumava, e zurziu de rijo o José Maria! Este percebeu então a marósca, e ficou fulo, — pois a maioria dos *espectadores*, levados pelo estylo do grande escriptor e apanhados de surpreza pela rapidez da réplica (explicavel d'aquella maneira!) não tinha tempo, quasi, de digerir a sciencia do José Maria, e o « Theologo », como lhe chamava Camillo, ficava debaixo!

Assim acabou a polemica *Bolas e Bullas* — mas d'ahi a pouco,

si alguns jornaes alegres, que viveram... um anno lectivo : a *Porta-Ferrea,* a *Coimbra em fralda,* o *Panorama Contemporaneo, A Imprensa.* Os *polainudos* do Lusitano, esses emittiram a *Revista Scientifica e Litteraria,* onde collaborou um lente, o Garcia, patriarcha do positivismo, e que espichou ao 3.º numero; a *Evolução,* que pregou na cadeia academica, em « paternal custodia », com o Azevedo e Silva e com o Manuel Palma, seus redactores (1); e um jorna-

eis mettido outra vez em danças o José Maria, e d'esta vez com a propria curia romana e a Sagrada Congregação do Concilio, em defeza da Universidade! Então já elle era lente; e hoje, preceptor do Principe Real D. Luiz Philippe, e reitor do Lyceu de Lisboa, não ha pae que o não adore, porque parece que lhe cabem no peito os corações de todos os paes, e os proprios rapazes morrem por elle, — até quando lhes puxa as orelhas!...

Elles lhe farão a chronica um dia, quando escreverem tambem o seu *In illo tempore!*

(1) Este incidente do Palma e do Azevedo e Silva, foi dos mais interessantes do meu tempo de Coimbra. Foi por causa da *Evolução,* um jornal de que o Palma era tambem editor, e onde sahiu um artigo do Azevedo e Silva, *irreverente* para a Universidade! Foram julgados pelo conselho de decanos, que os condemnou a uns dias de prisão e á perda de um anno; mas os dias de prisão foram de um grande pagode, porque á porta da cadeia academica, na rua dos Loyos, tinham sempre musica á hora de jantar, e champagne e companheiros a rodos; e quanto á perda do anno, remediou-se com uma portaria que revogou o accordão do conselho de decanos, mas que foi arrancada a ferros pelo Eduardo d'Abreu, ao ministro que era então o Fontes! Farto já de telegraphar ao Fontes sem resultado, o Eduardo d'Abreu apresentou-se na estação de Coimbra, quando o rei D. Luiz vinha do Porto de inaugurar os Albergues Nocturnos; e depois de conferenciar com Sua Magestade, no salão do comboyo, como o rei, constitucionalmente, só lhe désse bonitas palavras, e o Fontes, que estava ao pé, nem isso ao

lão de quatro paginas de texto e outras tantas de capa amarella, de que me não lembra o nome, e que esticou o pernil logo ao 2.º numero! Acho que se chamava *Folha Academica.*

---

menos, o Eduardo d'Abreu vem á plataforma do salão real, e grita assim para a Academia toda :

— Estudantes de Coimbra! Sua Magestade El-Rei acaba de me dar a sua palavra d'honra de que logo que chegue a Lisboa fará expedir uma Portaria readmittindo os estudantes Azevedo e Palma! — Viva Sua Magestade El-Rei!

A cara do Fontes não se descreve; mas caso é que logo que chegou a Lisboa, a Portaria foi expedida, e em Coimbra, durante uns poucos de dias, reinou um pagode real!

Tenho todos os documentos, sem faltar um, d'esse longo e accidentado incidente, e formam um volume como um diccionario!

O Azevedo e Silva está advogado em Lisboa, e é um commercialista de grande nomeada, aliás justissima; — e o Palma, o Manuel Palma que era o rei dos rapazes, e a quem chamavamos o *conselheiro* por usar barba toda e ser o modelo da pontualidade e do apuro, esse está em casa no Alemtejo, acho que em Beja.

A pontualidade do Palma era tal, que cortava sempre o cabello no dia 1º de cada mez, no Vaz que tinha loja de barbeiro ao pé da Feira; e como quer que uma vez alterasse a regra, e nos apparecesse na aula, no dia 1, sem o cabello cortado, e só o cortasse no dia 3, o Alfredo da Cunha fez-lhe logo estes versos :

Caso estranho e singular!
Singular e estranha ideia!
Venham sabios da Chaldeia
Tal phenomeno explicar!
Elle — o Palma — foi cortar
O cabello em dia tres!!!
Mas porque é que d'esta vez,
Porque é que elle desvairou,
E o cabello não rapou
No primeiro d'este mez?!

Uma vez (para se vêr como viviam *amigos* os taes dois grupos !) uma vez vinhamos uns poucos do *Anda a roda,* seria meia-noite, e ao passarmos pêlo Lusitano, ouvimos, muito accesa, a voz esganiçada do José Botelho, a dizer *coisas!* Parámos á escuta. A esse tempo, ainda elle não tinha feito o seu *Eterno feminino,* mas ria que tinha demonios, o José Botelho, a dizer mal dos litteratos contrarios! Esfarrapava a dentadas de mordacidade um artigo do *Panorama,* quando se ouve uma voz dizer de lá :

— Eu inda o não li.

E como se cada um dos outros fôsse um phonographo, repetiram todos a mesma coisa :

— « Eu inda o não li. »

Espanto do José Botelho, que d'essa vez teve sua graça :

— *Pois eu tambem não!*

*
* *

E por vir a pêlo, vá entre parenthesis e de risota!

Com alguns d'aquelles jornaes, aconteceram-me partidas muito curiosas ! — Com a *Coimbra em fralda,* por exemplo, como quer que o Solano d'Abreu, que era o director, tivesse de sahir para Abrantes, a férias de Paschoa, pediu-me a mim que lhe tomasse conta do jornal, e lhe fizesse a chronica

da semana. Accedi. Mas o Solano a virar costas, e eu a ser assaltado por milhares de collaboradores, que queriam todos impingir-me artigos!

Acceitei-os, é claro, que não tinha remedio; mas á medida que os ia lendo, cresciam-me ganas de não publicar nenhum! Mas como, se a *Coimbra em fralda* era de 4 paginas, e eu só me tinha compromettido a escrever a chronica?! Deliberei: — encheria o jornal só com a *chronica!* E com tal força lhe peguei, que não só enchi de lés a lés as quatro paginas, — mas, medida a cordel a composição, a vêr se chegava... — ainda sobejavam 21 palmos! Havia chronica para outro numero, se fôsse preciso!

Com o *Panorama Contemporaneo,* com esse o caso foi outro. Isso era o jornal mais lindo que tem havido em Coimbra; e eu o seu Director, a convite de um caixeiro da Livraria Orcel, um Costa, que tinha paixão por essas coisas, e aggregára a elle, na empreza, um Sertorio que era photographo! O jornal teria 8 paginas e a capa; — e avulsa e coberta com um papel de seda, uma phototypia!

Era de tentar! E por ser de tentar, ahi escrevo eu a todos os prosadores e poetas de Portugal, pedindo-lhes collaboração; — e logo no 1.º n.º, prego com artigos ineditos dos seguintes: Alexandre da Conceição, que fazia o artigo (por signal engraçadissimo) que acompanhava a estampa, que era uma admiravel vista panoramica de Coimbra, tirada do Pio e impressa em optimo cartão; Camillo Castello Branco, Guerra Junqueiro, Martins Sarmento, — e até um mathematico polaco, Wronski; — e composto o jornal

na Imprensa da Universidade, pelo chefe dos typographos, exigi e consegui esta coisa absurda, e acho que nova em folha na historia da lettra redonda: de linha para linha, nem uma só palavra seria partida, — como de facto não foi!

Lembro-me que tão doido fiquei com o 1.º n.º, que eu mesmo fiz de entregador: levei-o eu mesmo a casa dos que tinha convidado para collaboradores, e que eram todos quantos em Coimbra escreviam para jornaes — estudantes e até futricas! — e lembro-me que essa entrega a fiz eu debaixo da mais formidavel carga d'agua, que do céo se tem despenhado depois do diluvio!

Bem! Mas sahiu o jornal, e a imprensa do paiz fez-lhe uma festa, e eu fiquei radiante!

Mas quiz o demonio que depois de sahirem alguns numeros, eu ouvisse por acaso, na rua do Corpo de Deus onde morava o photographo, e no escriptorio d'este (que só tinha para o pateo uma porta forrada de baeta verde) que eu ouvisse sem ser visto, digo, uma conversa entre os dois *socios*: o caixeiro mais o photographo... Allegava o caixeiro que o jornal *não prestava*; e que em vez de artigos de Martins Sarmento a proposito de Castros ou Castellos, de Leite de Vasconcellos a proposito de *Onomatologia portugueza,* e d'outros por egual *massudos,* como elle dizia e o outro annuia, o que era preciso era dar charadas, receitas de cozinha e coisas assim, — concluindo, os dois, que era preciso *pôr-me na rua,* fôsse como fôsse!

Ouvi, calei, e desandei. Fuì-me para a rua do Visconde da Luz, onde eu sabia que havia de passar o caixeiro; — e como quer que d'ahi a pouco me surdisse, fui-me a elle como S. Thiago aos mouros; e em plena rua, nunca bati mais ingloriamente, — porque nem trôco me deu!

Depois fiz um *manifesto* ou *declaração* que enviei a todos os jornaes; os jornaes sovaram os dois *socios*, — e o *Panorama* acabou não tardou muito; primeiro, dirigido pelo Rodrigues Nogueira, que logo se fartou, e depois por Eugenio de Castro, que não tardou a fartar-se tambem! — *Requiescat in pace!* — e era uma vez um *Panorama Contemporaneo!*

Ora mas com a *Porta-Ferrea* os casos ainda foram melhores! Com esse aconteceu-me uma vez uma partida muito curiosa, e que mostra bem o que são typographos de Coimbra, bons rapazes mas *meio-bachareis!*

Foi o caso que uma vez escrevi eu não sei que artigo, em que metti, por vir a pêlo, a palavra *saciedade,* synonymo de fartura.

Mas veem-me as provas e o que vejo eu?! Em vez de *saciedade:* — *sociedade* (um *o* em vez de um *a* na primeira syllaba)! Emendei; e como era meu costume, pedi novas provas para verificar as emendas, — aquella e as outras.

Vieram. Vieram, mas veiu tambem o mesmo erro: *sociedade* por *saciedade!* Outra vez emendei, mas agora já com um *aviso* á margem, de que era a

segunda vez que fazia a emenda... E como pedisse novas provas, vieram, mas outra vez (nem p'lo diabo !) *sociedade* por *saciedade!*

Emendei, já escamado e a tinta vermelha, com um raspanço á margem ainda por cima, em lettra garrafal que enchia a prova! Mas novas provas me veem não tardam muito — e o diabo da *sociedade,* ainda me apparecia mais uma vez por *saciedade!*

Então foi carta ! E tamanha era a descompostura no typographo, no dono da typographia, que era o José Correia, e em todos os da typographia, que fiquei seguro de que se faria a emenda. A'quillo não se resistia!

...Mas em typographos não ha que fiar. Á hora de se imprimir o jornal, dá-me cá dentro um rebate de que os diabos eram capazes de não fazer a emenda; — e rebate foi elle, que largo a correr, de capa ao hombro, da Alta, onde morava, para a Baixa onde se imprimia o jornal, e grito da porta para o machinista :

— Alto! Um exemplar!

... Meu dito meu feito! Veiu o exemplar e verifico : em vez de *saciedade:* — *sociedade!*

Não sei o que disse ao typographo, e ao impressor, e ao José Correia, e a todos, mas foram coriscos; — senão quando, vem-me de lá o typographo muito descançado, e larga-me esta, com um grande ar de indulgencia e... de piedade :

— Ó sr. doutor! mas nunca ninguem disse *saciedade:* — toda a gente sabe que é *sociedade!*

Não quiz ouvir mais! Larguei a correr pela porta fóra, desaustinado, e se sahiu *sociedade* ou *saciedade* ainda hoje ignoro, — e é coisa que não quero saber!

Mas acho que não sahiu, porque não sahiu... o jornal! E a esse respeito, vou agora mostrar uma carta que em tempos escrevi a Silva Pereira, quando Silva Pereira, auctor do *Diccionario do Jornalismo* (cujo manuscripto parece que se extraviou na Academia!) me pediu uma vez a historia do jornal, para a referir no tal diccionario. Como este não chegou a sahir, Silva Pereira tornou a dar-me a carta, para que a mettesse no *In illo tempore,* — e então ella cá vae. — Dizia eu a Silva Pereira, que morreu outro dia, coitado:

« Meu caro amigo: — Mando-lhe a collecção, que me pediu, da *Porta-Ferrea.* Como verá, publicaram-se 23 numeros: o 1.º de 13 de Novembro de 1881; o ultimo, de 1 de Maio de 1882.

O jornal surgiu, como em regra todos os jornaes academicos de Coimbra, de uma conversa de rapazes: um rompante litterario á mesa de qualquer café! Fui eu d'essa vez o proponente, e, logo alli, o inventor do titulo para o jornal. Concordaram, e formámos quatro a redacção:

— Solano d'Abreu (Salamandra), Santos Mello (Gualberto), Eduardo Valle (Quizomba) e eu (Beli-

sario). Hoje o Solano está mascarado de proprietario e advogado em Abrantes; o Santos Mello, delegado em Montemór-o-Novo *(já morreu, o bom rapaz!)*; o Eduardo Valle, medico acho que em Tondella.

O jornal seguiu, mas muito combalido financeiramente. Tinhamos ajustado cada 500 exemplares por 5.000 réis, com o Correia de Almeida, um que já não existe, de barbicas loiras de allemão, com muita familia e sem vintem, dono de uma imprensa que os *cães* levaram á gloria! Era adiantado o pagamento, está claro, — medida preventiva, que não era só uma suspeição lançada ás nossas magras bolsas de estudantes : era tambem, por parte do Correia d'Almeida, uma imposição das necessidades d'elle : o pobre andava sempre a tinir, e assim se deixou morrer, ainda novo! Bem. Chegavam os sabbados e era preciso pôr o jornal na rua. Mas a respeito de dinheiro, nicles! Nem vintem! Vasculhada a gaveta da *administração* (!), appareciam apenas uns sellos esfrangalhados de 2 réis e meio, e muitas aparas de estampilhas. Mais nada! De fórma que eu, que (digo-o sem vangloria) era o mais economico do grupo, talvez por ser o que tinha menos dinheiro, via-me frequentes vezes na necessidade — para não ficarmos ineditos! — de abonar os 5.000 réis indispensaveis áquella gloria, e áquelle soalheiro de publicidade... — « Ahi vão os 5.000 réis, amigo José Correia! e ponha-me essas fôrmas no prélo! »

De mim para mim, esperava ser indemnisado mais dia menos dia — pelo Solano, que tinha uma chapeleira velha e um chapeu velho que andavam sempre de Abrantes para Coimbra e de Coimbra para

Abrantes — n'um serviço muito curioso, que consistia n'isto invariavelmente: de Abrantes para Coimbra, em levar uma libra no fôrro (o chapeu); de Coimbra para Abrantes, em não levar nada, ou, quando muito, um bilhetinho subrepticio... a pedir *outra!*

Mas qual?! Eu ia fallindo, como aconteceu mais tarde ao Correia de Almeida, o nosso desconfiado editor!

Portanto, em certa altura tratei de me safar do jornal. Eu não podia com tanta gloria por semelhante preço! Deixei, pois, a redacção effectiva, que implicava atrozmente com a minha bolsa, quando o jornal ia no seu numero 11. E seguiu o jornal.

Mas o demonio do chapeu velho, esse é que não se incommodava n'aquellas viagens de Abrantes para Coimbra e de Coimbra para Abrantes, para se render ao Correia d'Almeida! Passava-lhe á porta, isso passava; mas ia na *zorra* do americano, encolhido, silencioso, n'uma attitude cautelosa de contrabandista, despachado como encommenda que umas vezes ia ter directamente á rua das Covas, onde morava o Solano, outras vezes á estação Central, na Praça Velha, onde o Solano ia esperál-o, com um carinho verdadeiramente fraterno!

Depois, tirada do fôrro a linda librinha, *ardia Troya;* e o chapeu lá tinha de voltar para Abrantes, vazio como um mendigo!

O jornal começou, pois, a viver do credito, e da esperança no regresso do chapeu velho!

E foi vivendo! Até que o Solano, como o chapeu não tornou a apparecer, declarou-se tambem fallido! Mas quando?! Em occasião tão má, que estava no prélo o numero especial da folha, com gravura e papel amarello — obra de luxo! — dedicado ao centenario de Pombal!

— *Veto!* — clamou o José Correia, o feroz José Correia, rei absoluto!

E não deixou sahir o numero rico, esse querido numero de gala, sem que lhe pozessem alli, adiantados e sonantes, os cinco mil réis! (Acho que era mais d'essa vez, por causa do luxo da gala!)

N'essa altura, o chapeu já nem sequer existia!

E o numero de gala desandou inedito para os caixotins da typographia, d'onde não tornou a sahir a *Porta-Ferrea!*

Aqui tem, meu amigo, a lacrimosa historia d'essa folha! Ah! que se o seu diccionario podesse conter em relação a cada jornal, a historia intima da sua vida, — que epopeia, meu caro, e que tragedia! — Adeus, e um abraço. »

***

Bem! Mas tudo isto são prolegomenos! Caso é que a *troupe* do Lusitano entrou tambem na historia do

nivel, porque emfim a historia do nivel affectava, na sua origem, os polainudos! Estes versos o dizem, — versos que por sahirem anonymos, nem por isso deixam de ser do Rodrigues Braga, a quem lá em Coimbra chamavamos o *Braguinha*, e que é actualmente medico da armada. Estão muito bons, e confirmam, de mais a mais, o que eu disse a respeito da distancia a que os polainudos se collocavam do resto da Academia — mesmo quando tangiam a lyra... (1) Vão ouvir :

---

(1) Tirando Antonio Feijó, que esse era poeta a valer, e um grande bohemio dentro d'um *dandy* desafectado, a *troupe* do Lusitano não fez epigrammas — acho que por não ter espirito!

Mas de Antonio Feijó são por exemplo estes dois, feitos a um condiscipulo d'elle muito sebentão :

Disse o Carneiro Geraldes :
— Entornem-lhe trinta baldes,
Que nem assim ficaria
Livre d'essa porcaria!

O epigramma é de *força dupla*, porque o Carneiro Geraldes era outro que tal... O segundo :

O Santos da musa rara,
Do estro potente e rico,
Lavou ha dias a cara
— Que frescura!... n'um penico!

E a umas damas muito feias, que um dia appareceram na « tribuna dos visitantes », a ver uma aula, tambem o Feijó fez este epigramma :

Ao vêr aquellas caraças
Como as lettras d'um cartaz,
Grito e faço-lhe negaças :
— *Vade retro*, Satanaz!

E ao Guimarães Pedrosa, lente de *Commercial*, a quem cha-

PALAVRAS DO PROPHETA JEREMIAS

A PROPOSITO DA « NIVELEIDA »

Ao curso do quinto anno juridico de 85 a 86

O. D. C.
O editor.

Divisiones aquarum deduxit oculus meus, in contritione filiæ populi mei.

JER. — Cap. III, v. 47.

Ingrata Academia! A dôr que me consome,
Ao vêr-te fazer troça a quem te quer salvar
Chamando-te ao banquete heroico do Renome,
Até me faz chorar!

Lembras-me o proceder da vibora mesquinha,
Que o peito amigo morde, e a desalmada gata
Que fere a mão de quem lhe offerece uma sardinha,
Academia ingrata!

Tu jazias ha muito envolta na tristeza
D'um chato abatimento enorme e singular,
Perdêras o teu brio, a honra, a gentileza...
Tu ias sossobrar!

---

mavamos o *Petiz* por ser muito pequeno, mas que era um augmentador de primeira ordem, e fino como um coral, ainda o Feijó fez esta quadra :

Traz mais ideias frementes
Na cabeça pequenina,
Do que todas as sementes
D'uma abóbora menina!

Passaram por aqui nas tuas férias grandes
Heroes de alto valor, e tu, disseminada
Membro a membro, do pólo ás regiões dos Andes,
Não lhes fizeste nada!

Morreu depois um rei, um rei que nos amava,
E cuja illustração deu gloria a Portugal;
E tu, em vez de rir, quando o paiz chorava,
Tu foste ao funeral!

Um dia um filho teu, um bom rapaz alegre,
Ferido pela dôr d'uma soez traição,
Queixou-se-te de face, e tu, cheia de febre,
Achaste-lhe razão!

Na estroinice fatal da tua incontinencia,
Tu fumavas charuto e usavas guarda-chuvas...
E para accentuar a tua decadencia
Até compraste luvas!

Tu ias para a *Baixa*, em tardes de feriado,
Passear e folgar n'um borborinho insano:
Paravas no Abilio, e tinhas mesmo ousado
Entrar no *Lusitano!*

Emfim a tua vida era um conjuncto horrivel
De baixezas eguaes ás que eu acima canto:
Tinha baixado immenso o teu gabado nivel...
Causavas-nos espanto!

Foi então que surgiu d'entre o teu seio impuro
Para extinguir teu mal e vicios contumazes,
— Como a flôr desabrocha em cima d'um monturo,
Um grupo de rapazes...

Talentos sem rival, e caracteres cultos,
No desvelado amor dos anjos tutelares,
Elles vinham trazer-te uns ideaes e occultos
Meios de te salvares!

Cheios de sensatez e genial conceito
Insufflando-te vida, energicos e altivos,
Haviam-de propôr-te exequias como preito
Aos heroes inda vivos!

Haviam-de brunir-te a grosseria rude,
Dar-te mais distincção, mais ar e mais nobreza.
Para que, morto um rei, lhe fôsses no ataúde
Cantar a Marselheza!

Podiam-te sem custo emfim até mostrar
Como é doce e gentil, gracioso e sem perigo,
Comprometter a gente, a sorrir e a brincar,
Um condiscipulo amigo!

Haviam-de chamar-te á communhão gloriosa
De tudo quanto é grande e prodigioso e incrivel!
Haviam-de elevar á fama portentosa
Teu rebaixado nivel!...

E tu, Academia, em vez de lhes cahir
De agradecida, aos pés... fizeste uma das tuas:
— Saltaste á gargalhada e foste-lhes pedir
O nivel pelas ruas!

Ingrata Academia! A dôr que me consome,
Ao vêr-te fazer troça a quem te quer salvar
Chamando-te ao banquete heroico do Renome.
— Até me faz chorar!

A CAMPANHA DO ZÉ PEREIRA



COIMBRA — UNIVERSIDADE — PORTA DA CAPELLA

A CAMPANHA DO ZÉ PEREIRA

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, andava lá tambem a estudar Mathematica, matriculado na Universidade, um alferes de cavallaria chamado Mousinho. Joaquim Mousinho, é como nós lhe chamavamos; e esse Joaquim Mousinho, que tinha umas pernas muito finas, um corpo um tanto cambado, e o bigode, de um lado, parece que mordido dos ratos, e ia sempre ás aulas fardado de alferes, foi depois, sem tirar nem pôr, o major Mousinho de Albuquerque!

Prendeu elle o Gungunhana, e fez as proezas que todos sabem; mas o que poucos sabem e eu vou contar, e nunca ninguem contou em lettra redonda, é uma proeza d'elle feita em Coimbra, quando estudante, e que mostra já quem alli estava, e as febras de que elle era feito!

O caso prende-se com a *campanha do Zé Pereira,*

— e a campanha do Zé Pereira, é um dos mais ruidosos chinfrins da Academia de Coimbra do meu tempo, que aliás, vamos lá, se fartou de fazer chinfrins!

Foi o caso que uma funambula qualquer, de uma companhia de gymnastica ou de cavallinhos (já me não lembro) conseguiu dar volta ao miolo do então governador civil de Coimbra, — um advogado do norte chamado José Pereira, que ninguem sabe, ainda hoje, a não ser talvez o sr. Pereira Dias, e porventura o sr. José Luciano, por que bullas foi mandado para Coimbra, no cargo de governador civil! Andava o magistrado doidinho pela rapariga, que tinha, com effeito, um palminho de cara muito bonito; e vêl-a no arame a fazer equilibrios, no velho theatro *D. Luiz,* era para elle, de Rezende, a coisa melhor de todo este mundo, — incluindo o Codigo Administrativo! Ia-se, pois, todas as noites, o José Pereira, para a friza da auctoridade, mesmo á bocca do palco; — e de binoculo assestado na rapariga, e lúzio acceso atraz do binoculo, não lhe perdia um só movimento, e no fim desfazia-se em palmas! Andava de todo!

Ora quiz o demonio que uma noite, no camarote onde eu estava, — e que por tal signal era de 3.ª ordem, mesmo na frente, — ficasse tambem o célebre Passaro, que morreu, coitado, delegado em Chaves. O Passaro era o pandego mais extraordinario que por esse tempo havia em Coimbra, e onde elle estivesse estava a risota! E como nunca perdia occasião de largar piadas, e tinha-as sempre de primeira ordem, d'essa vez, quando a funambula estava no melhor de seu equilibrio, e o Zé Pereira, na friza, nem respirava, o Passaro debruça-se no camarote, e com um

cigarro nas pontas dos dedos, volta-se para o Nabaes Caldeira (1) que estava na plateia, e declama :

> Ó terra! ó céos! ó numes!
> . . . .
> Ó Nabaes, — dá cá os lumes!

Foi uma risota no theatro, que estava atacado de estudantes, e a *diva* não se desequilibrou; — mas um minuto não era passado, eis que sentimos á porta do

---

(1) Este Nabaes Caldeira, do Sabugal, não chegou a matricular-se na Universidade.

Era o que se chama em Coimbra um *caloiro chronico;* mas como se dava muito com os rapazes da Universidade, elle mesmo aggregou-se á commissão da Academia, que foi a Madrid no centenario de Calderon, e que era formada por estes tres : João Arroyo, Eduardo d'Abreu e Domingos Ramos, e fez-se lá passar por estudante de Philosophia; e quando os collegas, *philosophos* madrilenos, andavam pelos museus a mostrar-lhes coisas, o Nabaes só dizia isto :

— *Bueno! Pero nos otros, en Coimbra, tenemos mejor!*

D'essa ida a Madrid nasceu o desastre da Federação Academica-Peninsular, fundada lá por João Arroyo, e desfeita em Coimbra pelos rapazes, em duas assembleias geraes tempestuosas! Eleita uma commissão para estudar o assumpto e dar « parecer », o parecer foi contrario á Federação, e approvado por unanimidade : o Arroyo absteve-se de votar, e os outros da commissão (incluindo o Eduardo d'Abreu!) nem lá appareceram, tão turvos viram os ares!

A commissão era composta dos seguintes : José Maria de Souza Andrade (presidente), Leopoldo Mourão (que foi o relator), Carlos Lobo d'Avila, José d'Ornellas Cysneiros, Antonio Pinto de Mesquita e Sergio de Castro.

Na *Porta-Ferrea*, de que eu era um dos redactores, vem o parecer, a noticia das assembleias geraes, e artigos meus, furibundos, contra a Federação! Sejam por alma de João Pinto Ribeiro, e dos outros heroes de 1640!

nosso camarote — truz-truz-truz! — bater tres pancadinhas...

Levanto-me e abro... Quem pensam que era? Era o governador civil, em pessoa, que vinha dar voz de preso ao bom do Passaro!

Eu não fiz mais nada : — debruço-me no camarote, e grito para baixo :

— Está preso o Passaro!

Foi como se atirasse com um morrão acceso para cima de cem barricas de polvora! Mal o diabo esfrega um ôlho, a Academia apresenta-se toda no corredor de cima; e emquanto o Zé Pereira servia de pella, jogado pelos rapazes furiosamente, o Passaro escapulia-se não sei por onde, — e era uma vez um Passaro!

Mas n'isto, o Zé Pereira pôde filar um estudante, que era por signal um caloiro mulato, e clamou com voz de vingado :

— « Este já me não escapa ! »

E atirando com elle ao commissario de policia, que o baldeou a uma chusma de guardas, conseguiu alfim, muito amolgado, livrar-se do tufão dos rapazes, e sumiu-se tambem, protegido pelos policias, não sei por onde!

Correram os rapazes para o meio da rua, desesperados com a prisão do caloiro; mas vendo que não

era possivel arrancál-o aos guardas, porque a policia de Coimbra acudira toda, e o Zé Pereira mandára ao quartel, pôr de prevenção o regimento, planeou-se desfeitear o homem á sahida, — e viu-se então o grande Zé Pereira, rodeado do seu estado-maior, atravessar todo o largo do theatro, e toda a rua do Correio que lhe fica ao pé, entre duas alas de estudantes... — todos de costas voltadas!

Ainda lhe sahiu á frente o Eduardo de Abreu, que era terrivel para fazer discursos, e que assim disse ao feroz magistrado :

— « O melhor, sr. governador civil, é fechar o conflicto sem violencias! A Academia deseja que v. ex.ª ponha em liberdade o estudante que mandou prender; e eu lembro a v. ex.ª que o melhor é acceder, em vez de recorrer á força. O bispo de Vizeu, quando ministro do reino, consultado uma vez por um governador civil, sobre o que tinha a fazer n'um conflicto com a Academia, respondeu-lhe que mandasse sahir para a rua as bombas de incendio, e esguichasse sobre os rapazes. Portanto, sr. governador civil, accommode-se tambem v. ex.ª, e entregue o preso á Academia. »

Mas isso entregava elle! E a funambula, que estava já com os olhos no seu *heroe?* E os boléos no corredor do theatro, onde o Zé Pereira tinha feito de pella?!... « — Não entregava! » — E chegando ao governo civil, seguido da turba-multa da Academia, agora já exaltada, deu ordem para se metter o mulato no calaboiço, — e dispersar á força, sendo preciso, a Academia!

Mas não foi preciso! Trocados os sopapos do estylo, até metter os policias no Governo Civil, — mediante dois discursos inflammados, já me não lembro de quem, os rapazes assentaram n'uma assembleia geral para o dia seguinte, no theatro Academico, — e foram-se deitar.

Ia ser bonito!

No dia seguinte, está claro, a assembleia foi imponente, com todo o gaz acceso no velho theatro, e discursos ainda mais accesos!

— « Mas era preciso esgotar a paciencia » diziam os mais cordatos — « recorrer primeiro aos meios suasorios! Lá iriamos depois, sendo preciso, aos meios violentos! »

— Apoiado! — « Aos meios violentos! »

— Apoiadissimo!

E sahiu d'aquillo tudo, provisoriamente, uma grande commissão de todas as faculdades, que foi, solemne, reclamar do governador civil a entrega do preso, em nome de toda a Academia. — com a clausula (dissessem-lh'o bem alto!) de que esta se conservaria em « sessão permanente », e não dispersaria sem ser attendida!

...Por signal, vá de episodio, que emquanto a commissão por lá andava, e toda a Academia, no theatro, se conservava no maior silencio (o silencio dos momentos solemnes!) o Diniz Moreira da Motta, de bar-

riga para baixo n'um camarote, começou, ninguem sabia d'onde, a assobiar o Hymno Academico...

Foi um alarido :

— Fóra! Fóra!

— Isso é algum traidor!

— Fóra! Fóra!

Mas mal o alarido socegava, eis que do seu esconderijo o Diniz começava outra vez a assobiar o Hymno, — e logo a Academia n'outro alarido :

— Fóra! Fóra!

— Quem é o bruto?!

— Fóra! Fóra!

... Até que regressou a commissão uma hora depois, portadora d'este recado : — « que o sr. José Pereira não cedia o preso, e que o ia remetter, sem demora, ao poder judicial! »

Ardeu Troya! A Academia inteira pediu a palavra ao mesmo tempo; e durante umas poucas d'horas, vulcões de eloquencia ameaçaram fazer ir pelos ares o casarão onde era o theatro! Nomearam-se mais commissões, não sei para quê; e aprazada nova assembleia geral para as 8 da noite, toda a rapaziada dispersou — ululando!...

Em casa, Zé Pereira já nem á janella se atrevia a assomar : e quando passado um mez teve de se demittir, de caminho para o comboyo foi sempre com os olhos fechados, para não vêr pintada em todas as paredes de Coimbra, com *tinta* que nem me atrevo a dizer, a sua feia caricatura! Isto depois de não o terem deixado dormir durante esse mez, porque a arruaça de todo o feitio era tamanha, nas immediações do Governo Civil onde elle morava, que era impossivel pregar ôlho :

— Ó Zé Pereira! — Pum!

— Ó Zé Pereira! — Pum! — Pum!

E só bombos, dos chamados *Zé-P'reiras*, arrombaram-se mais de trezentos; — e versalhada foi ás catadupas, impressa e lithographada!

Só esta amostra, d'um jornal chamado *Zé-P'reira* :

REQUIESCAT IN PACE!

24 de Março de 1881

Hoje que vaes partir, adeus, meu caro *Zé!*
Vaes-te abraçar de novo ao sujo tira-pé,
Para não mais o deixar. A tumba é só que tira
O que o berço nos dá. Por isso a nossa lyra
Vem de novo cantar a tua estupidez.
Agarra-te á sovela, ao cabedal, ao pez,
E deixa para sempre a vara do poder,
Porque eu sei muito bem que tens para comer

Muitas rasas de milho, e muito feixe d'herva!...
Deixa-me esse *Zé For...*, e essa magna caterva :
O triste Ferrabraz, o Mattos de Pompeia,
Libertador Ferraz, a estupida colmeia
De policias civis de cascos encravados!
E como penitencia aos teus negros peccados
Não mais contemplarás a Iria, a Laura, a Elisa,
N'esses mysterios vis de fralda de camisa!

Nunca mais, nunca mais, ó meu illustre Pinto,
Beberás na Camella (1) uma taça do *tinto,*
Que te fez practicar tantas asneiras, bruto!
E agora vaes partir, e vaes a pé enxuto,
Com a mala na mão, qual Pedro dos Brazis,
Esvasar em Rezende o ventre dos barris!
Nunca mais, nunca mais eu te verei, ó bella,
O cravo sem aroma, ó tulipa singela,
Que vás emfim descer á solitaria tumba,
Aos echos sepulcraes do atroador zabumba!

Este verso sahiu um pouco *omatopaico!*
(Post scriptum : o *nó* cheirava um pouco a aipo,
E resolvemos pois tirál-o áquelle verso,
Para apertar com elle o pescoço ao perverso!).

O que irás tu fazer nas vastas solidões,
Nas vastas solidões da tua terra fria,
Sem o Mattos amigo, e sem os corações
Do famoso *Zé For...*, da tua bella Iria?!

O que irás tu fazer nos plainos de Rezende,
Ao pé do girasol e junto aos grandes platanos,
No momento febril em que o luar ascende
E rasga o coração allucinado, e *mata-nos?!*

---

(1) A Tia Maria Camella, que tinha uma tasquinha muito suja na rua Larga, esquina da rua do Borralho, mas onde comeram peixe frito, dizia ella e era verdade, todos os *grandes homens* d'este paiz! Nosso Senhor a tenha em descanço! . .

O que irás tu fazer, Magriço de dez palmos,
O quixotesco heroe, sem lança e sem escudo,
Sem o teu Sancho Pança — o Mattos cabelludo,
Qual propheta menor a declamar os psalmos?!

O que irás tu fazer, ó pifio heroe das Lidias?!
O que irás tu fazer, sem tropas, sem policias,
Cheio de maldições, e cheio de sevicias,
A tasquinhar presunto e a esmordaçar orchidias!?

Hão-de chorar por ti as filhas do Mondego,
Que nunca mais irão á fonte dos amores!
Hão-de chorar por ti, ó triste heroe manchego
D'um livro que escreveu o sabio Pisa-Flôres! (1)

Hão-de chorar por ti as rubicundas Lauras
E a turba feminil das sopeiras da baixa!
Levas a côma hirsuta ao ciciar das auras
E uma saudade atroz que o coração te *escacha!*

Ha-de chorar por ti o *Canna Real das Cannas,*
Que foi quem te mandou para esta terra vir!
Mas como hoje te falta o collo das sultanas
Se agora te matar, ninguem te ha-de acudir!

Note bem — Como parte o magno heroe da Asneira
Reze o leitor por alma a este jornal

ZÉ P'REIRA

Bem! Mas reuniu-se á noite a nova assembleia, e foi ainda mais tumultuosa do que a da tarde! — « Que se havia-de fazer?! — Que se não havia-de fazer?! —

(1) Era um alferes de cavallaria muito pequenino, que andava em Mathematica na Universidade. Foi meu *rival* no namoro com uma tricana. Marte não levou a melhor...

Era preciso arrancar o caloiro das garras do governador civil, fôsse como fôsse! » E no mais acceso das furias oratorias, eis que um estudante pede a palavra para assumpto urgente, e declara « que todo o edificio do Club Academico estava cercado por força armada! Todo o regimento de infanteria; e mesmo defronte da porta, de espadas desembainhadas, o regimento todo de cavallaria! » Diabo que tal disseste! Foi preciso os mais valentões tomarem immediatamente as sahidas todas do theatro, para não deixarem precipitar os rapazes; ao mesmo tempo que o Passos Souza, um quintannista de medicina, de grandes suissas, e valente como Sansão, acudia á porta da rua, e impellindo as portadas com toda a furia, pregava com ellas na cara, em signal de desprezo, ao regimento postado em frente! Ouviu-se um toque de cornetas, e no theatro, por um instante, ficou tudo gelado! Que iria sahir d'alli?!...Evacuar o theatro á força, nem á voz do diabo! Todos os estudantes, pela voz do presidente da assembleia, iam jurar, levantando as mãos, que d'alli não sahiria com vida nem um só!

... Quando pede a palavra o Tito Vespasiano Castello-Branco, agora delegado em Lisboa, e diz assim :

— « Sr. Presidente : visto que o conflicto assumiu um caracter militar com a intervenção da força armada, proponho que todos os estudantes militares que se acham presentes sejam desobrigados de acompanhar a Academia no resto da manifestação, uma vez que em materia de disciplina são rigorosas as leis militares. »

Ouve-se uma voz muito tranquilla :

— « Peço a palavra! »

Era Mousinho d'Albuquerque que pedia a palavra.

— Tem a palavra o sr. Mousinho d'Albuquerque!

Discurso de Mousinho, fardado, de pé no meio da plateia, e sereno e muito pausado :

— « Sr. Presidente : não ha dúvida que as leis militares são muito rigorosas em materia de disciplina; mas não ha dúvida tambem, que as leis militares dizem que onde está um superior, esse cobre com a sua responsabilidade a responsabilidade dos inferiores. Eu sou n'esta casa, sr. Presidente, o estudante militar mais graduado. Pois bem... *(e perfila-se como quem vae commandar, voltando-se e dominando toda a plateia)* usando da superioridade da minha patente, eu não só não aconselho os estudantes militares que estão presentes, a que saiam, mas *(como quem lhes larga a voz de* « Sentido! »*)* — prohibo-lhes que saiam! » (1)

(1) A força armada retirou ás 4 horas da manhã, e a essa hora a Academia dispersou tambem, quando já se não via na rua um unico soldado! O governador civil foi demittido um mez depois. Isto passou-se em Fevereiro e Março de 1881, andava Mousinho d'Albuquerque no 2.º anno da faculdade de Mathematica, sendo o n.º 18 dos voluntarios; o n.º 52 na aula de Chimica Inorganica do 1.º anno da faculdade de Philosophia; o nº 13 na aula de Desenho, curso mathematico, 3.º anno; e o nº 17, na aula de Economia politica, no 2º anno da faculdade de Direito. O preso foi remettido, com effeito, ao poder judicial, e afiançado pelo então juiz de Direito de Coimbra, sr. dr. Francisco de Castro Mattoso Pereira Corte-Real, actualmente juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

*
* *

Ora, mas n'essa *campanha do Zé Pereira* houve um incidente *secreto* — e que por ser secreto eu não queria contar! Mas visto que os *interessados* se não oppõem, vamos lá desvendar o incidente, que não é só por ser secreto que é interessante!

A campanha do Zé Pereira deu logar á creação d'uma associação secreta que tinha por fim *empalmar* o governador civil; e caso é que se elle não tem sido demittido tão depressa, a empalmação dava-se com certeza, e o Zé Pereira apparecia uma bella manhã nos campos do Bolão, na estrada da Figueira para Coimbra, — e quando a diligencia por alli passasse, manhanzinha, encontraria preso de pés e mãos, e amordaçado, o fero magistrado, — pois tal era o plano do *grupo dos 13!*

Essa associação secreta chamava-se, effectivamente, o *grupo dos 13,* e era feita á imagem e semelhança da sua veneranda avó a *Sociedade do Raio,* de que foi Pontifice-Maximo Anthero de Quental. Tinha o *grupo dos 13* uns Estatutos, que se compunham de 13 artigos; e explicava-se, n'um prologo, que a insistencia no algarismo 13 tinha por fim quebrar o enguiço d'este numero, — mais do que arvorál-o em papão!...

... Mas quem eram os 13?

Isso fica para logo.

Os 13, nas reuniões nocturnas que celebravam,

vinham embrulhados em lençóes, arrastava cada um seu espadalhão, e usavam mascara! Reuniam-se, está claro, em sitios esconsos e incertos, porque era isso dos Estatutos; — e lembro-me que a primeira reunião que celebraram, teve logar na *sala dos adereços,* ao lado do palco do Theatro Academico, para addiar umas eleições da Philantropica, não fôssem ellas dividir os do grupo á conta da *politica;* — e a segunda... na torre da Sé!

Na torre da Sé!

D'ahi por deante, o ponto usual de reunião passou a ser n'um celleirão enorme, adega abandonada ou que quer que fôsse, que havia n'um convento de S. Thomaz, cá baixo á Sophia, onde é agora o palacio do Ayres de Campos, e que dava para a azinhaga do Senhor do Arnado, ao pé do Circo. O celleirão fôra alugado, a titulo de servir para deposito de vinhos, a um sr. Valle, representante em Coimbra de um dos infinitos Pintos Bastos a quem pertencia toda a insua e, por alli á roda, tudo aquillo.

Ahi se reunia, pois, a associação, que por fim, além dos 13, contava mais 69; mas estes 69, que haviam sido recrutados indirectamente, por intermedio de algum estudante da maior confiança de cada um dos 13, não conheciam nenhum d'estes, e appareciam nas sessões, que foram muitas e assanhadas, de cara descoberta.

Do nome dos 69, já me não lembro; — mas os 13, esses eram os seguintes, um por um :



Coimbra — Egreja Velha de S[ta] Clara

Eduardo d'Abreu; Sergio de Castro; Antonio Centeno; Carlos Lobo d'Avila; João Arroyo; Jacintho Candido; José Maria de Andrade, que está agora juiz no ultramar; Antonio Feijó; Alexandre Cabral, que foi o governador civil de Braga; Roque de Seixas, actualmente barão de Seixas; Duarte Silva, muito agil, advogado agora na Figueira; — e então os dois valentões maximos da Academia : Passos Souza, — e Silvestre Saraiva, — o celeberrimo *Saraiva das forças,* chamado tambem o *Saraiva Canudo.*

Estes deviam *empalmar* o Zé Pereira, attrahindo-o por intermedio de um policia, que iria chamál-o ao club dos lentes, á Sé Velha, para um negocio urgente

no Governo Civil, entre a meia-noite e a uma hora. Na rua das Covas estaria um carro, com o Duarte Silva a fazer de cocheiro, — e seria uma vez um *Zé Pereira!* Nas garras do Passos Souza e do Saraiva, nem tugia! D'alli aos campos do Bolão iriam n'um rufo, e ahi deporiam o magistrado perto do caminho até que désse com elle a diligencia, quando de manhã viesse da Figueira! — Manietado e amordaçado, como um perro! Livrou-o d'isso a demissão, que se se demora mais dois dias já não vinha a tempo!

Mas o *grupo dos 13,* ainda assim, pregou-lhe, no carnaval, a partida de uma allegoria! Todos 13 em cima de um carro de gala, e vestidos segundo o *ritual,* era de vêr como zurziam n'um *Zé-P'reira* por ambos os lados, emquanto dois ou tres, para *virtualisarem* a allegoria, distribuiam pelas senhoras ramos de violetas, — e n'um cartãozinho, em cada ramo, este madrigal de Sergio de Castro :

> Vimos dos jardins de Flora,
> E pozemos na lapella
> Esta singela lembrança...
> Em paga, minha senhora,
> Em premio, enfeite com ella
> A formosa e negra trança.

No carro, lembro-me bem, uma bandeira desfraldada mostrava a seguinte legenda : — *Honni soit qui mal y pense!*

A legenda da Jarreteira!

Acudiu-me agora quem era o caloiro mulato, origem de toda a campanha : — era um rapazote dos seus 17

ou 18 annos, filho do Barão d'Agua-Izé; — e acudiu-me tambem uma piada do Eduardo d'Abreu, que era pena que ficasse inedita...

Foi quando a Academia mandou ao Zé Pereira o seu *ultimatum*. A Academia resolvêra ir toda levar-lh'o, — e foi, em peso! E ainda se me põem os cabellos em pé, ao lembrar-me d'aquella marcha silenciosa de mais de dois mil rapazes, em procura do Zé Pereira, de noite, primeiro ao Club dos lentes, depois acho que a casa do Alpoim, e por ultimo ao Governo Civil, que era aliás onde elle estava — escondido e muito em segredo! Choviscava...

Os rapazes pararam á porta, no maior e mais absoluto silencio; e a commissão entrou, ficando na rua, litteralmente cheia, toda a Academia, que só retirou para se recolher no theatro quando o dr. Laranjo, lente de Direito e amigo e correligionario do Zé Pereira, veiu dizer, secundado pela commissão, que o sr. governador civil não podia receber esta, e se considerava — « coacto e sem liberdade » — emquanto a Academia se conservasse na rua!

Policias, escusado será dizer... — nem meio!

Foi então que a Academia, no mesmo absoluto silencio, se dirigiu para o Theatro Academico, onde esperou pela commissão, — dando-se então o episodio do Diniz Moreira da Motta, que eu já contei.

Mas vamos lá agora á tal piada do Eduardo d'Abreu.

O Eduardo d'Abreu fazia parte da commissão que foi fallar com o governador civil; — mas como o governador civil só conhecia, dos membros da commissão, o Sergio de Castro, que na *Correspondencia de Coimbra,* de que era redactor, lhe chegava bi-semanalmente a roupa ao pêlo, — a elle se dirigia quando fallava...

Até que o Eduardo d'Abreu, repontão, lhe disse que elle tambem era gente, e os outros, e por isso que fallasse para todos. E pergunta ao pobre Zé Pereira :

— O senhor não me conhece?!

— Eu não senhor, não tenho a honra... — responde muito cortez o governador civil.

— Pois sou o Eduardo de Abreu — *estudante de Medicina.*

E acrescenta :

— E muito desejo que V. Ex.ª tenha de se utilisar de mim... — *n'essa qualidade!*

A SEBENTA



COIMBRA — PORTA LATERAL DA SÉ VELHA

(restaurada por Antonio Augusto Gonçalves)

A SEBENTA

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, ainda a boa e immortal sebenta reinava em todo o seu esplendor! Eu nem fazia sequer ideia, ao chegar a Coimbra, do que vinha a ser isso da sebenta; — mas industriado logo a tal respeito, vim a saber que era uma especie de folhinha lithographada, formato-8º, que sahia todos os dias compendiando a explicação do lente; que se chamava *sebenteiro* o que a redigia; que custava sete tostões por mez cada uma; que eram tres em cada anno, visto as cadeiras em cada anno serem tres; e finalmente, que emquanto o lente explicava a lição para o dia seguinte, só o sebenteiro ouvia o lente, e que os mais, todos, e eu portanto, podiam muito bem ler o seu romance, fazer o seu bilhetinho e passál-o, ou commentar os que vinham dos outros, — ou então, se o preferissemos, dormir ou fazer versos.

Não havia nada melhor! Além d'isso, algumas mettiam tambem as suas piadas; outras davam caricaturas; — e sebenteiro havia que amenisava por tal fórma aquella estopada, que até dava versos para o fado no fim da sebenta, e convocava os condiscipulos, em annuncios, para *troupes* aos caloiros, ou outras pandegas! (1)

As sebentas tinham em geral oito paginas, e cada um ia pelas suas ao cahir da noite, e eram duas por noite; — mas se o lente se tinha alargado na prelecção, ou o sebenteiro era massador, ás taes oito paginas acresciam outras, — e a esse supplemento, que era sempre amaldiçoado, chamava-se *o resto!*

Ora mas no meu tempo ainda a sebenta era acatada, e ninguem se lembrava por lá de lhe fazer

---

(1) *Caloiro*, propriamente, é o estudante de preparatorios; mas tambem se dá este nome ao *novato*, isto é, ao estudante do 1º anno de qualquer faculdade. Os novatos cortam o cabello e fazem troça aos caloiros; e os do 2º anno (estes principalmente) fazem o mesmo aos novatos, e tambem aos caloiros. *O novato repetente* não é troçado nem troça.

A brincadeira das *troupes* é muito estupida, e eu em poucas entrei. A mim cortou-me uma o cabello á Porta de Minerva, uma vez que eu ia para casa ao anoitecer e não levava lunetas porque se me tinham partido esse dia no Seminario, n'uma refrega com os *formigões* (seminaristas) — e por isso só a vi quando lhe estava nas unhas, e o tesoirão em cima da minha cabeça e á roda de mim a malta silenciosa dos embuçados, todos de móca para se eu resistisse...

Não resisti; mas como quer que conhecesse por acaso o que me cortou o cabello, logo que me deram o empurrão para me ir embora, apanho-me a distancia e digo-lhes assim, debaixo d'um chuveiro de mócas:

— Raça de pulhas! quartannistas que fazem troupes em vez

troça! E como ella, coitada, tinha sido a mammadeira dos *ursos*, e até de muitos o ganha-pão, os ursos, quando se viam lentes, não só a toleravam, mas... inspiravam-na! Havia tal que não confiando no sebenteiro, até lhe dava os apontamentos para a fazer; outros escreviam-na *ipsis verbis* e o sebenteiro tinha só o trabalho de a copiar; e outros havia, e até dos mais *carrasquinhos*, que recebiam á entrada da aula um exemplar, que o sebenteiro lhes entregava em mão! O Chaves, por exemplo!

Está pois a vêr-se que a sebenta era uma instituição universitaria; — mas ainda assim, coisa curiosa, cheirava sempre a *contrabando;* e tudo quanto de mais difficil podia desafiar na aula a habilidade d'um cábula, se era chamado á lição, cifrava-se em *manejar a sebenta* com habilidade, de modo que o lente a não visse... Elle bem sabia que estava lá; mas

---

de *proteger!* Pois rogo a praga ao que me *esmonou:* — « que fique reprovado no fim do anno! »

... E ficou reprovado, — phenomeno de que já não havia memoria na Universidade! D'ahi por deante nunca mais roguei praga nenhuma, com medo que pegasse como pegou aquella! Esse quartannista tinha um irmão caloiro; e esse irmão caloiro foi esmonado por mim de cara descoberta, de dia e á porta do lyceu, no dia seguinte!

Depois de nos cortarem o cabello, a gente ainda tinha de ir ao barbeiro essa noite, protegido por algum quartannista ou quintannista para se livrar das palmatoadas (castigo das *troupes* aos já esmonados) e ainda dava seis vintens ao barbeiro para *acabar a operação!* E até o Figaro se ria de nós, e a troça á *cabeça pellada* durava na Universidade uns poucos de dias, — e um lente do 1º anno, o Bernardo d'Albuquerque, marcava os esmonados na caderneta e reprovava-os no fim do anno! Commigo não falhou a regra



emfim, era preciso esconder essa impostura com outra impostura, — e isso era um trabalhinho de prestidigitação, em que se alguns eram eminentes, outros, coitados, eram uma lastima!

Bom estudante, em geral, era, pois, o que manejava a sebenta com habilidade, — e alguns havia de tal modo peritos, que a sugavam sem lhe deixar uma gotta, e o lente nem percebia... Ôlho na sebenta, ôlho no lente, *passando-a* atravez do livro se era preciso voltar as folhas, parecia até que nem tinham sebenta; e os outros menos habilidosos, esses ou a extractavam em pedacinhos de papel onde só figurava de *apontamentos,* ou então resumiam nas margens o texto das paginas, e deixando as margens fóra d'um livro, ou em geral de um folheto qualquer que se podesse enrolar em fórma de batuta, *cantavam a sebenta* como uns papagaios, — e ia-se a vêr não sabiam palavra!

... Por isso me dizia uma vez o Manuel do Marco da Feira, dono d'uma lithographia, ao ouvir a *Cabra* tocar para as aulas no dia seguinte, que era o primeiro do anno lectivo:

— « Bem! começa-se a estudar ámanhã a *maneira de se não estudar!* »

E tinha razão! Porque a sebenta, que era já uma maneira de se não pegar em livro (porque a verdade, tambem, é que nem livros havia, porque os lentes não os faziam, e era esta a razão da sebenta) a sebenta era tambem illudida, e muitos havia, *bons estudantes,* que á conta de a manejarem com habilidade, e de serem peritos n'aquelles *pescanços,* nem a assignavam, — e pediam-na, se eram chamados, a algum visinho! Aquelle que foi uma vez chamado e estava *em branco,* e nem sequer tinha sebenta, pediu-a em ancias ao condiscipulo do lado — chamado Roma:

— « Roma! Roma! »

E como o Roma lhe passasse a sebenta, elle, para aproveitar os vocativos afflictos, que o lente ouvira, proseguiu:

— ... « tres vezes Roma! A Roma dos Reis, a Roma da Republica, a Roma dos Césares! » (E com este *cabeçalho* entrou na lição, que nem era sequer de Direito Romano!)



Sello do centenario da Sebenta

Mas a maioria, já disse, assignava a sebenta; — e se o lente era já antigo na cadeira, como o Pedro Penedo em Direito Civil, o Bernardo em Direito Romano, o Calixto em Direito Natural (isto logo no 1º anno), — menino havia que se temperava com umas sebentas velhas, — e alguns appareciam lá com a sebenta do pae! Como a sciencia era sempre a mesma, (porque é da natureza dos dogmas serem immutaveis, e a sebenta era um dogma da Universidade e livrasse-se alguem de a discutir!) uma collecção velha servia ás mil maravilhas, e sebenteiro havia, finorio, que fingia só tomar apontamentos, e depois, em casa, impingia como sciencia nova uma sebenta velha, — e nem o proprio lente, immutavel tambem como se fôra outro dogma, percebia a marósca!

Não me esqueça dizer que as sebentas eram sempre

lithographadas ; — e uma vez que o Barbosa de Magalhães, que foi um estudante muito notavel e ficou sempre classificado, começou a fazêl-as impressas, porque as lithographias estavam já tomadas e elle precisava d'isso para viver, e fôra para Coimbra sem outros meios, o lente prohibiu-o á porta da aula de continuar : no dia seguinte descompôl-o desabridamente deante do curso; e tendo o Barbosa de Magalhães recorrido para o Reitor, e este para o Conselho da faculdade — o Conselho da faculdade decidiu, por unanimidade, prohibir a sebenta impressa! Elles lá sabiam...

O « centenario da sebenta », que os rapazes fizeram em Coimbra vae em tres annos, ainda não tem a *poeira* do tempo, — ainda não é de *in illo tempore;* mas os da Commissão e a Academia em peso, não se « pouparam a esforços » para fazer festa á altura d'elles, — e só aquelle banquete na Feira dos Estudantes, a revista naval no Mondego, e então o prestito, que levou umas poucas d'horas a desfilar, só isto merecia um poema! Já agora não me dispenso de metter aqui a descripção d'aquellas coisas feita no *Seculo,* embora o que me fica na minha velha pasta de quintannista, que é onde eu guardo estas lembranças, dê ainda para outro volume, e outro, e muitos, — tanto a respeito de sebenta como d'outras coisas, qual d'ellas mais coimbrã!

Mas vamos lá a essa descripção, que, mesmo feita pelo telegrapho, mostra bem o que foi aquillo — que eu vi tambem porque estive lá!

CENTENARIO DA SEBENTA

« *Coimbra, 29.* — Passaram além de toda a espectativa, finamente espirituosas e decorrendo no meio de uma animação sem limites, de um enthusiasmo doido, as festas commemorativas do centenario da Sebenta, deliciosa *charge* aos cortejos e centenarios dos ultimos tempos.

Pelos telegrammas d'aqui enviados, já o leitor póde calcular qual o brilhantismo das festas. Restará communicar-lhes mais alguns pormenores e impressões do que aqui vimos.

O banquete, a parada, a mudança do nome das ruas, a revista naval e o sarau, são festas que não mais esquecem, tão deslumbrantes de comico foram.

O BANQUETE

O largo da Feira, pelo meio-dia, tinha um aspecto extraordinario, tal era a quantidade de gente que se agglomerava em torno das mesas de pinho, cobertas de sebentas, e onde se sentavam os estudantes mascarados, que representavam personagens officiaes.

Muitos vestiam estapafurdias e vistosas fardas de officiaes de marinha, com muitos doirados e galões,



Coimbra — A Sé Nova — Largo da Feira dos Estudantes

chapeu armado e grande espada, condecorações de papel e peitilhos de oiro e prata.

Outros vestiam capa e batina com as côres das faculdades, representando a commissão de honra, e ainda outros casaca e bandas, parodiando os vereadores da camara e representando o municipio de Coselhas, pequena aldeia das proximidades de Coimbra.

Vieram dar grande animação á festa os academicos de Aveiro, vestidos á moda da sua terra e tangendo instrumentos de diverso feitio. A meio das mesas, os « Zés P'reiras » e outras musicas faziam um barulho



A MARIA MARRAFA

ensurdecedor, ao mesmo tempo que os vivas e as manifestações de alegria atroavam os ares.

Serviram-se postas de bacalhau cru e batatas em grande cesto vindimo, *dando a nota,* como por aqui dizem, a ornamentação das janellas de uma republica do largo, cheias de cobertores, cadeiras de palha, regadores, botas, e todos quantos trastes velhos os estudantes encontraram em casa.

A rua da Trindade tinha ornamentação identica e, ao vêl-a, ninguem podia deixar de rir, tal a profusão de coisas velhas e objectos extraordinarios que se viam pendurados das paredes. (1)

O Manuel das Barbas e a Marrafa, que tomaram parte no *festim,* foram objecto de grandes manifestações de apreço, recebendo calorosas saudações e muitos brindes.

---

(1) N'esta rua da Trindade morei eu tambem ; e quando foi do centenario de Camões, o que eu puz na janella, para a enfeitar, foi um transparente que a tapava toda, e no transparente (que de noite eu illuminava por dentro) estes versos que são dos *Lusiadas,* na descripção da *Ilha dos Amores :*

> Os formosos limões, alli cheirando,
> Estão virgineas tetas imitando.

CAMÕES--LUSIADAS, C. IX E. LVI.

DEPOIS DO FESTIM

Depois do banquete, os estudantes foram, como já dissemos, inaugurar a estatua de Eloys Snefeld, o inventor da lithographia, monumento devéras phantastico e comico, que já descrevemos.



O monumento da Sebenta

O busto era magnifico e erguia-se sobre um pedestal de lona e madeira, entre terra, pedras e hortaliças, n'uma disposição muito artistica e engraçada.

Muita gente assistiu á ceremonia e, ao tirar-se a colcha vermelha, uma gargalhada homerica resoou, acompanhada de uma estrondosa salva de palmas.

D'alli, seguiram os estudantes para a Porta-Ferrea,

onde os officiaes de marinha e os demais passaram formados, ao som de milhares de estalos da India, que, atirados ao mesmo tempo, fizeram um barulho medonho, enchendo o recinto de fumo e cheiro de polvora.

Acompanhados dos bombos e gaitas de folles, os estudantes encaminharam-se para casa da Marrafa, á porta da qual foi pronunciado um vehemente discurso.

O mesmo orador declarou que, de então para o futuro, a rua da Trindade passava a denominar-se *Ilha dos Amores;* a rua da Mathematica, *Rua da Marrafa* e a das Cozinhas, *Rua da Sebenta.*

Ouviram-se vivas e palmas, enorme berraria, e cortejo seguiu em visita ás sebentarías, casas de penhores e tabernas mais célebres da cidade, onde se repetiram as manifestações de alegria.

Toda a tarde andaram os rapazes em descantes e danças pelas ruas, que uma multidão enorme de povo invadia, na ancia de vêr as festas.

O numero de forasteiros é incalculavel, dizendo-se que está ainda aqui mais gente do que por occasião dos festejos da Rainha Santa.

A animação nas ruas mais centraes é digna de nota, havendo entre os estudantes muita alegria. Os cafés abarrotam de academicos, e muitos trens andam em passeio.

A unica nota discordante é a exploração infame dos hoteis e carruagens, cujos preços são mais do que exorbitantes.



Revista Naval — O almirante Rato

A REVISTA NAVAL

Depois de um pequeno descanço, emquanto os rapazes jantavam, teve logar a revista naval, festa sobre todas deslumbrante.

O rio estava lindo e a tarde primaveril. A margem direita coalhada de gente, que enchia tambem a pitto-

resca ponte (1) que vae do largo da Portagem ao outro lado do Mondego.

O cortejo dos trinta barcos armados de buxo e vistosamente embandeirados, vinha esplendido. A seu bordo, os *almirantes* dirigiam a manobra enthusiasmados, precedidos do popular barqueiro Rato (2), que, vestido de commandante da esquadra, tomava o papel a serio, fazendo marcialmente a continencia e passando revista á sua frota com grande magestade.

O espectaculo durou até á noite, sempre com a mesma multidão de espectadores. Os barcos singravam no rio em differentes direcções, impavidos e serenos,

---

(1) De *pittoresca* tem ella bem pouco! Pittoresca a valer era a antiga ponte de pedra, que ao centro abria n'um espaço circular, chamado por isso o ó DA PONTE, que todas as tardes se enchia de estudantes. Era alli o primeiro *passo* dos caloiros, no caminho d'esse *calvario* de troça que era Coimbra! Lá se diz no *Systema Metrico :*

> Quando a Coimbra chegares, não te espantes,
> Se vires pela ponte passeando
> A grande multidão dos Estudantes;
> Por mais que para ti esteja olhando,
> Não parcs, nem te apresses: como d'antes
> A besta em que vieres vae picando;
> Porque n'isto lhes dás a maior prova
> De que não és na terra coisa nova.

(2) No meu tempo, este Rato fazia muito bem *caldeiradas!* A gente alugava-lhe o barco, e elle lá ia comnosco para a *Lapa dos Poetas,* e mesmo no barco arranjava as enguias; ou então em algum d'esses recantos pittorescos — onde Castilho e os « seus amigos » « celebraram » a *Festa da Primavera,* toucados de flôres como na Mythologia!

Ó tempora! Ó mores!



Centenario da Sebenta — A revista Naval

havendo sempre dentro d'elles muita musica, muita alegria e muito enthusiasmo.

Em terra, dançava alegremente a *dança do Rei David* um grupo de estudantes do Minho, vestidos como em Braga no S. João, tocando e cantando com muito caracter.

Até ás 9 horas, as ruas do Visconde da Luz e da Sophia estiveram sempre apinhadas de gente, vendo-se muitos academicos nos cafés e casas proximas.

O *almirante* Rato, ao desembarcar, pronunciou um

comico discurso, dissolvendo-se a esquadra e cessando o ruido da musica, dos foguetes e das peças de artilheria do couraçado « Marrafa ».

Então, os academicos entretiveram-se a conversar sobre o cortejo de ámanhã, que promette ser delicioso e cheio de espirito, com carros allegoricos de muita graça, grupos de fina troça e muita galhofa e pilheria.

O SARAU

O sarau começou ás 9 horas e o seu programma era o seguinte :

O espectaculo começou com o hymno da *Sebenta,* engraçada composição de Luiz de Albuquerque, em que entravam muitos estudantes no palco e toda a plateia depois, entoando o *refrain* de uma conhecida canção popular.

O hymno foi bisado e muito applaudido, sendo o seu auctor saudado com grande ovação e coberto de flôres.

Em seguida, como na sala estivesse gente de mais, em virtude de terem entrado muitos academicos sem bilhete, o commissario Lemos declarou que o espectaculo não podia continuar, sem que a sala se evacuasse entrando de novo só os que estivessem munidos de bilhetes.

Esta resolução do commissario provocou muitos protestos, tanto mais que o commissario, para satisfazer a sua ordem, fez entrar na plateia a força armada.

O capitão Lemos foi apupado, mas por fim, toda a gente sahiu, tornando a entrar apenas limitado numero de espectadores.

No entanto, o barulho e a confusão foram medonhos, havendo muitos estudantes que se indignaram com o procedimento do commissario, e só o muito sangue-frio da commissão promotora dos festejos pôde contel-os.

O espectaculo só recomeçou ás 11 horas da noite e promette acabar muito tarde. Está-se representando o *Auto da Sebenta*, composição em verso delicioso, em que entram D. Diniz e o poeta Rosalino.

Está a fechar o correio e são horas tambem de fechar esta correspondencia. — *Esculapio.* »

AINDA O ESPECTACULO DE HONTEM

« *Coimbra, 30.* — T. — A segunda parte do espectaculo de hontem foi magnifica, sendo muito applaudidas as canções populares cantadas pelo Orpheon da Sebenta, dirigido por Luiz d'Albuquerque, e os bailados compostos por D. Thomaz de Noronha, onde varios rapazes, vestidos de bailarinas, fizeram as deli.

cias da assistencia, em especial o estudante Barbosa, que fazia de Cupido (1). Tambem foi muito applaudida a tuna, havendo repetição do hymno da Sebenta.

O espectaculo terminou ás 2 horas da manhã, sendo ainda muito commentado o escandalo que noticiei hontem.

OUTRAS NOTAS

Não houve hoje a annunciada sessão solemne, presidida pelo sr. conde de Burnay, em virtude de ter adoecido o presidente da commissão.

As ruas estão apinhadas de povo, esperando que passe o cortejo.

Os academicos trabalharam na ornamentação dos carros toda a noite.

Passam já pelas ruas alguns carros em direcção á Porta-Ferrea, produzindo geral hilaridade.

Zabumbas percorrem as ruas tocando infernalmente.

As ruas acham-se ornamentadas como hontem a rua da Trindade.

(1) Este Cupido era do tamanho e do feitio de uma grande dorna! De malha côr de rosa, — e com azinhas!...

Continúa chegando muita gente de Lisboa e d'outros pontos.

O cortejo deve ser o numero melhor do programma.

Os estudantes mascarados passam a reunir-se na Universidade. — *Esculapio.* »

CORTEJO

« *Coimbra, 30.* — T. — Vem passando no largo da Portagem um imponente e espirituosissimo cortejo, que sahiu ás 2 horas do pateo da Universidade, onde foi organisado.

A multidão nas ruas é incalculavel, vendo-se as janellas cheias de senhoras.

O cortejo tem tido enorme successo de gargalhada e é realmente digno de ser visto, merecendo parabens Alexandre Albuquerque, seu organisador.

Quasi todas as ruas estão enfeitadas da fórma já descripta, sendo unanimes os applausos e constante a galhofa.

Abrem o cortejo quatro estudantes vestidos de campinos, com enormes pampilhos, montando garranos arreados á alemtejana.

Seguem tres batedores e uma amazona, montados em burros, aquelles vestidos de fato cinzento e chapéu alto, empunhando lanças de folha com bandeiras.



Centenario da Sebenta — Abertura do cortejo

Segue o regimento de « hussares » de Sernache dos Alhos, em numero de trinta, montados em burros. Vestem fardas azues, calças vermelhas e trazem barretinas e grandes espadas.

Á frente, dois tocam corneta.

Segue a burra de Balaam, carregada de sebentas, montada por um estudante.

Depois, o carro da Marrafa, puxado por um cavallo, armado com verdura, tendo ao centro um portal e cortina enfeitados de rosas, e onde assoma o estudante Aguilar, vestido de tricana.

Segue o carro dos caloiros, puxado a bois, tendo no centro o monte Calvario, com 6 andares, encimado por uma móca e uma tesoira.

Á frente, uma columna verde com um chifre e o distico : « Assentem todos n'isto »; tudo enfeitado com flôres e verdura.

Atraz, vae um grande grupo tocando musica infernal em varios instrumentos.

Segue o « Carro das Dissertações », que é uma carroça cheia de papeis, sob os quaes vae um estudante escrevendo. Á frente, o Palito Metrico enforcado (1).

Segue-se o « Carro do Urso » armado de livros velhos. No meio, sentado n'uma cadeira de palha, encostado a uma pequena mesa, vae um estudante compulsando um grosso alfarrabio, tendo por toda a parte sebentas e ratas de cartão.

Segue-se o « Carro do A B C, A E I O U », carroça onde vão varios estudantes dizendo em côro aquellas lettras, para arreliar o Urso.

Sobre a verdura vae uma grande palmatoria de Damocles. (2)

---

(1) O letreiro d'este carro dizia : — *Palito Metrico* e *In illo tempore*. A allusão ao *In illo tempore* provinha de serem já conhecidos alguns dos capitulos que formam hoje este livro, — publicados em varios jornaes : *Novidades, Correio da Noite*, etc.

(2) Tambem é só o que falta na Universidade : a palmatoria !



Centenario da Sebenta — O Carro dos Calhamaços

Segue o carrinho da Chimica Organica, puxado por um carneiro. Sobre uma grande mesa vão balanças, tubos de ensaio, frascos com reagentes, um fogareiro fingindo alambique, com uma serpentina engraçadissima.

No resto, é todo o velho espirito da aula de instrucção primaria! O regimen pedagogico do terror!

As aulas, d'antes, ainda eram em amphitheatro, excepto a do 4º anno de Direito, que, por o não ser, mas de bancos uns atraz dos outros, se chamava a *taberna!* Agora todas as aulas de Direito são *tabernas*, porque a linda disposição em amphitheatro desappareceu, — decerto porque ia mal aos « brios cathedraticos » ficar a cathedra, em algumas salas, quasi ao nivel do chão: apenas sobre um estrado! Agora não: os rapazes

O carro é armado de verdura e de sebentas.

Seguem-se dois estudantes empunhando estandartes, onde se lê : « D'antes : *mens sana in corpore sano;* hoje : *mens nulla in corpore nullo.* »

Vão tambem academicos com um maçarico monstro e archote.

Segue-se um velho de barbas brancas, vestindo de azul e branco, com coròa de lata, levando no estandarte — *Nosso papá Newton.*

Segue um estudante vestido de mouro, conduzindo um grande painel com o projecto do monumento á Sebenta.

Atraz, vae um carro de bois com a Arca de Noé, indo este vestido de azul e vermelho, entre cabeças de animaes.

Segue o carro da Chimica Mineral, marchando á frente, vestidos de negro e com lanças, Democrito e Leucippo. O carro é um altar de flôres e verdura, sobre o qual ha um fogareiro de barro e cadinho

---

desceram, mas a cathedra trepou, encaixando-se n'uma especie de pulpito; e até ao lado d'ella, mas em baixo, pozeram uma mesinha de quatro pés *(o burrinho !)* onde o estudante chamado vae dar lição !

No meu tempo, cada um dava lição do seu logar, de pé; e a numeração dos logares nas bancadas em amphitheatro começava de baixo para cima; e á ultima bancada, a mais alta, chamava-se o *gallinheiro,* e ao ultimo estudante... o *ferrador do curso !*

com um pedaço de chumbo, tendo um resplendor de lata, onde se lê : *Pedra philosophal.* Completam a ornamentação frascos e instrumentos chimicos. Ladeiam o carro estudantes vestidos de Enxofre, de Phosphoro, de Mercurio e de Potassio, com as côres d'esses corpos, levando o Phosphoro um estandarte com este distico : *Refugio de amores mal correspondidos;* e o Mercurio : *Ninguem diga d'esta agua não beberei...*

Seguem o Oiro e a Prata, vestidos de rei e rainha, pegando á cauda a Magnesia, vestida de branco. Seguem, vestidos de côres d'estes metaes, o Sodio, o Cobre, o Ferro. Vão depois montados em seis burros os doze de Inglaterra, armados á moda da Edade Média, com armas de lata e palha, lanças e espadas de pau, e funil em vez de elmo, cavalgando dois a dois. Muito engraçados.

Á frente, vae um estudante com tranças, vestido de Magriço. Seguem alguns rapazes vestidos á moda da Beira, com palhoças e capuchas, cantando e dançando ao som de guitarra as modas beirôas.

Segue uma padiola, com tres bonecos de pau, representando personagens importantes e célebres das côrtes de Lamego. Depois da padiola vae uma burra de madeira, allusão á burra do thesouro, e o Sanatorio da Serra da Estrella.

Alguns rapazes vão vestidos de mulheres da Beira.

Segue um carro de bois do Alemtejo, armado com verdura, tendo ao centro uma enorme bolota, e com



Centenario da Sebenta — O Carro do Manuel das Barbas

mantas alemtejanas, indo n'elle dois rapazes vestidos á moda d'aquella provincia. Segue-se o carro da commissão, com grandes caricaturas dos estudantes Polonio, Thomaz de Noronha, Pad Zé, Barbosa e outros originaes de Jorge e de Monterroso.

Vae depois o carro da Reforma do Lyceu, imitando a torre da Universidade, e tendo dentro uma cabra viva.

Segue uma esturdia do Minho — grupo de rapazes vestindo á moda de Vianna do Castello, trajes masculinos e femininos, dançando e cantando ao som do

harmonium, da guitarra bragueza, da flauta e do tambor, acompanhados por um fantoche gigante, o *Gigantone*, como se usa em algumas festas do Minho.

Segue-se a dança do Rei David, de que hontem fallei.

Depois, o carro do Manuel das Barbas, levando um grande retrato d'este, pintado a oleo.

Segue um palanquim vermelho, conduzindo um negro representando o Gungunhana, com o letreiro « El-Rei Reinaldo primeiro. »

Segue o carro do primeiro anno de Medicina, puxado por estudantes. Sobre o pedestal, ergue-se uma grande arvore, cujos fructos são sebentas, tendo enrolada no tronco uma enorme cobra. Á frente varios disticos, allusões só comprehendidas dos estudantes, dizendo respeito á vida Academica.

Segue-se o carro da Faculdade das tretas, levando á frente o conhecido cocheiro Rolier e á retaguarda, sobre verdura, os estudantes Lopes Vieira, Albuquerque e Thomaz de Noronha, representando a Poesia, a Musica e a Coreographia.

Depois, o carro da Reivindicação histologica e anatomica social, levando no centro um enorme microscopio, sem lentes, allusão ao facto do reitor pedir que não as trocassem. (1)

(1) Os Reitores, sempre que fallam com estudantes, deixam rasto na conversa! Ainda não ha muito, foi uma commissão de

Debaixo do microscopio, vae uma grande rã e á retaguarda o cadaver de um porco disseccado, com uma corôa de saudades e o distico « Quem quizer conhecer seu corpo mate seu porco. »

Á frente vão pendões pedindo : « oito horas de trabalho, que um homem não é de pau », e os restos do candieiro de um novato de Medicina.

Seguem-se estudantes com muitos pendões e varios disticos, como — *abaixo o alcool* — e outros.

Um dos pendões tem pintado um grande coração embrulhado n'uma enorme tripa, como homenagem á cidade invicta.

Seguem-se quatro estudantes tocando instrumentos sebentados, em parodia á charaméla da Universidade, restaurada por Antonio Augusto Gonçalves.

Segue um caleche transportando o Estudante Urso, tendo aos pés uma raposa e o letreiro : *De pequenino é que se torce o pepino.* O cocheiro e trintanario levam magnificas librés.

Segue-se um enorme pendão, com um telegramma do papa em Latim, com cordões de flôres a que pegam estudantes.

---

estudantes pedir não sei o quê ao Reitor, e este, para os tranquillizar, disse-lhes assim : — « Descancem, eu sou o *pae de todos !* » Resposta de dois dos presentes :

— E eu o *fura-bolos !*

— E eu o *mata-piolhos !*



Centenario da Sebenta — O Carro da Torre da Universidade

Seguem seis enfermeiros, sustentando varas com uma enorme tiara, da qual pende, dentro d'um frasco um kysto mettido em alcool.

Segue-se a padiola do segundo anno de Medicina, figurando uma torre com uma cobra viva, sebentas, mócas e lampiões.

Segue-se o carro do terceiro anno de Medicina, puxado por duas juntas de bois e sustentando um edificio arrombado de columnas amarellas, parodia ao hospital, e o letreiro : « *Já assim estava em* 1834. » Debaixo do edificio vae um doente de cama, tratado por varios enfermeiros.

Segue o carro do Prego, puxado a bois, levando ao centro uma columna enorme, com um prego, do qual pende grande quantidade de roupa e calçado.



A Criadinha de servir!

Segue-se um caleche com os membros da commissão e um carro levando uma grande torre da Universidade e á frente o academico Pad Zé, deitado na cama a estudar a Sebenta.

No carro da commissão vae o Querelas, querelando toda a gente.

Segue o almirante Rato, da esquadrilha do Mondego, hontem já descripta.

Fecha o prestito o regimento de artilheria liquida, levando carros com enormes seringas. Vestem fardamento estapafurdio, levando á frente quatro tambores.

No meio do cortejo vão muitos *Zés P'reiras*, fazendo grande barulho.

Durante o percurso o enthusiasmo é extraordinario, erguendo-se vivas e sendo os estudantes victoriados das janellas, onde tudo ri.

Dia lindo e festa muito animada.

A meio do percurso encorporou-se no prestito uma padiola levando uma boneca figurando a Santa Sebenta e, á frente, um enorme pendão com pinturas allusivas ao Manuel das Barbas.

Agora mesmo está o cortejo passando na rua do Mercado em direcção á Alta. São 4 horas. — *Esculapio.* »

AINDA O CORTEJO

« *Coimbra, 30.* — T. — O cortejo seguiu para a cidade alta e dispersou ás seis horas no largo da Feira, depois de passar em continencia á Porta-Ferrea, onde estava o estudante Eloy, vestido de rei D. Diniz, que seguira no cortejo, no carro da Marrafa.

Á passagem do cortejo defronte do theatro do Principe Real estava no telhado uma orchestra infernal, composta de muitos estudantes tocando toda a qualidade de instrumentos.

Na fachada estava uma pintura representando um burro carregado de livros. Houve foguetes, palmas, emfim, muito enthusiasmo.

Ao dispersar o cortejo no largo da Feira, a artilheria formou e disparou, com seringas, descargas

d'agua, orvalhando todos os presentes, acontecimento que dispertou geral hilaridade.

A ornamentação da rua da Trindade era magnifica, vendo-se n'uma das casas os ossos da Sebenta.

Foi muito applaudida a dança do rei David.

Os estudantes de Aveiro tambem tomaram parte no cortejo.

Ámanhã ha feriado geral.

Hoje á noite ha grande baile no restaurante José Guilherme, onde dizem ser a Sociedade de Geographia.

O Orpheon vae percorrer as ruas em serenata, havendo fogueiras e outros festejos.

Reina muita alegria. — *Esculapio.* »

* * *

Ora mas reatando o fio : só o *Waldeck*, que era o compendio em latim no 1º anno, na aula de Direito Romano, inspirou para cima de vinte milhões de sebentas lithographadas; — mas se forem a vêr e a cotejál-as todas, ellas eram, no meu tempo, copiadas das do tempo d'El-Rei D. Diniz, fundador da Universidade !

Agora isso acabou, ao que parece! O Bernardo jubilou-se; o Waldeck passou á lenda; e lá dizia no *Auto da Sebenta* o Lopes Vieira, pondo a fallar o Rei Lavrador :

O Waldeck morreu! Rebento de saudade!
Com musicaes latins de vaga claridade
Era o compendio ideal, o livro imprescindivel,
O unico capaz de alevantar o nivel!
Eu cá, quando fundei a escola que frequentas,
Na minha mocidade, ao nascer das sebentas,
Disse para o Reitor, um grande canonista
Que além de ser um sabio era um grande fadista:
— O Waldeck ahi vae! Livro de ponta e mola,
Quero que eterno fique, entendes? n'esta escola!
E apezar de soffrer o mundo desenganos,
O Waldeck reinou uns bons 300 annos!

Mas a data em que nasceu a sebenta é que se não sabe! A commissão do « Centenario », ainda poz a premio o difficil problema; e o premio era uma gallinha, um gallo e um ovo gallado, — mas não houve quem o ganhasse!

O programma do concurso dizia assim, — se bem traduzo do original latino :

1.ª parte — Genése e origens

1º ponto — Origem mythologica da Sebenta:

Se a natureza da Sebenta é divina ou humana.

2ª ponto — Se na Fabula, a Sebenta é ou não a alcunha da deusa Minerva.

3ª ponto — Se a Sebenta, quando nasceu, tres beijos á mãe pediu e do mais que se seguiu.

4ª ponto — Se a Sebenta vem de cebo (sebo) ou se o cebo é que vem da Sebenta.

2.ª parte — Effeitos e influencias

1ª ponto — Portugal sabio: influencia da Sebenta nos cerebros portuguezes.

2ª ponto — Da influencia da carta constitucional na Sebenta de Coimbra e vice-versa.

3ª ponto — Influencia da Sebenta nas calvas academicas.

3.ª parte — A Sebenta na evolução e na metaphysica

1ª ponto — A Sebenta no seculo XX será ainda a mammadeira academica?

2ª ponto — A Sebenta, a paz universal e os cirios civis.

3ª ponto — A Sebenta é o Anti-Christo do propheta.

Ora que a origem da Sebenta deve ser antiquissima, isso é fóra de dúvida : — anterior talvez a D. Diniz, fundador da Universidade ! Já no poemeto *As Tristes,* que faz parte da *Cabulogia,* um poeta das duzias se referia a ella da seguinte fórma, sob o pseudonymo de *Caderneta :*

Outro que aspira ao *nemine* sómente,
Satisfeito com parca medianía,
Vae ler quanto basta para mostrar-se
Papagaio Real da Caderneta.

Documentos modernos, já os possuimos muito mais explicitos! No *Fado da Sebenta,* faz-se a sebenta filha de Pedro Penedo — avô mythologico de João das Regras, pois lá se diz :

Um velho chronista observa
Que em tempos que já lá vão
Casou Pedro com Minerva,
Nasceu a Sebenta, então...

É, pois, de crer que esta origem da sebenta seja a verdadeira ; mas seja ou não, caso é que n'um dos bilhetes postaes do « centenario », um desenho representava já D. Diniz — a dar á Sebenta o grau das asneiras :

— *Quid petis?*

— *Gradum asneirarum.*

E fallando com o *Rei Lavrador,* Santa Sebenta já se lhe queixa no *Auto:*

D'antes...
Tinha 8 paginas...
Nunca, nunca tinha mais,
Agora, sou monstruosa!
Paginas, ás trinta e duas...
E attinjo mesmo uma groza
Com a mudança das luas!

Quanto á hora do nascimento, o Fado não deixa dúvidas:

Quando nasceu a Sebenta
Não veiu só d'uma vez:
Nasceu ás oito e quarenta
E o *resto* sahiu ás dez.

Renome, é incontestavel que o possue tambem, a julgar pelas seguintes palavras de *Santa Sebenta* (da Cathedra):

Celebrada no Cairo, em Nazareth, no Egypto...
A Sebenta sou eu, o astro, a deusa, o mytho!

Não admira, pois, que o *urso* a saúde com acatamento:

Eu te saúdo, ó velha assignalada,
Irmã d'esses Barões da antiga Historia,
Fique no mundo bem lithographada
Tua boa e altissima Memoria!

... E que lhe reze de joelhos e de mãos post

« *Post tot tantosque labores* » (1)
Da agonia me cobrem os suores!
Venho junto de vós, amparo leal
Do reino que se chama Portugal...
Vós fizestes, Senhora, mais que os Reis,
Mais que os poetas, muito mais que os sabios:
Com a ajuda dos manos Alfarrabios
Tendes feito no mundo os bachareis!
Magico filtro, mysteriosa essencia,
. . . .
Para a India do Grau levaes os cursos
Perdidos no mar secco da Sciencia,
« *Venit tandem dies...* »

Por isso lá diz o *Fado*:

Á Sebenta, ó Portugal,
Levanta uma estatua um dia,
E põe-lhe por pedestal
Pedras de lithographia!

---

(1) Isto é o comêço da *oração*, que todo o estudante tem de dizer no principio do acto! Antes de se sentar, o martyr, *reza* o seguinte: — « *Post tot tantosque labores venit tandem dies in quo apud vos studeorum meorum rationem reddere cogor. Sed antequam incipiam sit mihi in auxilium Santissima et Individua Trinitas, Unigenitus Pater, Increatus Filius et ab utroque procedens divinus Amor, Beataque Maria semper Virgo hujus Universitatis Fautrix.* (Se tem de ler a dissertação, como acontece no 4° e 5° anno, lê, e depois fecha a oração da seguinte maneira:) — « *Deinde facite mihi dicendi veniam, Praeclarissime Præses, Sapientissimi Doctores, Amantissimi Condiscipuli, Concioque undequaque florentissima.* (Se não tem dissertação a ler, o Latim vae de cabo a rabo, d'um folego, e n'uma toada que ninguem entende, — nem mesmo quem saiba Latim!)

Rapazes e raparigas,
Pela noite luarenta,
Em vez de cantar cantigas
Cantem coisas da Sebenta.

E que ella já tem inspirado lyras e guitarras, — poetas e bohemios — no *Fado* se diz tambem :

As bellas cantigas minhas
D'esta festa sebenteira
Aprendi-as nas *Cozinhas,*
Fêl-as o *Marco da Feira.*

Na rua das Cozinhas, com effeito, era já no meu tempo a lithographia das sebentas, dirigida por um Pacheco que era cego, e que dentro do balcão, sentado, parecia um eunucho; — e a outra, no Marco da Feira, dirigia-a o Manuel das Barbas, que deu o nome a um dos couraçados italianos do « centenario », o *Emmanuel degli Barbi,* e cujo epitaphio, para quando morrer, está já feito e reza assim:

✝

Aqui jaz Manuel; descança!
Trabalhou muito, e bebeu...
Lithographava as sebentas,
Mas foi feliz: — nunca as leu

De resto, essa felicidade de não ler as sebentas é a que espera todos os caloiros de ámanhã, quando se matricularem na Universidade! É o *Orpheon da Se-*

benta que os ameaça por musica, se se atreverem a olhar para ellas :

Se eu tiver um filho,
Quando elle crescer
Se ler a sebenta
Olaré !
Hei-de-lhe bater.

*
* *

Ora mas tudo isto vem por causa d'uns versos de João de Deus, que elle fez quando era estudante! Os versos disse-me o proprio João de Deus que os fizera para *bisnagar* um lente qualquer, que deitára um R n'um estudante distincto, só porque se atrevêra a discutir-lhe a sebenta, e de mais a mais lhe namorava a sopeira, — o que em Coimbra é caso *gravissimo!*

Do nome d'esse estudante é que me não lembro; mas lembro-me que João de Deus me disse que ia de noite com outros estudantes, todos muito embuçados, cantar os versos á porta do lente; — e que a musica, original tambem de João de Deus, era engraçadissima, e cingia a lettra n'um abraço muito triste e ao mesmo tempo cheio de comico !

Os versos diziam assim :

Vozes

Estudar com quem não sabe,
Para alfim entre dois A A
Vir um R que não cabe
Na cabeça d'um rapaz :

Porque a prima da cachopa
Da criada do bedel
Algum dia alguem na topa
Dando-me um favo de mel...

Baixinho

— Ba, be, bi, ke, ki, ku, ka.
— *Mais tais-toi, oui, tais-toi.*
Car le roi se tait aussi...

Côro

Na sebenta hereditaria
Como os pares, mas sem par,
Estudar para alimaria
Sem jámais d'ahi passar!
Porque um dia se disputo,
Se contesto o pae-avô,
Cahe-me logo em cima o bruto,
Casca-me um R sem dó!



NA AULA DO CHAVES



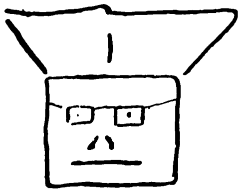
COIMBRA — BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE

NA AULA DO CHAVES

In illo tempore — no tempo em que eu andava na Universidade, costumavá o dr. Chaves, que regia no 4º anno de Direito a cadeira de Theoria do Processo, marcar na ultima epocha do anno uns exercicios muito innocentes de *practica forense,* afim de dar aos rapazes, alguns dos quaes nunca tinham posto os pés n'um tribunal, a ideia do que vinha a ser isso ; ao mesmo tempo a scena de pôr em juizo uma acção ; tramites d'esta, etc., etc.

Semelhante coisa caberia talvez melhor no 5º anno, em Practica do Processo. Mas como o dr. Chaves, além de ser o redactor principal da *Revista de Legislação e Jurisprudencia,* e o melhor advogado da Lusa-Athenas, era o Praxista-Mór da faculdade, elle mesmo tomou á sua conta encaminhar n'esses primeiros passos a rapaziada, pregando-lhe os taes exercicios!

Ora o dr. Chaves era um chronometro... de carne e osso! Ao bater o quarto, elle que nunca déra uma falta, e só no verão sahia a banhos até á Figueira, entrava nos Geraes pontualmente, como se tivesse dormido na Secretaría. Recolhia o curso; entrava; sentava-se na sua cathedra lá no pulpito ; abria a Reforma Judiciaria ; rapava dos apontamentos ; e durante tres quartos de hora, nem mais minuto nem menos minuto, preleccionava, preleccionava, preleccionava, — preleccionava sem despegar um segundo! Podia cahir a torre da Universidade; podia Coimbra desabar d'alto a baixo ou mesmo esfrangalhar-se o Orbe, que se escapasse a *Taberna,* como se chamava á sala do 4º anno, escapava a prelecção com toda a certeza, — inteirinha!



Caricatura
do doutor Chaves

Aos tres quartos, nem mais minuto nem menos minuto, abria o dr. Chaves a caderneta, e chamava á lição quem lhe parecia. Assistia, como se nada fôsse com elle, a um estenderete; e cumprida essa obrigação como cumpria todas as outras — fleugmaticamente — levantava-se e ia-se embora, sempre no mesmo passo muito pausado.

Mas nos taes dias de exercicios forenses, nem se levantava nem se ia embora! Como aquillo era *fóra-parte,* e mais por amor do officio do que por outra coisa, acabada a aula começava a massada, — que tinha o seu ar, ainda por cima, de obsequio!

Ora mas os rapazes é que embirravam com o tal obsequio! E porque era afinal uma estopada, e uma estopada, de mais a mais, *officiosa,* os rapazes faziam por amenisál-a o melhor que podiam, — e poucos a levavam a serio!

Por exemplo : marcou uma vez o dr. Chaves, para exercicio, uma acção já me não lembra de quê. Na vespera distribuíra os papeis : — « o sr. numero tantos faria de juiz; de ministerio publico, o sr. n.º tal; de escrivães, este e aquelle; de distribuidor, o sr. n.º tal; de official de diligencias, fulano; e, emfim, de advogado do autor, para propor em juizo a tal acção, um rapaz Mesquita Carvalho ».

A patuscada principiava logo com a nomeação do official de diligencias ! Immediatamente choviam sobre o nomeado os epigrammas, — e pela Via-Latina e na rua Larga, a montaria não despegava ·

— Official! um copo de agua!

— Official! um escarrador!

— Official! estes livros lá p'ra casa!

Acrescendo que o proprio dr. Chaves tinha sempre dedo para o escolher...

Outras patuscadas se faziam.

O papel *sellado,* por exemplo, esse levava sempre no *sello* a caricatura de algum condiscipulo ; e os nomes que figuravam nas acções eram todos, ou

quasi todos, intencionaes! Como fôsse marcada, uma vez, uma acção de separação, o advogado fez figurar de réu um condiscipulo que era casado, e allegou por alli abaixo, por conta da verdadeira mulher, as coisas mais escandalosas — acontecidas com a criada!

Mas vamos ao caso do Mesquita Carvalho.

Distribuidos d'essa vez os papeis da comedia, cada um poz-se a fagulhar pelos cartorios do tribunal de Coimbra, em processos da mesma especie, o que lhe cumpria fazer na tal *audiencia :* — o juiz copiou o despacho; o distribuidor fez o rascunho da distribuição; os escrivães andaram a cheirar os protocolos; o official, finalmente (e eu fui nomeado para esse *papel* algumas vezes !) decorou o que lhe dizia respeito, e que era só isto :

— « Está aberta a audiencia ordinaria. Quem quizer requerer póde fazel-o. »

Só o advogado do auctor, que era afinal o que tinha mais que fazer porque havia-de levar escripto o articulado, não quiz saber de coisa nenhuma — e nem abriu sequer um formulario !

Chegada a hora da aula, os rapazes perguntam ao Mesquita pelos *provarás*...

— Não fiz!

— Não fizeste?!

— Não. Nem é preciso.

Ficaram todos atordoados!

— Não é preciso?! Mas o Chaves não é p'ra graças! — preveniram-no todos.

E o Mesquita, sem se ralar:

— Bem me importa a mim!

Ficou n'uma anciedade o curso todo, a vêr o que d'alli sahia, porque a aula do Chaves era com effeito muito séria, e tinha-o sido sempre, e o Chaves quasi um *papão* — o que o não livrava, ainda assim, da galhofa da rapaziada. Lembro-me, por exemplo, que no curso do Paulo Cancella, agora Procurador Regio, este e mais não sei quantos, de tal modo imitavam o comboyo ao longe, á hora de passar na ponte sobre o Mondego, que só muito tarde o Chaves percebeu que não era o comboyo, — mas os rapazes... E um, menos cauteloso, que se deixou descobrir, apanhou o seu R do Chaves no fim do anno! Versos, isso faziam-se na aula d'elle como n'outra qualquer; e na aula d'elle foi feita aquella quadra á deusa Minerva que fica mesmo por cima da cathedra, n'um nicho, e que é de pedra e tem na mão uma bola de pedra:

> Minerva, faz'-nos a esmola,
> Se o pae dos Deuses consente:
> Deixa cahir essa bola
> Sobre a cabeça do lente!

Ora mas continuando com a historia do Mesquita Carvalho: ensinava o Chaves que o primeiro dever do advogado — *vir bonus!* — era compôr as partes, isto

é, fazêl-as chegar a um acôrdo amigavel, que evitasse a demanda...

... Chegou, pois, o *terrivel momento!* O tribunal constitue-se: faz-se de conta que bateram as dez; — e a um signal do que fazia de juiz, o official, que estava de pé, volta-se para o curso e diz o recado:

— « Está aberta a audiencia ordinaria. Quem quizer requerer póde fazêl-o. »

. . . .

Moita! Nem chus nem bus no *tribunal!* Alguns, cabisbaixos, fungavam de riso mordendo o lenço. Parecia uma comarca de 3.ª classe: Portel ou coisa que o valha! — « Não havia distribuições! »

Mas o dr. Chaves, que estava muito longe de esperar o resto, vira-se para o Mesquita e diz-lhe assim:

— Sr. Mesquita Carvalho, o seu articulado por parte do auctor.

Ergue-se o rapaz a meio corpo, e com a cara mais séria d'este mundo, volta-se para o Chaves e diz-lhe assim:

— Peço perdão a V. Ex.ª: não foi preciso. *As partes compozeram-se!*

O « VELHO »!

O « VELHO » !

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, regia no 3º anno Direito Civil o velho Doutor Jardim.

O Velho, é como nós lhe chamavamos, e mais nada : — e era com a sua cara rosada e clara, a sua careca muito luzidia, a sua barba branca de passa-piolho, e aquella voz quasi de barytono, que parecia sempre dorída d'um callo, uma das figuras mais originaes, mais pittorescas e mais sympathicas do professorado da Universidade !

Não era um sabio; — e dizia a lenda que fôra tanoeiro na sua mocidade, e que emquanto ao bojo d'uma pipa cingia um arco de ferro, ia já deitando o ôlho para os seus livros, — e estudava sem despegar! Mas era um grande homem de bem, e então um espirito muito aberto a tudo quanto cheirasse a Democracia! E porque estudára de afogadilho, por atacado, e em

quadra em que a intelligencia tinha já callos, como as suas mãos honradas de operario, dois terços do que dizia era uma sciencia, — como direi? — sentimental. não raro feita de utopias, em que o Povo era tudo, e tudo para o Povo! Grande homem!

Fez um livro, — coisa que não deixa de ser muito rara em lentes da Universidade : — e dizia elle que o livro não seria grande coisa, mas que « quem viesse detraz que o fizesse melhor. » Era um livro de *Finanças*, nebuloso, escripto n'um portuguez apocalyptico, de que o dr. Assis Teixeira fazia no meu anno, fizera sempre, e acho que ainda faz, o texto e o cavallo de batalha das suas lições!

Medonha coisa! Lembrar-me eu que cheguei a estudar 25 horas por dia para Finanças, e que no fim d'aquellas 25 horas não conseguira, sequer, arrancar do livro 25 ideias!

Mas além d'esse grande livro de sciencia, que traz n'uma nota os versos d'um lado (1) e acho que um

(1) Lembro-me bem: é no capitulo *Diversidade ou pluralidade do imposto* :

O sello, filho do fisco,
Foi-se engrossando, cresceu;
Em cada papel *arisco*
Cada verba se metteu.
Em cada escriptura feita
Nova estampilha se ageita.
Do fisco em toda a grandeza
Tributa o povo e a nobreza
E o *deficit*... não morreu!



Coimbra — A Sé Velha

« folhetim » sobre o José Estevão, o Dr. Jardim era ainda auctor d'um célebre *Programma*, — uma coisa por onde se davam, na aula d'elle, as lições de Direito Civil!

Isso é que era o demonio! O *Programma* tinha um ar cerrado de *Taboa de Logarithmos*, ou de *Tabèlla de Cambios*, e era o inferno para o decifrar! Adeante de cada numero, indicativo d'um certo artigo do Codigo Civil, perfilára o Velho um pelotão de numeros em pé de guerra, indicativos d'outros tantos artigos do mesmo Codigo, com os quaes, quando

elle estudára, tinha achado que o primeiro mantinha parentesco, e outras vezes opposição!

Todo o trabalho consistia, pois, em achar o laço que engranzava uns nos outros todos aquelles artigos do Codigo Civil! E como semelhante coisa fôra uma « operação intellectual » do bom do *Velho*, o que é o mesmo que dizer, uma operação muito singular e muito original, — nem o diabo lhe mettia dente!

Com a explicação do Velho, então peor! Então é que se não entendia nada! E em todo o caso, lá se iam por agua abaixo, para os cultores do logogripho e do enigma, o prazer e o aperitivo da novidade, — isto é, o gôso de se pôrem a parafusar, elles sós, no mysterio de semelhante charada!

Ora mas como lente, nas suas relações com os discipulos dentro da aula, não havia outro melhor do que elle, — nem mais leal! Não era só odiar o *magister dixit*, coisa tambem rara na Universidade, — senão que muitas vezes, vendo-se entalado n'uma objecção, corria a dizer com o rapaz, mesmo que não passasse d'um *flautista*, a applaudil-o, a dizel-o vencedor e a dizer-se vencido, — explicando, n'uma alegria de enternecer, que « muitas vezes, muitas, aprendêra com os seus discipulos! » (1)

— « Muito bem! muito bem! tem dito muito bem! »

(1) Com a maioria, o Velho não teria muito que aprender; mas o caso era fallar-lhe de papo! A um discipulo d'elle chamado Moraes, grande fallador, de quem diziam os outros que

... E era essa outra particularidade do Velho : — á phrase com que acolhia a lição d'um rapaz, correspondia, fidelissima, a nota que lhe marcava na cader neta. Assim : — « Tem dito muito bem! » era uma lição *muito boa;* — « Tem dito bem! » era uma lição *boa*; — mas um « Tem dito! » secco, proferido n'um tom de lamuria, como se o picasse n'uma perna o seu rheumatismo agudo, era, sem ninguem lhe valer, uma lição *má!*

A mim, no meu anno, foi o que me disse! Chamou-me *de cara* no primeiro dia d'aula, para estrear o curso; — e como quer que eu me não entendesse com o demonio do *Programma*, nem o *Programma* se entendesse commigo, fui enchendo a hora como pude, mas no fim, porque acho que preguei um estenderete real, atirou-me a bomba o demonio do Velho :

---

lembrava um porco n'um faval porque por onde passasse estragava tudo — ideias e assumptos! — dizia o Velho uma vez :

— « Muito bem! Tem dito muito bem! Quem está convencido do que diz, é sempre eloquente! »

... E isto por causa d'uma discursanga que elle fizera sobre *feudalismo* — a proposito (é como quem diz a desproposito!) do n.º 3.º do artigo 949.º do Codigo Civil, que diz que « estão sujeitos a registo : — nº 3.º, *As acções reaes.* »

Como as « acções » eram « reaes », — feudalismo te valha! E o Velho, coitado :

— « Muito bem! Tem dito muito bem! Quem está convencido do que diz, é sempre eloquente! »

Aquelle Moraes era o auctor do poema *Morte á Morte!* — que queria dizer *Morte á Reacção!* — poema que lhe valeu de João Penha este epigramma :

O Moraes, valente cabo,
O Moraes, um braço forte,
Chamou a terreiro a Morte
E deu-lhe um couce no rabo!



Çoimbra — O Caes

— « Tem dito! » (1)

Entretanto, como era propenso á benevolencia por feitio, e a pensar sempre bem dos outros, e que era elle que se enganava, — no dia seguinte chamou-me outra vez tambem de cara, porque lhe tinham dito, (constou-me depois), que eu não era de todo um mau estudante...

(1) Ao Saraiva das Forças, que tinha uma tal especialidade de *lições más*, que as péssimas dos outros ainda eram optimas ao pé das d'elle, a esse dizia-lhe o Velho no fim: — « *Teve* dito! »

Não contava eu com aquella surpreza, de mais a mais fóra da tradição do Velho, e não tinha, por conseguinte, pegado em livro! Estava o que se chama *em branco* — « in albis! » — e não sabia sequer de que se tratava! Mas chamado, puz-me de pé, está claro, e rompi a arengar por alli fóra, ás apalpadellas, sem saber o que estava a dizer!

Qual não foi, porém, o meu pasmo, no fim da hora, quando o Velho, que me pareceu sempre estar distrahido, mas a mirar-me com certo interesse, e até com certo carinho, me disse assim muito satisfeito :

— « Muito bem! Tem dito muito bem! E a má impressão que me ficou da sua lição d'hontem (*acrescentou!*) varreu-se toda do meu espirito! »

Bonito! Reconsideràra! Na vespera fôra elle que se tinha estendido! Coitado do Velho!

... E caso é que me não tornou a chamar até ao fim do anno; e no acto, como gostasse muito da minha dissertação para Finanças, de que o Assis, por lhe lisonjear com os meus os seus sentimentos de amor do Povo, lhe leu ao ouvido algumas paginas, — pouco lhe faltou para me atirar beijos, aos pulos em cima da cathedra; e disparate que eu lhe dissesse, ou mesmo heresía, tinha logo da banda d'elle, a acceitál-o, a perdoál-o, a defendel-o, o seu mais doce e enternecido applauso:

— « Muito bem! Muito bem! Tem dito muito bem! »

Está claro que passei *Nemine*, porque depois não andei mal em Finanças, ao Assis, n'uma massada sobre

o Real d'Agua (1); e em Direito Administrativo, como o Laranjo costumasse frigir os rapazes depois da hora com perguntas vagas fóra do ponto, quando começou a esfoguetear-me — « D'onde constam as deliberações dos corpos administrativos? » — desarmei-o logo com esta resposta, que eu temperei, quanto possivel, de ironia, e que o impossibilitou de continuar porque se poz a rir :

— « *Provavelmente*... das actas! »

— « Estou satisfeito! »

Ficaram todos satisfeitos!

A aula do Velho não era de arruaças, como a do Pedro Penedo ou a do Secco (2) — mas não era tam-

(1) Não sei bem se é *d'Agua*, se *de Agua*, se *da Agua*. Estudámos isso, mas não me lembro...

(2) Na aula do Secco era um pagode real! Para esse ninguem estudava palavra! — e a pouca vergonha chegou a tal ponto, que a maior parte do curso entrava com o bedel quando o bedel ia marcar as faltas, e sahia atraz do bedel! Quando muito, ficavam na aula dois ou tres, para ser, emfim, chamado algum, e o Secco, coitado, não arengar ás paredes Direito Penal; — e uma vez que ficaram na aula quasi todos, acho que porque chovia, o Secco esteve sempre muito afflicto, e no fim foi perguntar ao bedel « se os seus rapazes estariam zangados com elle! »

Á sabbatina, chamava *á sorte*, tirando as bugalhas de dentro d'uma urna de cartão, forrada de velludo vermelho; — mas como uma vez um dos rapazes tivesse surripiado da urna a bugalha com o numero d'elle, e o Secco, por batota, lesse esse numero em vez de ler o que estava na bola, levanta-se o rapaz e diz-lhe assim:

— Não póde ser!

— Não póde ser?! — acode o Secco muito atrapalhado.

— Não senhor! (*Mostrando a bugalha:*) Esse numero tenho-o eu aqui!

bem das mais socegadas! Os rapazes tinham-no na conta de um pae-avô, severo, sim, mas cheio de bondade; — e ás vezes, por brincadeira, faziam-lhe a sua partida! Um dia, emquanto preleccionava sobre hypothecas, um, da *coelheira*, que era o nome da bancada de cima, (a aula era em amphitheatro), poz-se a trautear não sei que moda...

Parou o Velho com a prelecção; e carregando, debaixo da mesa, no botão da campainha electrica, chamou o bedel com muita pressa. Mas quando o bedel entrou (o velho e gottoso Pinto) o curso parecia de estatuas! Ninguem se mexia : o silencio era absoluto! — O que não obstou a que o bom do Velho, ingenuo até á santidade, mandasse o bedel percorrer as bancadas — « a vêr em qual se cantára!... » (1)

Á porta da aula, em certos dias de lição difficil,

(1) Esta faz-me lembrar outra, com um condiscipulo que nós tinhamos chamado Miguel Dias, que era doido por musica, e levava o tempo a tocar violão, e a cantar o fado dos *Dez mandamentos*. Um dia — por signal, de muito vento — preleccionava o Velho sobre hypothecas; e o Miguel, que afagava entre os labios um diapasão de metal, sem querer soprou-lhe de rijo, — e voou pela sala um lindissimo LA!

Imagine-se o que foi pelo curso, e a cara do Velho e a do Miguel!

Momentos depois, n'um bilhetinho a lapis pelas bancadas, o Alfredo da Cunha commemorava o facto :

> Quando inda ha pouco, n'um rugir violento,
> Bramia o vento com furor insano,
> Alguem viu o Miguel, com attenção,
> Pressuroso sacar do diapasão
> Para saber se o vento
> Tinha voz de tenor ou de soprano!

cada um que entrava *farpeava-o*: isto é, crivavam-no de « dispensas », que elle recebia com ar compungido! Eram cartões uns atraz dos outros, pedindo escusa da lição: — « *O N.º tantos, Fulano de tal, pede dispensa a V. Ex.ª.* » — « *O N.º tantos, Fulano de tal, pede dispensa a V. Ex.ª.* »

Uma vez, como o meu condiscipulo Costa Macedo não soubesse a lição, não estivesse tambem para metter dispensa, e não podesse faltar por já « estar tapado » (1), viu-se em apuros e enganou o Velho! Chamado, redarguiu o poeta com ar offendido, — como quem se dóe d'uma inconfidencia :

— « Peço perdão! mas eu pedi dispensa a V. Ex.ª ! »

O Velho todo se atarantou :

— « Não a encontro... Mas não está cá... » — dizia elle, muito afflicto, percorrendo o « baralho. »

Senão quando, larga das bancadas o Costa Macedo, muito depressa, finge que apanha em baixo qualquer coisa que estivesse no chão, e trepando á cathedra do Velho, a correr, alli mesmo lhe mette a farpa :

— « Está aqui! É que V. Ex.ª deixou-a cahir! »

Lapsos, tinha muitos e muito pittorescos.

(1) No meu tempo, faltas ***não justificadas*** podiam-se dar 4 em todo o anno ; mas uma falta a uma ***repetição*** valia por 3! « Estar tapado », é ter já dado as taes 4 faltas.

Por exemplo : a explicar materia de casamento, á mulher chamava-lhe *marida*, — e outra vez, querendo dizer o inverso de *patrono*, fez o feminino e sahiu-lhe *patrona!* Como o advogado se chama *patrono*, á ré chamou-lhe... *patrona!*

Mas tudo isto vem para o seguinte. Certo dia de inverno, no meu 3.º anno, era dia de muita « colica », e de muita chuva! No céo, uma tempestade medonha, de fazer ir abaixo á torre da Universidade, — e na aula do Velho, peor do que isso : — uma repetição!

O vento zenia lá fóra, desabrido; e atravez das grandes janellas rasgadas, de que as lufadas faziam matracas, viam-se as arvores do parque torcerem-se e retorcerem-se, ramalhando!

Fôra chamado á lição o Padre Lopes, que era um dos melhores typos do nosso curso. E imperterrito, sem dar pela furia dos elementos, seguia na exposição como um papagaio, — citando de cór uns atraz dos outros, sobre impedimentos do matrimonio, trechos e trechos do Concilio de Trento, — em Latim!

Parecia inspirado o Padre Lopes! E como elle pertencia á ala dos *musicos*, embora fôsse dos mais afinados, até os *ursos*, entre os quaes o Padre Coelho que está agora no Porto vigario geral, e o Silva Cordeiro, estavam varados de tanta sabença! (1)

(1) O Padre *Coelho* e o Silva *Cordeiro* eram os dois « ursos reaes » do curso! Lembro-me que uma vez foram chamados

Foi então que pelas bancadas da aula circularam estas duas quadras — calligraphia do Costa Macedo e da lavra d'elle :

---

ambos a uma sabbatina, — e de tal modo se pegaram os dois, que o Alfredo da Cunha fez esta decima ·

Santo Deus! um caso assim
Ninguem torna mais a vêr!
Quem havia-de dizer
Que um fado mau e ruim
Viria tornar por fim
Em assannados rivaes,
Ferozes como chacaes,
Qual d'elles mais desordeiro,
Um *coelho* e um *cordeiro*
— Innocentes animaes?!

O meu curso ainda tinha outros *ursos*, mas esses eram *ursos menores*. A um (já morreu!) que ninguem soube porque o classificaram, fez o Pedro Gaivão esta quadra:

Um lente tonto e casmurro,
Por fazer pirraça ao curso,
Quiz de ti fazer um urso:
— De ti, que nasceste burro!

E a outro, chamado F. Pinto, que foi uma vez chamado e se estendeu, mas que quiz fingir que sabia da poda, cantou-o n'esta sextilha o Alfredo da Cunha :

O Pinto é urso matreiro,
O Pinto é pinto batido...
Julgo, porém, que não minto
Sustentando que a lição
Mostrou a todos que o Pinto
Não é pinto... é patacão!

E ainda me lembro d'esta, a um urso chamado Camello :

Ó Camello, pois que és urso
De que te aproveita sêl-o?!
P'ra seres animal no curso
Não te basta ser Camello?!

« Emquanto o vento lá fóra
Valsa em damnados galopes,
Sentindo picar-lhe a espora
Canta a lição Padre Lopes.

Pasma-se o Padre Coelho,
De neve veste-se a terra,
E o craneo calvo do Velho
Parece um queijo da Serra! »



Capello e borla

AS FOGUEIRAS DO S. JOÃO



COIMBRA — JARDIM BOTANICO — ESTUFA — S. BENTO

AS FOGUEIRAS DO S. JOAO

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, ainda as « fogueiras » do S. João eram coisa capaz de se vêr !

Duas noites de patuscada, como não havia outras na roda do anno! Dançava-se desde o anoitecer até de manhã, quasi sem despegar, e tudo aquillo eram danças do povo, as mais d'ellas obrigadas a abraços, e algumas até a beijinhos !

> Dá-me um abraço !
> Isso é que eu não faço !
> Dá-me um beijinho...
> Ai, eu dou, eu dou...

De modo que andava a cachopada n'uma roda viva nos braços dos estudantes, os estudantes n'uma roda viva nos braços da cachopada, e voava o tempo e as pernas voavam. parece que sem a gente dar fé ! Ás

duas por tres começavam os gallos a cantar, e entrava o céo, lá em cima, a querer fazer-se da côr do leite...

Agora, parece que vae aquillo tudo por agua-abaixo! Deram as tricanas em metter na dança coisas de sala, marcadas em francez, e até se diz que já encommendam versos para o S. João, como os carteiros para as boas-festas!

Adeus, fogueiras!

Como tudo o que é de Coimbra — bom e mau — se não parece com mais coisa nenhuma, as tricanas de Coimbra são tambem *ellas sós,* e, por conseguinte, — incomparaveis!

Como andam sempre muito *afinadinhas,* desde os pés até á cabeça, vão-se os olhos a olhar para ellas, e fica a gente a dizer comsigo que nunca viu mulheres assim... Sua chinelinha de biqueira, em que só lhes cabe metade do pé; sua meia branca, ou ás riscas, muito esticada; saia de chita, das côres mais claras, deixando vêr os tornozelos e acima dos tornozelos duas pollegadas de perna; aquelle aventalinho muito pequenino, que é mais um *chic* do que outra coisa; o chambre de chita clara, aberto no peito em decote quadrado; e então o chale de barras, ou a capoteira, passando por baixo do braço direito, e lançado (com elegancia que se não descreve, mas que os estudantes copiaram para as suas capas) por cima do hombro esquerdo!

Ao alto de tudo isto, uma cara quasi sempre bonita,

e espirrando sempre vivacidade; e n'aquelles braços, n'aquellas pernas, n'aquelle busto, quando gesticulam, quando marcham, quando estão paradas, qualquer coisa que deve ser a propria graça — como só artistas a apreciam!

São as tricanas!

Nas fogueiras, então, o caso era fallado! Como o S. João era a festa d'ellas, porque o santo é casamenteiro, não havia nenhuma que não tivesse para essas duas noites ao menos um aventalinho novo! Quando não era tudo em folha, desde os pés até á cabeça — a ponto de parecer tambem outro, ao menos por uma graça nova, o lindo palminho da cara!



O futrica

— Mas que linda vens, ó Joaquina

— Quer-me p'ra noiva, sr. doutor?

E que linda noiva ella daria!

Bem! Mas as fogueiras eram assim: — espetavam-se na rua, em circulo, meia duzia de mastros pintados; um mais alto, ao centro, largava festões para o topo dos mais; enfeitavam-se depois todos os postes com flôres e cordas de hera; iam festões de uns para os outros, com balões venezianos em toda a roda; no do meio pregavam-se tres candieiros novos de petroleo, armados dos indispensaveis reflectores, — e

com mais enfeite, menos enfeite, a *fogueira* ficava armada!

Encostados ao mastro grande, abancavam de ranchada os tocadores, quasi todos aforrados. E mal a guitarra começava a zaranzar, que é como quem diz, a contar das suas ás raparigas, entravam logo a dizer com ella, como excellentes visinhos, a viola, os ferrinhos, o harmonium e as castanholas — e tudo aquillo ia direito aos calcanhares da tricanada, aos braços, ás pernas, ás cabeças, e rompiam todas a dançar e a saracotear-se, a cantar e a fazer gaifonas, qual d'ellas com mais *salero* :

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Eu vejo no mar!

E ouvia-se então, constantemente, a voz de um *marmanjão,* marcando, como se fôsse um besouro, as voltas e revira-voltas :

— E virou!

— E vá de volta!

— E lá vae uma!

— Chegadinho!

— Ainda outra!

— E vá mais outra!

Assim até pela manhã!

Pela manhã, roda-forte e de braço dado para a *Fonte do Castanheiro,* n'um arrabalde, onde as *fogueiras* todas se juntavam!

E quando o sol vinha a romper, como se quizesse tambem entrar na pandega, ahi vinha tudo, outra vez, de restolhada! — nem cançados, nem saciados!

A estudantada, está claro, entrava na funcção quasi desde o principio. Os primeiros compassos eram por ceremonia para os futricas (1).

Mas logo que entravam a aquecer as raparigas, e o corpo a pedir-lhes folia, ellas mesmas desafiavam:



Da fonte do Castanheiro

O meu amor é estudante,
Quintannista de Direito,
Quando passa para a aula
Parece um amor-perfeito.

A capa do estudante
É um jardim de flôres,
Toda cheia de remendos,
Cada um de varias côres.

---

(1) *Futrica* é todo o morador de Coimbra que não e estudante; — *filhote*, é o futrica natural de Coimbra.

O meu amor é estudante,
Estudante de Latim.
Se elle se chegar a formar
Ninguem tenha dó de mim.

Amor como o de estudante
Não ha outro, não ha não,
Leva toda a nossa vida
Rouba o nosso coração!

O meu amor é estudante.
Anda a formar-se em Direito.
Em outras leis está elle
Já formado no meu peito.

Meu amor anda no estudo,
Já tomou grau de doutor.
Acabada a formatura
Toma capello em amor.

Eu vim a Coimbra ao estudo,
Com tenções de me formar,
Apenas vi os teus olhos
Nunca mais pude estudar.

O' cidade de Coimbra,
Arrasada sejas tu
Com beijinhos e abraços:
Não te quero mal nenhũ

Ás duas por tres, por conseguinte, já se não viam na fogueira senão estudantes! Capa ao hombro, gôrro á banda ou cabelleira á viração — e toca

— Mexe-te, rapariga!

— Anda-me, filha, com esse corpinho



« Amas-me, filha? »

Entravam os futricas a « dar sorte » com a brincadeira; algum, mais atrevido, já chamava *saccas de carvão* aos estudantes; e o marmanjão da guitarra, que se queria ter na conta, elle só, de gallo da capoeira, cacarejava de lá aquella quadra:

O amor do estudante
Não dura mais que uma hora:
Toca o sino, vae p'r'a aula,
Veem as férias, vae-se embora

Ou esta:

As tricanas todo o anno
Vão plantar os seus amores
Lá no jardim do engano:
No coração dos doutores.

Ou esta:

Campos verdes de Coimbra,
Cheios de cannaviaes,
Quem se fia em estudantes
O que recebe são ais!

Mas bem se importavam ellas com isso, as raparigas! E se acontecia haver bordoada, as tricanas eram logo todas pelos estudantes, e os estudantes é que venciam!

— Ande-me com elle, sr. doutor! Parta-me a cara a esse *felistreco!*

Ora uma vez, calhou estar eu de ponto no S. João, e ter uma fogueira á porta de casa! Pensam que requeri ao Reitor, como fazem os *ursos,* que mandasse retirar a fogueira?! Isso requeria eu! O ponto era bravo e muito comprido, mas deixei folgar a cachopada! E indo de encontro a todas as praxes, e correndo até todos os riscos — visto que um estudante, n'aquellas 48 horas de *oratorio,* nem á janella podia assomar! — meia-noite a bater no relogio da Universidade, e eu, ligeiro como um gamo, a pegar na capa e a saltar para a rua! Espevitei o candieiro muito espevitado; abri as portas das janellas para fingir que estava a estudar; contra o meu uso, mas á cautéla, enfiei o gôrro até ao nariz; e embuçando-me muito bem embuçado, galguei a escada e metti-me na dança!

— E virou!

Mas eu a metter-me na dança, e uma desordem a armar-se logo alli, não sei como, entre futricas e estudantes!

Gritavam em furia mais de cem vozes:

— A elles!

— Vamos a estes futricas!

— Parte-se a cara a esta cambada!

— A elles, rapazes!

E já ia ferir-se a terrivel batalha, e eu já me tinha desembuçado para o que désse e viesse, quando o tocador, que era um sapateiro chamado Alexandre, muito bexigoso, alto que parecia uma torre, e todo elle muito pimponaço, trepa a um banco de guitarra no ar, e em voz que se ouviu na Baixa, acalma as ondas com este discurso — que tem mais graça, diga-se, do que verdade :

— « Futricas ! futricas ! » Como se houvesse em Coimbra algum futrica... — que não fôsse filho de estudante ! (1)

(1) Estes conflictos com os futricas ainda no meu tempo eram muito frequentes, — e lembro-me que a minha estreia como *advogado,* ainda eu andava no 5°. anno, foi a defender no tribunal de Coimbra uns estudantes, accusados de terem esmurrado uns filhotes na Estrada da Beira. Por signal que esse conflicto ia sendo gravissimo, porque tendo-se depois generalisado entre a Academia toda e a futricada, a cavallaria sahiu para a rua, — e n'uma carga ao Arco d'Almedina, eu cheguei a vêr estudantes debaixo das patas dos cavallos, e futricas marinharem pelas paredes das casas — como se fôssem gatos !



Tamanquinhos de tricana

A CASAQUEIDA



COIMBRA — S[ta] CRUZ — O ALTAR MÓR

A CASAQUEIDA

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, fui companheiro de casa no 1.º anno, nos Palacios Confusos, d'um rapaz chamado Boavida, alemtejano. Elle a esse tempo ainda era caloiro, e teria o muito 17 annos. O cochicho que nós habitavamos tinha só logar para dois inquilinos. Era elle, no quarto debaixo, e eu só, no andar de cima. Havia uma cozinha que nunca serviu, e uma sala de jantar que nunca teve mesa — porque eu ia comer á casa contigua, de que eram veteranos o Cortez Machado, o Malebranche e o Antonio Velloso d'Araujo; e o Boavida, esse comia não sei aonde, n'uma *republica* de alemtejanos obrigada a *açorda* todos os dias, republica de que fazia parte, como veterano, um alferes chamado Eloy.

O Boavida era um rapazinho comedido, e muito mettido comsigo. Tinha cara de bom mocinho, um pouco timido e quasi seraphico, — e usava luneta

d'oiro com cordão! Adivinhava-se que fôra interno d'algum collegio de jesuitas, talvez de S. Fiel; e quem fez d'elle um bacharel em Direito, errou-lhe decerto a vocação! Hoje está no Alemtejo, gordo, casado e rico, — e então, já se vê, tudo menos bacharel!

Antes que me esqueça vou já contando. Este Boavida tinha uma mania muito curiosa. Livros que apanhasse com illustrações, ou revistas illustradas de todos os paizes, e em todas as linguas, comprava tudo, — só para se divertir a vêr *os bonecos!* De modo que chegou a ter uma collecção formidavel de todas essas coisas, e o quarto d'elle era muito visitado, e parecia o quarto d'algum distribuidor de fasciculos!

Ora uma noite, ia eu a entrar para casa quando me encontrei á porta com o Eduardo d'Araujo, que vinha do quarto do Boavida. O Eduardo d'Araujo era um typo de bohemio muito singular, que me dava a ideia, não sei porquê, de andar sempre meio a dormir; e o que dizia, sempre coisas engraçadissimas, sahia-lhe lá de dentro como por demais, parece que espreguiçando-se, mas sempre chispando ironia! Era brazileiro, e fazia versos muito bonitos, — mas porque eram todos d'um vivo lyrismo, e as suas composições nunca iam além de duas ou tres quadras, lembrava-me eu se o Araujo traria no peito a alma de algum sabiá da sua terra, melancolico por se vêr desterrado tão longe, a estudar Direito!

— Olé, tu por aqui?! — disse-lhe eu.

— É verdade. Venho do quarto do Boavida. Mas

sabes? — acrescentou elle na sua voz descançada — notei uma coisa...

— ?

— ... Que no quarto do Boavida é tudo *illustrado,* menos elle!

Mas siga a historia.

No meu tempo, ainda a quasi totalidade dos estudantes andava sempre de capa e batina. O gôrro era já raro pelas costas abaixo, ou cahido em cima da orelha. A maior parte andava em cabello ; alguns traziam um pequeno bonnet preto como os de viagem, e as batinas já não eram as antigas *lobas,* que chegavam ao meio das canelas, mas umas batininhas que só chegavam aos joelhos (mais um casaco afogado do que outra coisa) — e a respeito de meia preta e volta de padre, só nos actos, e a volta ás vezes era de papel, e as meias d'algum theologo!

Ainda assim, já por lá começavam a apparecer os janotas, a que nós chamavamos os *polainudos,* que em sahindo da aula se vestiam á futrica, e iam para a Baixa de luvas amarellas, e charuto! Esses tinham o seu Olympo no *Café Lusitano* da Calçada, d'um José Lucio que era barytono, ou á porta da Ourivesaria do Abilio, ou da Havaneza; — e o resto, a plebe, passava as tardes a flanar pela Baixa, no Caes a vêr as tricanas, ou a passear pela estrada da Beira. Eu e os da minha *troupe,* faziamos estação no *Anda a roda,* perto de Santa Cruz, á porta ou n'um cubiculo lá para dentro, a dizer versos e a beber cerveja : — Antonio

Fogaça, Santos Mello, Solano d'Abreu, Francisco Bastos, Pinto da Rocha, Silvestre Falcão, Eduardo Valle, o Pontes, Costa Macedo, Silva Cordeiro, Costa Santos, Eugenio Sanches da Gama, Eugenio de Castro, Guedes de Amorim, Tito Vespasiano Castello Branco, Lopo de Castro, Antonio de Mattos Magalhães, Antonio Horta, Braulio Caldas, Bernardo Lucas, Carlos Braga, Forbes Costa, Armelim Junior, Angelo Ferreira, Eduardo Carvalho, Lemos Macedo, Vasques de Mesquita, Alberto Armada, José Ferrão, Bernardino Zagallo, Gusmão Junior, Chrispiniano da Costa, Pires de Lima, Abel Annibal d'Azevedo, João Baptista da Cunha d'Eça Costa e Almeida, Accacio Guimarães, Alfredo da Cunha, etc., etc.



Torre da Universidade

A esse tempo não havia ainda muito onde passar as noites, e a regra era recolher-se quasi tudo ao toque da *Cabra*, ás 6 em ponto, e depois da Paschoa ás 7. Theatros havia dois, o Academico e o de D. Luiz, quasi sempre fechados; — e o Circo, que ficava na Sophia ao pé do Gazometro, ainda era mais raro do que os outros dois!

Sociedades havia duas : uma ao Arco d'Almedina, que dava de quando em quando uns salsifrés, a que eram admittidos os estudantes *ricos* ou que o pareciam, e onde por isso nunca puz o pé, — e o *Club dos lentes* á Sé Velha... — pavorosa instancia de que todos fugiam, e onde raros, só os aristocratas, eram admittidos em noite de festa! A mim, nem que me pagassem punha lá os pés!

Ora quiz o demonio não sei por que artes, que o Boavida se lembrasse de ir uma noite ao *Club dos lentes*, acho que a uma *soirée* de entrudo. Mas não quiz ir de capa e batina! E combinado com o seu amigo Affonsinho, outro *enfant-gaté* como elle, e que era o Pollux d'aquelle Castor, resolve-se o Affonsinho a ir de pagem, todo polvilhado, e elle, Boavida, de casaca!

De casaca, — o Boavida!

Ora casaca foi coisa que eu nunca vi em Coimbra, (salvo nos da charaméla da Sala dos Capellos) pois que os proprios lentes, nas solemnidades, vestem-se todos doutoralmente : envergam a capa e batina, põem o capello por cima dos hombros, a borla não sei em que mão, — e elles lá vão, graves, empertigados, solemnes, tanto monta para a Universidade, como para a festa da Rainha Santa a pegar nas borlas d'algum pendão!

De casaca, fóra da Universidade, só lá vi o Rosalino Candido, que tendo-se munido d'esse *traste* para figurar no centenario de Camões no grupo da imprensa, nunca mais a tornou a despir, — e andava de casaca a



Mondego

toda a hora do dia e da noite, e sempre em corpo bem-feito!

Deu, portanto, muito na vista, é claro, a casaca do Boavida, — e o mesmo foi que não o tornarem a largar! D'ahi por deante, ninguem passava á porta do Boavida que lhe não pedisse a casaca, — e de noite, faziam-se *troupes* para lh'a ir pedir :

— Ó Boavida, dá cá a casaca!

— Dá cá a casaca, ó Boavida!

Isto n'aquella voz de mascaras ou de falsete, que é de ir aos arames o mais fleugmatico!

O Boavida viu-se, pois, e desejou-se! Além de lhe não largarem a porta — « Ó Boavida, dá cá a casaca!» — não era senhor de olhar para uma parede que não visse deante uma casaca pintada! Havia-as de todos os tamanhos : desde a casaca para *chéché*, minuscula, até á casaca para um Adamastor, — hyperbolica !

E por baixo, escripto a crayon que se não apagava :

— « Ó Boavida, dá cá a casaca! »

Iam dando em doido com o pobre rapaz, — e *rondelets* á casaca foram ás dezenas, todos da graça d'este, que me parece que é do Antonio Feijó :

Boavida, Boavida,
Basta já de cascarrão :
Lança a casca indefinida
Nas azas da viração,
Boavida, Boavida!

Uma casaca que tem
Pintada pelas esquinas?
Responde depressa... hein?
Porque é que assim te apepinas,
Uma casaca que tem?

Inda se outra coisa fôra,
Qualquer expressão velhaca,
Tinhas razão, mas agora
Encavacar p'r a casaca...
Inda se outra coisa fôra...

Tu e o pagem favorito,
Ficaram embasbacados :
Mas isto não é bonitó,
Não vale andarem zangados,
Tu e o pagem favorito.

Nos labios do *Affonsinho*
Depõe um osculo ardente
E adormece de mansinho,
Alliviado, contente,
Nos labios do *Affonsinho!*

Boavida, Boavida,
Basta já de cascarrão :
Lança a casca indefinida
Nas azas da viração,
Boavida, Boavida!

Até que para cumulo da troça, apparece uma vez á Porta-Ferrea, vendida a vintem, *A Casaqueida*, um poema completo em oitava rima, anonymo, causticante, e vazado, inda por cima, nos moldes classicos dos *Lusiadas!* O auctor da epopeia soube-se depois quem era. Era o Pinto da Rocha, brazileiro, que é hoje, no Rio, deputado não sei por onde.

Cá está o poema : (1)

---

(1) *A Casaqueida* tem um *Acto addicional* na 8ª pagina : — quatro quadras, parodia ao *Qué dê a chave*, mas que por serem um pouco livres iriam melhor no alçapão d'este livro, se o tivesse! Todo o livro, devia ter o seu, e até o sr. Theophilo Braga arranjou um... para o *Campo de Flôres! As Criptinas!*

A CASAQUEIDA

(Epopeia)

Os Abreus e os Paixões assignalados (1)
Que em capas e batinas elegantes
Já foram no estrangeiro premiados
E ganharam medalhas e diamantes (2);
E, apezar dos calotes malcreados,
São mestres, poderosos, deslumbrantes,
Valem menos, talvez, que uma cavaca
Comparados co'o auctor da *tal casaca* (3).

Termine dos pelintras pés-de-banco (4)
A fama do banquete em que pensaram,
Exhalem da Revista o extremo arranco
As parodias terriveis que a troçaram;

(1) O Abreu, era José Maria Mendes de Abreu, que tinha então loja d'alfaiate na Calçada, defronte do livreiro Melchiades, á direita, quasi ao chegar á Portagem. É um dos mais honrados homens que tenho conhecido, e hoje um dos mais sympathicos e acreditados commerciantes da Lusa-Athenas. — O Paixão muito regenerador, e de bigode e pêra, morava e acho que ainda móra, ao pé da Universidade, n'aquelle quarteirão onde ficava, á esquina da rua do Borralho, taberninha da tia Maria Camella, (no céo esteja a fazer peixe frito!) que morreu no meu 2.º anno, em Fevereiro, morte que as *sebentas* commemoraram sahindo esse dia todas de luto! — Mas o alfaiate *da moda* era então o Barata, ao fundo de Quebra-Costas, que, se tem vindo para Lisboa, chegava com certeza a ministro de estado, porque tinha uma figura de conselheiro, — ultra-imponente!

(2) *Diamantes*... Piada ao Paixão que embirrava que lhe pedissem o diamante...

(3) Provavelmente, o Barata...

(4) *Pés-de-banco*, são os estudantes do 3.º anno.

Que eu exponho á bexiga em verso manco
A *semiputa veste* que pintaram (1),
Cesse tudo o que a troça antigua canta
Que a célebre *casaca* se alevanta.

Estavas, Boavida, em doce enleio,
Bebendo da sebenta o puro mel
Que o Pacheco te deu em mez e meio (2)
Por setecentos réis em mau papel,
No saudoso Choupal em casto anceio
Esgotando da taça o amargo fel
E repetindo aos echos do caminho
O adocicado nome do *Affonsinho.*

D'outros bonitos pagens e crianças
Os olhos feiticeiros esqueceste,
E no entanto por dar-te mais esp'ranças
N'outro palmo de cara te prendeste.
Apresentál-o ao mundo te abalanças
Como prenda do céo que recebeste,
E a gente toda emfim que te apepina
A *casaca* pedir-te determina.

« — Traziam-na os malvados e os tyrannos
Ahi pelas paredes desenhada,
Como outr'ora os trocistas deshumanos
A *naifa do Araujo* celebrada;
E tu, chorando os teus fataes enganos
Com soluços na voz entrecortada,
Supplicavas com ar tristonho e sonso
Compaixão p'ra *casaca* e pr'o *Affonso.*

« — No vasto azul as ventas espetando
A procurar no céo *trinta mil réis,*
As ventas, porque as mãos iam buscando
Nos bolsos da *casaca* os infieis

---

(1) Veste de segundannista.

(2) O Pacheco era o dono d'uma lithographia da rua das Cozinhas, onde se imprimiam as sebentas. Ainda havia outra : a do Manuel do Marco da Feira, vulgó *Manoel das Barbas.*

Baguinhos com que a *dicta* has-de ir pagando
Ao remendão cruel entre os crueis,
Tristemente buscavas pelo espaço
Santo que te valesse em tal...andaço.

Mas porque a troça enorme presentisse,
Ou porque seja então melhor dotado
De valentia ou de pulso, ou porque visse
O seu futuro atroz no céo pintado,
Ou porque emfim tambem lhe não fugisse
O seu mimoso *Affonso* alvo e doirado,
O Boavida eleva-se iracundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo.

E o povo de Coimbra ao saber tal,
Por amizade alguns, muitos por troça,
Todos pelo prodigio collossal,
Em grande multidão compacta e grossa,
Acclamavam nas ruas, immortal,
Em berreiro que pouco e pouco engrossa,
A *casaca* ondeando com a aragem
E os cabellos frisados do seu *pagem.*

Havia já tres dias que findára
O triumpho ideal do Boavida;
E a trombeta da fama, que lançára
O seu nome esquecido em tanta lida,
A sua voz de todo já calára,
Quando, oh! desgraça triste e perseguida!
A *casaca* que os ares escurece
Pintada nas paredes apparece.

« — Tão tenebrosa vinha e tão borrada,
Que poz em todos nós um grande medo;
Terrivel o Paixão de longe brada
Que o gigante conhece pelo dedo,
E o punho cerrando em sanha irada
D'esta arte aos sabios falla do segredo:
— « Explicae, ó doutores de barraca,
Que mysterios são estes da *casaca!* » —

— « Oh! tu que d'alfaiate tens o geito
E que tiveste a gloria da medalha, (1)
Que devias trazer sempre no peito,
Como premio ás bellezas da toalha,
(Lhe diz a sabia gente em grave aspeito)
Oh! tu, cuja tesoura tão bem talha,
Tu não pódes saber quanta má vida
Faz passar a *casaca* ao Boavida!

O César pensador (2) já procurou
A origem da *casaca* decantada,
E concluiu por fim do que buscou,
Que essa mesma *casaca* fôra usada
P'lo grande Rosalino que a deixou
N'uma casa de prego pendurada.
No prego tanta traça e tanto damno!
Na rua tanta troça e tanto engano!!

---

(1) É o Barata! O Barata alfaiate obtivera, com effeito, uma medalha na Exposição Industrial de Coimbra.

(2) Este César Pensador não passou do 4º anno de Direito, depois de ficar *chumbado* umas poucás de vezes em todos os annos! A faculdade embirrou com elle, — deu-lhe o grau e mandou-o embora, com aviso de que quantas vezes viesse ao 5.º anno, para se *formar*, quantas vezes o reprovavam, — e que o melhor, portanto, era ir-se para Penafiel, advogar. Foi, e lá advoga; — e por signal que tendo uma vez de defender um réu, lembrou-se, por *chicana*, de allegar a embriaguez do homem, que aliás nem vinho bebia! A paginas tantas do seu *discurso*, o réu, já farto de se vêr tratado de bebedo pelo Cesar, levanta-se do *mócho* e diz-lhe assim, furioso :

— Bebedo estaria o senhor, que tal está a festa?! Eu nem vinho bebo!

Não perde o César as estribeiras, e volta-se para o jury e apostrópha — apontando para o desgraçado :

— Estava bebedo, snr.ˢ jurados... — *e ainda está!*

A figura do César, careca e quasi sem barba, e uns olhos tão azues que quasi são brancos, e sem sobrancelhas, essa não se descreve! No collegio chamavamos-lhe *o crocas*, e éra um namorador de mil demonios!

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

« — Os muros de Coimbra a sorte escura
De tão negra *casaca* memoraram
E por lembrança vil, com tinta impura
As abas da *casaca* apresentaram,
Um nome lhe pozeram qu'inda dura
E que as facas terriveis não rasparam.
Ora vêde que triste e que sombrio
É *casacas* comprar de tal feitio!



« UM HOMEM NÃO É DE PAU »!



COIMBRA — QUINTA DAS LAGRIMAS — FONTE DOS AMORES

« UM HOMEM NÃO É DE PAU »!

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, as mezadas dos estudantes não eram já o que eram n'outros tempos, em que *uma moeda*; p'los modos, chegava para tudo e ainda sobrava!

Mas não eram tambem coisa de maior, e eu por exemplo, com dez mil réis que recebia de meu pae todos os mezes, n'um vale do correio que chegava pontualmente no dia 1, governava-me!

De casa, quando vinha das férias grandes, nunca sahi com mais de 12 libras, — e com esse dinheiro fazia a viagem, que era ainda assim de mais de cem leguas; pagava a matricula quando chegava a Coimbra; pagava uma prestação da renda da casa : — e chegava-me ainda para as despezas do mez, e... sobe-

java! « Dá Deus o frio conforme a roupa » (1), — e as necessidades consoante o dinheiro!

Tambem, as despezas do mez não eram tamanhas, que não podesse a gente governar-se, — e governar-se com honra e vergonha; — e até se dava o caso de que eram exactamente os estudantes *ricos,* isto é, os que p'los modos recebiam de mezada trinta mil réis e d'ahi para cima (o que para nós-outros era fabuloso!), os que mais atrazados andavam em contas! Todas as casas de prego os conheciam : o Bolson, jurista d'alto cothurno, tinha-lhes a todos conta aberta; — e alqui-

---

(1) Esta phrase — « Dá Deus o frio conforme a roupa » — faz-me lembrar o que dizia um pobre lá de Coimbra :

— « Sim, isso é verdade. Se a roupa é muita o frio é pouco; se a roupa é pouca o frio é muito ».

Só os « pobres de Coimbra », do meu tempo, davam um volume! E estão agora a lembrar-me uns poucos : o *Senhora-Menina,* porque chamava assim a todas as mulheres a quem pedia esmola, ainda que fôssem velhas; o *Rabino* que era uma figura de mendigo schakspereana (v. pag. 306); o *Merzendó,* muito parecido com o Sagasta (v. pag. 368); o *Cobra-ladrão,* que ia aos ares se lhe diziam que « roubára as pratas da sé », e não havia improperio quc não vomitasse, mas que tinha os seus *assignantes,* isto é, estudantes que a trôco de um copinho de genebra lhe podiam chamar cobra, e até cobra-ladrão, as vezes que quizessem... mas só emquanto bebia a genebra (v. pag. 293); o *Newton,* outro que dizia de cór todo o binomio de Newton, sem lhe falhar uma palavra, e era cego, e andava de barretina por ter sido soldado; o *Pitónó,* grande sebastianista, que vendia « reportorios novos » (*pitó-nó,* como elle dizia (v. pag. 354); o *Jinó,* do nome do general Junot, porque não se lhe podia dizer : « Foge, Jinó, que ahi veem os francezes! » (v. pag. 331); o outro que tocava sanfona, parecido com o Pedro Penedo e ao qual, por isso, chamavamos *César Seixo* e que a meia legua de distancia já vinha com a mão engatilhada para um cumprimento que era sempre por estas pa-

lador havia, e dono de botequim, que partiu pelo espinhaço com taes freguezes!

Não acontecia assim com os *remediados!* Esses governavam-se! Em regra, arranchavam todos em *republica*, em qualquer rua do Bairro Alto em cujo tôpo fica a Universidade; — e elles e uma criada, em geral « já de certa edade », lá se arranjavam de portas a dentro, — e arranjavam-se bem: almocinho sempre de garfo, mettendo os seus ovos e o seu bife, café

---

lavras pegádas: « — Como está passou bem? muito bem muito obrigado como vae tam' em? » e só sabia estas duas quadras:

> Se vires um homem de pernas mui altas,
> Olhos em guerra e cara de mau,
> Prostrae-vos por terra, beijae-lhe as sandalias,
> É Pedro Penedo da Rocha Calhau.
>
> Não haverá por 'hi quem merque
> (Gritava um homem na Feira)
> Vassouras da bigodeira
> Do Bernardo d'Albuquerque?

e então o immortal *Horta*, que tinha entrada de graça em todos os theatros, e era um pandego de marca maior! (v. pag. 377.)

Este lembrou-se uma vez de pintar de verde uma gallinha, e foi mostrál-a á Figueira, dentro d'uma gaiola, dizendo aos da Figueira que era um papagaio; e uma noite que eu o encontrei na Baixa, perto da *Anna dos Ossos,* prostrado como se estivesse bebedo, disse-me assim quando lhe fui *acudir*:

« Ó sr. dr., deixe! Isto é a vêr se os policias me levam ás costas. »

E levaram; — e quando chegou ao limiar da esquadra, pensando os policias que o « pobre Horta » — coitado! — estava com « um accidente », o Horta perfilou-se muito perfilado, e disse-lhes assim muito cortez:

— Quanto é a *corrida*, ó camaradas?!



« Ferra o galho! »

com leite e pão com manteiga, ou chá! Ao jantar, a bella da sopa, o bello do cozido, os seus croquettes ou coisa parecida, um regalado « prato de meio », fructas á sobremesa, queijo, café, — e Baccho sempre presidindo, e a Alegria!

Tudo isto, por 6 a 8 mil réis por mez, cada um! Pagava cada um oito tostões á criada, dois tostões cada um á servente que fazia os recados externos, e seis vintens ao engraxador, — quasi sempre um aprendiz de sapateiro que ás 6 da manhã, e ás vezes antes, já estava á porta do nosso quarto, rente á qual, da banda de fóra, punhamos o calçado todas as noites.

O resto eram « extraordinarios! » Assignava-se a

« sebenta » á razão de sete tostões cada uma (tres : 2$100), pagava-se á lavadeira e á engommadeira, e chegava ainda para meias solas, — e para o mais que era preciso!

Tudo dependia, em regra, do « bolsa ». *Bolsa* chamam em Coimbra ao estudante que dirige a fazenda da *republica*, — e é, já se vê, um por mez. O bolsa recebe o dinheiro e governa a casa. Todas as noites, depois do chá, a criada segue-o ao seu quarto, e ahi, defronte do candieiro amarello de latão, de tres bicos, e em cima da sebenta aberta, — desdobra-se o mappa das despezas com tantas casas quantos os dias do mez, e a indicação, na margem esquerda, dos generos de consumo normal; — e a ladainha começa :

— Pão...

Responde a criada ;

— Tanto.

— Azeite...

— Tanto.

— Carne...

— Tanto.

E assim até ao fim, e se ha genero novo, ainda não incluido em tabella, inscreve-se no fundo d'esta. Somma-se depois a despeza, deduz-se do dinheiro entregue na vespera, dá-se mais para o dia seguinte,

e... — « Boa noite, senhor doutor, estimo que passe bem a noite! »

A Maria Gorda, essa dizia-me sempre com aquella cara muito branca, muito sadia e muito risonha, que Deus lhe deu :

— Adeusinho, senhor doutor! sonhe commigo que lhe não custa nada!

...: E que sonhasse! A Maria Gorda era quasi matrona, e tinha um filho, o Arthur, que já andava no officio.

(Aquelle Arthur fôra algum *sonho* da Maria Gorda, — mas em certos dias era o seu *pesadelo!* Zupava n'elle como em centeio verde.)

Ora pois! Já estão a vêr que se o *bolsa* era economico, isto é, se não se mettia muito pelos *petiscos*, seis mil réis chegavam e sobejavam; mas se alguma coisa, no ultimo do mez, crescia do dinheiro entregue, o resto não era restituido, — isso ainda que o *bolsa* fôsse o modelo da economia! Reduzia-se a vinho do Porto, ou, se chegava, a uma garrafita de Champagne, — e « Viva a Maria Gorda! »

... Na minha *republica,* quando fazia de *bolsa* o Nunes da Silva, que é agora juiz de Direito e faz umas sentenças muito *historiadas*, era infallivel a banca-rota! (1) Ás duas por tres, mettia-nos ao jantar mais este *prato :*

(1) A minha *republica* compunha-se dos seguintes : eu; o Nunes da Silva, chamado tambem o *Silva das Moças*; o

— « Rapazes, esportulem-se! »

Morria-se por petiscos, — e... nós tambem!

Eduardo Carvalho, que está agora juiz e é um jurisconsulto de nomeada; o João Baptista Rebello de Souza, da Ponte da Barca, leitor assiduo e enthusiasta do *Espectro da Granja*, e agora juiz na minha terra; o Rocha Peixoto, primo d'este, e que era ainda caloiro, e se formou em Medicina; o Antonio Joaquim Marques de Figueiredo, que foi delegado em Chaves, e cujas promoções foram lidas na camara dos deputados e eram alegrissimas; e então o Antonio Sergio Carneiro, a quem chamavamos o *Grillo* por ser miudinho e fallar muito, e tambem o *Libaninho*, porque sabia de cór os dialogos do *Crime do Padre Amaro,* em que entrava o Libaninho, — e está agora delegado na Carvazeda. A todos se refere este fado do Eduardo Carvalho, a que nós chamavamos o *Fado da republica :*

MOTE

O Trindade bota artigos,
O Libaninho dá sorte,
O Souza esfola inimigos,
Figueiredo faz um *córte.*

Agarradinho á penna
Por essas noites de inverno
Escuras como o inferno,
Como a profunda gehena,
O Trindade — oh! Deus que scena! —
Deixa á mesa os seus amigos,
Nos jornaes faz uns pascigos
Em chronicões e mais petas;
E, guisando quatro tretas,
O Trindade bota artigos.

Ai! pobre Grillo fadado
P'ra todas as calinadas
Vou cantar tuas piadas,
Não fiques encavacado...

Á noite, era sempre canja! (1)

De resto, havia-os por lá que viviam com muito menos dinheiro : eram os subsidiados da Philantropica. Com seis mil réis governavam a vida, — e eu mesmo, quando meu pae me não quiz dar mezada por

---

P'ra ires apparelhado
Terás outro de egual porte
— Esse Bicho lá do Norte
Teu collega na tolice.
Ai, não sei bem quem me disse :
O Libaninho dá sorte.

Com gestos de deputado
E com phrases de orador,
O Souza conservador
Ajudante nomeado
Deixa o Silva embasbacado,
Eduardo e mais amigos
Que desconhecem os perigos,
As tramoias da politica;
E com a faca da critica
O Souza esfola inimigos.

Lendo sebentas do Praça
Junto á solitaria banca,
Figueiredo diz — « Que graça!
São 6 horas de retranca...
Quem te dera c'uma tranca,
Sebenteiro de má morte! »
E em colicas brada forte
Contra o Secco e contra o Pitta,
E se o Costa não apita,
Figueiredo faz um *córte*...

(1) Este luxo da canja sahiu-nos caro uma vez; porque o *Saraiva das forças*, nosso visinho, teve artes de despejar na panella de lata... — uma limonada de citrato de magnesia! Ou outra droga de effeitos analogos!

ter ficado reprovado no 1º anno, tive deante de mim, com animos de o resolver, o problema de viver sem mezada! Tambem se faz d'isso, — e fil-o eu, e nunca tive tanto dinheiro na minha vida!

Foi o caso que tendo eu estudado a valer no primeiro anno, vou a acto e reprovaram-me! Eu era um *anonymo* no meu curso, e quando me chamaram á lição estavamos quasi no fim do anno! P'los modos, *não fizeram juizo*, — porque precisavam do tempo para o fazer d'outros, e... para o *refazer!*



A torre de Sᵗᵃ Cruz

Vou a acto e chumbaram-me; — e eu saio do acto, e vou pela imprensa da Universidade, e na imprensa da Universidade deixo o manuscripto d'um livro sobre a cadeira cujo lente (soube-o depois) fôra o da iniciativa da minha *raposa.*

Ainda estou a vêr com que lagrimas nos olhos o doutor Abilio Augusto da Fonseca Pinto, administrador da Imprensa, e escriptor de mão cheia, recebeu das minhas mãos o manuscripto...

— Eu desejava isso impresso quanto antes, — disse-lhe eu.

Resposta d'elle, — que foi depois tão meu amigo como se fôsse meu pae:

— A vapor!

Passado um mez, o livro estava impresso; eu passava pela porta do lente que me reprovára e deixava-lhe um exemplar, — e no mesmo dia partia para férias...

Em férias, meu pae que morria por mim, quasi me não deu palavra; — e no fim, como quer que me visse de mala prompta, perguntou-me « para onde era a viagem... »

— Para Coimbra! — respondi-lhe eu.

— ... Para o Brazil, para Africa, ou para onde quizer... Não será com dinheiro meu, que é tambem de seus irmãos.

Respondi :

— Basta-me a sua benção.

E parti só com a sua benção, — para Coimbra, distante mais de cem leguas.

Em Coimbra, constou-me logo por um caixeiro da livraria do Cabral, que os ventos tinham mudado! P'los modos, os lentes haviam *lamentado*, em cavaco n'essa livraria, a minha *raposa!*

— « Tinham-se enganado... Fôra um engano... Coisas que acontecem... »

Coisas que acontecem!

... Mas chega o primeiro dia d'aula, e o meu feroz carrasco *chama-me de cara*...

Levantei-me e dei a lição; — e ao cabo de cinco minutos, diz-me elle *generosamente* :



Typos de Coimbra

« O Cobra »

— Estou satis'eito (elle não dizia *satisfeito*, com todas as lettras). Estou *satis'eito!* O sr. Fulano tem a sua frequencia feita.

Queria dizer que não me tornava a chamar... — Creára fama, podia-me deitar a dormir!

Resposta minha :

— Muito obrigado. Mas farei eu a lição para o curso. (Quer dizer, faria eu a *sebenta*, velaria eu emquanto os outros poderiam dormir.)

E fiz a lição para o curso, — e ainda dava tres tostões por dia a um copista, porque eu nunca me ageitei a escrever em papel de sebentas, e tive dinheiro a rodos pelo anno fóra (350 de cada condiscipulo e eram 107 condiscipulos) — e o meu livro, a cinco tostões, vendia-se como canella, de mais a mais desde que o meu *Herodes* dissera assim no ultimo dia d'aula :

— « Serei benevolo nos actos com os meus ouvintes, como costumo. (Este *como costumo*, é que para alguns era o diabo!) Adquiram o livro do seu condiscipulo, o sr. Fulano (era o meu livro!) pois com elle me contento, — e sejam felizes... »

Por portas travessas, mandavam-me pedir que leccionasse nas férias de ponto este e aquelle... — alguns que tinham fraca frequencia; e como quer que eu tivesse de fazer acto quando um d'esses, até o meu ponto, que era facil, passou para esse, e o d'elle, que era difficil, passou para mim... (1)

D'esta vez não fiquei reprovado! Eu e o meu condiscipulo — ambos *nemine!*

Tive, pois, dinheiro a rodos, todo o santo anno; — e tanto que açulado de inveja o meu copista, a quem eu dava o que me pedira, e que era o usual, um dia *fez gréve*, — e disse-me que « só por cinco tostões copiava a sebenta! »

Disse-lhe que sim. Mas vae no fim, apanho-me com a sebenta copiada, dou-lhe os cinco tostões, e ahi nos engalfinhamos ambos — n'essa agua-furtada do Ter-

(1) Lembro-me perfeitamente : o ponto era — *Direitos absolutos*; *Monogenismo e polygenismo*. A 1.ª parte era para mim, por ser o 1.º da turma; e a 2.ª para o meu condiscipulo. Mas como pelos modos a 1.ª era facil e a 2.ª difficil... — foi a minha casa um lente de Mathematica, protector do outro, dizer-me que estudasse eu *Monogenismo e polygenismo* e deixasse para o outro *Direitos absolutos*... E assim se fez!

reiro da Pela, esquina da rua dos Militares, onde era o meu quarto, até um de nós rugir a quebrado!

... Era elle!

Era elle, — que aliás nos dias em que eu recebia o meu *rico dinheiro*, arranchava com quantos appareciam, — e emquanto havia dinheiro havia o que elles queriam!

Não coalhei nunca cinco réis, — e lá na terra, meu pae, de arrependido que estava andava afflicto!

Eu, regaladissimo!

Já se vê, pois, que em Coimbra vive-se como se quer! A fatiota é sempre a mesma. Eu, por exemplo, enverguei uma batina no dia em que cheguei a Coimbra, puz-lhe por cima uma capa, — e capa e batina foram ellas, que me fizeram a formatura!

Ora mas tudo isto vem para um caso! O qual caso, lido um d'estes dias n'um jornal, andava foragido da minha memoria, e até dos meus papeis velhos!

Reza elle que o pae de certo estudante, espantado com os *extraordinarios* que lhe fazia o filho, escreveu para Coimbra a pedir-lhe contas! Queria o rol da despeza todos os mezes :

— « Ao menos, que demonio! p'ra saber em que se vae embora tanto dinheiro! »

Obediente, prega-lhe o filho a conta seguinte, — p'ra começar :

Quarto e comida . . . . ,	18$000
Roupa lavada	1$800
Cosida e engommada.	1$200
Sapateiro e alfaiate.	7$000
Papel, estampilhas, etc.	2$000
Barba e cabello	500
Um homem não é de pau	90$000
Somma réis.	120$500



Tricaninha

A RECITA DOS QUINTANNISTAS



COIMBRA — Sta CRUZ — CLAUSTRO DO SILENCIO

A RÉCITA DOS QUINTANNISTAS

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, ainda a « récita dos quintannistas » (chamada tambem « de despedida »), era coisa de se lhe tirar o chapeu! Mais ou menos, as peças ainda cheiravam todas á *Fabia,* — a immortal *Fabia* de Francisco Palha, que é a avó de todas as farças engraçadas que teem feito rir, ha meio seculo, as plateias da Lusa-Athenas!

Agora, parece que já por lá se não fazem peças assim; — e até o Theatro Academico já não existe, e em vez d'elle, que foi arrasado para se fazer outro, ou melhor, *para se não fazer outro*, vê-se defronte do monumento a Camões, que a minha geração alli erigiu, um terreiro atulhado de pedras, — que dá á gente vontade de chorar!

Hic Troja fuit!

Foi alli o Theatro Academico!

Materialmente, o Theatro Academico, que fazia parte do edificio do Club, não tinha nada de notavel. Era uma plateia regular, com uma ordem de frizas e duas de camarotes, — tudo liso, sem ornatos, e tudo pintado de branco! O palco era um casarão enorme; os camarins uns verdadeiros cubiculos; e a casa chamada dos « adereços », « da arrecadação », ou « guarda-roupa », toda *illustrada* pelas paredes, e com muitos nomes e muitas datas, mettia medo pelo que lá continha!

Mas em noites de festa, tudo aquillo parece que o tocava uma varinha magica; e o theatro, enfeitado de flôres e illuminado a gaz, — e decorado com as pastas dos quintannistas se a récita era « de despedida » — mettia um vistão como nenhum outro! E se por alli passava alguma notabilidade da scena portugueza ou europeia — e passaram todas! — ou algum artista de fama (isto quando se quebrou a praxe de só lá representarem estudantes, que faziam mesmo os papeis de mulheres) o cochicho onde lhe armavam o camarim parecia logo um cantinho do céo, o palco era um Olympo, e cá em baixo, na plateia, o enthusiasmo de cada rapaz uma granada prestes a rebentar, desatando-se, quando rebentava, em chuva de estrellas! (1)

(1) A primeira vez que o Taborda representou no Theatro Academico, representou porque os rapazes o *raptaram* quando passava para Lisboa, de volta do Porto onde fôra representar! Tinha ideia que o *rapto* se déra em Condeixa; mas consultado

... E ovação alli feita não esquecia mais a quem a recebia, — e se era mulher, além da chuva de flôres dos finaes d'acto e dos intervallos, e do diploma de Socio de merito da *Academia Dramatica* entregue n'uma linda pasta, e com um discurso ainda mais lindo; tinha á sahida do theatro, a fazerem-lhe de tapete, as capas dos estudantes, vivas e palmas que eram um delirio, — e a acompanhál-a até ao hotel, n'uma ovação que não despegava, a guarda d'honra de toda a Academia, com musica a tocar o Hymno Academico, e archotes á roda da carruagem, e vivas e *hurrahs!*

Ora aquellas peças do 5.º anno tinham todas um ca-

---

por mim o grande actor, n'uma carta que lhe escrevi, respondeu-me com a seguinte:

— « Não foi em Condeixa que se deu o rapto, foi no Sardão, onde mudava o gado a mala-posta, e onde uns poucos de Academicos me esperavam na volta do Porto, onde tinha ido entrar n'um espectaculo em beneficio d'um collega e me convidaram a metter-me com elles n'um carro que os tinha levado e fizeram seguir para Coimbra onde já tinham annunciado que eu tomaria parte n'uma récita, pois era vespera de feriado. E quem resiste a Academicos, quando elles tratam como elles me trataram a mim? Passada tambem a minha mala para o carro d'elles, lá fomos uns de carro, outros a cavallo, até á casa onde alguns d'elles estavam hospedados, que era a casa do Olympio Nicolau Ruy Fernandes, director da Imprensa da Universidade.

Passei um telegramma para Lisboa dizendo que só alli estaria um dia mais tarde.

Á noite fiz duas Scenas Comicas, e elles fizeram o resto do espectaculo.

Ja lá vão 43 ou 44 annos! Lembro-me ainda com saudades d'esse bello tempo. — Creia-me, etc. — *F. Alves da Silva Taborda.*

racter muito especial, — muito academico e muito coimbrão. Fóra d'alli, seriam todas irrepresentaveis, pela razão de que fóra de Coimbra não haveria ninguem que as entendesse!

Cada peça nascia assim: — com um anno ou mais de antecedencia, encarregava-se d'ella, por eleição, o mais reputado « piadista » do curso; este aggregava a si os « sub-piadistas », os poetas e os litteratos, — e arrebanhado tudo quanto podia dar uma caricatura, ou inspirar um epigramma, — pessoas, coisas ou acontecimentos — arranjava-se um arcabouço qualquer, para servir de manequim da farça!

O manequim vinha em geral do guarda-roupa da Historia, ou do guarda-roupa da Litteratura, — e depois era só vestil-o *á epocha* mediante os aderecistas da casa, e armál-o em ar de parodia: isto é, metter-lhe para dentro factos e episodios da vida de Coimbra até as costuras lhe rebentarem, e fazêl-o por fóra muito grotesco! Sahia sempre um grande estafermo, está claro, mas um estafermo engraçadissimo!

Logo no arranjo da peça, está bem de vêr, aproveitavam-se todas as vocações. Havia tal que tinha voz e gesto de imperador? Mettia-se na peça um imperador, o mais barbaças e o mais tyranno que fôsse possivel! Havia outro que era menor da marca? Estava na conta para um papel de anão! Aquelle era namorador? Dava-se-lhe logo um papel de galan, ou distribuia-se-lhe um poeta lyrico! Os que eram bonitos faziam de mulher (e D. Pedro V, que assistiu a uma récita, tomou o Oliveira Valle por mulher *a valer*), — os

feiarrões faziam de conspiradores; os pimpões de arruaceiros; etc., etc., etc.!

De modo que todas as vocações eram aproveitadas, e todos os typos (1); e vinha a sahir d'aquillo tudo, ahi por fins de Abril, principios de Maio, um mistiforio de morrer a rir! Mas caso é que cada qual segundo a sua telha, e em papel segundo o seu feitio, davam todos, no palco, uns actores de primeira ordem!

Os lentes, em regra, eram o « bode expiatorio » d'essas peças, — e em geral a vida da Universidade! E como os lentes tinham de assistir por delicadeza

(1) Os proprios defeitos eram aproveitados! Para um Ferreira Guimarães que está agora juiz, e que não era capaz de pronunciar os *c c*, fez-se-lhe um papel cheio de *c c*, — e até esta quadra para elle cantar, n'um côro de conspiradores:

A nossa conspiração
Debaixo d'estes *arcanos*,
Parece uma decisão
Do conselho de decanos.

Quadra que elle dizia assim, *pegando-se* ao chegar aos *c c*:

A nossa *onspiração*
Debaixo d'estes *aranos*
Parece uma decisão
Do *onselho* de *deanos*.

Lembro-me que n'uma assembleia geral para celebrar a proeza do major Quilinan, o José Botelho, sempre original, sahiu-se com esta: — Mas afinal quem era esse major?! Um typo que bateu n'um velho!

Interrupção do Ferreira Guimarães, furioso:

— Pois sim! Mas vá-lhe lá dizer isso... na *ara!*



Passando o rio

porque eram todos convidados, e até, para os do 5.º anno, se enfeitava o camarote da frente, — acontecia que os pobres doutores estavam afinal tambem em scena, e faziam (mas esses sem caracterisação, *ao natural*) parte da peça!

Logo que começavam as aulas em Outubro, começavam logo tambem os ensaios, — e iam de enfiada pelo anno fóra! Como se não estudava nada para o 5.º anno, porque tambem isso era da praxe, o toque da *Cabra* ás 6 da noite, ou ás 7 nos dias compridos, era o signal da reunião. Em vez de ir para casa agarrar-se

á sebenta, cada qual tomava para o theatro; o primeiro que chegava accendia o gaz, que era um bico que fazia lavareda, arrumado ao buraco do ponto, — e ahi começava a cavaqueira, que as mais das vezes impedia o ensaio, e se prolongava pela noite fóra!

A meio do anno, começavam os ensaios da musica; chegava a meio do anno o 2.º acto; e ahi por Abril, quando o *ponto* vinha já perto e se pensava já em imprimir os cartazes, apparecia uma noite o 3.º acto, com o 3.º acto o resto da musica, — e já os ensaios não eram possiveis, com o palco atravancado pelos scenographos, pintando o scenario de afogadilho!

Mas no dia aprazado fazia-se a récita, porque tres dias antes ninguem se deitava; — e quando o panno, ás 8 e meia, subia magestosamente, o curso todo estava no palco, de capa e batina, e cantava em côro o *hymno da despedida,* — com as noivas nos camarotes, e as primas, e as mamãs, chorando todas de enternecidas!

Seguia a récita entre gargalhadas; recitavam os poetas nos intervallos, d'alguma friza; — e por alturas do 3.º acto, que rompia sempre ás 3 da manhã, já não havia dois que se entendessem, — e o Champagne, lá dentro, estourava como se fôssem granadas!

Depois da récita era a ceia, — mas na ceia, as mais das vezes, já havia mais lagrimas que gargalhadas!...

Pois que o fogo d'este dia
Talvez que na vida inteira
Seja a aurora derradeira
Da nossa immensa alegria

como no « hymno da despedida », no meu anno, dizia o Costa Macedo!

Ora das récitas do meu tempo, lembram-me tres além da minha; — e por tradição, outras conheço anteriores, e algumas que vieram depois.



Typos de Coimbra

« O Rabino »

Das anteriores, lembro-me de ter ouvido fallar, por exemplo, da do curso de Antonio Candido, intitulada *Figados de Tigre*, original de Francisco Gomes de Amorim, e em que fazia de *Tigre* um côxo chamado Holbeche, que apparecia com umas grandes barbaças; de galan o José Cabral, que está agora na Instrucção Publica; e de *Tantalo* um Albino Cordeiro, de Penacova, que passava a peça mettido n'um tanque, morto de sêde, e o tanque á sombra d'uma bananeira car-

regada de bananas, e elle, coitado, — morto de fome!

Ingenua dos *Figados de Tigre,* fazendo de *Thomazia,* — o poeta das *Crepusculares,* Macedo Papança, hoje conde de Monsaraz, que todos se lembram que fez « um papelão », com seus ares, de mais a mais, de imitador da Paladini, que esse anno estivera em Coimbra! Até Camillo Castello Branco, que assistia á récita do camarote chamado « dos conselheiros », offereceu um brinde á *eximia actriz,* — e esse brinde, por signal, era o volume de René Menard, *L'Histoire des Beaux-Arts*, encadernado em percalina azul, e no principio levava esta quadra — original de Camillo:

D'estes reis da Ethiopia, Arabia e Asia
Detesto cordealmente a realeza;
Mas dobro o joelho a ti, loira princeza,
Doida cocotte, lubrica Thomazia. (1)

(1) Ora mas o que poucos sabem é que esta quadra é a primeira d'um soneto que Camillo enviou depois de S. Miguel de Seide a Macedo Papança, acompanhada de uma carta muito interessante. Carta e soneto são ineditos, e aqui se estampam:

« Illmo. e Exmo. Snr. — Agradeço a V. Exa. lembrar-se d'este seu admirador, em annos já tão frios e incapazes de admirações pelas formosas coisas da poesia.

Tem V. Exa. o condão de ser bom e amoravel no meio dos seus satanismos metricos.

Os da escola de V. Exa., por via de regra alinham todas as consoantes perversas que podem, e nem sempre respeitam Deus mais do que a grammatica. Quando fallo na escola, não comparo V. Exa. como idealista aos filhos da *Ideia Nova,* que conversam as ondinas do Tejo e o mau Collares do Xijank. Os seus versos, meu caro poeta, são sentimentos; e, se, ás vezes, parecem banalidades, isso demonstra que V. Exa. está nos 20 annos e é sanguineo.

Se a critica dos velhos quizer applicar-lhe a lanceta, ria-se

Outra. A peça do curso de Gonçalves Crespo. Essa chamava-se *Extravagancias extraordinarias ou as prophecias do Bandarra*, e diziam os cartazes que era feita « *por dois irmãos siamezes* » — e estes dois irmãos siamezes (um preto e outro branco!) vinham a ser o Gonçalves Crespo e o Antonio de Mello, hoje conde de Sabugosa!

V. Ex.ª das cantharidas com que elles se ungem para o sacrificio da castidade.

Lembrou-me agora que tinha aqui na capa de uma brochura escripto o soneto do qual lhe dei a 1.ª quadra n'aquella alegre noite dos *Figados*. Ahi o tem inteiro na pagina seguinte. Se tiver um archivo de frioleiras, ponha-o lá.

de V.ª Ex.ª
Adm.or e Cr.do affectuoso e Obg.do
CAMILLO CASTELLO BRANCO

A ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA

D'estes reis da Ethiopia, Arabia e Asia
Detesto cordealmente a realeza;
Mas dobro o joelho a ti, loira princeza,
Doida cocotte, lubrica Thomazia.

Não lembras de Romeu a doce amazia;
Mas fazes recordar certa Thereza
Que, em banzés de Paris, mantinha accesa
A lascivia que faz arder Aspazia.

Quem te pôz n'esses olhos requebrados
O dardo cupidineo com que feres
Uns peitos já senís e encouraçados?

Tu és hermaphrodita quando queres;
E na farça dos « Figados damnados »
És mulher mais mulher, do que as mulheres.

D'esta, sei que o 1º acto passava-se em Lavarrabos, onde uma companhia ambulante apparecia a representar melodramas, — e que um d'estes chamava-se *Caracala*, sendo o papel do figurão romano representado na primeira noite por Gonçalves Crespo, e na segunda por um dos maiores pandeços que teem andado em Coimbra, hoje conselheiro, e ex-governador civil de Villa Real, José Pinto Dá Mesquita Gouveia!

P'los modos, este *Caracala* bebia os ares por uma rapariga muito bonita, que era nem mais nem menos do que o Pereira e Cunha, o pae incognito de todos os codigos administrativos que teem vindo a estes reinos ha bons vinte annos, hoje par do reino; e como o seu fito era seduzil-a, a rapariga punha-lhe o amor á prova de grandes difficuldades, e tudo era, por lhe escapar, pedir-lhe impossiveis! Uma vez disse-lhe que queria já para alli uma aria de trombone; e como quer que houvesse no curso um que imitava um trombone maravilhosamente, foi só pedir por bocca:

— Salta aqui, Portocarrero, uma aria de trombone!

Do nome todo d'este Portocarrero já me não lembro, mas sei que lhe chamavam em Coimbra o *Mê-Menino*, — assim como me lembro que o papel de Bandarra era feito pelo Moreira Feio; e que havia outro, um Soeiro Cerdeira, que assobiava de passaro divinamente! Por signal que engasgando-se a meio de um trilo, cahíam todos n'um grande susto:

— Que terá?! Que não terá?!

Respondia o Cerdeira:

> Tenho um bicho cá por dentro
> Que me róe e vae roendo!
> Quanto mais o bicho cresce
> Mais a dôr me vae crescendo!

Era a solitaria! A qual solitaria lhe era logo extrahida mesmo no palco, e levada de presente ao doutor Lourenço, — lente de Medicina!

Para o curso do Alvaro Possolo, quem fez a peça foi o José d'Azevedo Castello-Branco, não obstante ser de Medicina, e a peça chamava-se *A torre de bugalhos*, e fazia de bobo o Vicente Pindella; de rainha o Miguel Horta, agora juiz das execuções fiscaes; de principe o José Petiz, trasmontano; e de rei o João Damasceno, que foi secretario geral em Portalegre, e tinha um sceptro que era uma grande móca doirada; — e a do curso do Antonio Centeno, *Belbuzina ou pelle do diabo*, foi feita pelo Coelho de Carvalho, e mettia um ministerio em que o papel de Rodrigues Sampaio era feito pelo Francisco Julio de Souza Pinto, que foi juiz em Coruche, e o é agora, se me não engano, em Villa Nova d'Ourem.

N'esta havia um *Côro das Sebentas* muito engraçado, feito pelo Barbosa de Magalhães, e cantado pela rapaziada do curso, de que faziam parte: Augusto Eduardo Nunes, actual arcebispo d'Evora; José d'Alpoim; o Catanho de Menezes, advogado em Lisboa; Araujo e Gama, que está agora lente de Theologia; o Ezequiel Prego, hoje visconde de Souza Prego e secretario da legação de Madrid; o Bernardo Caria, agora Conde de Caria, o Rodrigues Lima, etc., etc.

As sebentas entravam no palco tres a tres, e eram 15, porque eram tres de cada anno; e a de *Direito Natural*, por exemplo, cantava isto — piada ao lente da cadeira, que era o Calixto:

> Eu sou o metaphysico Direito
> Chamado pelo Ferrer — *Natural:*
> Em sciencia nada dou que tenha geito,
> Mas... a botar discurso não vou mal.

A de *Direito Romano* troçava o lente, que era o Bernardo d'Albuquerque, mas d'essa não me lembram senão estes dois versos:

> Sou velho e estou cançado, bolorento,
> . . . .
> . . . .
> Digesto e Institutas, Waldeck e as Pandectas!

E a de *Direito Civil* troçava o Pedro; — e as do 2.º anno os respectivos lentes, que eram o Pina Abranches em *Economia Politica*, o Sanches da Gama em *Direito Civil*, e o José Braz em *Direito Publico:*

> Senhor's, eu cá por mim sou triste e misanthropo!
> Chamam-me *Economia* e dão-me cannelão!
> Vamos, vamos d'aqui, que eu quero vêr se topo
> Algum *José Garnier...* mas em segunda mão!

> Filho de Demolombe, irmão de Duranton,
> Primo de Marcadé, sobrinho de Rogron,
> Eu ando agora a vêr se o *Codigo Civil*
> Tem virgula de mais, ou tem de menos til!

Ahrens é o meu ideal, e a *Carta* tudo encerra
Com esses dois bordões é que vou dando trélla.
Mas *Carta* com manteiga, á mesa alli do Serra, (1)
E *Ahrens* com savel frito em casa da Camella!

E com o Garcia, que regia no 3.º anno *Direito Administrativo*, e levava o anno com o Positivismo do Comte, era esta:

Quem sou ninguem o diz porque ninguem o sabe:
Sou a sciencia infusa, a sciencia do Littré,
Que a tudo se apropria, em toda a parte cabe
E que explica bem que o que é não é o que é!

As quadras: ao Jardim que regia *Direito Civil*, e ao Mendonça Cortez que regia *Finanças*, já me não lembram, e deviam ser boas; mas a que se referia ao Chaves que no 4.º anno regia *Direito Ecclesiastico Geral*, era assim:

Eu que sinto no peito o casto amor latino
E gósto de varrer o pó das cathedraes,
Vou tentar traduzir em verso alexandrino
O compendio do *Shenkl* e as *Falsas Decretaes!*

Já me não lembra tambem a quadra ao Troni e ao Pitta, que regeram n'esse anno *Theoria do Processo;* mas a quadra ao Fernandes Vaz, que regia *Direito Commercial*, essa era assim:

(1) O *Serra* era um restaurante nos baixos do Club Academico, — servido, no meu tempo, por uma rapariga muito bonita. Era um regalo jantar alli, senão pelo que nos servia, — ao menos por ella, que tinha uns olhos encantadores!

Nasci em 33; e sou no mundo inteiro
Direito Commercial ás turras com o Forjaz!
Mas alliei-me agora ao Hintze Ribeiro
E hei-de conseguir dar mais um passo... atraz!

Devia ser optima a quadra ao Secco, que regia no 5º anno *Direito Penal;* e da dedicada ao Ayres de Gouveia, agora Bispo de Bethsaida, e que ensinava *Direito Ecclesiastico Portuguez*, por mais que faça só me lembra isto:

Visitei. . . . .
. . . .
. . . .
Assaz vos dissertei e ao ponto me reverto.

E da quadra ao Paes da Silva, que era o lente de *Práctica do Processo* e carregava as prelecções de sabedoria, só me acodem os dois ultimos versos:

. . . .
. . . .
A correr e de cór, cito e recito
Leis, decretos, acórdãos, portarias!

Está claro que havia os *córos*, — e d'esses lembram-me dois:

Passa bem, lithographia!
Saude e pintos, Pacheco!

Soou a hora da redempção,
Adeus Pacheco, adeus Paixão! (1)

(1) *Pacheco* era o dono da *sebentaria* da rua das Cozinhas; *Paixão* era o alfaiate Paixão.

Das récitas posteriores ao meu tempo, duas merecem menção: *Ó Fabia que foste Fabia*, de Antonio Cabral; e a *Fonte de Sabedoria*, de Angelo Ferreira e Carlos Braga. A peça de Antonio Cabral era uma restauração da *Fabia*, e muito engraçada; e no intervallo do 1.º para o 2.º acto, lembro-me que um telegramma foi entregue ao Antonio Cabral, e que o telegramma rezava assim:

F. Palha, por seu mal
Tão pertinho já da cova,
Saúda Antonio Cabral,
Novo auctor da *Fabia* nova.

Eram as palmas do velho Francisco Palha, coitado, que tinha de morrer pouco depois! (1)

---

(1) A *Fabia* era o salvaterio! Curso que não tivesse peça original, representava a *Fabia*; e até o proprio curso de João Penha, que tinha bohemios de primeira ordem, levou a *Fabia*! « Casa de ferreiro, espeto de pau! »

Mas a *Fabia*, n'esse anno, mettia os melhores bocados de musica de todas as operas, com versos de João Penha e Guerra Junqueiro, — e a partitura era do quintannista Tojeiro, que regia a orchestra. Fizeram então de bailarinos o Francisco Maria Veiga (o « Juiz Veiga! » que tinha ao tempo 20 annos e meio), e o Victorino Peres, agora advogado em Penella, ambos baixinhos; e de bailarina, o maior tragalhadanças que havia no curso, — um Velloso, muito alto, que era de Faro.

Por signal que as danças não tinham sido ensaiadas; e quando o imperador, a paginas tantas do 3.º acto, pedia os bailados, ahi surdiam os tres dos bastidores, — e agora os vereis! Cada um saltava o mais que podia, e como queria, — os dançarinos de pandeireta, e de castanholas a bailarina; e no fim, o Veiga e o Peres cahiam « de joelho em terra » á bocca do palco, e em cima d'elles, muito dengosa e desageí-

A peça do Angelo Ferreira e do Carlos Braga, comquanto *charge* a um condiscipulo, tinha tambem graça e não offendia. Era feito pelo Christiano de Souza o papel de *Mephistopheles*, que foi, disse elle, « a revelação da sua vocação para o palco », onde hoje está *de profissão;* havia um *Brazileiro*, que era feito pelo Magalhães Bastos, do Porto: um *Salviano*, por um rapaz de Villa do Conde; presidia a uma assembleia geral o Leite Braga, a quem chamavam em Coimbra o « Grande Ideia »; discursava o *Succi Conimbricense*, encarnado no Armelim Junior; e faziam os papeis de mulheres — o Béco e o Urcullú!

---

tada, a bailarina! Eram ovações estrepitosas, — e o « bailado » repetia-se sempre!

Ensaiador, esse anno, o D. Affonso de Serpa, actual Marquez de Gouveia. Principaes *interpretes* : Pessanha; Netto Parra (que imitava com a bocca uma infinidade de passaros e de quadrupedes, e tambem varios instrumentos, incluindo a gaita-de-folles!); João Taborda de Magalhães, que fez o papel de Cesar; Cupertino; etc., etc. D'um dueto de Parra e Cupertino, extasiados ouvindo ao longe a voz da mulher amada, esta quadra de João Penha :

> Que musica tão bella!
> Eriçam-se os cabellos!
> Excede a charamela
> Da sala dos capellos!

Vá entre parenthesis : esta charamela que toca nas festas de capello, e tambem nos *actos grandes* no intervallo dos « argumentos », é soprada por charameleiros — todos de casaca! Conta-se que o Barjona velho, que estava uma vez a presidir a umas « theses » de Medicina, aborrecido com as asneiras do arguente e depois com as do candidato, com um murro tombou a ampulheta que tinha deante, e fechou o chorrilho d'esta maneira : « Postas asneiras, seguem-se asneiras. Toque lá a musica! »

Das récitas do meu tempo, d'essas lembram-me tres além da minha. Uma em 1881, *Tres sabios no 99.º parallelo norte*, original do Domingos Ramos, que está hoje juiz não sei aonde, e musica soberba de João Arroyo, que era tambem quem regia a orchestra. Recordo-me que fazia de barytono o Alvaro de Bettencourt, de tenor o Domingos Ramos, — e que fazia de *Malebranche* o Alfredo Motta, imitando um pobre condiscipulo, meu companheiro de casa, que endoideceu annos depois, no Porto, com a monomania da perseguição ! E d'outros me lembro : do Alves Ferreira, que foi auditor administrativo em Santarem, e que fazia de *Helena de Troya ;* do Julio Pessanha, um collosso, que foi delegado em Vizeu e é agora juiz, que entre as figuras de Rhetorica fazia a *Espontaneidade ;* e o Cornelio da Silva, tabellião e advogado em Lisboa, que fazia de *Pae da Patria*, — e então do Abel Xavier Teixeira de Magalhães, que fazia o papel de *Rhetorica*. A este davam-lhe corda e começava um discurso ; e de repente, acabada a corda, ficava-se a meio de uma palavra !

A outra récita, em 1880, foi com as *Pupillas de D. Beltrão*, original de Gonçalves de Freitas, e musica de Pinheiro de Aragão, um rapaz de artilheria, e d'outro tambem militar, Dias da Costa.

Em 1882, com a *Positiva* de Luiz de Magalhães, em que o Henriques da Silva, hoje lente de Direito, fazia de *Fausto*, despediu-se o curso de João Arroyo. *O Fausto* representava a Metaphysica ; mas a *Positiva* sahia uma grande velhaca, — e ás duas por tres acabava tudo n'uma pouca-vergonha !

A peça era muito interessante, e exorbitava dos velhos moldes das suas antepassadas, e tinha uma *intenção philosophica:* assignalar a mudança que se operára no espirito da Academia, — metaphysico outr'ora, agora positivista! Pum!

Honni soit qui mal y pense...

A minha em 1885, teve logar nos dias 21, 23 e 24 de Março com o *Segredo do Mandarim*, original do Solano d'Abreu, com versos de Alfredo da Cunha; e no dia 20 de Maio, com o « charivari em 3 actos », *Á roda do Prego*, original tambem do Solano d'Abreu.

Do hymno final do *Segredo do Mandarim* — hymno feito na aula por Alfredo da Cunha emquanto o diabo esfrega um ôlho — lembram-me agora estas duas quadras:

> Irra! Acabou-se a massada!
> Terra perversa e ruim,
> Terra do vil mandarim,
> *Alma-mater* da estopada!
>
> Girando emfim sobre os gonzos
> Da prisão as negras portas,
> Nossas almas semi-mortas
> Eil-as livres d'estes bonzos!

Os bonzos eram os lentes; a *alma-mater* da estopada, Coimbra; a tal prisão, a Universidade! Quanto ás « nossas almas semi-mortas », decerto não as havia mais radiosas, nem mais vivas, em toda a redondeza do globo terraqueo!

No ultimo acto, lembro-me que eram repetidas mais de cem vezes estas duas quintilhas do Santos Mello, *Ultima Ballada*, que o grande bohemio cantava á guitarra deliciosamente, « olhos cerrados e cabeça á banda » (como eu digo nos *Meus Amores*) aquella cabeça doida de cabellos revoltos, que a Morte vergou tão cedo!

Canta ao largo a viola branda e grata,
Choram maguas os doidos bandolins...
— Vibra em côro a divina serenata
Que a nossa alma atravessa e arrebata,
Como chuva de lirios e jasmins...

A natureza inteira treme anciosa
Ao ouvir a suavissima guitarra...
E morre no horizonte d'oiro e rosa,
Como queixume de oração radiosa,
A extrema voz d'uma canção bizarra!

No *Segredo do Mandarim*, o papel de protogonista era feito pelo Raphael Correia, — a quem nós chamavamos o *Avô do curso*, e tambem o *Pater Anchises* e o *Homem terciario* ou *prehistorico*, porque nos appareceu no 1.º anno quasi um velho, e já meió tropego, e era uma figura que deixaria a perder de vista a de Quasimodo! (1) A este Raphael

(1) Esta ida do Raphael para Coimbra, tanto a deshoras da sua vida, tem uma historia d'amor muito interessante. Ha-de ser contada n'outro livro, — com o epilogo triste que foi a loucura d'elle! — Annos depois appareceu á porta do Solano d'Abreu, em Abrantes, a pedir esmola, descalço e coberto de farrapos, porque era um mendigo; e nos jornaes, ao mesmo

fizemos-lhe o centenario, em que o Alfredo da Cunha recitou a *Raphaeleida*, um poema em 300 versos, e o *Avô do curso* foi coroado com uma restea de alhos, n'uma sala da Couraça dos Apostolos, expressamente decorada para a solemnidade com o trem de cozinha de tres *republicas* e a roupa velha que se pôde apanhar, e muitas colchas, e muitos lençóes; — e quanto á « plastica » d'esse Raphael, cantou-a n'estes versos o Adelino Barbosa, e figura até no *Antonio Maria*, onde o lapis de Bordallo Pinheiro — que o viu no centenario de Camões (1881) — o caricaturou com inteira verdade :

Quando o Raphael Correia
Veiu lá da sua aldeia
Estudar para a Lusa-Athenas,
Teria dado apenas
Dois ou tres passos na rua
Quando foi visto por Sua
Muito Digna Reverencia
O prior de Santo Antonio,
Que disse logo : — « Ó Demonio!

---

tempo, este annuncio de um sacerdote da Beira, irmão do pobre Raphael, arrancava lagrimas a todos nós :

« O padre Manuel Rodrigues Correia — Oliveirinha, Beira Aita — pede aos que tenham algum indicio a dar-lhe de seu irmão o dr. Raphael Rodrigues Correia, mediano de estatura, de 44 annos de edade, e que tapa os olhos e os ouvidos logo que veja alguem, lhe escrevam com a direcção indicada e tomem as providencias necessarias, pois se responsabilisa por todas as despezas que fizerem. »

Mas isto não vem para este livro, que é alegre. Ficará para outro livro triste, — o livro triste da Bohemia de Coimbra, que chora tambem lagrimas de fel...

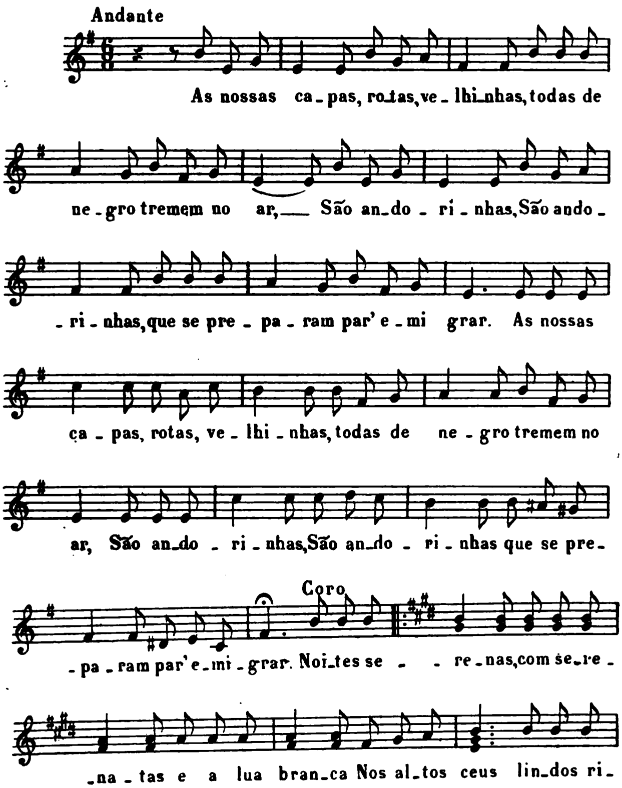
Que diabo vejo eu?!... »
— E correu, correu, correu,
A visitar as capellas,
A vêr se de alguma d'ellas
Fugiria algum judeu! (1)

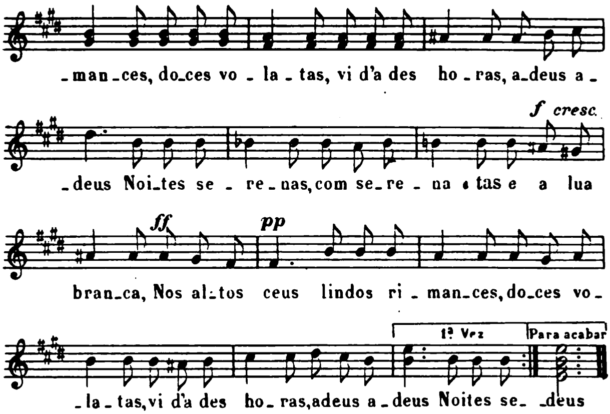
Das récitas posteriores á minha, só assisti a uma (1898-1899): *Um credor em bolandas*, original de « uma multidão de homens de genio », como se assignavam os auctores, que eram: Antonio Macieira, agora advogado em Lisboa; Alexandre d'Albuquerque, o *Xandre*, advogado em Estarreja; Mario Esteves, no Porto; Pereira Barata, medico; Belarmino d'Abreu, tambem medico; e Veridiano Gonçalves, advogado no Porto.

Era uma belleza, n'esta peça, a *Canção da despedida*, original de Mario Esteves, — e musica, lindissima, de Alberto Rego, de Medicina. Dizia assim a *Canção:*

(1) *Interpretes do Segredo do Mandarim*: Eduardo de Castro, Julio de Lemos, Balthazar Brito, Toscano Barbosa, Rebello Barbosa (que faziam papeis de mulher); José Figueiredo, Ramos, Alexandre Silva, Luiz Mendes, Costa Macedo, Francisco Mesquita, Agostinho Rego, Guedes d'Amorim, Sebastião Horta, Santos Mello, eu (que fazia um papel de jornalista!), Vicente Gomes, Solano d'Abreu, Fernandes Pinto, Rolão Preto, José Paçô Vieira, Pereira Osorio, Raphael Correia, José Sola, Luiz Martins, Julio de Castro, Norberto, Cardoso Pimentel, Domingos Amorim, Abel Garção, José Maria d'Almeida; — e dizia o cartaz: « Ha tambem uma dama que deve desmaiar em camarote de 2.ª ordem; d'esta parte do programma será encarregado o systema nervoso do Pedro Galvão. »

NA DESPEDIDA





Voz :

As nossas capas, rotas, velhinhas,
Todas de negro tremem no ar...
São andorinhas, são andorinhas,
Que se preparam para emigrar.

Côro :

Noites serenas com serenatas
E a lua branca nos altos ceus,
Lindos rimances, doces volatas,
Vida a deshoras, adeus, adeus!

Voz :

As nossas pastas foram bordadas
Por mãos de fadas : ou Noiva ou Mãe,
E as pobrezinhas, abandonadas,
Choram de magua, tristes tambem.

Côro:

Depois das aulas, todos com ellas
Toca p'r' a Baixa para as mostrar...
E das janellas, lindas donzellas
Por traz dos vidros, a suspirar...

Voz:

Nas noites lindas, que travessuras
Por essas ruas, pela cidade...
Eram tolices, eram loucuras,
Que se desculpam co'a nossa edade.

Côro:

Das nossas terras vinham tambem
Compridas cartas dos nossos Velhos:
— « Não gastes muito. Porta-te bem... » —
E a gente ria d'esses conselhos.

Voz:

Chegou, Amigos, a despedida,
Esvae-se tudo como n'um fumo...
Agora vamos mudar de vida,
Agora vamos mudar de rumo.

Côro:

Talvez no mundo, nosso inimigo,
Algum descanço lá nos espere:
Talvez nos braços d'algum Amigo,
Talvez nos braços d'uma Mulher.

Ora mas no anno do Passaro, em 1883, quem havia-de fazer a peça senão elle? Encommendada por unanimidade do curso, foi dito e feito, e sahiu-lhe, como

era de esperar, obra de truz! Chamava-se *D. Quixote*, e era uma opereta, — e por signal que na noite da segunda representação (que é sempre em beneficio dos estudantes pobres) fizeram-lhe como ao *Parnaso* de Luiz de Camões: — roubaram-lh'a!

O que vinha a ser esse *D. Quixote*, que era em prosa e verso, já me não lembra bem; mas lembro-me que o galan da peça, o *Bacharel*, namorava uma sopeira chamada *Stella*, a qual, por artes de berliques e berloques, vinha a casar com o Rei da peça, — sendo o Bacharel, á conta, aferrolhado n'uma prisão!

Não sei em que acto, via-se a prisão, e por dentro das grades, muito desolado e em mangas de camisa, o Bacharel! Senão quando, eis que passava a Rainha *Stella:* e o Bacharel, por a commover, declamava-lhe o seguinte soneto, — parodia áquelle de Camões, *Alma minha gentil que te partiste*:

Stella minha gentil que me rachaste
Em dois o coração de meio a meio,
Tu lá fóra a flanar de bolsa quente,
E eu aqui sem dez réis — bello contraste!

Se lá no regio assento onde trepaste
Memoria d'um pelintra se consente,
Não te esqueças mandar pela servente
Os tres mil réis que ao *monte* me picaste!

Mas se vês que não deve merecer
Paga d'um *cão* o triste que se chora
Já com receio de não mais *os* vêr,

Oh! roga ao Rei me solte sem demora:
Tão cedo eu possa em juizo requerer,
Tão cedo te pespégo uma penhora! (1)

---

(1) Na segunda noite, variavam assim os dois tercetos:

Mas se vês que não deve apoquentar-te
Com lamurias o triste que se chora
De não poder o lombo desancar-te,

Dize-me *não!* — que n'essa mesma hora
Mando ao Bolson comprar um bacamarte
— Porque eu quero com um tiro atirar com os miolos fóra!

Commentario de Sancho Pança, aterrado com tamanho verso:

Ó Deus! como aquella mente é varia!
Um verso do tamanho da minha solitaria!

Ao que outro replicava, aparando uma rima em *osa*:

Assim tambem na *Fabia* aquelle Tarquinio
No excesso de paixão fallou em prosa!



« Está protegido! »

ALHO, ALHO, ALHO!

ALHO, ALHO, ALHO!

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, já a osga de Martins de Carvalho contra os estudantes era coisa mais que notavel! O redactor do *Conimbricense* era o melhor e o mais honrado homem de todo este mundo; mas em lhe tocando na « arca santa » de Coimbra, — ou fôsse desancando a deshoras algum filhote, dos que lá chamam *futricas*, ou fazendo em qualquer coisa algum estrago (nos bancos da Estrada da Beira, nos candieiros da illuminação, na taboleta de alguma loja, no letreiro de alguma rua (1), em qualquer coisa, emfim, onde mão atrevida causasse damno) era contar que se o *vandalo* era estudante estava perdido : —

(1) Ao letreiro da *Couraça dos Apostolos* apagaram uma noite as quatro primeiras lettras da palavra *Apostolos*, — e ficou *Couraça dos tolos*; ao *Arco do bispo*, tambem apagaram as duas primeiras lettras da palavra *Arco*, e do *o* fizeram outra vogal; etc., etc.!

no primeiro numero do *Conimbricense*, o menos que Joaquim Martins de Carvalho pedia era a cabeça dos discolos (e isto logo em « artigo de fundo » !) e no seu odio aos « saccas de carvão », como alguns chamam aos estudantes, não estava lá com meias medidas : — mettia na culpa a Academia toda, e esbravejava no jornal numeros a fio !

Os rapazes, está claro, azoavam com a historia, — e se não pagavam ao jornalista na mesma moeda, isto é, em artigos inflammados em qualquer jornal, desforravam-se d'elle por todas as fórmas, — e principalmente pela caricatura!

De mais a mais, o bom e venerando jornalista, apresentava um typo que por não ser já d'esta epocha era quasi estranho; e á sua barba de « passa-piolho », como em Coimbra não havia outra, acresciam estas *aggravantes :* a cartola, que não era precisamente no rigor da moda e fôra a mesma toda a sua vida; a gravata e os collarinhos, puro 1820; a niza de panno azul, com abas para dar e vender; e então certo *tic* nervoso que lhe agitava a cabeça em movimentos bruscos, sobretudo se estava zangado! Sósinho, principalmente quando ia na rua, tinha o ar de todos os pensadores, pesado e brusco, e, sendo muito myope, não cumprimentava, e não correspondia quasi a cumprimentos. Depois, — oculos e bota de cano!

Mas a principal razão por que os rapazes não engraçavam com elle, é porque os rapazes viam na veneranda pessoa do jornalista (de mais a mais cheio de auctoridade, e que todo o paiz muito respeitava), qualquer coisa como um representante do patrio

poder, — vindo d'ahi que muitas das suas catilinarias não só encontravam echo nos paes de familia e nos outros jornaes, mas até no poder judicial, no governador civil, no conselho de decanos e na policia!



Typos de Coimbra

« O Jinó »

Joaquim Martins de Carvalho, em summa, — eis o Inimigo!

De mais a mais, os artigos eram todos assignados com o nome por extenso, — em versaletes, como elle usava; e porque assignava tudo quanto escrevia, artigos, simples noticias, e até ligeiras erratas, o jornal era elle e mais ninguem : — o *Conimbricense* era só elle!

Os rapazes, portanto, não o poupavam, nem elle tãopouco poupava os rapazes! Lá se lhe mandavam um livro, ou se o iam consultar sobre qualquer coisa, principalmente Historia Contemporanea, todo elle era

elogios ao livro no *Conimbricense*, ou serviços e obsequios, dentro de casa, ao consulente! Como tinha uma livraria enorme, que lhe forrava todo o interior do predio e lhe chegava á porta da rua, e sabia de cór toda a livraria, e mais tres do tamanho d'aquella, consultál-o era dar com a verdade sem mais trabalho, — e acontecia até que quem uma vez lhe fallasse, estudante que fôsse, ficava a gostar d'elle para toda a vida!

Mas teimoso como elle não havia segundo! Teimou em desancar a Academia, — e essa balda morreu com elle!

... Ora mas uma vez, fizeram os rapazes não sei o quê, — d'aquellas coisas que em geral não prestam para nada, mas que para elle eram *casus-belli*, e lhe incendiavam a prosa no *Conimbricense!* Tolice feita, artigo escripto, — e com um titulo que não era lá qualquer coisa, e furioso de principio a fim! O titulo era *Anarchia;* — e n'aquelle corpo 10 do *Conimbricense*, alastrava-se por umas poucas de columnas, e deitava chispas o demonio do artigo!

Os rapazes, — leram e deixaram passar...

Vae senão quando, no outro numero, — outro artigo! Chamava-se ainda *Anarchia*, e mais furioso ainda do que o primeiro!

Os rapazes já conversaram a respeito do artigo...

Mas quando no outro numero lhes vem terceiro, e ainda com o diabo do titulo, — então começaram os

rapazes! Não havia nenhum que passando pela rua onde era o jornal — e que se chamava então *das Figueirinhas*, e hoje *Martins de Carvalho* — lhe não gritasse logo cá da rua :

— Ó Martins de Carvalho! dá cá a *Anarchia!*

E atraz d'esses, logo outros :

— Ó Martins de Carvalho! larga a *Anarchia!*

...Ora este é um dos *fracos* dos filhos de Coimbra! Não se lhes póde pedir coisa nenhuma! Ao Sá, por exemplo, um alfaiate que havia na rua dos Loyos, bastava os estudantes pedirem-lhe o ôlho — « Ó Sá, dá cá o ôlho! » — (porque elle uma vez vasou com um pau o ôlho d'um cão) para o homem sahir para a rua com a familia toda, e esgotar em côro com a mulher e com os filhos, e ás vezes com os officiaes, o vocabulario dos improperios!

Outro, o Paixão tambem alfaiate, ia aos arames se lhe pediam o diamante — « Ó Paixão, dá cá o diamante! » — e agora vae aos ares se lhe pedem o voto, a elle que sendo mais regenerador que trinta Fontes, e um galopim d'alto lá com elle, agora não póde votar não sei porquê...

Outro, um boticario que havia em Quebra-Costas, quebrava os frascos e atirava com as drogas — se lhe pediam... oxygenio em pó!

Outro, que vendia não sei o quê, e tinha na vitrine a palavra « Accessorios », e o nome assim indicado

« Fulano *H.* de Tal » ficava furioso se lhe pediam os accessorios : — Ó sr. Fulano *Hydrogenio* de Tal, vende-me os accessorios?

O Themido, que foi regedor de S. Thiago e tinha uma boa mercearia na Praça Velha, quasi á esquina da rua das Solas, perdia a cabeça se lhe liam a taboleta da loja — *Loja de viveres* — de modo a dizer-se *vivêres :* — « Loja de vivêres... »

E outro que vendia ferragens na Calçada, e se alumiava ainda com candieiro de azeite, era temivel se lhe diziam da porta :

— Então quando chega esse gaz?...

Outro, não podia tolerar que lhe perguntassem por onde se subia para o 1°. andar, porque a casa, encostada a uma ladeira ingreme, que era a rua do Corpo de Deus, ficava d'esse lado sem 1°. andar, ou o 1°, visto da rua inferior, era o 2°... — e perto d'este, outro dava o cavacão se lhe atravessavam a loja em diagonal! Como a loja era de esquina (uma loja de pannos), e tinha portas para ambos os lados, os rapazes, em vez de dobrarem a esquina, mettiam pela loja muito cortezes : — « Dá licença? Por aqui é mais perto. »

E outro que tinha um nariz muito comprido, e era sapateiro, esse entrava em furias de cão damnado se lhe paravam defronte da porta e lhe perguntavam — pondo os dedos na ponta do nariz, como a desviál-o para abrir caminho :

— Póde-se passar?!

Etc., etc., etc.. — E até defronte do quartel, na Sophia, um que vendia piões dava o cavacão se lh'os pediam com um gesto : — o gesto de quem os apara!

Este inventei-o eu! Não fallando já n'aquella mulher da rua da Louça, que vendia pratos, e que ia aos arames se lhe diziam assim :

— Tem pratos côvos ?

— Tenho sim senhor.

— E chatos?

Filhote de Coimbra, imagine-se, pois, o cascarrão de Martins de Carvalho, quando via os rapazes não lhe largarem a porta :



Coimbra — Sé velha

— Ó Martins de Carvalho! Dá cá a *Anarchia!*

Ao *pedido* ainda respondeu com mais dois artigos; mas ao terceiro da segunda dóse, já não podia mais, — porque os rapazes, como elle, não desistiam!

Chega-se, pois, á janella uma vez, e diz assim aos arruaceiros :

— « Isto até aqui tem ido com a penna, ouviram, seus malcreados?! Mas d'aqui por deante, vae a marmeleiro! »

...Durante tres dias, moita! nem..pio á porta do Martins de Carvalho. Mas quando o Martins de Carvalho se suppunha já livre da *scie*, os rapazes, combinados, sahem-se com esta :

Seriam 8 horas da noite e descem á Baixa a dez de fundo, formando dois pelotões enormes, cada um dos quaes não teria menos de 500 rapazes! Emquanto se não viram na Calçada, em plena Baixa, não deram pio; mas uma vez na Calçada, verificou-se que o primeiro pelotão levava á frente um figurão qualquer, estudante, fingindo de Martins de Carvalho, — e o de traz, outro estudante tambem, fingindo de Rosalino!

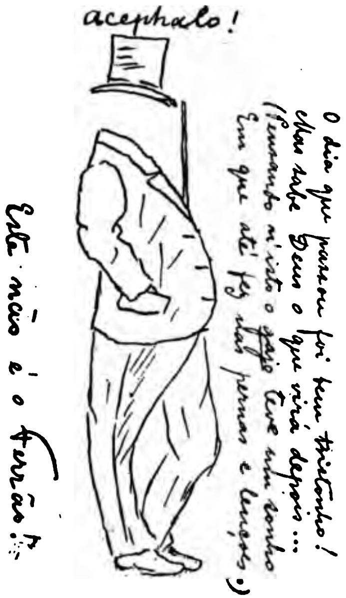
E ahi rompe n'um momento dado o pelotão da frente, em tom de ladainha, n'um côro de quinhentas vozes :

Alho, alho, alho,
Martins de Carvalho!

E n'um clamor de outras tantas vozes, respondia logo o pelotão de traz :

Fino, fino, fino,
Cá o Rosalino!

O resto suppõe-se, o effeito d'aquella ladainha-monstro, cantada de noite pelas ruas da Baixa! Equivalente, só áquelle célebre « grito das 9 »; que atirou a terra um commissario de policia, o Ferrão, — e que se cifrou em vociferarem ás 9 da noite todos os estudantes, (cada um da sua janella, e durante tres noites!) os improperios que lhes lembraram — pro-



duzindo nos ares tamanho abalo, e clamor tão grande por esses espaços, que chegou a vir gente dos arredores, pensando que se arrasára a cidade! (1)

---

(1) Este Ferrão foi martyrisado pelos rapazes, — mas os rapazes tambem viram uma bruxa com elle! Na minha collecção de *documentos* allusivos a essa « campanha do Ferrão », tenho alguns que são muito engraçados. Entre elles ha tambem « caricaturas »; mas essas de tal modo feitas, que mesmo sem cabeça (porque o Ferrão tinha-a *perdido!*) — eram do Ferrão sem tirar nem pôr!

Ora mas com Joaquim Martins de Carvalho, a coisa não tinha mais valôr, nem peor, do que uma *peça* de netos turbulentos, para arreliarem um avô rabugento; — mas ainda não satisfeitos, fizeram-lhe depois o « centenario »; e entre a collaboração do jornal commemorativo que então publicaram, houve um estudante que escreveu isto, — allusivo á vida intensamente laboriosa do jornalista :

> Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho
> É Joaquim, é Martins, é Carvalho...



Maça, punhal e sapatos... do bedel

A CABRA!

A CABRA!

In illo tempore — no tempo em que eu andava em Coimbra, inda a proeza dos que roubaram uma noite o badalo á *Cabra* era por lá muito fallada! Eu até morei na casa onde o badalo esteve escondido, e que era, e ainda é, a chamada « Casa da Ilha », — uma casota isolada, na confluencia das ruas da Trindade e dos Militares, e onde morou tambem Thomaz Ribeiro. Por signal que na janella do meu quarto, que dava para as escadinhas, ainda lá estava a canivete o nome do auctor do *D. Jayme*, — e o meu lá ficou tambem.

Ora dos mil sinos que ha em Coimbra, não conheceriamos nós o som de nenhum; — mas o da *Cabra*, que nas vesperas d'aula ás 6 da tarde, e nos dias d'aula ás 7 da manhã, se alastrava sobre Coimbra e diziam que se ouvia em Tentugal, não havia ninguem que o não conhecesse! Novato que chegava a Coimbra, antes de se matricular já conhecia a *Cabra*, —

porque ou lh'a mostravam cá debaixo, apontando para a torre da Universidade; ou então, quando soavam os « quartos » onde ella entrava em côro com os outros sinos, ensinavam-no logo a conhecer-lhe a voz :

— Ouves? É aquella!



Um dos outros sinos, que tocava por alto em dias de capello, era o *Cabrão*; mas esse, coitado, não tem lenda, nem os outros, — porque lenda só a tem a *Cabra!*

A gente, mesmo depois de formado, ouve a *Cabra*, — e eu ainda a ouço até a dormir; mas como tudo em Coimbra é original, *in rebus Universitatis* principalmente, o som da *Cabra* não se parecia com outro, e ainda que quizesse comparál-o não tinha com quê!

Berregava o sino como berregam as cabras? Talvez! E como as cabras berregam mais quando chamam p'los filhos, e ella berregava a chamar por nós, a quem a Universidade appellida seus filhos — *dilectissimi filii* — o nome, com ser uma alcunha, era bem posto, como todas as alcunhas que põem os rapazes!

Está claro que sendo a *Cabra* que nos lembrava as lições, e nos dizia á noite que nos recolhessemos, e de manhã cedo que nos levantassemos, a *Cabra* era odiada; mas odios de rapazes são fogachos, e a boa da *Cabra* ria-se d'elles; — e nós mesmos, afinal, quando



Margens do Mondego

ás vezes ella nos dava um feriado, queriamos-lhe como se fôsse Avó de nós todos!

Mas outras vezes, pregava-nos tambem a sua pirraça; — e nunca me ha-de esquecer que um dia, esperando nós um feriado e contando com elle como coisa certa, pozemos-nos todos, á noitinha, de ouvido á cóca das 6, a vêr se a *Cabra* tocava... Começou o relogio a bater as horas; e deu uma... e deu duas... e deu seis... — e não tocou!

Foi um berreiro que atordoou Coimbra — *Hurrah! Feriado geral ámanhã!* — *Hurrah!* — e eu, d'uma

janella da rua das Covas, onde era a redacção da *Porta-Ferrea*, lembro-me que taes vivas dei á Christina, que me foram á rua as pobres lunetas, e por um triz que não vou atraz d'ellas! Mas vae senão quando, e inda as lunetas iam no ar, eis que o demonio da *Cabra* começa de lá : — *Dlen, dlen!* — *Dlen, dlen!*

Ouviu-as duras d'essa vez, a *Cabra!* — e esse malvado que era o cabreiro, um feiarrão natural de Moncorvo, oito dias não sahiu á rua — ameaçado de tareia mortal!



Já se vê por aqui o que era a *Cabra!* No meio d'um pagode de estalo; d'uma cavaqueira amena ; d'um colloquio com alguma tricana na estrada da Beira, ou no Choupal se a coisa ia a mais; — ella lá vinha, o demonio, ás 6 em ponto, a enxotar para casa a rapaziada! Alguns não faziam caso d'ella, já no meu tempo, e deixavam-na badalar como se fôsse no vacuo; mas a maioria, ainda assim, os *ursos* principalmente, recolhia-se logo; e acceso á banca de pinho o candieiro classico de latão amarello, de tres bicos, acabada a trova da *Cabra*, começavam *as tristes* (assim chamadas as *horas d'estudo*) que iam ás vezes por essa noite fóra!

De manhã, ás 7, a maior parte nem ouvia a *Cabra;* ou se a ouvia algum que tinha o somno mais leve, esse rogava-lhe logo a sua praga, e voltando-se para o outro lado continuava a dormir, porque as aulas

eram só ás 10, com 1 quarto de espera — 10 e 1 quarto (1).

Mas vamos lá então á historia do roubo do badalo. Os motivos é escusado dizêl-os : roubar o badalo á *Cabra* era mais do que deixar sem voz a Universidade : — era arrancar a lingua ao Inimigo!

Foi pois o caso que tres estudantes de Direito, todos elles pandegos de truz, e valentões como os que o são, assentaram um dia em arranjar um feriado (2).

(1) No meu tempo, as aulas de Direito começavam todas ás 10 e 1 quarto e acabavam á 1 hora da tarde. Da 1 ás 3 passeava-se em geral pelo Jardim Botanico e pelos arrabaldes; ás 3 geralmente, jantava-se; e depois de jantar ia-se para a Baixa, até á noitinha. Nas quintas feiras não havia aulas na faculdade de Direito, salvo nas *semanas machas,* isto é, que mettiam pelo meio algum dia santo ou algum dia de feriado official. Ha annos para cá, os cursos de Direito teem augmentado desmesuradamente, e as aulas acabam ás 3 horas porque os cursos estão desdobrados em turmas; e uma vez que o relogio da torre se esqueceu de bater as horas, e eram já 3 e 1 quarto e o bedel não abria a porta, passou pelas bancadas esta *Circular:*

> Saibam todas estas gentes
> Dentro das quaes eu me acho
> Que o relogio está borracho,
> Ou anda feito com os lentes...
>
> Já são quasi 4 horas,
> E o grande malandro — *nentes!*

(2) Só os expedientes para arranjar feriados, davam um livro! No meu tempo, por exemplo, o Antonio Lagoaça, actualmente conde de Lagoaça e par do reino, chegou a aparafusar de noite um barrote na porta do José Braz; e quando de manhã o lente quiz sahir de casa para ir almoçar ao Serra, e do Serra para a Universidade onde regia esse anno *Direito Commercial,*

— Como?

— Rouba-se o badalo á *Cabra!*

Qual d'elles foi o da lembrança, não sei; mas logo que lhes eu diga os nomes fica-se sabendo que qualquer d'elles era capaz da lembrança, — e qualquer d'elles, sósinho, de a executar! Os tres, juntos, seriam até capazes de mudar a torre, quanto mais o badalo da *Cabra;* — e foram elles mesmos que d'outra vez escalaram o muro dos Arcos do Jardim, que lembram os *Arcos das Aguas Livres*, e tiraram as settas ao S. Sebastião que lá estava em cima no seu nicho, allumiado por um lampião, deixando-lhe aos pés este lettreiro:



— « *Basta de tanto soffrer!* »

Ora mas a empreza de roubar o badalo á *Cabra* não era tão facil como póde parecer! A Porta-Ferrea fechava-se cedo; e fechada em baixo, á mesma hora, a Porta de Minerva, é de saber que a Universidade

viu-se entaipado, porque dormia em casa sósinho, e quando deu pela partida era já tarde!

Este Zé Braz que era um grande *philosopho*, vi-o eu de guarda-sol aberto n'uma noite de luar, a passear na Feira dos Estudantes; — e outra vez montado n'um burro, tambem de noite, detraz de uma *troupe* que andava aos caloiros! — Aquelle Lagoaça foi o mesmo que uma vez, na aula, atirou pelo ar com uma bota de um condiscipulo, que foi cahir mesmo ao pé do lente; — e como o lente chamasse o bedel para que o bedel levasse a bota, preparando-se para vêr á sahida qual dos rapazes ia descalço d'um pé, o que elle viu foi o curso todo só com uma bota, porque a outra ia escondida debaixo da capa!

ficava mais segura que um castello feudal, depois de subidas as pontes levadiças! Além d'isso, ainda havia a porta da torre, tambem fechada á chave, — e mesmo ao pé da torre, era a morada do Guarda-Mór, e muito perto d'ella... a do Reitor!



Typos de Coimbra
A Feliciana Pereira

Ademais, afóra os perigos inherentes á empreza, havia a contar com os archeiros (1) e verdeaes que ainda a esse tempo faziam rondas nocturnas pelo Bairro Alto, — e sobretudo, é claro, com o rigor inquisitorial do Conselho de Decanos, que se lhes désse com a malhoada, não deixaria de condemnar os tres a alguns mezes de *paternal custodia*, e á perda do anno, — se os não expulsasse da Universidade por toda a vida!

(1) O archeiro é o policia da Universidade, e tem uma farda muito vistosa! (v. p. 86). Compenetrado do espirito cathedratico, elle mesmo suppõe-se um figurão; — e perguntando-se uma vez ao *Stópido* (um archeiro que tinha esta alcunha) o que vinha a ser isso de *archeiro*, respondeu, muito empertigado:

— *Archeiro*, é como quem diz: *mais que estudante e menos que lente.*

Foi então que lhe replicou um collega:

— Ora não seja *estópido!*

Queria dizer — *estupido* — e foi d'ahi que lhe veiu a alcunha!

Mas emfim, *audaces fortuna juvat!* E uma bella noite eis os nossos heroes a escalarem a muralha perto da Porta de Minerva, mais ageis do que tres macacos! Uma vez lá dentro, — chave na fechadura da torre (uma chave falsa que elles tinham arranjado n'um ferro-velho, e que servia que nem de encommenda!) — e mesmo ás escuras, toca a subir esse caracol estreito, que parece que não tem fim! — Subiram; lá cima, com todo o panorama de Coimbra, á roda, extasiado debaixo do luar, foram-se aos vergalhos da *Cabra* e serraram-nos; — serrados, apagaram com mil cuidados todos os vestigios da empreza, (mas não tão cautelosamente que não ficasse na torre o lenço d'um, que foi depois o comêço do corpo-de-delicto quando se procurou descobrir os heroes) — e apossados emfim do pesado badalo, desceram com o trambolho pelo mesmo caminho — e sumiram-se! Era uma vez o badalo da *Cabra!*



Ora a façanha ficou anonyma durante muito tempo; — mas hoje, não ha razão para lhe não dizer os autores, que além d'um Adolpho Paiva Pereira Capon, que morreu em Paris ha muitos annos, foram estes dois ainda hoje vivos, e que o sejam por muitos annos e bons : — Eduardo Segurado, bacharel formado em Direito, ex-delegado do procurador regio, ex-juiz de Direito, ex-secretario geral em Lisboa, ex-governador civil de Lisboa, conselheiro — e actualmente juiz do Supremo Tribunal Administrativo; — e Eduardo Montufar Barreiros, bacharel formado em Direito, filho do visconde da Luz (ex-ministro das obras publicas que ordenou o alargamento da antiga

rua de Coruche, hoje do Visconde da Luz) — e actualmente secretario geral do ministerio dos negocios estrangeiros, e par do reino!

Com tão linda fama atraz d'ella, a *Cabra* mereceu em todos os tempos as honras da poesia, quasi sempre, valha a verdade, epigrammatica; e nunca me hão-de esquecer (vá para fechar!) esses famosos versos do Alfredo da Cunha, que foi meu condiscipulo e é hoje o director do *Diario de Noticias*, versos que são uma parodia tão fiel da *Partida* de Soares de Passos, que as proprias rimas, em grande parte, são as mesmas! Cá estão elles :



Adeusinho! Acabaram-se os dias
Em que, ó *Cabra!* te ouvi desditoso.
Sôa a hora feliz, grande gôso
É poder-te ao demonio mandar!
Que horrorosos, que longos que foram
Estes annos de funda amargura,
E quão cheios de alegre ventura
Nós os vamos agora passar!

Do Mondego estas margens virentes
Despirão os seus magos encantos,
Vão cobrir-se de gelidos mantos,
Pois de nós já não volta ninguem.
E mais frio e glacial que um gelado,
Tudo fica a chorar e berrando;
E nos campos o verde seccando,
Chorarão os jumentos tambem!

Mas se a gente, por negro destino,
Sim, se a gente inda um dia cá volta
(Pois quem sabe onde a vida revolta
Levará juvenis bachareis?!)
Nós fazemos, ó *Cabra*, hoje aqui

Juramento tremendo e funesto
D'arrancar-te o badalo, e o resto
Atirál-o a ignotos parceis!

Mas ah! longe esta ideia sombria!
Longe a volta, o cruel desalento!
Após dias de tanto tormento,
Virão dias mais bellos decerto;
Hei-de ouvir-te inda uns tempos berrar:
Mas que a alma esta esp'rança alimente
De que o dobre funereo e plangente
De deixar de o sentir estou perto!

Pois se nós, por desgraça, voltarmos,
E se acaso ella tem inda vida (1),
Podem crer que não fica esquecida,
Dormirá um eterno dormir!
E tambem, se por cá te lembrar
Que ha bons paus de marmelo e sobreiro
Não te esqueças, malvado *Cabreiro*,
D'este adeus que vos disse ao partir!



A Cabra

(1) Foi uma *excommunhão!* A *Cabra* morreu! ***Physicos*** **chamados para a concertar, nenhum lhe deu vida! Para as grandes dôres, o Latim e os grandes silencios:** ***Requiescat in pace!***

O BÓLSON DAS CONTAS LISAS

O BÓLSON DAS CONTAS LISAS

In illo tempore — no tempo em que eu mastigava « sebentas » lá por Coimbra, inda impava de flammancia em plena Baixa um commerciante chamado Bólson!

A loja d'elle era mesmo ao meio da Calçada, á esquerda de quem ia para o Caes; e se não era a maior de Coimbra, em tamanho, ainda assim era a mais vistosa, e só se vendiam lá artigos de luxo: fina gravataria; camisas finas de cambraia; piugas bordadas; ligas bonitas para as raparigas; binoculos; photographias e cosmoramas; thermometros; barometros; maletas catitas para viagem; lunetas; *couvre-pieds* e *édredons;* etc., etc.; — mas o negocio principal do Bólson, esse diziam as más linguas que era *surdo,* e consistia em dar dinheiro a juros aos estudantes...

... Não era a todos os estudantes, mas só aos ricos

ou que fingiam de ricos! Os pobres, esses remediavam-se com a *prata da casa;* — mas os *polainudos*, que tinham conta aberta no Natividade dos trens, davam ceias ás actrizes quando por lá appareciam; faziam passeatas ao Bussaco, e deitavam tipoia nas vesperas de feriado, esses tinham todos conta no Bólson, — e acho que em toda parte, incluindo a *Havaneza* onde compravam os charutos; o *Lusitano* onde tomavam o café; o *José Lucio* onde se banqueteavam; etc., etc.!



Typos de Coimbra

« O Pitónó »

Eram esses, p'los modos, os *freguezes* do Bólson; e rezava a fama que lhes levava coiro e cabello nos juros, e que uma vez aberta conta nos livros do Bólson, a divida, por pequena que fôsse ao principio, entrava a crescer por força propria, e ás duas por tres tomava tal velocidade — a que acrescia, a cada instante, a já adquirida — que não havia maneira de ter mão n'ella!

Houve pae que teve de acudir a Coimbra, a vêr se punha um prégo n'aquella roda de *má-fortuna;* mas, como tudo aquillo era negocio de *prégo*, uns tinham

de pagar e não bufavam, outros bufavam mas pagavam, e raros eram os que só bufavam, — porque o Bólson, homem practico, tinha umas fallinhas muito doces, capazes de adoçarem vinagre!

Ainda assim, não se livrou de morrer pobre, ao que me consta; e isso quer dizer, afinal, que razão teve o Diabo quando não quiz contas com rapazes, e que esse negocio da usura, em Coimbra, não é tão bom como póde parecer; — e um Paulino, por exemplo, que passava pelo maior usurario de Coimbra, e tinha uma sobrinha muito bonita que eu conheci na Rua Larga a vender cigarros, n'uma lojeca que tinha dois palmos e em vez de balcão uma taboa de pinho, — esse morreu tambem pobre como Job, e outros haveria com a mesma sorte! A razão é porque os usurarios de Coimbra levam muito *cão;* e por isso, é claro, precisam de fazer como os commerciantes de modas em Lisboa, que recebem dos que pagam, á conta de ir caro o *ágio*, os calotes dos que vestem de graça!

Ora mas quem fôsse este Bólson, foi coisa que nunca se apurou com grande clareza! Era estrangeiro, o nome o indica; mas fallava portuguez correntemente, só com um accento que ás vezes parecia hespanhol, porque em vez de *juros*, por exemplo, dizia *xuros*. O que constava é que apparecêra em Coimbra ainda rapaz, dono d'um *barato-barato*, a vender agulhas e alfinetes; — mas quando eu o conheci, estava já nédio que nem um marquez, e parecia um *lord:* seu frack, sua cadeia d'oiro de berloque, seu modo imponente de grande senhor, barba toda, pança e cartola! A voz é que parecia emprestada, porque tinha uma vózinha

quasi de fantoche; mas fallava alto e fallava de papo, — e tinha sua laracha para o negocio.

Ora mas as lembranças são como as cerejas: puxa-se por uma e veem umas poucas; — e como a respeito de coisas de Coimbra, e d'aquelles typos, a minha memoria é uma serie quasi infinita de *clichés*, ahi estou eu agora a vêr aquillo tudo, como no tempo em que por lá andava de capa ao hombro; — e basta, por exemplo, esta simples lembrança do Bólson, e d'umas coisas que quero contar a respeito d'elle, e que são engraçadas, para eu estar a vêr, como se lá estivesse, esse pedaço de rua onde elle morava, e as suas figuras mais caracteristicas: — as mudas na loja defronte, sempre a balouçarem, sobre fogareiros de carvões ardentes, os caldeiros onde faziam as amendoas; um homem antigo, logo adeante, que a despeito das suas barbas parecia uma virgem não sei porquê, e vendia bonecos para crianças: o Ramos da *Çasa Minerva*, florído dono da mais florída barba que tenho visto, e muito boa pessoa; o Mendes d'Abreu, o melhor e o mais honrado homem que ha n'este mundo; — e então esses dois livreiros typicos da Lusa-Athenas: — um o Cabral, e outro o Melchiades!

...Este Melchiades foi aquelle que se fartou de mandar bilhetes-postaes a um bacharel qualquer da provincia, que lhe ficára a dever *uma* libra do tempo em que lá era estudante. Mas como se lembrasse de lhe pedir *duas*, o sujeito, já farto de o aturar, respondeu-lhe n'outro bilhete-postal: — « Vejo que a libra que eu lhe devia deu á luz; — pois, sr. Melchiades, guarde a mãe, e mande-me a filha. »

Mas o Cabral, o outro livreiro visinho do Bólson, esse merecia que resuscitasse o Fernão Lopes, só para ter a honra de lhe fazer a chronica! Este Cabral tinha mais importancia em Coimbra do que se trouxesse o rei na barriga, — porque trazia na barriga... a Universidade! Os lentes, os de Direito principalmente, faziam da livraria d'elle estação de cavaqueira depois de jantar; — e quando ao pôr do sol iam de passeio, quasi sempre p'r'além da ponte, onde elle tinha uma quinta no Almegue, o Cabral formava com elles, — e qualquer coisa de lente se lhe pegára já, porque se as suissas eram de flammante burguez, e as enxundias de quem não conhecia Minerva senão de vista, o *feito psychologico*, e a attitude, eram já de lente!

Nunca me ha-de esquecer, que uma vez o Garcia marcou para a aula de Direito Administrativo no 3.º anno, onde ensinava tudo *menos o Codigo*, a leitura não sei de que capitulo d'um livro de Flint, *Philosophia da Historia na França e na Allemanha;* e que vindo á Baixa o Carlos Lobo d'Avila, a encommendar o livro ao caixeiro do Cabral, — um de nariz muito comprido, e seraphico, chamado Viegas, — o Cabral, que andava para traz e para deante na livraria, de mãos atraz das costas, passeando, volta-se para o Carlos Lobo d'Avila e diz-lhe assim, — muito pausado e cathedratico:

— Ora o senhor não fará favor de dizer ao Garcia *que se cinja ao Codigo?* (1)

---

(1) Quando eu fui para Coimbra, e até no meu 2º. anno, este Garcia era o *idolo* da Academia! Regia no 3º. anno *Direito*

Mas vamos lá então a esses casos que se referem ao Bólson, cujas proezas de usurario estão synthetisadas todas n'estas duas quadras — que não sei de quem são, mas que são verdadeiras :

O Bólson das contas lisas
E dos contractos mui puros,
Já poz á venda as camisas
De quem lhe pediu a juros.

Administrativo ; mas como ninguem lhe estudava palavra, e se lhe ia o anno com o *positivismo* de Littré e de Augusto Comte, e dava muitos feriados — uns porque chovia, outros porque fazia sol, outros porque nem chovia nem fazia sol ! — era um *idolo!* Mas no meu 2°. anno o idolo passou á categoria de *demonio,* diz-se que picado de ciumes da popularidade do Antonio Candido, porque uma vez que o Garcia foi ao Porto para arengar n'um comicio republicano por occasião do Centenario de Pombal, e o governador civil o não deixou fallar porque prohibiu o comicio, metteu-se-lhe na cabeça ser desforçado pelos rapazes de Coimbra, e disse ao governador civil que elles o vingariam, — e mettendo-se no comboyo foi para a Lusa, mas os calculos sahiram-lhe errados! Ao chegar á estação não viu ninguem, porque a rapaziada áquella hora, andava para as bandas da rua da Alegria, a festejar com musica e foguetes o Antonio Candido, que n'esse dia proferira um discurso d'arromba na sala dos capellos em honra do marquez de Pombal!

Não foi preciso mais nada! Como n'esse anno lectivo o Garcia regia tambem no 2°., *Direito publico,* porque o grande Zé Braz tinha-se jubilado, no fim do anno foi uma hecatombe tão formidavel, que houve 21 reprovações e 18.R. R., facto sem precedentes na Universidade! — O Garcia reprovava tudo, o Sanches *ia com elle,* e o Pinna, coitado, vingava-se em chorar, — e morreu de desgosto com um ataque!

Lembro-me que no meu dia só eu passei e que os outros tres ficaram reprovados : e eu passei *nemine* porque no acto joguei as ultimas, contando de antemão que me reprovavam. e com « homem perdido ninguem se metta ! »

No 5°. anno, ainda o Garcia nos tornou a apparecer, regendo

Esperamos quanto antes
(E não virá longe o dia)
Vêr-lhe á venda nas estantes
As pelles da Academia!

Ora mas quiz o demonio que este Bólson, que vinha sortir-se a Lisboa muitas vezes, perdesse a carteira d'uma vez que cá veiu! — Descuidou-se não sei como e perdeu a carteira, que por signal estava recheada de notas; — e dar pela falta e correr á policia, veloz que nem um gamo, foi tudo um, e appareceu na policia sem pinta de sangue!

---

interinamente *Direito Penal*, pela jubilação do bom dr. *Secco*; — e como o Pitta, lente de *Ecclesiastico*, se lembrasse uma vez de nos marcar uma repetição, coisa que reputámos offensiva das tradições do 5º anno e portanto da nossa *dignidade de quintannistas*; e o Garcia, sabendo da nossa *furia*, tivesse dito na secretaria que nos ia marcar uma *sabbatina*, « porque esse curso, acrescentou, já lhe tinha experimentado as esporas no 2º anno », nós démos-lhe na aula uma pateada quando marcou a sabbatina; fomos para a aula sem pastas e combinados em não discutir *por sermos todos da mesma opinião* — o que fizemos, e eu fui um d'elles porque me sahiu a *sorte* para a sabbatina — ainda lhe rufámos outra pateada, e não o cumprimentámos nem á entrada da aula nem á sahida; — e por fim fomos em massa, officialmente, a casa do Reitor que era o Bernardo de Serpa, e entregámos-lhe uma representação allegando que o lente não sabia uma palavra de Direito Penal, e que eramos com elle incompativeis!

Resultado? O Garcia não tornou á aula, que tivemos fechada o resto do anno; e os proprios estudantes que elle tinha em casa, hospedados, já essa noite não dormiram lá, porque tambem isso foi combinado!

O caso ia estando muito serio, porque nas assembleias que celebrámos no Club Academico á porta fechada, houve propostas de *vias de facto*, e o Garcia esteve jogado aos dados! Mal elle sabe que fui eu um dos que lhe acudiram...

Não consta que offerecesse alviçaras a quem lhe restituisse a carteira; mas o que se sabe com inteira certeza, é que um dia a carteira appareceu, e que o Bólson, radiante, surgiu no commissariado para a receber!

Recebeu-a, e abriu-a sofrego; — mas vae senão quando, faz uma cara muito triste, como se não encontrasse dentro senão cotão, e murmura não sei que palavras, que pareciam echos d'algum responsorio...

Pergunta-lhe o commissario:

— Então, sr. Bólson, falta-lhe alguma coisa?!

Resposta de Bólson, inconsolavel:

— Falta, sr. commissario! Falta! Faltam *os xuros!*

...Faltavam-lhe os juros, — dos dias que trouxera perdido o seu rico dinheiro!...

Se non e vero...

Por isso não admira aquelle epigramma do Dá Mesquita — José Pinto Dá Mesquita Gouveia, que foi depois governador civil de Villa Real — quando uma vez o Bólson se lembrou de vender tambem santos, e poz á porta do estabelecimento, para chamariz, um quadro que representava Nossa Senhora das Dôres, com o peito alanceado de espadas, — quadro que era tão bonito, que o proprio Gonçalves Crespo, que não passava pela porta do Bólson havia uns poucos de mezes (correspondentes, já se sabe, a juros em

atrazo!) veiu á Baixa de mascara na cara, — e de mascara se plantou deante do painel... e do Bólson, a admirar aquella belleza! (1)

Dizia assim o epigramma, cujo auctor, hoje proprietario rico em Soutêllo de S. João da Pesqueira, se me não engano, tem epigrammas engraçadissimos

> Á *porta inf'ri* do Bólson
> Está chorando uma pintura;
> Dizem que é a Virgem pura,
> Dizem que é a Mãe do Christo,
> Mas eu cá não creio n'isto:
> — É uma victima da usura! (2)

---

(1) Que as dividas na Baixa constituiam impedimento a passear por lá, demonstra-o a seguinte quadra do Dá Mesquita, feita a um estudante que apparecendo-lhe uma vez na aula a *visitál-a*, alli se pespegou a hora toda, preferindo isso a ir passear:

> E' serio, não é laracha:
> Aquelle attento ouvidor
> *Terá dividas na Baixa!*
> Ou quererá ser Doutor?

Queria ser Doutor, e era até classificado no anno d'elle, onde n'esse dia tivera um feriado. O visitante era o Tavares de Medeiros, agora advogado em Lisboa; e o não parecer conhecido do Dá Mesquita, isso não admira: muitos estudantes não conhecem, ou conhecem mal, os que frequentam os annos anteriores.

(2) Do Dá Mesquita, lembro-me agora outro epigramma, — esse feito ao José Bonança, grande republicano de Lisboa que uma vez appareceu em Coimbra, a fazer não sei que magnos estudos na Bibliotheca da Universidade. E' uma sextilha, e allude-se n'ella áquelles paineis muito feios da sala dos capellos,

que são os retratos de todos os reis de Portugal desde D. Affonso Henriques, retratos a que o conde de Raczinski chamou, sem injuria, « detestaveis » :

> Bonança chegou á Lusa !
> Vem de martello e blusa,
> Vem implantar nova lei !
> Com seus acendrados zelos
> Vem deitar abaixo um rei
> ... Dos da sala dos capellos !

Só essa geração litteraria da *Folha*, dava um volume de epigrammas ! Alguns recolheu-os Gonçalves Crespo na biographia de João Penha, mas muitos ainda andam ineditos.

E' muito engraçada aquella quadra do Gonçalves Crespo feita na aula, quando um dia, do lado onde ficava o padre Brito, que é hoje bispo de Lamego, surdiu um *susurro exquisito*, que attrahiu a attenção do curso :

> Alguns dizem que foi grito,
> Dizem outros que um arroto :
> ...Ah, maroto padre Brito,
> Ah, padre Brito maroto...

E esta quintilha ao ventrudo do *Patagonia*, que prégava sermões por um carro de estrume e dizia elle « que nem tanto valiam », e cujo nome de Patagonia lhe vinha de ter indicado uma vez todo o mappa da America, d'alto a baixo, para mostrar onde ficava a Patagonia : — « Fica *por aqui !* »

> Dou-te um figo de comadre,
> E affirmo que não é pôdre,
> Se me disseres se este padre
> Que óra prega (oh Santa Madre!)
> É homem, ou pança, ou ôdre !

E esta sextilha do João Penha ao Moraes Carvalho, que tem sido ministro, e dava umas lições muito melifluas e bem compostas :

Moraes Carvalho, palavra,
Exhala tanta poesia
Tua formosa oração,
Que parece obra da lavra
Da Musa que te alumia :
— D. Guiomar Torrezão!

Aquella, tambem do João Penha, ao vozeirão do Pinto Lambaça, é muito conhecida:

De pé deante do Brito
Dá lição Pinto Lambaça :
Parece a voz do Infinito
Sahindo d'uma cabaça!

E est'outra, *retrato* do condiscipulo Feijó, irmão do poeta Antonio Feijó :

Dissolvei toucinho cru,
Deitae-lhe feijões e broculos,
E tereis, completo e nu,
O nosso Feijó dos oculos!

E esta, do Crespo a um condiscipulo Padre Bernardo, que dava umas lições muito desgrenhadas :

Bernardo, quando tu oras,
Quando gritas, berras, choras,
Jesu!
Bernardo, que tens, Bernardo?
Uma lança, um prego, um dardo
.. ..??

Não me lembra aonde...

E áquelle estudante de Mathematica, sargento, que uma vez na aula do terrivel Coelho, vendo que uns poucos se tinham

estendido, pegou nos livros e fugiu, com medo de ser chamado e estender-se tambem, o Gonçalves Crespo, que estava por acaso a vèr a aula, fez-lhe esta quadra :

O sargento, flôr das tropas,
Vendo arder alheias casas,
Sentiu o calor das brazas
No centro do az de copas!



« Quentes e grandes! »

« Á TABÚA! »

« A TABUA! »

In illo tempore — havia em Coimbra um lente de Botanica, já me não lembro como se chamava, muito amigo de « caçoar com a tropa ». Com a tropa, é como quem diz com os rapazes! Nas prelecções que o tal lente fazia, as piadas ferviam umas atraz das outras, disfarçadas em phrases de duplo sentido, em *calembourgs*, em trocadilhos, quando não eram ditas mesmo pelo claro — o que tambem succedia!

O proprio gesto servia ao doutor como meio de arreliar os rapazes! Assim, dizia elle todos os annos :

— « Os viventes, meus senhores, dividem-se em dois grandes grupos : — os *Racionaes* (gesto para o peito) e os *Irracionaes* (gesto para os rapazes).

De modo que já aquella piada, que era um meio de chamar *brutinhos* aos discipulos, era tradicional lá

na cadeira! Chegado certo dia do anno todos a esperavam; e o doutor, esse é que não illudia, por coisa alguma, a espectativa da rapaziada! N'aquella altura do anno e do compendio, era sabido que vinha a piada :



Typos de Coimbra

« O Merzendó »

— Os viventes, meus senhores, dividem-se em dois grandes grupos : — os *Racionaes* (gesto p'ra cá) — os *Irracionaes* (gesto p'ra lá).

Tal qual como na aula do Pedro, no 1º anno de Direito! Porque o Pedro, esse tambem repetia todos os annos, em certa e determinada prelecção explicando o *Coelho da Rocha*, aquella lenga-lenga muito sabida :

— « *E foi, meus senhores, por essa occasião, que Duarte Nunes de Leão fez toda a compilação da nossa legislação, e dos assentos da Casa da Supplicação, por ordem de D. João.* » —

Era um realejo! — e digo um realejo, porque no tempo do Pedro inda não havia o phonographo! O phonographo a apparecer, e o Pedro a jubilar-se, — incompativel com todas as fórmas do progresso, como

aquelle *collega* de Philosophia que « não acreditava » no gaz d'illuminação — porque « luz sem torcida, (dizia elle muito cathedratico) isso não entendia! »

Lembro-me que para a tal prelecção do Pedro o curso do 2.º anno destacava sempre o seu piquete, de proposito para ouvir o « grande homem! »

E o Pedro a acabar a lenga-lenga — « *E foi, meus senhores, por essa occasião, que Duarte Nunes de Leão fez toda a compilação da nossa legislação, e dos assentos da Casa da Supplicação, por ordem de D. João.* » — e os do 2.º anno a dizerem em côro, como se fôssem uma matilha de cães : — *ão!* — *ão!* — *ão!*

Mas nem com o — *ão! ão!* — dos segundannistas, reforçado, sempre que podia ser, com o dos outros cursos que tambem appareciam, aquella boa alma do Pedro deixou de repetir pontualmente, como um realejo muito velho que tivesse perdido a chave da machina, o infallivel e medonho estribilho :

— « *E foi, meus senhores, por essa occasião, que Duarte Nunes de Leão fez toda a compilação da nossa legislação, e dos assentos da Casa da Supplicação, por ordem de D. João!* »

Pois o tal lente de Botanica era a mesma coisa « ... — os *Racionaes* (gesto p'ra cá), os *Irracionaes* (gesta p'ra lá).

Mas esse era por piada...

Adeante.

Certo anno, tinha elle por discipulo um rapaz muito intelligente, mas muito cábula, que já me não lembro quem era. Chamou-o um dia á lição, e fêl-o ir á pedra; mas o rapaz, que não sabia palavra, pregou-lhe um estenderete real!

Ouviu-o o lente sem pestanejar... deixou-o dizer... e no fim volta-se para o rapaz :

— Ora faça favor, apague!

O rapaz apagou com a esponja o que estava na pedra, e poz-se á espera.

— Ora (diz-lhe o doutor) queira escrever agora ahi... (*pausa*) — escrever agora ahi... — *tudo o que sabe de Botanica!*

...O rapaz não se atrapalhou!

Arregaça a manga muito arregaçada; com a mão esquerda apanha a capa da banda direita; pega no giz com toda a rópia; enteza-se deante da pedra; e com a lettra mais garrafal d'este mundo, que enchia o quadro de lés a lés, estampa o seguinte :

BOTA

— Bem vê, volta-se elle para o professor, que já me nem cabe... NICA!

Bem. Mas a historia ainda não é esta. No curso ainda havia outro discipulo que era tambem louça muito fina, — e esse até pediu a palavra quando foi da tal lição dos *Racionaes* e dos *Irracionaes* — só para repetir deante do lente as palavras... e os gestos!

E repetiu! — « ...os *Racionaes* (gesto para elle), os *Irracionaes* (gesto para o lente).

O curso riu-se, mas o doutor fez que não percebeu e deixou-o dizer. Mas a paginas tantas, quando o rapaz estava a descrever não sei que caracteres das *leguminosas*, interrompe-o o lente e diz-lhe assim :

— « Olhe o senhor que isso que está a dizer tem excepções. » — E logo, muito serio: — « Se o senhor *fôr á fava*, por exemplo, lá verá, n'esse legume... » — mais isto, mais aquillo, e mais assim, mais assado (uma das taes excepções)...

O rapaz ouviu e calou. Deixou correr a explicação, e a explicação foi dar a outra coisa.

Senão quando, estava ainda o lente com a palavra, acode o rapaz :

— V. Ex.ª dá licença?

— ...Diga.

— Isso tambem tem excepções.

— Ouvirei — torna o lente já desconfiado.

E o rapaz :

— « Se V. Ex.ª — *fôr á tabúa* — verá que essa planta se afasta da regra de V. Ex.ª, porque... »

Interrupção do lente — dando-se por pago e passando recibo :

— Basta, basta! Diz muito bem! Já lhe cá puz PG.



Pote e pucarinho de Coimbra

« VIU BEM ? »

« VIU BEM ? »

In illo tempore — quando o commentador do *Codigo Civil*, o sr. Dias Ferreira, andava no 6.º anno para se doutorar, era *veterano* do sr. Fernando de Mello Geraldes, que foi depois marquez da Graciosa, e morreu ha pouco.

Este typo do *veterano* vae hoje desapparecendo lá de Coimbra; porque ao presente, sahe-se da Universidade quasi sem bigode, e d'antes ia-se para lá já de barba na cara, e o Veterano era uma entidade veneranda — um como representante, para todos os effeitos, do patrio poder!

O pae mandava a mezada e os conselhos; e o veterano fiscalisava a mezada, e dava contas ao pae, de quando em quando, do aproveitamento do caloiro, nome que ainda no 1.º anno, mesmo hoje, os *novatos* não perderam de todo.

Explicava-lhe a lição, quando era preciso, e acompanhava-o de noite ás vesperas de feriado — para que lhe não cortassem o cabello, ou, como se diz em Coimbra, para que o não *esmonassem*... (1)

(1) Escrevia-me um dia um velho bacharel : — « Eu conservo ainda pelo Veterano Coimbrão um tal respeito, que não me lembro d'elle sem lhe fazer a continencia, *sem me desembuçar*, — *(o desembuçar-se um estudante, ou, se leva a capa ao hombro, o erguel-a um pouco acima do hombro, ainda hoje é a « continencia » que se faz aos lentes.)* Eu não sei se esta respeitavel entidade *(o veterano)* existe ainda em Coimbra; se não existe já, se esta civilisação que tudo abastarda e desnacionalisa a levou deante da sua rasoura niveladora, só tenho que lamentar os paes que teem de educar seus filhos em Coimbra, por ter desapparecido a *auctoridade* academica que caçoando o caloiro lhe desenvolvia o espirito, que quando lhe cortava meio bigode o afastava de tavolagens e dos prostibulos, que dando-lhe um *grau (tambem já no meu tempo não havia gráus, senão os que se davam na Universidade, no fim do acto do 4º anno, com os latins e as solemnidades dos Estatutos !)* o incitava a estudar para vir a ser tambem um bom Veterano. Lamento os paes que, nem mesmo indo com os filhos residir em Coimbra, podem substituir o Veterano no que elle tinha de *mestre* e de *protector ;* porque era a convivencia litteraria com os Veteranos de todas as faculdades, que imprimia ao estudante de Coimbra, o tal *quê* que o distinguia de todos os demais estudantes do paiz. » —

Isso ainda hoje : o estudante de Coimbra não se confunde ; e estou agora a lembrar-me de que fazendo eu uma vez uma viagem com José Leite de Vasconcellos, que estudava Medicina no Porto, e eu Direito em Coimbra, o surprehendi, uma occasião que estavamos a merendar á borda de uma ribeira, debaixo de uns choupos, a olhar muito para mim em vez de comer :

— Que diabo estás tu a olhar ? — perguntei-lhe eu.

— Cá uma coisa. Estou a vêr que diabo teem vocês, os estudantes de Coimbra, que se não parecem com os das outras escolas, mesmo no typo !...

O phenomeno dá-se, com effeito.

Ora o sr. Dias Ferreira, como disse, era o *veterano* do Fernando Geraldes — que tinha p'los modos o bom gosto de ser um grande cábula, e um verdadeiro insubmisso ás leis de Minerva!



Typos de Coimbra

O Horta

Diz-lhe uma vez o sr. Dias Ferreira :

— Prepare-se, olhe que é chamado ámanhã. « Viu bem? »

E o Geraldes :

— Muito bem.

Mas á noite, em vez de accender o candieiro de tres bicos, de latão amarello, o novato tira-se de cuidados e péga da móca — e vae com os outros á caça dos gatos!

No meu tempo ainda era tambem costume ir a gente á caça dos gatos — e aqui está (digo-o agora!) quem ajudou a dar cabo d'aquelle bichano maltez da poetisa D. Amelia Janny, e que a poetisa, diz-se, estimava muito!

O crime... — prescreveu!

Andou, pois, toda a noite aos gatos, o bom do Geraldes; e quando recolheu quasi de manhã, não

quiz saber da *sebenta*, e foi para a aula *sem vêr palavra!*

Fez o lente a prelecção do costume, que era a lição para o dia seguinte; e no fim, já se vê, poz-se a folhear a caderneta, a vêr quem havia-de chamar...

Panico p'las bancadas! A' esquerda do sr. Geraldes ficava o seu condiscipulo Beirão — o sr. Francisco Antonio da Veiga Beirão, que tem sido ministro, — e que era *urso*.

... Até que diz o lente lá da cadeira:

— « O Sr. Fernando de Mello Geraldes. »

E o Mello Geraldes acotovella com furia o visinho da esquerda, e diz-lhe baixinho:

— Beirão! ó Beirão! Olha que foste chamado!

Levanta-se rapido o sr. Beirão, e prega, como era de esperar, uma lição formidavel! A verdadeira lição de *urso!*

Diz-lhe o lente ao dar a hora:

— Estou satisfeitissimo! Tem dito muitissimo bem!

E assenta uma lição optima... — ao Fernando de Mello Geraldes!

Vae para casa o Fernando Geraldes, e conta a *historia* ao sr. Dias Ferreira.

— Oh, diabo! — diz-lhe de rábula o futuro causidico, — fez bem em me prevenir! « Vê bem? »

— Não vejo...

— Pois você verá.

E faz-se encontrado com o lente, e com a confiança de meios-collegas pergunta-lhe logo :

— Então o rapaz? que tal andou?

O lente, pasmado :

— Optimamente! Você faz lá uma ideia?! Vou chamál-o ainda outra vez, e hei-de ferrar-lhe um premio no fim do anno!

O sr. José Dias, prudente :

— Homem, isso não! Chamál-o outra vez, isso não! *(Prudentissimo!)* Não vá o rapaz *estragar o que fez!*



OS VOLUNTARIOS... DA ECONOMIA !

OS VOLUNTARIOS... DA ECONOMIA!

In illo tempore — e com certeza ainda hoje, havia no 2.º anno de Direito, na cadeira de Economia Politica, a chamada classe dos *voluntarios*. Os *voluntarios* são os estudantes que seguindo o curso de Mathematica vão á faculdade de Direito frequentar Economia Politica, visto que a Economia Politica é precisa tambem para aquelle curso, e não sei porque não ha-de ser precisa tambem para os outros — se vão todos dar... a ministros!

Ora os estudantes de Mathematica, *voluntarios* em Economia Politica, afizeram-se desde tempos immemoriaes a não estudar palavra para aquella cadeira, e é o mesmo que se a não tivessem! Fazem a sua *frequencia de banco*, porque se a não fizessem não iam a acto, mas não estudam nem uma palavra; são uns arruaceiros terriveis na aula; e até occupam bancadas á parte — uma especie de *céo aberto* porque não ha

lá *colicas*, emquanto que os *obrigados* estão no *inferno!*

Lá uma vez por outra, o lente, se está de veneta, lembra-se de chamar á lição um *voluntario* : — e o *voluntario*, ou prega um estenderete descarado, ou apresenta um *nariz de cera* que não tem nada com a lição! O Diniz Moreira da Motta, por exemplo, esse fez remontar uma vez o estudo da Economia Politica... — á nebulosa, dizendo coisas ultra-incriveis sobre a Economia Politica applicada ao gyro dos astros! Esse deu uma *lição* phantastica!



Typos de Coimbra

O Ribeiro

Bem. Mas uma vez o doutor Laranjo marcou uma lição sobre não sei quê, difficil como todos os demonios, e carregada, segundo o seu *louvavel* costume, de citações! O *sebenteiro* viu-se em papos de aranha para fazer a *sebenta*, e quando a lithographia da rua das Cozinhas emittiu o indigesto guisado, já passava muito da meia-noite!

Na casa da lithographia era uma arruaça medonha áquella hora, e as serventes e os estudantes rogavam

pragas ao *sebenteiro*, á *sebenta*, á Economia Politica, e, está claro, ao doutor Laranjo! Quando diz de lá uma das serventes :

— O melhor é ir-se a gente deitar, e os senhores ámanhã que mettam dispensa!

Abençoada mulher que tal lembraste! Foi levada em charóla para a Feira dos Estudantes; fez-se-lhe uma ovação que nem que fôsse á Joanna d'Arc ou á padeira de Aljubarrota; e ella mesma, e as outras *collegas*, passaram o *mot d'ordre* aos que estavam ausentes!

Dito e feito! No dia seguinte, o doutor Laranjo *foi farpeado* de rijo á porta da aula, porque ninguem passava deante d'elle, incluindo os *ursos*, que lhe não mettesse uma dispensa! *Apanhou um geral*, como lá se costuma dizer em casos d'estes! Mas os *voluntarios*, esses porque nem ao incommodo se davam de metter dispensa, esses não metteram dispensa! Pareciam fortes na materia, — elles que nem sebenta assignavam!

Entra, pois, para a aula o doutor Laranjo, furioso, e prelecciona para o dia seguinte; e no fim, ainda furioso, rapa da pauta e chama á lição... — um *voluntario!!!*

— Sr. Fulano de tal *Vieira!*

(Era um rapaz do Algarve chamado Vieira, que vivia em Coimbra com a familia, e que é hoje, se me não engano, tenente de engenharia).

Levanta-se o Vieira, e diz assim :

— Peço perdão! *Metti* dispensa a V. Ex.ª!

— Dispensa?! — acode o doutor Laranjo mais furioso! — Mas o seu bilhete não está aqui!

Réplica do Vieira :

— Nem admira! *(Pausa)* Já foi há mais de 15 dias!



Luvas, chapeu de bicos e alabarda de archeiro

O GRANDE DAMAZIO

O GRANDE DAMAZIO

In illo tempore — costumavam os lentes, lá em Coimbra, arranchar todos os dias em certos pontos, e a certas horas, para o seu bocadinho de má lingua. Hoje, parece-me que ainda é tambem a mesma coisa, com a differença de que não sei onde se juntam.

Mas no meu tempo, os de Medicina, por exemplo, juntavam-se alli ao Castello, na botica do Ferraz, e era, por signal, o doutor João Jacintho o que melhores piadas largava n'esses cavacos! Inda eu tenho um cinzeiro que uma vez fui comprar ao Ferraz, estava o João Jacintho com a palavra, e de volta d'elle varios collegas. Explicava elle aos curiosos a razão por que certo sujeito de Coimbra não estivera nunca doente, e attribuia-lhe a immunidade á *materia-*

prima de que o tal sujeito era formado — *d'alto a baixo*... (A materia-prima de que o tal sujeito era formado, *d'alto a baixo*, devo dizer baixinho que era a mesma de que se fazem os pentes, segundo a opinião de Camillo, e parece-me que do proprio João Jacintho...)

Quanto á lentalhada de Direito, essa reunia-se na livraria do Pires, á Sé Velha, onde nunca entrou sombra de estudante, e cá baixo, na Calçada, na livraria do Cabral.

Os lentes de Theologia, tudo padres, esses formavam synhedrio n'outra botica da rua dos Coutinhos, ao pé da Misericordia, — mas eram, sem tirar nem pôr, os de linguinha mais aparada!

...Ora na botica da Misericordia, o primeiro que apparecia e o ultimo que se ia embora — « por causa das dúvidas... » — era o célebre doutor Damazio, um muito rochunchudinho, com cara sempre de Paschoas, fino como um coral, e então com um olhinho sardonico muito capaz de lobrigar uma pulga no seio... d'um mysterio! Um piadista de marca — afinado, pela Theologia, nas mais delicadas argucias da má lingua...

Ora mas havia dois doutores com os quaes, sobre todas as coisas d'este mundo e do outro, embirrava o doutor Damazio! Na botica da Misericordia, a assafetida era uma droga quasi sem cheiro, comparada com a consciencia dos taes dois doutores, quando Damazio entrava a revolver-lhe as entranhas — com mãos sagra-

das... (O que faria se lh'as revolvesse com mãos profanas!)

Bem. Teve uma vez o boticario não sei que escandalo dos dois doutores; e mal viu n'esse dia entrar de palitinho na bocca o doutor Damazio, pôz-se a bufar como uma baleia, e não houve mal que não dissesse dos dois ausentes!

Ouviu, ouviu o doutor Damazio o boticario, sem dizer palavra; e de mãos atraz das costas, palitinho ao canto da bocca, trauteando ou assobiando não sei que moda, passeava pela botica — com ar indifferente...

Vae senão quando, arreliado já com a passeata, abre brecha na descompostura o boticario, e pergunta ao doutor Damazio :

— Mas então!? que diabo diz o senhor a isto?!

(O boticario queria que o theologo lhe *ajudasse à missa).*

— Homem — responde o Damazio — eu o que lhe digo a isso (o que elle queria era arreliar o boticario!) *é que não é tanto como o senhor diz!*

Perde a cabeça o pharmaceutico por se vêr sem *acolyto*, e ainda por cima contrariado, e o doutor vaese pôr á porta a rufar nos vidros...

— Que não é tanto como eu digo?!! Como, que não é tanto como eu digo?!!!

E o Damazio, muito sorna, de costas voltadas e a rufar nos vidros :

— Já lhe disse! E ainda lhe digo outra vez : não é tanto como o senhor diz!

O boticario perdeu a cabeça!

Prega uma murraça no balcão de marmore, e vem para o Damazio de punhos cerrados :

— Pois você — ouça! — você que vem todos os dias p'r'aqui dizer mal d'elles, você diz-me agora que não é como eu digo?!!!

E o Damazio, sempre a rufar :

— Pois disse, e repito-lh'o! (*E virando-se para o boticario :*) Isso a respeito d'*um d'elles*, talvez lhe possa dizer que é justissimo. Digo-lhe então que *só para esse*, inda é pouco o que você diz! Mas agora a respeito *do outro*, isso ha-de perdoar, mas é injustissimo!

Esbraveja fulo o boticario, de mãos atadas á cabeca, e por fim despediu irado :

— Mas então, a respeito de qual dos dois é que isto

é injustissimo?! Não fará favor de me dizer?! Qual dos dois então é o menos velhaco?!

Resposta do doutor Damazio, voltando-se e como se fosse dizer *Dominus vobiscum!*

— Isso agora... — *é que eu não sei!*



Palitos de Coimbra

« MISERERE NOBIS ! »

« MISERERE NOBIS ! »

In illo tempore — havia em Coimbra um velho chamado dr. Nunes, que era lente da Universidade. Este dr. Nunes, tinha sido, por signal, professor de D. Pedro V, e já eu o não conheci por lá. Mas era p'los modos um santo velho, muito amigo dos rapazes, deixando-os fazer na aula tudo o que elles queriam!

Estudar, nem palavra! Bem podia moer-se o dr. Nunes a explicar-lhes *Encyclopedia*, que os rapazes não queriam saber de *Encyclopedia;* todos os dias iam para a aula completamente em branco; jogavam de porta; quando o dr. Nunes chamava algum, esse respondia — *não vi!* — e se sempre havia um que dava lição, o pandego disparatava á larga e sem se importar; — fóra o mais!

O mais, era, por exemplo, judiaria grossa dentro da aula : espirros geraes do curso quando o doutor Nunes fungava a sua pitada, um — *atchim!* — monumental que era de ir abaixo a Universidade; e tiroteios com balas de artilheria feitas de jornaes velhos, de bancada para bancada, acompanhados, já se vê, do ruido do tiro — *Pum!* — *Pum!* — *Pum, pum!* Em certos momentos de silencio, outras vezes, quando cada um lia o seu romance e o doutor Nunes explicava *Encyclopedia* unicamente ao seu lenço de assoar, ouvia-se de lá um — *Ai!* — como de viuva, muito gemido, que era de cortar o coração!

... Atraz do ai, uma gargalhada geral!

E o doutor Nunes, coitado, — moita!

Lá ia moendo a *Encyclopedia* até dar o quarto, quanto á arruaça é como se a não ouvisse.

Moita, o doutor Nunes!

Deixar brincar os rapazes!

Quando apparecia algum *ouvinte*, o ouvinte tinha que vêr com os rapazes ; e outras vezes, era o *bode expiatorio* o proprio bedel! Quando o bedel se punha a vêr quem faltava, passando os olhos, muito de vagar, pelas bancadas do curso, havia sempre meia duzia de rapazes que se agachavam — fingindo que tinham faltado... O bedel, é claro, marcava-lhes falta, e o dr. Nunes tambem. Mas no fim, quando o bedel

repetia os numeros dos que *faltavam*, cada qual defendia-se logo :

— Não senhor! Estou aqui!

— Não senhor! Estou presente!

— *Adsum!*

— *Ecce!*

Um grande banzé!

E o bedel... — a bufar!

E o dr. Nunes... — moita!

Mas um dia, de que demonio se haviam-de lembrar os rapazes? De cantar na aula uma Ladainha!

E rompe o Nº 1 :

— *Santa Virgo Virginis!*

E logo o curso todo, em grande instrumental, uns de baixos, outros de tenores, outros de contraltos, e os restantes formando a orchestra — responde n'um alarido medonho :

— *Ora pro nobis!*

...E o pobre do Nunes, — moita!

Mas quando chegou ao fim a Ladainha, — parece que o Nunes acordou, e sahe-se com esta para o curso todo :

— Muito bem! muito bem! Os senhores agora dizem *Ora pro nobis*. Pois no fim do anno, no fim do anno dirão — *Miserere nobis!*



LEÃO REI DOS ANIMAES

LEAO REI DOS ANIMAES

In illo tempore — regía a cadeira de Chimica na Universidade um lente que, p'los modos, não era lá grande luminar da sciencia! Chamava-se Leão Rei dos Animaes. Apanhou quando estudante a sua *classificação* (umas distincções e não sei se algum *accessit*) e concluida a formatura, lembrou-se de tomar capello, e déram-lh'o! Mas déram-lh'o como lá o costumam dar ás vezes: com a secreta convenção de que nunca, em sua vida, se atreveria a ir a um concurso, para entrar para lente!

A Universidade, que faz ás vezes coisas peores, faz tambem d'estes doutores! São uma especie de doutores honorarios, doutores decorativos ou de procissão, porque a gente encontra-os sempre nas procissões, de capello e borla, empunhando com solemnidade, n'uma das mãos a borla propria, na outra, com donaire, a do pendão! Até parece que veem d'algures!

Mas como *in rebus Universitatis quod est, est*, está claro que se um d'estes doutores se lembra de concorrer a alguma vaga, os de dentro escorraçam-no logo, — correndo-o, desalmadamente, a *favas pretas!*

Ora o Leão pertencia a esta categoria de excommungados! Tinha capello, porque lh'o haviam dado — mas só para o mostrar cá fóra... O ingresso ás *doutoraes* da nobre Sala, esse ficára-lhe prohibido — porque para lente não chegava á craveira!

Ficaram todos n'isto.

...Mas qual não é o espanto do doutissimo synhedrio, quando uma vez, passados annos, apparece um requerimento do Leão propondo-se a uma vaga?! Muitos, riram-se; outros, ficaram furiosos! E os que ficaram furiosos entraram tambem a rir, quando se lembraram se aquillo seria partida...

— Ora! Isto é *partida!* Elle não vem cá!

Mas breve se convenceram de que ia, porque Leão Rei dos Animaes fez constar esse firme proposito! Ou elle não fôsse... Leão!

— Bem! n'esse caso, que venha! — disseram logo os outros em desafio!

E combinaram todos esta coisa redonda, *nemine discrepante:* — arrumar-lhe cada um sua fava preta, o que é o mesmo que dizer: reprovál-o por unanimidade!



Lavadeiras no Mondego

Bem! Soube da cabala o grande Leão, e tratou de engodar os *adversarios*, os quaes adversarios não eram de modo algum seus inimigos. Pelo contrario, sympathisavam até com elle! Cá fóra, tudo quanto quizesse : — « Leão isto ; Leão aquillo ; tu cá, tu lá », muita festa p'r'a festa, em summa! — agora lá dentro, o caso mudava muito de figura, e era outro e muito differente: — amigos, amigos, negocios á parte...

Que faz, por conseguinte, o Leão, quando vê o caso mal parado?! — Péga em si, e p'la calada da noite

vae a casa do primeiro lente, dos que tinham de o examinar... Bate, annuncia-se com um nome trocado, entra com um grande ar de mysterio, sondando os cantos — não estivesse alguem...

— Homem!! que ha?! — diz-lhe o outro muito afflicto.

O Leão pergunta com um gesto « se estavam sós, ou se havia alguem que podesse ouvil-os... »

— Ninguem! Falla! Que diabo ha?!

— Que ha-de haver, homem?! — desabafou o Leão! — Aquella minha asneira! A tolice de me ir metter no concurso!

— Mas isso que diabo tem?! — respirou o outro. — Se não queres lá ir, desistes! Essa é boa!

— Ora, « desistes! » — lamentava Leão Rei dos Animaes. — Isso é bom de dizer! Ora põe-te cá tu no meu logar... (O outro figurava-se no logar do Leão, ou o Leão assim o imaginava): Pois ahi é que bate o ponto!

— Mas o ponto, que ponto, ó Leão?! — insistia o outro para lhe tirar escrupulos. — Ias, porque querias; não vaes, porque já não queres! É simples!

— Homem, simples é que não é! — objectava o Leão — De simples é que não tem nada!

E chamava-o á complacencia:

— Ora com franqueza! Franqueza, franquezinha! Depois de requerer, has-de confessar que me fica mal desistir!

O collega não percebia porquê...

— Homem! Era reprovar-me a mim mesmo, não percebes?! Então antes reprovarem-me vocês, porque eu — francamente — não vos levo a mal que me reproveis!

— Mas então...?! — ia a perguntar o outro, já desnorteado.

— Mas então, do mal o menos! Olha: jôgo franco, cartas na mesa! Eu já sei que vocês me reprovam. Andam muito bem! Fazem o seu dever! Quem não quer ser lobo não lhe vista a pelle! Eu não devia lá ir! Mas, com mil diabos! essa cabala de me botar cada um sua fava preta, de me reprovarem — *nemine discrepante* — isso palavra, dóe que nem todos os diabos! Doe porque é uma brutalidade, afinal! E depois, anda cá, até vos fica mal a vocês todos! Hão-de dizer que déram capello a quem o não merecia, e isso é tambem um desaire para a faculdade!

— Mas então...?! — voltava o outro sem perceber ainda. — Que diabo queres tu?!.

— O que eu quero, ouve, não é que vocês me approvem! Mas como sei que és meu amigo, (e chegava-se) e eu lá com a *tropa* dos outros não me entendo

(punha-lhe a mão no hombro) — homem! ao menos queria-te dever a ti um grande favor!

— Se estiver na minha mão...

— Vê lá o que dizes! Se estiver na tua mão, fazes?!...

— Mas ha-de ser só na minha mão... — acautelava-se o outro.

Leão Rei dos Animaes annuiu:

— Pois está, e vem a ser isto: que ao menos tu, que és meu amigo, não me botes fava preta! Já vês que está na tua mão! — E apertava-o: — Que diabo te custa?! Eu lá com os outros não me entendo: que me *chumbem!* que os leve o diabo! Mas queria ter ao menos uma fava branca! ao menos um amigo! Com pouco me contento, pois não vês?! Mas levo cá isto em capricho, então que lhe queres? E contava comtigo...

... E tanto insistiu no *argumento*, tanto insistiu, que o outro disse-lhe que sim, — e Leão Rei dos Animaes cahiu-lhe nos braços!

Passado o minuto da *commoção*, torna o candidato:

— Bem! mas agora has-de-me dar a tua palavra de que não dizes nada! Bem vês, era peor a emenda que o soneto! Ficava-me mal que viesse a constar que

estive aqui, a pedir de esmola uma fava branca — depois da cabala que lá tramastes de me reprovar! Assim, tu não dizes nada; e como a votação é secreta, vão lá saber se foste tu o da fava branca! — *(Estendendo-lhe a mão)*: — Palavra d'honra?!

— Bem, palavra d'honra! — conveiu o outro sem o menor sacrificio.

— Mas... — palavra d'honra?!

— Homem! já te disse!

Abraçou-o com enternecimento o Leão, e foi-se embora, — mysterioso como havia entrado...

O outro foi alumiar á escada.

— Não é preciso luz, adeus! Eu cá dou com a escada.

. . . .

... Ora mas é de saber que o Leão fez visita egual aos demais lentes, sem falhar um, e que dos demais lentes — sem falhar um! — obteve, *sob palavra d'honra*, as mesmas promessas! (1)

(1) Partida semelhante já a fez uma vez um rapaz, que vendo-se atrapalhado com má frequencia, que lhe renderia ficar reprovado, pediu a cada lente quinze mil réis emprestados *por dois dias*, para fechar matrícula — « porque era pobre! » — e foi para o acto sem ter pago a nenhum! Estendeu-se como um pato; mas os lentes, para não abusarem da sua posição de credores, e para que não se dissesse que reprovaram o rapaz por lhes não pagar, — approvaram-no!

A razão que teve o primeiro para lhe prometter a sua fava branca, foi a mesma que tiveram os demais: contavam todos, e cada um, com a fava preta dos restantes! — Quanto ao segredo, isso nem era preciso pedil-o!

Resultado?!

Escapou do concurso o grande Leão — *sem uma unica fava preta!*

Poucos se gabam da façanha!

Vae, pois, o Leão para a cadeira de Chimica, mas os rapazes não lhe estudavam palavra, — e elle, ccitado, nem ao respeito se sabía dar!

Nunca levava caderneta, e nem mesmo marcava faltas; e para chamar á lição, usava do seguinte processo: punha-se a vêr se algum rapaz olhava para elle — e se algum olhava, chamava esse:

— « Pcht! O senhor! »

Mas uma vez, combinaram todos não olhar; e mal acabou o Leão a lenga-lenga, ferraram todos a cabeça em cima dos joelhos, como se estivessem n'um somno pegado.

O Leão tossiu, o Leão escarrou, o Leão arrastou a cadeira — a vêr se algum rapaz levantava o focinho. Mas nada! Estavam todos de tromba ferrada, e nenhum se resolvia a olhar. Até que passados cinco minutos (que

foram de absoluto silencio) como houvesse um que botou para o lente o rabo do olho, o Leão, que estava á cóca, gritou-lhe logo:

— « Pcht, o senhor! »

Mas o rapaz, que tornára logo a ferrar a tromba, deixou só no ar o braço direito, e pôz-se com o dedo a dizer que não...

— Não... Não... Não senhor...

Alvorou d'essa vez o Leão sem ouvir ninguem — porque os rapazes, está claro, não olharam!

Ora mas uma vez, foi o Luiz José Dias, que é prior agora em Santa Catharina, á aula do Leão! Dois que iam com elle, sentaram-se no banco dos ouvintes, mas o Luiz José Dias, mais patusco, subiu os degraus do estrado onde ficava a cadeira do lente, e foi repotrear-se mesmo ao pé d'elle, — n'outra cadeira que ha sempre de sobrecellente para algum collega que appareça, ou para o reitor.

Repimpou-se na cadeira o Luiz José Dias, muito repimpado; e o Leão que estava a explicar, sem fazer pausa nem virgula na prelecção e sempre a olhar para o curso, — mette o seguinte no tom da lição:

— « A cadeira ao meu lado só póde ser occupada por tres grupos de pessoas: — 1.º, pelos meus collegas; 2.º, *pelos mal-creados*; 3.º... »

Ia a dizer talvez : *pelo reitor*.. Mas interrompe-o o Luiz José Dias, recostando-se muito recostado :

— Não diga mais! Não se incommode! Eu pertenço *ao 2.º grupo!*



Coimbra — Porta da Capella da Universidade

SANCHES O « CAMILÃO »

SANCHES O « COMILAO »

In illo tempore — no tempo em que o João Penha andava em Coimbra, já regia a cadeira de Direito Civil, no 2.º anno, o mesmo lente que a regia no meu, e que era o dr. Sanches da Gama.

Em Coimbra, os lentes são muito conhecidos, e conhecem toda a gente. Mas como passam o anno de casa para a Universidade e da Universidade para casa, segue-se que poucos os conhecem fóra da Lusa-Athenas, porque os mais d'elles só chegam no verão até á Figueira, tomam uns banhitos para temperar a fibra... do braço com que deitam os R R, e no principio de Outubro lá vão outra vez todos até Coimbra, — continuar « aquella massada! »

Alguns chegam á *terra* como os rapazes, e outros até se ficam por lá: entreteem-se a vêr as hortas; a

dar o seu passeio com o administrador ; apparecem pela botica ou por casa do padre; taramelam de politica o seu bocado ; e, se vão para velhos, tratam de mandar fazer uma casa nova — para se metterem n'ella depois de jubilados, á espera que a morte os leve!

Isto, já se vê, tem excepções. Lá apparece um ou outro que logo que se apanha doutorado e a reger cadeira, diz aos livros que passem por lá muito bem ; que para massada basta a que lhe déram ; que « isto de ser lente é uma piolheira sem futuro » e que Lisboa é que é terra e o mais são lérias! Esses fazem-se deputados ; vão para S. Bento ; alguns trepam a ministros ; arranjam o seu emprêgo para os *interregnos* do ostracismo ; e só se lembram que são lentes, quando ouvem dizer no parlamento, ou leem nos jornaes, que na faculdade de Direito estão fechadas *tantas* cadeiras por falta de professores ; que na de Medicina acontece o mesmo ; na de Theologia a mesma coisa ; outro tanto na de Mathematica ; e o mesmo, sem tirar nem pôr, na de Philosophia!

Mas bem se importam elles!

Pois o doutor Sanches da Gama era lente de Direito, e já o era quando o João Penha andava em Coimbra. Mas como póde ser que o não conhecessem, porque nunca foi deputado, e era dos taes que levavam o anno a andar e a desandar entre a Estrada da Beira, onde morava, e a Universidade onde dava aula, tenho de dizer que elle já passava, no tempo do Penha, pelo maior gastronomo da Universidade! Era alto, gordo,

alentado, e possuia o bigode-e-pêra mais florente que se tem visto nas doutoraes! De capa e batina, quando ia para a aula ou vinha da aula, era assim como o Falstaff da lenda — disfarçado em Frade Bernardo... Como bastava olhar-lhe para a cara, para se vêr que estava alli um felizão da especie dos que trazem a felicidade no estomago, até penso que foram feitos na aula d'elle todos os sonetos do João Penha, que fallam em chouriços e em presunto — sem deixarem, todavia, de fallar d'amor :

> Quando ha pouco a teus pés (oh quadro lindo !)
> Te disse o meu amor, em doce esmaio
> Senti volupias d'um prazer infindo.
>
> Oh camênas agricolas, cantae-o !
> Ella, a minha formosa, ella fugindo
> Deixou-me o coração, — *deixou-me o paio!*

...E foi aborrecido com alguma prelecção do Sanches, que o poeta do *Vinho e Fel* desabafou n'este terceto :

> Dá-me esse onágro de vigor silvestre,
> E os ôdres pandos, oh Sileno antigo:
> Ensina-me na dôr: *só tu és mestre !*

Mas p'los modos, o dr. Sanches da Gama não se limitava a comer muito : comia do bom e do melhor, e mandava ir da Beira quasi tudo — « nunca fiando em mercieiros... » D'este modo, como se sortia por atacado, tinha uma despensa que era um armazem de coisas preciosas, — muito mais completo, no seu genero, que o Museu de Historia Natural, annexo á

faculdade de Philosophia, que é tambem de coisas mortas, sim, mas... empalhadas!

Pinga, está claro, — da melhor!

Tinha além d'isso o doutor o melhor cozinheiro de Coimbra, o appetite mais devorador e fiel que é possivel imaginar, — e sabia comer! D'ahi aquella apparencia jucunda: porque além de fazer duas barbas, d'onde lhe pendia, nascida á raiz do beiço sensual, a nédia e farta pêra, as faces impavam-lhe de chorume, e parecia que p'los olhos pequenos o sangue lhe queria espirrar, — o proprio e o do *roast-beef!*

Na aula era exigente! Começava por passar em claro o capitulo *Das aguas,* por ser, como elle dizia com alguma graça, *materia corrente,* e cahia a fundo na *posse* e *prescripção,* levando com ellas o anno todo!

Tinha a mania de estar sempre a formular hypotheses, algumas d'ellas bicudissimas, e citava constantemente dois commentadores francezes cujos nomes se podem dizer mesmo a mastigar, e dão uma sensação de fartura que enche a bocca e regala o estomago: — Rogron, Troplong; Troplong, Rogron...

Até gurgulham!

Tinha, pois, o dr. Sanches o odio das dispensas. Embezerrava todo quando o *farpeavam,* que é como quem diz — quando á entrada da aula os rapazes lhe mettiam o seu cartão de visita com as palavrinhas

sacramentaes: — « O n.º tantos, Fulano de Tal, pede dispensa a V. Ex.ª. »

Mas os rapazes iam-lhe mettendo sempre as suas dispensas, porque o dr. Sanches da Gama tinha o costume de guardar só para o fim do jantar, e raras vezes para o fim d'uma lição, cacarejada por qualquer discipulo, aquella phrase de que era avaro fóra da mesa :

— « Estou satisfeito! »

Fóra da mesa, era rarissimo ficar satisfeito!

Ora uma vez, ou porque *andasse á corda* e não estivesse para se massar, ou porque levasse toda a noite no Homem do Gaz ou na Tia Maria Camella, em palestras e libações, chegou tambem a vez ao Dá Mesquita de metter a sua dispensa :

O N.º 82

José Pinto Dá Mesquita Gouveia

pede dispensa a V. Ex.ª

Reparou o Dá Mesquita que o Sanches da Gama ficou apoplctico! Mas subiu para o *gallinheiro* e não se importou; e como *in rebus Universitatis quod est, est,* ficou seguro de que não era chamado á lição, porque da Porta-Ferrea para dentro a Praxe é tudo, — e a Praxe consagrou, *ab imo tempore,* aquella maneira de cabular...

Toca, portanto, a fazer versos!

D'ahi por um bocado, emquanto o Sanches prelec-cionava, lá ia, pois, de joelho em joelho, muito aga-chado pelas bancadas, este epigramma do Dá Mes-quita, resposta á *carantonha* que lhe fizera o San-ches:

Dizem que o Sanches embirra
Que lhe vão pedir *dispensa.*
Forte asneira!
— Imagina que lhe pedem
A *despensa*
Onde tem a salgadeira!



INDICE